

O toque de um highlander

Karen Marie Moning

Highlander 3



Eu sou esse vagabundo alegre da noite
Brinco com o Oberon e o faço sorrir...
Sonho de uma Noite do Verão - William Shakespeare

PRÓLOGO

Highlands de Escócia
Castelo Brodie—1308

Adam Black se materializou no grande hall.

Silenciosamente, observou ao alto guerreiro que descansava ante o fogo.

Circenn Brodie, laird e thane do Brodie, exsudava o magnetismo de um homem nascido não simplesmente para existir no mundo, a não ser para conquistá-lo. O poder nunca foi tão sedutor, pensou Adam, exceto, possivelmente, em mim.

O objeto de seu estudo se voltou do fogo, arrepiado pela presença silenciosa do Adam.

-O que quer?- disse Circenn.

Adam não se surpreendeu por seu tom. Ele tinha aprendido a não esperar cortesia desse laird das Highlands em particular desde fazia tempo. Adam Black, o mortífero brincalhão na corte da Rainha das Fadas, era uma irritação que Circenn sofria a contra gosto. Dando um chute a uma cadeira perto do fogo, Adam foi atrás dela e descansou seus braços em cima do respaldo.

-Essa é a maneira de me saudar depois de meses de ausência?

-Sabe que me incomoda quando aparece sem advertência. E a respeito de sua ausência, estava saboreando minha boa fortuna-. Circenn se voltou para o fogo.

-Sentiria saudades se me tivesse partido muito tempo -assegurou Adam e estudou seu perfil. O pecador que ele olhava era uma besta poderosa, embora se comportasse com ele com esse decoro, pensou Adam. Se Circenn Brodie queria parecer-se com um selvagem guerreiro picto, então pela Dagda que deveria atuar como um.

-Da mesma maneira que eu poderia sentir saudades um buraco em meu escudo, um javali em minha cama, ou um fogo em meus estábulos- disse Circenn-. Te volte em sua cadeira e sente-se apropiadamente, como uma pessoa normal.

-Ah, mas eu não sou apropriado nenhuma pessoa normal, assim não espere que me atenga a seus requisitos. Estremeço-me só de pensar o que faria sem todas suas regras de uma 'existência normal', Circenn.

Quando Circenn se enrijeceu, Adam sorriu abertamente e estendeu uma mão elegante a uma faxineira que se deteve nas sombras do perímetro do grande hall. Ele jogou sua cabeça para trás, lançando seu cabelo de escura seda em cima de seu ombro.

-Vêem.

A faxineira se aproximou, lançando olhadas ao Circenn e Adam, como se não pudesse decidir que homem propunha a maior ameaça. Ou o maior atrativo.

-Posso servi-los, milords?- disse ela ofegando.

-Não, Gillendria- Circenn a despediu-. Fora de te acompanhar até a cama; é bem passada a hora dos duendes- dirigiu um olhar escuro ao Adam- e meu convidado não tem necessidades que eu possa satisfazer.

-Sim, Gillendria- ronronou Adam-. Há muitas maneiras em que pode me servir esta noite. E terei o prazer de te ensinar todas elas. Vá a seu quarto enquanto temos um bate-papo de homens. Eu me unirei ali contigo.

Os olhos da jovem faxineira se alargaram quando ela se apurou a obedecê-lo.

-Deixa a minhas faxineiras em paz -pediu Circenn.

-Não as deixarei grávidas-. Adam lhe dedicou sua careta mais insolente.

-Essa não é minha preocupação; é o fato de que se voltam mais estúpidas uma vez que terminaste com elas.

-Estúpidas? Quem era esta noite o estúpido?

Circenn se esticou mas não disse nada.

-Onde estão as santas relíquias, Circenn?- um brilho de diversão se acendeu nos olhos remotos do Adam.

Circenn lhe voltou as costas totalmente ao homem-fada.

-Protege-as para nós, ou não o faz? -perguntou Adam-. Não me diga que as perdeu? -repreendeu-o quando Circenn não respondeu.

Circenn se voltou para enfrentá-lo, as pernas abertas, a cabeça erguida, os braços cruzados; sua posição usual quando estava sordamente furioso.

-por que perde meu tempo e o teu me fazendo perguntas quando já sabe as respostas?

Adam se encolheu de ombros elegantemente.

-Porque os que escutam detrás das portas serão incapazes de seguir esta esplêndida saga se nós não falarmos em alto dela.

-Ninguém escuta detrás das portas em meu castelo.

-Tinha-o esquecido- ronronou Adam-; ninguém se comporta mal no Castelo Brodie. No sempre limpo, no sempre disciplinado, o perfeito Castelo Brodie. Aborrece-me, Circenn. Esta comparação de restrições que pretende ser é um desperdício da grandiosa semente que te criou.

-Deixemos esta conversação, está bem?

Adam cruzou os braços pela parte de atrás da cadeira.

-Está bem. O que passou esta noite? Os Templários foram encontrar te no Ballyhock. Eles foram confiar as santas relíquias a seu cuidado. Ouvi que foram emboscados.

-Ouviu corretamente- respondeu Circenn sinceramente.

-Entende quão importante é que os Templários façam seu santuário em Escócia, agora que eles se hão dissolvido?

-É obvio que o entendo- grunhiu Circenn.

-E quão indispensável é que as santas relíquias não caiam em más mãos?

Circenn desdenhou a pergunta do Adam com uma mão impaciente.

-As quatro relíquias estão seguras. No momento que nós suspeitamos que os Templários foram estar sob sítio, a lança, o caldeirão, a espada e a pedra rapidamente foram devolvidos a Escócia, apesar de que a guerra segue. Eles descansam melhor em um campo arrasado que com os Templários perseguidos, cuja Ordem está desmembrando-se. As santas relíquias estão seguras.

-Exceto pela garrafa, Circenn- disse Adam-. O que foi dela? Onde está?

-A garrafa não é uma relíquia- replicou Circenn.

-Sei- disse Adam secamente-, mas a garrafa é uma sagrada relíquia de nossa raça, e podemos estar em perigo se cair em más mãos. Repito, onde está a garrafa?

Circenn afundou uma mão em seu cabelo e o retirou de sua face. Adam foi golpeado pela majestade sensual do homem. O sedoso cabelo negro se enredou entre os dedos elegantes e revelou uma face composta de planos fortes, uma mandíbula cinzelada, e as sobrancelhas escuras. Tinha a pele azeitonada, os intensos olhos e o agressivo, dominante temperamento de seus antepassados Brude.

-Não sei- disse Circenn finalmente.

-Não sabe? -Adam imitou seu acento irlandês, consciente de que semelhante admissão devia ter tido um sujo sabor na língua do Circenn Brodie. Nada estava fora do controle do laird do Brodie: regras e mais regra governavam tudo e a todos no mundo do Circenn-. Uma garrafa que contém um sagrado elixir criado por minha raça, desaparece de sua vista e não sabe onde está?

-A situação não é tão horrível, Adam. Não está permanentemente perdida. Pensa nela como... temporalmente trocada de sítio, e pronta a ser recuperada.

Adam arqueou uma sobrancelha.

-Você te corta o cabelo com uma tocha de batalha. Os hábeis jogos de palavras são as artes de uma mulher, Brodie. O que aconteceu?

-Ian estava levando o cofre que guardava a garrafa. Quando o ataque chegou, eu estava no lado sul da ponte, esperando ao Ian para atravessá-lo pelo norte. Ele recebeu um golpe na cabeça e caiu da ponte, no rio de abaixo. O cofre foi miserável longe pela corrente.

-E diz que isso não é tão terrível? Qualquer poderia o ter agora. Você gostaria de ver o rei inglês pôr suas mãos nessa garrafa? Entende o perigo que representa?

-É obvio que o faço. Não chegaremos a isso, Adam- disse Circenn-. Impus um gs sobre a garrafa. Não cairá em outras mãos, porque no momento em que seja descoberta voltará para mim.

-Um gs?- Adam soprou-. Magia débil. Uma fada medianamente decente simplesmente a teria encantado de novo para tirá-la fora do rio.

-Eu não sou nenhuma fada. Eu sou um Brude escocês e orgulhoso de sê-lo. te considere afortunado de que não os amaldiçoara a todos. Sabe que não tenho afeição pela magia druida. As maldições são imprevisíveis.

-Que sábia invocação escolheu, Circenn?- perguntou Adam sedosamente-. Escolheu bem suas palavras, ou não o fez?

-É obvio que o fiz. Pensa que não aprendi nada dos enganos do passado? No momento no que o cofre se abra e a garrafa seja tocada por uma mão humana, voltará para mim. Eu a enfeitei muito especificamente.

-Especificou se somente viria a garrafa?- perguntou Adam com súbita diversão.

-O que?- Circenn o considerou inexpresivamente.

-A garrafa. Considerou que o mortal que a tocasse poderia transportar-se com a garrafa, se usou um feitiço de ligamento?

Circenn fechou seus olhos e esfregou sua frente.

-Usou um feitiço de ligamento- Adam suspirou.

-Usei um feitiço de ligamento- admitiu Circenn-. Era o único que sabia- adicionou defensivamente.

-E de quem é a culpa? Quantas vezes te negaste à honra de te treinar com minha gente? E a resposta é sim, Circenn, o homem será gasto pelo feitiço de ligamento. Ambos, homem e garrafa, virão para ti.

Circenn grunhiu sua frustração.

-O que fará com este homem quando chegar?- espetou Adam.

-Apanhá-lo; então o devolverei a sua casa a toda pressa.

-Matará-o.

-Sabia que diria isso. Adam, ele nem sequer pode entender o que é. O que, se um homem inocente encontrar um cofre molhado em alguma parte do leito do rio?

-Matará ao homem inocente, então- disse Adam simplesmente.

-Não farei tal coisa.

Adam se ergueu com a segurança elegante de uma serpente que se desenrola para ferir de morte. Cruzou o espaço entre eles e se deteve uma pulegada do Circenn.

-Mas o fará -disse brandamente-, porque o enfeitiçou sem refletir o suficiente sobre o resultado, alocadamente. Quem quer venha com a garrafa chegará em meio de um santuário do Templários. Sua maldição o trará, inocente ou não, a um lugar onde nenhum de seus guerreiros fugitivos pode ser visto. Pensa que simplesmente pode enviá-lo longe com um tudo-está-bem e nunca-hables-de-estou, estranho? E um adeus, por favor não mencione que os Templários perdidos se encontram dentro de minhas paredes, e não te tente pelo preço em suas cabeças?-. Adam fez rodar seus olhos-. Assim que o matará, porque comprometeu sua vida ao pôr ao Robert Bruce firmemente no trono, e para não tomar nenhum risco desnecessário.

-Eu não matarei a um homem inocente.

-Faz-o você ou o faço eu. E sabe que tenho o hábito de jogar com minha presa.

-Torturaria a um homem inocente até a morte- não era uma pergunta.

-Ah, entende-me. Suas opções são simples: ou o faz você, ou o faço eu. Escolhe.

Circenn escrutinou os olhos do homem-fada. Não procure compaixão, porque não a tenho, era a mensagem que leu ali. depois de um prolongado momento, Circenn inclinou sua cabeça.

-Eu cuidarei do portador da garrafa.

-Matará ao portador da garrafa- Adam insistiu-. Ou o farei eu.

A voz do Circenn era pláina e furiosa.

-Matarei ao homem que traz a garrafa. Mas se fará a minha maneira. Sem dor e rapidamente, e você não interferirá.

-Bom, é o bastante-. Adam deu um passo para trás-. Jura-o sobre minha raça. Jura-o pelo Tuatha do Danaan.

-Com uma condição. Em troca do voto que eu te darei agora, você não cruzará minha porta de novo sem convite, Adam Black.

-Está seguro de que isso é o que quer?- os lábios do Adam se emagreceram com desgosto. Circenn se havia descruzado de braços, em uma posição furiosa. Semelhante a um guerreiro glorioso, a um anjo escuro. Poderia ser meu aliado mais poderoso.

-Isso é o que quero.

Adam inclinou sua cabeça escura; um sorriso zombador jogava nas comissuras de seus lábios.

-Será como quer, Brodie, filho dos reis do Brude. Agora jura-o.

Para salvar a um homem de uma morte dolorosa à mãos da fada, Circenn Brodie fincou seus joelhos e jurou pela raça mais velha em Escócia, o Tuatha do Danaan, que ele honraria seu voto de matar ao homem que chegasse com a garrafa. Então suspirou com alívio quando Adam Black, o pecador du siriche, o duende mais negro, desapareceu, para nunca obscurecer a porta do Circenn de novo, porque Circenn certamente não estenderia um convite, mesmo que vivesse mil anos.

CAINDO

de cima abaixo, de cima abaixo,

Levarei-os de cima abaixo

Temo-me que pelo campo e o povo

O duende os levará de cima abaixo.

Sonho de uma Noite do Verão - William Shakespeare

CAPÍTULO 1

No Presente Dia

-Né! Olhe por onde vai!- gritou Lisa quando o Mercedes assobiou rodeando um táxi ocioso e passou perigosamente perto do meio-fio onde ela estava de pé, salpicando com gotas de água suja as pernas das calças de suas calças jeans.

-Bom, saia da rua você, idiota!- gritou o condutor do Mercedes em seu telefone celular. Lisa estava o bastante perto para ouvir que ele dizia no telefone-; não, não lhe dizia isso a ti. O dizia a uma vagabunda. Qualquer pensaria que com tudo o que pagamos em impostos... - Sua voz se apagou enquanto se afastava.

-Eu não estava na rua!- gritou Lisa detrás dele e baixando sua boina do beisebol sobre sua cabeça. Então suas palavras penetraram em sua mente. Vagabunda? Santo Deus, isso é o que pareço? Jogou um olhar a suas velhas calças jeans, com as pregas estragadas e puídos. Sua camiseta branca, embora poda, estava suave e desgastada por centenares de lavagens. Possivelmente seu impermeável tinha visto dias melhores, uns anos antes de que ela o comprasse de segunda mão no Sadie's, mas era durável e a mantinha seca. Sua bota tinha um buraco, mas ele não poderia havê-lo visto já que estava na planta do pé. Os frios atoleiros da recente chuva penetravam em sua bota e empapavam sua meia três-quartos. Retorceu os dedos dos pés, incômoda, e fez uma nota mental de novo sobre pôr um emplastro em sua bota. Mas seriamente parecia uma vagabunda? Estava escrupulosamente poda, ou pelo menos o tinha estado antes de que ele passasse zumbindo e a salpicasse.

-Não parece uma vagabunda, Lisa- a voz indignada do Ruby interrompeu seus pensamentos-. Ele é um asno pomposo que pensa que qualquer que não dirija um Mercedes não merece viver.

Lisa dedicou ao Ruby um sorriso agradecido. Ruby era a melhor amiga da Lisa. Todas as tardes conversavam enquanto esperavam juntas o ônibus rápido à cidade, onde Lisa ia a seu trabalho de limpeza e Ruby cantava em um clube noturno do centro.

Lisa olhou o traje do Ruby atentamente. Sob uma impermeável cor cinza pomba de linhas clássicas, levava um estupendo vestido negro adornado com um fio de pérolas. Brilhantes, os sexys sapatos ensinavam as unhas dos pés feitas por uma manicura francesa; sapatos que alimentariam a Lisa e sua mãe durante um mês. Nenhum homem vivo permitiria a seu automóvel salpicar ao Ruby Lanoue. Uma vez, Lisa se poderia haver-se parecido a ela também. Mas não agora, quando estava tão profundamente afundada pelas dívidas que não sabia como sair.

-E eu sei que ele não jogou nenhuma olhar a sua face-. Ruby enrugou seu nariz, irritada com o condutor que já se foi-. Se o tivesse feito, certamente se teria detido e se teria desculpado.

-Porque pareço muito deprimida? -perguntou Lisa ironicamente.

-Porque é muito bonita, carinho.

-Sim, claro- disse Lisa, e se havia um rastro de amargura, Ruby o ignorou diplomaticamente.-Não importa. Não estou tentando impressionar a ninguém.

-Mas poderia. Não tem nem a menor ideia de como te vê, Lisa. Ele deve ser gay. Essa é a única razão pela que um homem poderia ignorar a uma mulher tão chamativa como você.

Lisa sorriu fracamente.

-Alguma vez te dá por vencida, verdade, Ruby?

-Lisa, é bonita. Permite sair à boneca que há em ti e presume-a. te tire essa boina e libera seu cabelo. por que pensa que Deus te deu um cabelo tão magnífico?

-Eu gosto de minha boina-. Lisa atirou protectoramente de sua velha boina dos Cincinnati Redes, como se temesse que Ruby pudesse tirar-lhe Papai a comprou para mim.

Ruby se mordeu o lábio, vacilante, e então se encolheu de ombros.

-Não pode te esconder para sempre baixo esse chapéu. Sabe quanto me preocupo com ti, e sim -ela desdenhou o protesto da Lisa antes de que tivesse alcançado seus lábios-, sei que sua mãe está morrendo, mas isso não significa que também o você faça, Lisa. Não pode permitir que isso te derrote.

A expressão da Lisa se fechou.

-O que cantará para abrir seu número esta noite, Ruby?

-Não tente trocar de tema. Não permitirei que perca o interesse na vida -disse Ruby brandamente.- Lisa, há tanto diante de ti. Sobreviverá a isto, prometo-o.

Lisa apartou seu olhar.

-Mas, quererei fazê-lo?- murmurou, jogando a um lado suas dúvidas. A sua mãe, Catherine, lhe tinha diagnosticado fazia uns meses um câncer. O diagnóstico tinha chegado muito tarde, e agora pouco podia fazer-se com a exceção de fazer seus últimos dias tão cômodos como fora possível. Seis meses, possivelmente um ano, que os doutores tinham diagnosticado cautamente: poderíamos provar procedimentos experimentais, mas... A mensagem estava clara: Catherine morreria, entretanto.

Sua mãe se negou, com firme determinação, a ser o branco de procedimentos experimentais. Passar os últimos meses de sua vida em um hospital não era o que Lisa ou Catherine tivessem querido para o final. Lisa as tinha arrumado para cuidar sua saúde em casa, e agora o dinheiro que sempre tinha sido escasso para elas era ainda mais escasso.

Do acidente de automóvel que tinha deixado inválida a sua mãe e matado a seu pai, cinco anos atrás, Lisa tinha estado trabalhando em dois empregos. Sua vida tinha trocado drasticamente da noite da morte de seu pai. Aos dezoito, ela tinha sido a filha mimada de pais enriquecidos e tinha vivido na elite do Cincinnati, em uma comunidade privada, com um futuro brilhante, seguro, frente a ela. Vinte e quatro horas depois, a noite de sua graduação, sua vida se tornou um pesadelo em que não tinha havido nenhum despertar. Em lugar de ir à universidade, Lisa tinha tido que trabalhar como garçone, para poder depois tomar um emprego noturno. Sabia que depois de que sua mãe se foi, ela continuaria trabalhando nos dois empregos e tentaria pagar as astronômicas faturas médicas que tinham ido aumentando.

Fez uma careta de dor e evocou as recentes instruções de sua mãe para ser incinerada, porque era menos caro que um funeral. Se seguia pensando muito tempo nesse comentário, poderia adoecer-se ali mesmo, na parada do ônibus. Ela entendia que sua mãe estava tentando ser prática, procurando minimizar gastos para que Lisa tivesse alguma pequena oportunidade na vida quando ela se foi, mas francamente, a perspectiva de uma vida solitária, sem sua mãe, não tinha o menor atrativo para ela.

Essa semana Catherine havia feito um giro irrevogável para pior, e Lisa se deu de bruces com o fato ineludible de que não podia fazer nada para aliviar a dor de sua mãe. Só se deteria com a morte.

A gama de emoções que experimentava ultimamente a desconcertava. Alguns dias, sentia uma irritação em geral com o mundo; outros dias, teria devotado sua alma em troca da saúde de sua mãe. Mas os piores dias eram aqueles quando sentia uma pontada de ressentimento sob toda sua dor. Esses dias eram os piores porque com o ressentimento, uma carga lhe esmaguem de culpa a fazia consciente de quão ingrata era. Muitas pessoas não tinham tido a oportunidade para amar a suas mães todo o tempo que ela tinha tido com a sua. Algumas pessoas tinham muitíssimo menos que Lisa: pelo menos, através da Lisa, Catherine seria recordada.

Quando abordaram o ônibus, Ruby se deixou cair no assento junto à Lisa e manteve um manancial de luminoso bate-papo destinado a levantar seus espíritos. Não funcionou. Lisa tentou lhe seguir a corrente, tratando de não pensar em seus problemas, especialmente no depois. No momento a pena que sentia era suficiente.

Como chegamos a isto? Deus, o que passou com minha vida? perguntou-se, dando uma massagem a suas têmporas. Mais à frente do vidro e as folhas de aço do expresso ao centro do Cincinnati, a geada chuva de março começou a cair de novo sobre as uniformes folhas cinzas.

Lisa respirou profundamente quando entrou em museu. Em seu silêncio de ultratumba, ela sentia um casulo de paz instalar-se a seu redor. Os painéis de vidro exibiam cofres que se refletiam nos chãos polidos até a perfeição e refratavam a tênue luz das espaçadas abajures das paredes. Fez uma pausa para limpar suas úmidas botas cuidadosamente na esteira antes de internar-se em seu santuário. Nenhum passo empapado danificaria esses chãos benditos.

A mente da Lisa havia sentido uma fome de estímulos desde seu último dia de escola secundária, fazia cinco anos, e imaginava que o museu lhe falava e sussurrava sedutoramente de coisas que nunca experimentaria: climas luxuriosos, exóticos, mistério, aventura. Esperava com ânsia ir trabalhar cada noite, apesar de ter acontecido um dia exaustivo nas mesas enquanto aguardava os pedidos. Amava os tetos abovedados com seus mosaicos brilhantemente pintados que descreviam sagas famosas. Poderia descrever com vívidos detalhes os matizes mais diminutos das últimas aquisições. Poderia recitar os pôsteres de cor: cada batalha, cada conquista, cada herói ou heroína de vida grandiosa.

Quando suas botas estiveram secas, Lisa pendurou seu impermeável na porta e andou rapidamente além das exibições introduções, dando-se pressa para a asa medieval. Acariciou com os dedos a placa da entrada, riscando os contornos das letras douradas:

PERMITE À HISTÓRIA SER SUA PORTA MÁGICA AO PASSADO; EXCITANTES NOVOS MUNDOS LHE ESPERAM.

Um sorriso torcido curvou seus lábios. Ela poderia usar uma porta mágica a um novo mundo: um mundo no que ela teria podido assistir à universidade, como todos seus amigos da secundária, que tinham deslocado precipitadamente com novas bagagens para novos amigos, deixando atrás, no pó, as esperanças e sonhos quebrados. Universidade? Vamos! Festas, amigos? Por favor! Pais que viveriam para vê-la crescer, possivelmente casar-se? Acordada!

Ela jogou um olhar a seu relógio e enterrou sua miséria em um estalo de atividade. Trabalhando rapidamente, varreu e passou pano no chão a asa até que esteve poda. Desempoeirar as exposições era um prazer que ela saboreava, passando suas mãos em cima dos tesouros como certamente nenhum guarda diurno teria permitido. Como era seu costume, deixou o escritório do Diretor Steinmann para o último. Não só era o mais escrupuloso com a limpeza, mas também tinha freqüentemente novas aquisições interessantes em seu escritório, esperando a ser catalogadas para poder exibir-se. Ela podia estar-se horas vagando no museu silencioso e podia estudar as armas, as armaduras, as lendas e batalhas, mas Steinmann tinha uma política estrita para que deixasse o museu antes das cinco da manhã.

Lisa rodou seus olhos quando devolveu os livros a suas fendas nas prateleiras da biblioteca de mogno que se alinhavam em seu escritório. Steinmann era um homem pomposo e condescendente. Quando tinha concluído sua entrevista, ela se tinha levantado e lhe tinha devotado a mão, e Steinmann a tinha cuidadoso fixamente, com aborrecimento. Então, com seu tom impregnado de desgosto, tinha-lhe informado que a única evidência que queria de sua presença noturna era ver os escritórios imaculadamente limpa. Tinha contínuo para lhe recordar que as cinco eram seu toque de silêncio tão vigorosamente, que ela se havia sentido como Cinzenta; e certamente Steinmann a converteria em algo pior que uma cabaça se não deixava o museu a tempo.

Apesar de seu trato rude, havia-se sentido exaltada por ter conseguido o trabalho, assim tinha permitido a sua mãe convencer a de sair com o Ruby para um jantar tardio de aniversário. Recordando esse fiasco, Lisa fechou os olhos e suspirou. depois do jantar, Lisa tinha esperado na barra por mudança para que ela e Ruby pudessem jogar um partido de pool. Um homem bonito, bem vestido, lhe tinha aproximado. Tinha paquerado com ela e Lisa se havia sentido especial por uns momentos. Quando ele tinha perguntado o que fazia para viver, ela tinha respondido, orgulhosamente, que trabalhava em um museu. Ele a tinha pressionado e tinha contínuo perguntando: Diretora? Vendas? Guia de turismo?

Faxineira noturna, lhe havia dito. E durante o dia, garçonne no First Watch.

Ele tinha apresentado um momento depois suas desculpas e se partiu. Um rubor de humilhação tinha manchado suas bochechas quando esperava na barra pelo Ruby para que a resgatasse.

Recordando o desprezo, Lisa esmurrou seu trapo de limpar o pó em cima das prateleiras e deu um golpecitos zangados pelo grande globo terrestre na esquina do escritório, consciente de que o incidente ainda a incomodava. Não tinha nada por que estar envergonhada; era uma pessoa responsável, dedicada, e não era tola. Sua vida tinha sido destroçada pelas responsabilidades que se impuseram, e na análise final, sentia que tinha dirigido coisas bastante bem.

Eventualmente, sua irritação foi apagando-se por uma onda do sempre presente esgotamento que seguia a seu estalo de energia nervosa. Deixando cair em uma cadeira frente ao escritório do Steinmann, acariciou o suave couro gorduroso e se relaxou nele. Notou um cofre de aparência exótica na esquina do escritório do Steinmann. Não o tinha visto antes. Era aproximadamente de dois pés e dez polegadas de largura. Formado de ébano africano, dando brilho a um brilho profundo, borde-os estavam esculpidos com um trabalho exquisitamente detalhado. Era obviamente uma nova aquisição. Contrariamente à vigilância de costume do Steinmann, não o tinha fechado com chave no painel de vidro onde guardava os novos tesouros que ainda deviam ser catalogados.

por que deixaria ele semelhante relíquia sobre seu escritório? perguntou-se Lisa fechando os olhos: só descansaria um minuto ou dois. Quando o fez, conduziu-se a si mesmo a um momento de fantasia: ela era uma mulher financeiramente independente com uma casa bonita, e sua mãe estava sã. Tinha encantadores móveis esculpidos à mão e cadeiras confortáveis. Possivelmente um noivo...

Imaginando o lugar perfeito para o encantador cofre de ébano em sua casa de sonho, Lisa flutuou para o descanso.

-Deveria me haver chamado do momento em que chegou- repreendeu o professor Taylor.

Steinmann introduziu ao professor além das vitrines de exibição para seu escritório.

-Chegou ontem, Taylor. Enviaram-nos isso imediatamente da escavação. O homem que o desenterrou se negou a tocá-lo, não estava disposto a tirá-la nem sequer da terra-. Steinmann fez uma pausa-. Havia uma maldição gravada na tampa do cofre. Embora esteja em gaélico antigo, entendia bastante do idioma para compreender seu significado. Trouxe você as luvas?

Taylor assentiu com a cabeça.

-E pinzas para dirigir o conteúdo. Não o tem aberto você?

-Não pude encontrar o mecanismo que solta a tampa- disse Steinmann secamente-. Inicialmente, não estava seguro de poder abri-la. Parece estar formado de uma só peça de madeira.

-Nós acostumamos dirigir tudo com as pinzas, até que o laboratório tenha a oportunidade de examiná-lo. Onde disse você que foi encontrado?

-Enterrado perto de uma ribeira nas Highlands de Escócia. O granjeiro que o desenterrou estava dragando pedras da baía para construir uma parede.

-Como o tirou você fora do país?- exclamou Taylor.

-O granjeiro chamou o procurador de uma pequena empresa de antiguidades no Edimburgo que por coincidência me devia um favor.

Taylor não pressionou para obter mais informação. O tráfico de relíquias que não tinham preço às coleções privadas o enfurecia, mas não serviria a nenhum propósito incomodar ao Steinmann antes de que ele tivesse sua oportunidade para estudar o cofre. Taylor estava obcecado com todas as coisas celtas, e quando Steinmann o tinha chamado para discutir sobre uma estranha peça medieval, Taylor logo que tinha podido ocultar seu interesse. Revelá-lo só daria ao Steinmann meios para manipulá-lo, e qualquer classe de poder em mãos do diretor era uma coisa perigosa.

-Moça idiota- murmurou Steinmann quando entraram em asa-. Pode ver isso? Deixou as luzes acesas de novo-. Uma magra linha de luz brilhava sob sua porta do escritório.

Lisa despertou abruptamente, desconcertada de onde estava ou o que a tinha despertado. Então ouviu as vozes de homens no vestíbulo, fora do escritório.

Imediatamente, Lisa se ergueu sobre seus pés e lançou um olhar de pânico a seu relógio. Eram as 5:20 da manhã! Perderia seu trabalho! Instintivamente se deixou cair ao chão e se golpeou a têmpora com a esquina do escritório no processo. Fazendo uma careta de dor, arrastou-se sob o escritório quando ouviu uma chave na fechadura, seguida pela voz do Steinmann:

-É impossível conseguir ajuda decente. Essa inútil moça nem sequer fechou com chave. Tudo o que tinha que fazer era apertar o botão. Inclusive um menino poderia fazê-lo.

Lisa se aconchegou em uma bola silenciosa quando os homens entraram no escritório. Embora as pisadas soaram apagadas pelo espesso tapete Berber, ouviu-lhes aproximar-se do escritório.

-Aqui está- os sapatos pulcramente brilhantes do Steinmann se detiveram polegadas de seus joelhos. Lisa se controlou para respirar precavida, diminutamente, e levou seus joelhos mais atrás. Aos sapatos do Steinmann lhe uniram um par de mocasines adornados com borlas de barro da recente chuva. Custou-lhe cada onça de sua força de vontade não estender a mão e retirar os ofensivos pedaços de grama do tapete.

-Que detalhe assombroso. É bonito-. A segunda voz era apagada.

-A que o é? -Steinmann estava de acordo.

-Espere um minuto, Steinmann. Onde disse você que este cofre foi encontrado?

-Sob uma compressão de pedras perto de uma ribeira em Escócia.

-Isso não tem nenhum sentido. Como permaneceria intacto pelos elementos? O ébano é uma madeira resistente, mas cedo ou tarde se deteriora. Este cofre está como novo. Não foi datado ainda?

-Não, mas minha fonte no Edimburgo pode responder por ele. Pode abri-lo, Taylor? -disse Steinmann.

Havia um sussurro mais que um ruído. Um suave murmúrio

-me permita ver... Como trabalharia você com seu encantado pequeno mistério?

Sob o escritório, Lisa se atreveu a respirar quando se aconteceu um silêncio prolongado.

-Possivelmente aqui? -disse Taylor finalmente-. Possivelmente levantando este pequeno quadrado... Ah, tenho-o! Vi isto antes. É um fecho de pressão-. O cofre fez um débil som de estalo-. Foi selado hermeticamente- observou-. Olhe isto, Steinmann. Não é este um inteligente mecanismo de fechos? E vê você a resina gomosa que sela as ranhuras internas da madeira, onde teriam que ir os pregos? Não se pergunta você como nossos antepassados puderam criar esta classe de destros dispositivos? Algumas das coisas que vi desafiam...

-Mova o tecido e vejamos o que está baixo ela, Taylor- cortou-o Steinmann com impaciência.

-Mas o tecido se pode desintegrar se a tocamos- protestou Taylor.

-Não chegamos tão longe para ir sem descobrir o que está no cofre- Steinmann tirou uma foto-. Mova o tecido.

Lisa dominou o impulso de sair de debaixo o escritório, a curiosidade tratando de vencer seu sentido comum e quase ao mesmo instinto de conservação.

Houve uma larga pausa.

-E bem? O que é? perguntou Steinmann.

-Não tenho nem idéia- disse Taylor devagar-. Não traduzi contos disto nem vi esboços em minhas investigações. Não parece o bastante medieval, não é certo? Quase parece... por que será... do futuro- disse ele inquieto-. Francamente, estou confuso. O cofre é original, e a malha é antiga, e isto -ele gesticulou assinalando a garrafa- é condenadamente único.

-Possivelmente não é tão perito como me fez acreditar, Taylor.

-Ninguém sabe mais dos Galos e Pictos que eu- respondeu ele tiesamente-. Mas alguns artefatos simplesmente não se mencionam em certos arquivos. O asseguro, encontrarei as respostas.

-E terá que examiná-lo?- disse Steinmann.

-Levarei-o agora comigo.

-Não. Chamarei-o quando estivermos preparados para cedê-lo.

Houve uma pausa então.

-Planeja convidar a alguém mais para examiná-lo?- disse Taylor-. Você questiona minha habilidade.

-Preciso catalogá-lo, simplesmente, fotografá-lo e anotá-lo em nossos arquivos.

-E o anotou na coleção de alguém mais?- disse Taylor inescrutavelmente.

-Deixe-o, Taylor-. Steinmann fechou seus dedos ao redor da boneca do Taylor que sustentava as pinças e guardou a garrafa sob o tecido. Soltou a mão do Taylor, fechou o cofre, e pôs as pinças um lado-. Eu o traga aqui. Eu lhe direi o que necessito de você e quando. E lhe aconselharia que partisse agora mesmo.

-Está bem- Taylor tirou uma foto-, mas quando descobrir que ninguém mais sabe o que é, voltará a me chamar. Você não pode mover um artefato que não pode identificar-se. Sou o único que pode rastrear esta coisa e você sabe.

Steinmann riu.

-Acompanharei-o à saída.

-Posso encontrar meu próprio caminho.

-Mas estarei mais tranqüilo sabendo que eu o escoltei- disse Steinmann brandamente-. Não deixaria a semelhante adorador de antiguidades, apaixonado como você, vagando no museu a seu gosto.

Os sapatos se retiraram com passos apagados pelo tapete. O click de uma chave na fechadura produziu um efeito desagradável na Lisa. Maldição e duplamente maldição! Normalmente quando ela saía, oprimia o fecho do botão na porta que, como uma humilde faxineira que era, fechava com chave. Steinmann tinha desviado o fecho e realmente tinha usado uma chave para fechar. Ela saiu de um puxão e se golpeou a cabeça contra a parte inferior do escritório.

-Ow!- exclamou brandamente. Quando se agarrou do bordo e se parou direita, fez uma pausa para olhar o cofre.

Fascinada, tocou a madeira fresca. Belamente gravada, a madeira negra brilhou sob a suave luz. Letras escuras se alinhavam enegrecidas no alto, em furiosos, enviesados rasgos. O que era o que continha o cofre para deixar perplexos a dois sofisticados fornecedores de antiguidades? Apesar de que estava encerrada com chave no escritório do Steinmann e não tinha nenhuma dúvida de que ele voltaria em alguns momentos, foi consumida outra vez pela curiosidade. Do futuro? Cautelosamente, ela passou os dedos em cima do cofre e procurou o quadrado, o fecho de pressão que eles tinham mencionado, e então fez uma pausa. As letras estranhas na tampa quase pareciam... palpitar. Um calafrio de pressentimento percorreu seu espinho.

Galinha tola, abre-o! Não pode te ferir. Eles o tocaram.

Resolvida, encontrou o quadrado e o oprimiu com seu dedo polegar. A tampa girou para cima com o débil som de estalo que tinha ouvido antes. Uma garrafa descansava dentro, rodeada por farrapos poeirentos de tecido antigo. A garrafa era feita de um metal cor de prata e parecia brilhar fracamente, como se seu conteúdo estivesse cheio de energia. Lançou um olhar nervoso para a porta. Sabia tinha que sair do escritório antes de que Steinmann retornasse, mas se sentia estranhamente atraída pela garrafa. Seus olhos foram da porta à garrafa e fizeram o mesmo caminho de novo, mas a garrafa a chamava. Dizia: me toque, no mesmo tom que todos os artefatos no museu falavam com a Lisa. me toque enquanto nenhum guarda esteja presente, e eu te contarei minha história e minhas lendas. Eu sou o conhecimento...

As gemas dos dedos da Lisa se deslizaram ao redor da garrafa.

O mundo trocou de eixo sob seus pés. Ela tropeçou, e de repente ela...

Não podia...

Deter-se...

Caía...

CAPÍTULO 2

Dunnottar, Escócia, 1314.

A água salpicou as pernas da calça vaqueira da Lisa pela segunda vez esse dia quando o homem saiu da tina. Ele se ergueu por cima dela, seus lábios estirados sobre seus dentes em um grunhido.

Lisa piscou incrédulamente. Uma vez. Duas vezes. E uma terceira vez muito devagar, dando tempo à aparição para evaporar-se.

Não o fez.

O gigante nu permanecia ali, sua expressão feroz e firme, seus olhos entrecerrados. Que demônios lhe tinha passado ao escritório do Steinmann? Ele não a despediria, já que se a encontrasse com um homem nu diretamente foram prendê-la!

Lisa fechou os olhos e moveu seus pés, determinando cautamente que o mundo era de novo sólido sob suas botas. Só quando se convenceu firmemente de que estava de pé no escritório do Steinmann sustentando uma garrafa medieval, voltou a abri-los.

Não estava no escritório do Steinmann.

Conteve a respiração depois de uma grande exalação de assombro quando olhou -realmente olhou- ao homem. As gotas de água brilhavam em sua pele. As chamas saltavam no lar atrás dele, bronzeando e escurecendo as ondulações de seus músculos. Era o homem mais alto que ela tivesse visto nunca, mas seu tamanho não se limitava a sua altura impressionante. Seus ombros eram maciços, e seu assomo largo se emagrecia para a cintura, o abdômen musculoso, os quadris firmes e as pernas largas, poderosas.

E estava nu.

Ela expeliu um suspiro de protesto. Ele não podia ser real. E porque não podia ser real, não fazia danifico deixando vagar seu olhar para dar rápida conta de sua perfeição. Um homem inteiramente proporcionado, que realmente não existia, estava de pé, nu ante ela. Não olharia qualquer saudável mulher de vinte e três anos? E ela olhou.

Isso o confirmou definitivamente. Ele não poderia ser real. Com as bochechas ardendo, ela apartou o olhar e vacilou, dando um passo para trás.

Ele rugiu algo em um idioma que ela não entendeu.

Dirigindo um olhar a sua face, a moça se encolheu de ombros desamparadamente, incapaz de compreender e dar sentido a essa situação.

Ele bramou de novo e gesticulou enojadamente. Falou em um arroio de palavras durante vários minutos, agitando seus braços e olhando-a carrancudo.

Ela o olhou, boquiaberta, sua confusão afundando-se. Não ajudava que o homem parecesse ter esquecido o desconcertante feito de estar gloriosamente nu. A jovem encontrou sua língua e, com algumas dificuldades, pôde começar a movê-la.

-Sinto muito, mas não o entendo. Não tenho nem a menor ideia do que está dizendo.

Ele retrocedeu como se ela o tivesse golpeado; seus olhos escuros se entrecerraram ainda mais e franziu o cenho. Se ela pensava que ele estava zangado antes, era só porque não o tinha visto ainda verdadeiramente furioso.

-É inglesa!- espetou-lhe ele, trocando rapidamente ao inglês, embora com um acento espesso, fechado.

Lisa estendeu as mãos como dizendo E com isso que? Qual era seu ponto, e por que estava tão zangado com ela?

-Não te mova!- rugiu ele.

Ela permaneceu imóvel, catalogando-o como se fora uma das recentes aquisições do museu, absorvendo a incrível longitude e largura de seu corpo. O homem desprendia tal intensa sexualidade que as fantasias de um guerreiro selvagem, não reconhecidas jamais como próprias, estremeceram-se através de sua memória. O perigo que emanava dele era temível e sedutor de uma vez. Está sonhando, recorda? Dormiu e só sonhou que despertava e Steinmann chegava. Mas ainda está dormida e nada disto realmente está passando.

Apenas o notou quando o homem alcançou a arma apoiada contra a tina. Sua mente registrou com escura diversão que a invenção de sua imaginação se completava com uma espada vingadora. Até que, com um movimento elegante de sua boneca, ele apontou a arma mortal para ela.

Era seu sonho, recordou-se a moça. Simplesmente ignoraria a espada. Os sonhos eram zonas sem restrições. Se não podia ter um noivo na vida real, pelo menos poderia saborear essa experiência virtual. Sorrindo, a jovem estendeu uma mão para tocar seu abdômen -certamente esculpido por inteiro do material com que se fazem os sonhos- e a ponta da espada roçou sua mandíbula e obrigou a seus olhos a encontrar-se com os dele. Uma moça deveria usar um pescoço ortopédico depois de olhar essa altura muito tempo, decidiu.

-Não pense em me distrair de meu propósito- grunhiu ele.

-Que propósito?- perguntou ela e se sentiu conter a respiração.

Nesse momento, a porta se abriu com estrépito. Um segundo homem, de cabelo escuro e vestido com um envoltório estranho de tecido, entrou abruptamente no quarto.

-Algo que seja, não tenho tempo agora para isso, Galan!- disse ao homem que sustentava a folha em seu pescoço.

O outro homem parecia pasmado ante a visão da Lisa.

-Ouvimo-lhe rugir da cozinha, Cin.

-Pecado? - Lisa ecoou de seu nome com incredulidade. OH sim, ele era definitivamente um pecado. Qualquer homem como esse devia ser puro pecado.

-Sal daqui!- trovejou Circenn.

Galan duvidou um momento; então, com relutância, retirou-se do quarto e fechou a porta.

Quando o olhar da Lisa se voltou para Pecado, ela olhava de novo para baixo, para sua tão improvável dotação.

-Deixa de olhar ali, mulher!

Seus olhos se elevaram para os seus.

-Ninguém pode ser como você. E ninguém fala como você, exceto possivelmente Sejam Connery no Highlander. Vê? É a prova definitiva de que estou sonhando. É uma invenção de meu stress, de minha insônia, de minha mente traumatizada-. Ela assentiu firmemente com a cabeça.

-Asseguro-lhe isso, certamente não sou um sonho.

-OH, por favor-. Ela rodou seus olhos. Fechou-os. Abriu-os. Ele ainda seguia ali-. Estava eu no museu e agora estou em uma quarto com um homem nu chamado Pecado? Quão parva pensa que sou?

-Circenn. Cir-cin- ele repetiu-. Só meus guerreiros mais próximos me chamam Cin.

-Não pode ser real.

Ele tinha uns preguiçosos, borrascosos olhos, tão escuros que pareciam realçados pelo Kohl. Seu nariz era forte, arrogante. Seus dentes -e Deus sabia que ela lhes estava jogando um bom olhar com todos quão grunhidos ele estava dando- eram retos e o bastante brancos para fazer a seu dentista chorar de inveja. Sua frente era alta, e uma juba de cabelo da cor da meia-noite caía sobre seus ombros. Embora nenhum de seus rasgos era material para os modelos atuais, salvo seus lábios sensuais, o efeito global era de um rosto grosseiramente belo. Um Senhor da Guerra eram as palavras que iam a sua língua.

A ponta da espada raspou a suave parte inferior de seu queixo. Quando ela sentiu uma gota de umidade no pescoço, assombrou-se pela verossimilhança de seu sonho. Passou os dedos em cima da mancha, e então olhou fixamente e com assombro a gota de sangue.

-Sangra um em um sonho? Eu nunca sangrei em um sonho antes- murmurou.

Ele deu um pequeno golpe à boina de beisebol, tirando-a tão rapidamente de sua cabeça que a assustou. Ela não tinha vislumbrado o movimento de sua mão sequer. O cabelo lhe caiu em cima dos ombros, e ela tratou de apanhar a boina, só para encontrar-se com que era muito baixa para alcançar a ponta da espada. Sua cabeça alcançava apenas seu assumo.

-me dê minha boina- exigiu-. Meu pai me deu isso.

Ele o considerou em silêncio.

-É tudo o que tenho dele, e ele está morto!- disse ela acaloradamente.

Tinha havido uma piscada de compaixão em seus olhos escuros?

Lhe devolveu a boina sem uma palavra.

-Obrigado- disse ela sobriamente, dobrando-a e guardando-a no bolso da parte de atrás de suas calças jeans. Seu olhar baixou ao chão enquanto ponderava a espada em sua garganta. Se fosse um sonho, ela podia fazer que as coisas passassem. Ou não passassem. Apertando seus olhos fechados, desejou que a espada desaparecesse, mas ao tragar apertadamente sentiu como o metal frio mordida seu pescoço. Logo, desejou que o homem desaparecesse; concedeu-se cortesmente que não o fizessem nem a tina nem o fogo.

Abrindo os olhos, a jovem encontrou ao homem ainda elevando-se por cima dela.

-me dê a garrafa, garota.

As sobrancelhas da Lisa se elevaram.

-A garrafa? Isto é parte do sonho? Vê isso?

-É obvio que o faço! Estou deslumbrado por sua beleza, mas entretanto não sou estúpido!

Deslumbrado por minha beleza? Assombrada, lhe entregou a garrafa.

-Quem é?- demandou ele.

Lisa procurou refúgio na formalidade; tinha-lhe servido bem no passado, como uma bússola através de território desconhecido, e esse sonho certamente poderia ser qualificado como território desconhecido. Nunca antes tinha sonhado tão lucidamente que os elementos de seu sonho estavam fora de seu controle, nem seu subconsciente tinha conjurado antes a um homem como esse. Tivesse querido saber de que esquina pré-histórica de sua alma tinha chegado esse leviatã.

-Incomodaria-te te vestir? Seu... er... estado de, uh... nudez não conduz a uma discussão seria. Se pusesse um pouco de roupa e soltasse sua espada, estou segura de que poderíamos pôr as coisas em ordem-. Desejou que ele encontrasse persuasiva a nota de otimismo em sua voz.

Ele franziu o cenho quando se olhou a si mesmo. Lisa poderia jurar que a cor em sua face se acentuava quando comprovou sua estado de excitação.

-Que esperas de mim quando está vestida dessa maneira?- respondeu ele-. Sou um homem.

Como se eu tivesse alguma dúvida disso, pensou a jovem ironicamente. Um sonho de homem, nada menos.

Tomando uma manta tecida de vermelho e negro, ele a jogou por cima dos ombros para cobrir com roupa o fronte de seu corpo. Agarrou uma bolsa pequena, guardou nela a garrafa, e finalmente baixou sua espada.

Lisa se relaxou e avançou uns passos, mas ao fazê-lo a boina caiu do bolso; deu-se a volta e se inclinou para recuperá-la. Voltando-se para enfrentá-lo, encontrou seu olhar fixo no lugar onde seu traseiro, ajustado firmemente dentro da calça vaqueira, tinha estado só um momento antes. Emudecida pela prova de que tinha estado olhando seu derriêr, ela jogou um olhar ao tecido com a que ele se envolto, e então cautamente a sua face. Seus olhos escuros ardiam sem chama. Ela teve o súbito pressentimento de que em qualquer lugar que estivesse, as mulheres normalmente não levavam calças jeans. Possivelmente inclusive nem sequer levassem calças.

Sua mandíbula se esticou e sua respiração se agitou notoriamente. Ele olhou cada polegada dela, como um ave rapace que se balançasse na vigilância que precede à morte das alturas.

-É tudo o que tenho!- disse ela defensivamente.

Ele levantou suas mãos em um gesto conciliatório.

-Não desejo discuti-lo, garota. Não agora. Possivelmente nunca.

olharam-se, medindo-se em silêncio. Então, por alguma razão que ela não poderia definir, atraída por uma força além de sua possibilidade de resistir, encontrou-se aproximando-se dele. Foi ele quem caminhou esta vez para trás. Com um veloz movimento de músculos, saiu do quarto.

No momento que a porta se fechou, as pernas da Lisa cederam e ela se derrubou sobre seus joelhos, seu coração golpeando dolorosamente no assumo. O som familiar de metal que vinha da porta lhe disse que se encontrava encerrada com chave uma vez mais. Santo Deus, ela tinha que despertar.

Mas em alguma parte de seu coração tinha começado a suspeitar que não estava sonhando.

CAPÍTULO 3

-Retiramos o corpo, Circenn?- perguntou Galan quando Circenn entrou na cozinha.

Circenn fez uma rápida aspiração.

-O corpo?-. Esfregou sua mandíbula ocultando uma careta de irritação atrás de sua mão. Nada estava saindo como tinha pensado. Tinha saído de sua antecâmara planejando encontrar um pouco de cidra na cozinha, esclarecer sua cabeça em privado e tomar algumas decisões, especificamente as que tinham que ver com a encantadora mulher que estava obrigado por honra a matar. Mas não lhe seriam concedidos nenhum desses benefícios. Galan e Duncan Douglas, seus fiéis amigos e conselheiros, ocupavam uma pequena mesa na cozinha do torreão e o olhavam intensamente.

Posto que tanto os ingleses como os escoceses tinham destruído e incendiado Dunnottar cada vez esta trocava de mãos, as ruínas apressadamente remendadas do torreão estavam cheias de correntes de ar, frite e inacabadas. Só acampavam no Dunnottar até que os homens do Bruce os relevassem, algo que se esperava acontecesse qualquer dia, para que as reparações comessem a fazer-se estabelemente. O grande hall se abria ao céu noturno onde deveria estar o telhado, por isso a cozinha tinha sido substituída pelo comilão. Essa noite, desgraçadamente, era também o lugar onde estavam reunidos.

-O portador da garrafa- esclareceu servicialmente Galan.

Circenn franziu o cenho. Ele tinha escondido a garrafa em seu sporran e tinha esperado dispor de algum tempo para convencer-se a si mesmo de cumprir seu juramento. Fazia vários anos, tinha informado aos irmãos Douglas sobre a maldição de ligamento que tinha imposto no cofre e do voto que tinha feito ao Adam Black. havia-se sentido mais cômodo sabendo que quando aparecesse, se por alguma razão fora incapaz de cumprir seu juramento, faria-o seu confiável par de amigos.

Mas o que fazer quando o juramento estava em direta oposição a outro? Tinha-lhe jurado ao Adam matar ao portador da garrafa. Fazia tempo, nos joelhos de sua mãe, tinha jurado nunca machucar a uma mulher por nenhum motivo.

Galan se encolheu de ombros ante o cenho do Circenn e disse:

-Contei ao Duncan que ela tinha chegado. Vi a garrafa em sua mão. estivemos esperando a que voltasse. Desfazemo-nos do corpo?

-Isso poderia ser um pouco embaraçoso; o corpo ainda está respirando- disse Circenn irritado.

-por que?-. Duncan franziu o sobreceixo.

-Porque não a matei ainda.

Galan o estudou um momento.

-Ela é encantadora, não?

Circenn não se alterou pela acusação.

-permiti eu alguma vez que o encanto corrompesse minha honra?

-Não, e estou seguro de que não começará agora. Nunca tem quebrado um juramento- o desafio do Galan era inequívoco.

Circenn se afundou em uma cadeira.

Aos trinta, Galan era o segundo maior dos cinco irmãos Douglas. Alto e moreno, era um guerreiro disciplinado que, como Circenn, acreditava no cumprimento estrito das regras. Sua idéia de uma boa batalha incluía meses de preparação cuidadosa, intenso estudo do inimigo e uma estratégia detalhada em que não se vacilaria no ataque uma vez que este comesse.

Duncan, o mais jovem da família, mantinha uma atitude mais indiferente. Desde seis pés de alto, era indecentemente bonito, sempre tinha a sombra da barba de um dia tão negra que fazia que sua mandíbula parecesse azul, e seu plaid normalmente estava enrugado, apressadamente atado, como se estivesse a ponto de escorregar-se dele. Atraía às mulheres como o mel às moscas e correspondia sinceramente à atração que o belo sexo sentia por ele. A idéia do Duncan de uma boa batalha dependia da última jovem com a que estivesse, e ao último minuto saltava da cama, tomava seu plaid e uma espada e se mergulhava na refrega rendo todo o tempo. Duncan era um pouco estranho, mas todos os Douglas estavam destinados a destacar-se de uma maneira ou outra. O irmão maior, James, era o lugar-tenente em chefe do Bruce e um estrategista inteligente.

Galan e Duncan tinham sido os leais conselheiros do Circenn durante anos. Lutavam juntos, levavam a cabo os ataques e contra-ataques sob o estandarte do Robert Bruce, e treinavam vigorosamente para a batalha final que esperavam liberaria escócia logo do jugo inglês.

-Não estou seguro de que dano esta mulher poderia fazer a nossa causa- Circenn falou com sigilo e calibrando cautamente a reação a suas palavras. Silenciosamente, estava calibrando sua própria reação também. Normalmente seus amigos o confortavam, davam-lhe um sentido de propósito e uma direção, mas cada onça de sua consciência se rebelava ante o pensamento de matar a essa mulher deliciosa. Começou a considerar as possíveis repercussões de lhe permitir viver, além da de destruir sua própria honra.

Galan entrelaçou os dedos e estudou seus calos enquanto falava.

-Penso que isso importa pouco. Fez o juramento ao Adam Black de que foste eliminar ao portador da garrafa. Embora possa compreender que uma mulher poderia provocar simpatia, não sabe quem é ela realmente. Está vestida de maneira estranha. Poderia ser descendente de Druidas?

-Não acredito. Não percebi magia nela.

-É inglesa? Surpreendeu-me lhe ouvir falar essa língua. estivemos falando inglês desde que os Templários chegaram, mas por que o faz ela?

-Falar inglês não é um crime- disse Circenn secamente. Era verdade que desde que chegassem os Templários, tinham estado conversando mais freqüentemente em inglês que em qualquer outra língua. A maioria dos homens do Circenn não falava francês, e a maioria dos Templários não falavam gaélico, mas quase todos eles tinham aprendido algo de inglês, devido às fronteiras de comprimento alcance da Inglaterra. Circenn encontrava lhe frustrar o não poder usar o gaélico, um idioma que sentia era belo além de toda comparação, mas aceitava que os tempos estavam trocando e que quando homens de muitos países diferentes estavam juntos, o inglês era a língua normalmente mais conhecido. Mortificava-o falar o idioma de seu inimigo.

-A maioria de nossos Templários não fala gaélico. Isso não os faz espões.

-Ela não fala nada de gaélico?- pressionou Galan.

Circenn suspirou.

-Não -disse-. Não entendeu nossa língua, mas isso não é suficiente para condená-la. Possivelmente cresceu na Inglaterra; sabe que muitos de nossos clãs se assentam a ambos os lados da fronteira. Além disso, é o inglês mais estranho que ouvi alguma vez.

-Quanto mais raciocine para ser suspeita, mais raciocine para dispor rapidamente dela- disse Galan.

-Como com qualquer outra ameaça potencial, alguém deve estudá-la primeiro e avaliar a magnitude da ameaça- raciocinou Circenn.

-Seu juramento, Circenn, substitui todo o resto. Sua mente deve preocupar-se em sustentar Dunnottar e abrir o caminho do Bruce a um trono seguro e uma Escócia livre, não em alguma mulher que deveria estar morta enquanto nós falamos- recordou-lhe Galan.

-faltei a meus deveres alguma vez em minha vida?- Circenn sustentou o olhar do Galan.

-Não- admitiu Galan-. Ainda- adicionou.

-Não- disse Duncan rapidamente.

-Então por que me questionam agora? Não tenho muita mais experiência com a gente, com as guerras, e privilégios que qualquer de vocês?

Galan assentiu com a cabeça ironicamente.

-Mas se romper seu juramento, como o explicaria ao Adam?

Circenn ficou rígido. As palavras rompe seu juramento rondaram incômodamente em sua mente e teceram uma promessa de fracasso, de derrota, e potencialmente de corrupção. Era vital que ele se aderisse a suas regras.

-Deixa que eu dirija ao Adam como sempre o faço- disse ele friamente.

Galan agitou sua cabeça.

-Aos homens não gostará disto, se o averiguarem. Sabe que os Templários são uma casta feroz e particularmente precavidos com as mulheres.

-Porque não podem ter nenhuma- interrompeu Duncan-. Procuram qualquer razão para desconfiar das mulheres em seu esforço de resistir seus pensamentos luxuriosos. Um voto de celibato não é natural para os homens; faz-os bastardos frios e irritáveis. Eu, por outro lado, sempre estou depravado, simpático e até amável- dedicou um sorriso agradável a ambos, para demonstrar a validade de sua teoria.

Apesar de seus problemas, a boca do Circenn se estirou. Duncan tinha tendência a comportar-se provocativamente, e quanto mais irreverente era, mais se irritava Galan. Galan nunca parecia compreender que seu irmão mais jovem o fazia a propósito, e que todo o tempo que atuava como um jovem irresponsável, sua ardilosa mente não se perdia de nada que acontecesse a seu redor.

-A falta de disciplina não faz a um guerreiro, irmão pequeno- disse Galan rigidamente-. Você é um extremo e os Templários são o outro.

-Pular com as moças não diminui nenhuma pinga de minhas proezas nas batalhas e sabe- disse Duncan e se sentou mais reto em sua cadeira, seus olhos faiscando em antecipação do argumento que viria.

-Já é o bastante- interrompeu Circenn-. Estávamos discutindo meu juramento e o fato que não me inclino por matar a uma mulher inocente.

-Não sabe se ela for inocente- protestou Galan.

-Não sei se ela não o é- disse Circenn-. Até que não tenha alguma indicação de culpa ou inocência, eu...-. interrompeu-se e suspirou pesadamente. Encontrou quase impossível dizer as seguintes palavras.

-Você o que?- perguntou Duncan e o olhou com fascinação. Quando Circenn não respondeu, ele pressionou-. Nega-te a matá-la? Romperá um juramento sagrado?- a incredulidade do Duncan se gravou em seu arrumado rosto.

-Eu não disse isso- espetou Circenn.

-Não o disse- disse Galan cautelosamente-. Mas apreciaria que esclarecesse suas intenções. Planeja matá-la ou não?

Circenn esfregou sua mandíbula de novo. esclareceu-se garganta e tentou formar as palavras que sua consciência exigia que dissesse, mas o guerreiro nele resistia. Os olhos do Duncan se entrecerraram quando viu o Circenn tão pensativo. depois de um momento, jogou um olhar a seu irmão.

-Sabemos como é Adam, Galan. Seu estilo é a devastação veloz, desnecessária, e se hão feito muitos vistas inocentes na luta por afiançar o trono. Proponho que Circenn se tome um tempo para descobrir quem é a mulher e de onde vem antes de dar o seguinte passo. Não posso falar por ti, Galan, mas eu não desejo o sangue de outro inocente em minhas mãos, e se o

insistimos a que a mate, o fato se voltará nosso também. Além disso, recorda que embora Circenn jurou matar ao portador da garrafa, nada em seu juramento falava de um limite de tempo. Ele poderia esperar vinte anos para matá-la sem romper seu juramento.

Circenn escutou as últimas palavras do Duncan, surpreso. Não tinha considerado essa possibilidade. Na verdade, seu juramento não tinha contido uma palavra que especificasse que tão rapidamente devia matar ao portador da garrafa, não era ilícito nenhuma violação de seu voto tomar um tempo para estudar a pessoa. Um inclusive poderia sustentar que isso era sábio, decidiu. Corta-te o cabelo com uma tocha de batalha. As palavras do Adam, de fazia seis anos, apareceram na mente do Circenn para burlar-se dele.

-Mas tem que ser consciente- advertiu Galan- de que se não a matas e qualquer dos Templários descobre quem é e a natureza do juramento que fez, os cavaleiros perderão a fé em sua habilidade de mando. Verão um juramento quebrado como uma debilidade imperdoável. A única razão pela que estavam de acordo em lutar para nosso país é devido a ti: às vezes penso que eles lhe seguiriam até o inferno. Sabe que são fanáticos de suas crenças; para eles, não há nenhuma justificação para romper um juramento. Nenhuma.

-Então nós não lhes diremos quem é ou o que eu jurei- disse Circenn brandamente e sabia que os irmãos apoiariam sua decisão, estivessem de acordo com ela ou não. Os Douglas sempre estavam junto ao laird e thane do Brodie, desde que um antigo juramento de sangue tinha unido os dois clãs fazia muitíssimo tempo.

Os irmãos o estudaram, então assentiram com a cabeça.

-Permanecerá entre nós até que tome uma decisão.

Respirando profundamente do ar arrepiado e fresco, Circenn percorria o pátio enquanto a mulher esperava em suas câmaras por uma misericórdia que não estava em suas mãos conceder. Ele se esforçava em endurecer-se contra ela. Tinha vivido tão comprido tempo com as regras, que quase não tinha ouvido sua consciência gritar quando tinha levado a espada a seu pescoço. Enquanto as regras de um guerreiro teriam insistido em que honrasse o juramento, algo que tinha acreditado morto nele tinha minado sua resolução.

Compaixão. Simpatia. E uma pequena voz insidiosa dentro dele, suave mas implacavelmente, questionou a sagacidade de suas regras. Tinha reconhecido essa voz; sem dúvida algo que não tinha sofrido fazia uma eternidade.

Eu juro matar ao portador da garrafa, tinha prometido fazia anos.

Os juramentos de um guerreiro eram seu sangue vital, um código inquebrável pelo que vivia e morria. As regras do Circenn Brodie eram as únicas coisas que o separavam de um descida veloz ao caos e a corrupção. Qual era a solução?

Ela devia morrer.

Ela.

Pela Dagda, por que devia ser uma mulher? Ao Circenn gostava das mulheres; tinha adorado a sua mãe e tinha tratado a todas as mulheres com a mesma deferência e cortesia. Sentia que as mulheres exibiam algumas das características mais boas da humanidade. Circenn era Brude, cuja linha de sucessão real era matrilineal. Fazia anos, quando tinha feito seu juramento ao Adam Black, não tinha considerado nem uma vez que a garrafa poderia ser encontrada por uma mulher, e Adam certamente se divertiria com isso. Quando ele tinha tirado o estranho chapéu de sua cabeça, o espesso cabelo da jovem tinha cansado em forma de cascata quase até sua cintura, como um outono de cobre e brilhos de ouro. Seus olhos verdes, rasgados nas comissuras, alargaram-se com medo, e então rapidamente se haviam entrecerrado com irritação quando havia dito que era um presente de seu pai. Exigia somente que devolvesse a herança familiar, não importava quão feia fora.

Extraordinariamente alta para ser uma mulher, e elástica, seu seios eram cheios e firmes, e ele tinha vislumbrado a pressão de seus mamilos contra a malha magra de sua estranha vestimenta. Suas pernas eram generosamente largas, o bastante para as envolver ao redor de sua cintura e lhe permitir cruzar os tornozelos comodamente enquanto ele se enterrava entre elas. Quando se tinha inclinado para recuperar sua boina, quase tinha alargado um braço ao redor de sua cintura para apertá-la contra ele e permitir que sua natureza exigente fora liberada. E então lhe cortar a garganta quando seu desejo estivesse satisfeito?

Ela. Suspeitava Adam que o portador da garrafa poderia ser uma fêmea? Poderia havê-lo visto no futuro, com sua visão de fada, e ainda agora poderia estar rendo-se de seu dilema? Mais ainda, se ele não tivesse usado uma maldição de ligamento em primeiro lugar, a vida da mulher não estaria nesse momento em perigo. Era sua torpe maldição a que a tinha levado ali, e agora se supunha que ele devia matar a uma alma incauta. A menos que encontrasse alguma prova de duplicidade de sua parte, sua morte seria sangue inocente em suas mãos, que o perseguiria pelo resto de sua vida.

Circenn se endureceu e admitiu que a melhor solução era matá-la. Ele cumpriria seu juramento; então, ao chegar a manhã, a vida seria de novo normal. Asseguraria a garrafa no lugar secreto com as outras relíquias e continuaria sua guerra. Voltaria para seu regime ordenado e encontraria distração sabendo que nunca se converteria na abominação que temia podia chegar a ser.

A primeiro coloque do Circenn Brodie era ver o Bruce afiançado no trono de Escócia.

depois da morte do rei inglês Longshanks, seu filho Edward II tinha contínuo a guerra de seu pai e tinha cerceado implacavelmente a herança de Escócia. Logo, nada de sua cultura única sobreviveria. Seriam bretões: débeis e obedientes, contribuindo à inanição e a submissão. Sua major esperança contra o cruel rei da Inglaterra eram os renegados Templários, que tinham procurado santuário no Castelo Brodie.

Circenn apagou um suspiro de frustração. A perseguição dos Templários o afligia e enfurecia. Ele tinha considerado unir-se à renomada Ordem de monges-guerreros uma vez, mas algumas de suas regras realmente não tinham sido de seu agrado.

conformou-se em troca trabalhando estreitamente com os cavaleiros religiosos, por isso ambos, ele e a Ordem, protegiam benditas relíquias de imenso valor e poder. Circenn respeitava a Ordem em muitas causas, e sabia sua história como qualquer outro Templário.

A Ordem se fundou em 1118 quando um grupo de nove cavaleiros, predominantemente franceses, tinha ido a Jerusalém e tinha solicitado ao Rei Baudouin lhes permitir viver nas antigas ruínas do Templo do Salomón. Em troca, os nove cavaleiros tinham devotado seus serviços para proteger aos peregrinos que viajavam a Terra Santa dos ladrões e assassinos ao longo das estradas públicas que levavam a Jerusalém. Em 1128, a Batata tinha dado sua aprovação oficial à Ordem.

Os cavaleiros tinham sido pagos generosamente por seus serviços, e a Ordem tinha aumentado dramaticamente em número e riqueza, e se tinha fortalecido através dos séculos XII e XIII. Para o século XIV, a Ordem possuía mais de nove mil feudos e castelos pela Europa. Independentes do controle real ou episcopal, as lucros da Ordem estavam livre de impostos e contribuições. A Ordem cultivava muitas propriedades, produzindo rendimentos que tinham servido como base para o sistema de financiamento maior da Europa. Nos séculos XIII e XIV, a Ordem Parisiense do Templários funcionava virtualmente como a Tesouraria Real francesa e emprestava grandes somas à realeza européia e a nobres particulares. Entretanto, como a riqueza dos Templários e seu poder aumentavam, despertaram a suspeita e o ciúmes entre alguns membros da nobreza.

Circenn não se surpreendeu quando o êxito da Ordem se tornou a mesma razão de sua queda. Ele o tinha antecipado, embora não tinha podido acautelá-los; a política da Batata e o rei era muito capitalista ainda para um homem de influências.

Recordava bem como, quase doze anos atrás, as riquezas dos Templários tinham incitado a atenção mortal do rei francês, Philippe the Fair, que estava desesperado por encher seus cofres. Em 1305, Philippe difamou à Ordem e convenceu à Batata Clemente V de que os Templários não eram Santos defensores da fé católica, mas sim procuravam destruí-la.

Philippe fez uma exaustiva campanha contra os cavaleiros, e acusou aos Templários de atos odiosos de heresia e sacrilégio. Em 1307, a Batata deu a ordem que tinha estado esperando o rei: o direito para prender a todos os Templários na França, confiscar suas propriedades, e dirigir uma inquisição. Tal infame, sangrento, e retorcido julgamento dos Templários tinha começado.

Circenn se passou uma mão através do cabelo e franziu o cenho. prendeu-se aos cavaleiros, os tinha encarcerado e se valeram da tortura para que confessassem quão pecados Philippe tinha escolhido. Mais ainda tinham sido queimados na fogueira. No julgamento, não lhes tinha permitido aos cavaleiros nenhum advogado defensor; não lhes tinham permitido sequer saber os nomes de seus acusadores e se deu testemunho contra eles. O chamado "julgamento" tinha sido uma caça de bruxas, tortuosamente orquestrada para despojar aos Templários de suas fabulosas riquezas.

Adicionando um insulto a tais injúrias, a Batata tinha emitido um decreto papal que tinha suprimido a Ordem e negava seu reconhecimento. Os poucos cavaleiros que tinham tentado escapar do encarceramento ou a morte se tornaram proscritos, sem país nem lar.

Quando Circenn tinha compreendido que a queda dos cavaleiros era inevitável, apressou-se a encontrar-se com o Robert Bruce e, com a aprovação de este, tinha enviado sua palavra à Ordem de que lhes daria a bem-vinda a Escócia. Robert lhes tinha devotado amparo, e em troca, os poderosos monges-guerreros haviam tornado suas habilidades combativas contra Inglaterra.

O Templários eram guerreiros formidáveis, treinados em armamento e estratégia, e eram essenciais na causa de Escócia. Durante os últimos anos, Circenn tinha estado introduzindo-os furtivamente nas tropas do Bruce como comandantes, com o consentimento de este. Já os escoceses guerreavam melhor e levavam a cabo estratégias mais hábeis, ganhando batalhas menores.

Circenn sabia que se vacilava nesse momento, se começava a romper juramentos ou fazia algo que arriscasse a lealdade dos Templários, teria desperdiçado os últimos dez anos de sua vida, junto com seu amor por sua terra natal também.

Lisa não tinha nenhuma idéia de quanto tempo tinha passado desde que se sentou no chão. Mas tinha sido o suficiente para compreender que o tempo não passava de semelhante maneira nos sonhos. Se um se sentava em um sonho e não fazia nada, o sonho acabava ou continuava com alguma nova e incrível aventura colorida pelas sombras do absurdo. Absurdo como as proporções do corpo desse homem, pensou irritada.

Levantando do chão com suas mãos, fez uma pausa ao agachar-se e observou as pedras largas e plainas sob sua Palmas. Frescas. Duras. Secas, com o desprendimento de pó normal das pedras. Completamente tangível. Muito.

Erguida sobre seus pés, começou a examinar o que a rodeava.

A câmara era grande, iluminada por gordurentas e gordas velas. Nas paredes, formadas de maciços blocos de pedra, penduravam tapeçarias postas ao azar. Uma cama grande ocupava o centro do quarto, e vários cofres estavam pulverizados, com tecidos pulcramente pregados amontoadas em cima deles. O quarto era espartano, ordenado. O lar era a única concessão à atmosfera; não havia nem um só toque feminino nele. Fazendo uma pausa junto à banheira, colocou a mão na água; morna. Outra sensação muito tangível para negá-la.

Ela se aproximou do lar e retrocedeu ante a inconfundível sensação de calor. Estudou as chamas um momento e se maravilhou de que o resto do quarto fora tão frio quando o lar despedia semelhantes chama. Como se o fogo fora a única fonte de calor, pensou. Golpeada por essa noção, passeou pelo perímetro do quarto rapidamente. Sua suspeita foi imediatamente confirmada: não havia uma só estufa na câmara inteira. Nenhum radiador nas esquinas juntando pó. Nenhum pequeno metal se sobressaindo nos chãos. Nenhum encanamento ou, já que estava nessa linha, uma só tomada elétrica elétrica. Nenhum telefone. Nenhum armário. A porta era feita do que parecia carvalho sólido; nenhuma chapa.

Ela fez uma respiração profunda, tranquilizando-se, e se assegurou que devia ter passado por cima algo, pelo menos em termos de calefação. Rodeando o quarto uma segunda vez, inspecionou cada rincão e greta arrastando sua mão ao longo das paredes; outra maneira de comprovar a solidez de sua prisão. As gemas de seus dedos acariciaram uma tapeçaria espessa que encontrou baixo eles e parecia mais frio que as pedras. A malha áspera se estremeceu sob sua palma como se o vento o estivesse movendo do outro lado. Atraída por esse enigma, correu-o para um lado.

Perdeu a respiração ante um súbito golpe de ar. A vista da janela a sacudiu tão intensamente como uma martelada inesperada no estômago.

Ela olhou fixamente para fora, para uma noite nebulosa da antiga história.

Lisa, a cinquenta pés de altura, achava-se em um castelo de pedra sobre um promontório, em uma ilha rodeada por muito trovão. As ondas se lançavam sobre os penhascos rochosos, rompendo-se em espuma e envolvendo-se com a neblina que se formava redemoinhos sobre a superfície negra do oceano. Em um caminho empedrado com calhaus, homens que levam tochas se moviam silenciosamente entre o castelo e as dependências pequenas. O lamento distante de um lobo competia com os sons débeis das gaitas de fole. O céu noturno era de um purpúreo negriazul, tingido onde se encontrava com a água e dançando com milhares de estrelas e a foice magra da lua. Ela nunca tinha visto tantas constelações no Cincinnati; a fumaça e o halo de smog da cidade brilhantemente acesa obscureciam tal beleza. A vista da janela era impressionantemente severo, majestosa. Um vento amargo uivava sobre o mar e o promontório, ondeando a tapeçaria em sua mão.

Ela o deixou cair como se a tivesse queimado e este caiu sobre a janela, selando benditamente a inexplicável vista do exterior. Desgraçadamente, quando seus olhos enfocaram a tapeçaria, descobriu um novo horror. Estava brilhantemente tecido e também extraordinariamente detalhado: um guerreiro que montava um cavalo na batalha enquanto um exército de homens vestidos com tecidos escoceses ensangüentados o seguia. Ao fundo da tapeçaria, bordado em vermelho, havia quatro números que lhe roubaram o bom julgamento: 1314. Lisa andou até a cama e se afundou meigamente nela, sua energia vital esgotada pelos sustos sucessivos. Olhou a cama fixa e inexpressivamente por um momento; então sua mão se moveu e golpeou freneticamente o colchão ao comprovar outra parte de seu ambiente. Não há uma só mola aqui, Lisa. Levada por uma sensação crescente de pânico, atirou das mantas apertadamente envoltas e se distraiu momentaneamente pela fragrância obstinada ao linho. Seu aroma: espécies picantes, perigo... e homem.

Ignorando o desejo de enterrar seu nariz firmemente nos lençóis, arrastou o colchão, que era pouco mais que umas magras placas acomodadas entre si e feitas em uma malha cerdosa. Uma prancha de cerdas secas como de escova... o seguinte parecia cheio de um material lanzudo aterronado, e tinha a impressão de que em cima havia suaves plumas. Durante os seguintes vinte minutos, Lisa escrutinou a habitação, sentindo aumentar seu desespero. As pedras se sentiam frescas, o fogo se sentia quente. O líquido na taça perto da cama tinha um gosto horrível. Ela ouvia as gaitas de fole. Cada sentido que possuía estava alertado por essas provas. Distraídamente, elevou a mão para massageá-la nuca, e quando ela o fez, uma única gota de vermelho sangue brilhou em sua pele.

Compreendeu com certeza súbita que nunca devia haver meio doido essa garrafa. Embora desafiava qualquer explicação racional, não estava no Cincinnati nem no século XXI. Sentiu que sua última esperança de estar sonhando pendia de um tênue fio. Ela conhecia bem os sonhos. Mas isso era muito real para ser um sonho, detalhado além do que a habilidade de sua mente podia obter.

me dê a garrafa, tinha exigido ele.

Vê você isto? Isto é parte do sonho? Ela tinha estado surpreendida.

Mas agora, refletindo nisso, compreendeu que ele a tinha visto porque não era parte de um sonho. Era parte da realidade, sua realidade, uma realidade que ela compartilhava agora. Que essa era a garrafa que ela simplesmente havia meio doido, antes de que tivesse começado a sentir-se como se caísse, e a mesma garrafa que ele tinha exigido, parecia ser uma conexão muito lógica para existir dentro de um sonho. Tinha-a levado a garrafa de algum modo para um homem que tinha direitos de propriedade diretos ou indiretos sobre ela? E estava ela de verdade, nesse caso, no século XIV?

Com horror crescente, viu outros signos aterradores: sua estranha maneira de vestir, o olhar para sua roupa, como se nunca tivesse visto algo assim antes, a tina de madeira primitiva situada ante o fogo, o idioma estranho em que ele tinha falado, a tapeçaria na parede. Tudo indicava o impossível.

Desesperada-se, jogou um olhar ao redor do quarto, revisando-o de uma perspectiva diferente. Compreendeu que seu emprego no museu a tinha levado acreditar que parecia uma câmara medieval.

E todas as raridades tiveram seu perfeito sentido.

A lógica insistia em que ela estava em um castelo medieval de pedra, e segundo a tapeçaria pendurada da parede, em algum ponto do século XIV, apesar do improvável que fora.

Lisa conteve a respiração em um esforço frenético por tranquilizar-se. Não podia estar em alguma outra parte do tempo, porque se esta fosse Escócia medieval, Catherine estaria sozinha, uns setecentos anos no futuro. Sua mãe a necessitava desesperadamente e não tinha a ninguém mais em quem confiar. Isso era inaceitável. Quando se tratava de um sonho estranho, tinha-o relegado como um problema menor, mas agora era verdade. Um sonho teria sido fácil dirigir; no futuro ela teria despertado, sem importar as coisas horríveis que tivessem acontecido enquanto dormia. Se ela realmente estivesse no passado, como insistiam todos seus sentidos, tinha que voltar casa.

Mas como?

Deveria tocar a garrafa de novo? Enquanto ponderava essa possibilidade, ouviu passos no corredor, fora da habitação. Foi rapidamente para a porta, debatendo-se sobre se esconder-se detrás, mas em troca pressionou sua orelha contra ela. Seria inteligente descobrir tudo o que pudesse sobre seu ambiente.

-Pensa que o fará?- uma voz ecoou no vestíbulo.

Houve um silêncio comprido; depois um suspiro tão ruidoso que atravessou a madeira espessa.

-Isso acredito. Ele não toma seus juramentos à ligeira e sabe que a mulher deve morrer. Nada deve interferir em nossa causa, Duncan. Dunnottar deve sustentar-se, o bastardo do Edward deve ser derrotado, e devem honrá-los juramentos sagrados. Ele a matará.

Quando os passos se afastaram pelo corredor, Lisa se apoiou meigamente contra a porta. Não havia nenhuma dúvida em sua mente sobre a que mulher se referiam.

Dunnottar? Edward? Santo Deus! Ela não tinha viajado simplesmente através do tempo; tinha cansado totalmente na continuação do Braveheart!

CAPÍTULO 4

Era tarde na noite quando Circenn abriu a porta da antecâmara quedamente, apenas umas polegadas. Aparecendo através da estreita abertura, viu que o quarto estava às escuras. Só uma débil linha de luz de lua caía de atrás da tapeçaria. Ela deve estar dormindo, decidiu, o que lhe daria a vantagem da surpresa. Poderia terminar com isso rapidamente.

Abriu a porta, caminhou através do quarto com veloz serenidade, e rapidamente perdeu o equilíbrio. Quando caiu ao chão de sua antecâmara, amaldiçoou; o piso estava habilmente talher com afiados pedaços de alguns objetos de barro quebrados. Logo que teve tempo para compreender que tinha tropeçado com um cordão, tenso e diestramente pacote, quando foi golpeado na nuca por uma vasilha de barro.

-Pela Dagda, garota!- rugiu, rodando para um lado e sustentando-a cabeça-. Está tentando me matar?

-É obvio que sim!- vaiou ela.

Circenn não podia distinguir nada mais que um movimento impreciso na escuridão quando, para seu assombro e dor, lhe deu um chute na parte mais sensível de seu corpo, uma parte que a maioria das mulheres tocava com reverência. Quando se dobrou pelo sofrimento, suas mãos roçaram mais dos fragmentos dentados no chão, e fez uma careta de dor. Ela saltou por cima de seu corpo como uma gama assustada, dirigindo-se à porta aberta.

Embora atordoado pela dor, ele se moveu rapidamente. Sua mão saltou e a capturou pelo tornozelo.

-Deixa este quarto e estará morta- disse rotundamente-. Meus homens lhe matarão no momento em que lhe vejam.

-E qual é a diferença? Também quer fazê-lo!- gritou a jovem-. Me deixe partir!- deu inúteis chutes à mão atendida ao redor de seu tornozelo.

Ele grunhiu e golpeou a porta, fechando-a com seu pé. Então, atirando de seu tornozelo, fez-a perder o equilíbrio e a atraiu, fazendo que caísse em cima dele. Tinha tentado voltá-la para ele quando caísse para impedir que se golpeasse com qualquer dos objetos de barro que ela mesma tão tortuosamente tinha esparso, mas a moça resistiu e o golpeou, escapando de seu lado. aconteceu-se uma resistência e ela lutou com uma quantidade surpreendente de valor e força. Consciente de sua força muscular superior, ele enfocou seus esforços em dominá-la sem feri-la ou lhe permitir que se machucasse a si mesmo. Se alguém ia danificar a, esse seria ele.

Lutaram em silêncio, salvo seus grunhidos quando ela lançou um golpe particularmente doloroso e seus fôlegos quando ele finalmente capturou suas mãos e as sustentou sobre sua cabeça, estirando-a sobre suas costas no chão. Seu apertão quase perdeu força quando sua mão se fechou ao redor de uma banda de metal em sua boneca. Quando ele conteve seus braços energicamente, tirou-lhe o objeto e o pôs em seu sporran para inspecioná-lo mais tarde, já que poderia contribuir com pistas sobre sua identidade. Ele permitiu deliberadamente que o peso total de seu corpo lhe caísse em cima, sabendo que ela não poderia respirar. te submetia, pediu silenciosamente quando a moça se opôs a ele e tentou liberar-se.

-Eu sou mais forte que você, garota. te renda. Não seja tola.

-E permitir que me mate? Nunca! Eu ouvi seus homens-. Ela ofegou e tentou levar ar a seus pulmões enquanto se sentia esmagada sob seu peso.

Circenn franziu o cenho. Assim por isso ela tinha posto uma armadilha para ele. Devia ter ouvido por acaso ao Galan e Duncan quando se retiraram a seus quartos; obviamente haveriam dito algo sobre matá-la. Teria que falar com esses dois sobre o que era a discríção, possivelmente lhes ordenar que falassem em gaélico enquanto estivessem dentro das paredes do torreão. Ele se distraiu momentaneamente em sua concentração enquanto admirava seus recursos, e ela o aproveitou esmagando de repente sua frente em seu queixo, e machucando-o. Ele a sacudiu energicamente e se surpreendeu quando a mulher não somente não se rendeu, mas sim tentou golpeá-lo com a cabeça de novo.

Ela não mostrou nenhum sinal de deixar a luta, e ele compreendeu que o seguiria golpeando até que se deprimisse pela falta de respiração. Como a única parte de seus corpos que tinham livres eram suas cabeças, fez a única coisa que pôde pensar: beijou-a. Seria impossível para ela cabecear com seus lábios pressionados contra os seus, e ele tinha aprendido fazia tempo que a melhor maneira de controlar uma luta era entrar no espaço de seu inimigo tão longe como fora possível. Usou os nervos de aço que necessitava para controlar os seis pés e sete polegadas de duro Brodie em apenas um batimento do coração de coração.

Mas enquanto se felicitava pela estratégia inventada que tinha empregado para lhe impedir que seguisse lhe pegando com a única parte de seu corpo que poderia mover, ele reconheceu seu próprio autoengano. Tinha querido beijá-la do momento em que ela se materializou frente a seu banho: outra violação de suas cuidadosas regras. Sabia que a intimidade física com essa mulher poderia enviesar sua imparcialidade. Mas sua escaramuça o tinha posto no contato com cada polegada de seu corpo,

suas curvas se apertavam contra toda sua dura longitude como se estivessem nus, e com sua emboscada feroz e inteligente o tinha atraído ainda mais que com sua beleza.

Ele tinha o aroma dela em seus orifícios nasais: medo e mulher e fúria. Fez-o endurecer como uma rocha.

Circenn procurou dominá-la com seu beijo, lhe fazer entender sua supremacia completa, mas a compressão de seus seios sob seu assumo o incitou, e ele se encontrou mergulhando sua língua entre seus lábios com a intenção de seduzir em lugar de conquistar. deu-se conta do momento em que seus beijos deixaram de ser uma maneira de controlá-la e se voltaram um desejo selvagem de agradar seu apetite por essa mulher. Todo ele precisava fazer a um lado seu plaid, lhe tirar suas estranhas calças, e empurrar-se dentro dela. A tentação era deliciosa.

Sua respiração se agitou, soando áspera em seus próprios ouvidos. Tinha passado muito tempo desde que tinha estado com uma mulher, e seu corpo se sentia rigidamente confinado. Dobrando-se sobre si mesmo, retirou-se o suficiente para deter a dolorosa pressão de sua excitação contra o berço de seus quadris.

Quando ela ficou imóvel baixo ele, obteve o que queria. Relutante a perdê-la plenitude de seu lábio inferior, chupou-o antes de apartar-se. Olhou-a fixamente, tendida baixo ele; seus olhos fechados, suas onduladas pestanas escuras contra suas bochechas.

-vais matar me agora?- sussurrou a moça.

Circenn a olhou estupefato, debatendo-se em conflitivos pensamentos que batalhavam dentro dele. Durante a resistência, ele tinha tirado seu dirk, e agora o tinha posto contra sua garganta. Um afundamento veloz e tudo teria terminado. Conciso, misericordioso, simples. Seu juramento se cumpriria, e não seria necessário nada mais para tirar-se a garota de cima, silenciar seu coração para sempre e poder voltar para seu mundo cuidadosamente orquestrado. Os olhos da jovem se alargaram com alarme quando sentiu a fria folha de metal contra sua pele.

Ele cometeu o engano de olhá-los fixamente. Fechou os olhos e endureceu sua mandíbula. Faz-o, ordenou-se a si mesmo, mas seus dedos não obedeceram, esticando-se ao redor da asa da faca curta. Faz-o!, arreganhou-se. Perversamente, seu corpo se endureceu contra ela, e sentiu uma súbita onda de desejo, de deixar cair a faca e beijá-la de novo.

Mata-a agora! exigiu-se a si mesmo.

Nenhum só de seus dedos se moveu. A faca parecia inútil contra sua pele.

-Não posso morrer agora- sussurrou ela-. Nem sequer vivi ainda.

Os músculos de seu braço reconheceram a derrota antes de que o fizesse sua mente. Nenhuma outra palavra que ela houvesse dito poderia havê-lo desanimado mais. Nem sequer vivi ainda. Uma súplica eloqüente para saborear o que vida tinha para lhe oferecer, e, se ela o compreendia ou não, revelava muito. Dizia-lhe muito sobre ela.

Seu braço se relaxou, e ele tirou a faca de sua garganta com muita mais facilidade do que o tinha posto. Ele murmurou uma maldição quando jogou um olhar pelo quarto e afundou o dirk na porta com um som satisfeito.

-Não, garota, não te matarei-. Não esta noite, acrescentou silenciosamente. Interrogaria-a, estudaria-a, determinaria sua conduta. Julgaria-a: culpado ou inocente. Se encontrasse evidências de algum subterfúgio ou de uma personalidade pouco profunda ou ambiciosa, sua faca encontraria facilmente o caminho, assegurou-se a si mesmo-. Preciso te fazer algumas perguntas. Se lhe Libero, sentará-se quedamente na cama e me responderá?

-Sim. Já não posso respirar- adicionou ela-. Depressa.

Circenn trocou o peso de seu corpo para que não descansasse totalmente sobre ela. Lhe permitiu recuperar sua liberdade lentamente, para que ela entendesse que era ele quem o permitia. Não era uma liberdade que tivesse ganho nem que poderia esperar sempre. Ele concedia seus movimentos, permitia suas ações. Era imperativo que entendesse que seu domínio sobre ela era absoluto.

Obrigou-a a manter um contato íntimo apesar de seu incômodo estado de excitação, quando ela deslizou seu corpo de debaixo do dele. Era uma amostra completamente masculina de dominação. Deu-lhe pouco espaço para que ela se ajoelhasse; tornou-se para trás lentamente para forçá-la a vacilar sobre seus pés e agarrar-se a seus ombros, o que pôs seus lábios apenas a um suspiro dos seus. Ele estaria em cima dela até que obedecesse suas ordens.

Ela manteve seu olhar desafiantemente apartada e se negou a olhá-lo enquanto se apoiava nele para levantar-se. Se tivesse encontrado seu olhar, garota, te teria empurrado mais longe, pensou ele, mas se ela tivesse tido suficiente desafio para fazê-lo, ele teria provocado sua submissão de alguma outra maneira. levantou-se junto com ela para que seus corpos se tocassem em muitos pontos de contato, e não sentiu saudades ouvi-la conter súbitamente a respiração quando ele se moveu deliberadamente para que seu seios acariciassem seu abdômen. Conduziu-a para a cama e, com um brando empurrão a sentou nela.

Então lhe deu as costas como se ela não fora nada, não constituía nenhuma ameaça, insignificante. Outra lição que devia aprender era que ele não tinha nada que temer dela: podia lhe dar as costas com impunidade. Seu movimento tinha como segunda intenção a de dar-se tempo para sufocar seu desejo. O homem fez várias respirações profundas, jogou o ferrolho à porta do interior, tirou seu dirk da madeira e o limpou em sua bota. dedicou-se a afiá-lo antes de voltar a enfrentá-la. Para então já respirava uniformemente e seu plaid estava cuidadosamente fechado à frente. Ela não precisava saber que seu forçoso confinamento tinha tido seu efeito nele.

A jovem tinha enterrado a face entre suas mãos e seu cabelo acobreado escorregava como um outono luminoso até seus joelhos. Circenn se recordou não olhar as largas pernas que essas calças revelavam. Escassamente ocultas pela malha azul pálida, um homem poderia seguir a linha magra de seus tornozelos baixo as torneadas pantorrilhas e as coxas bem formadas até a feminina e privada V entre eles. Essas calças poderiam seduzir até a um Grande Professor Templário.

-Quem é?- começou ele quedamente. Utilizaria uma voz afável até que ela demonstrasse algum tipo de resistência. Então poderia lhe gritar. Com certa diversão, concedeu a probabilidade de que a moça gritaria a sua vez.

-Meu nome é Lisa- murmurou a jovem detrás de sua Palmas. Uma boa resposta, obediente e veloz.

-Lisa, eu sou Circenn Brodie. Teria desejado que nos tivéssemos encontrado sob circunstâncias diferentes, mas não o temos feito, e devemos fazer o melhor que possamos. Onde encontrou minha garrafa?

-No museu onde trabalho- disse ela monótonamente.

-O que é um museu?

-Um lugar onde se exibem tesouros e artefatos.

-Estava minha garrafa em uma exibição? Para que as pessoas a vissem?- perguntou ele indignado. Não tinha funcionado a maldição?

-Não. Só tinha sido achada e ainda estava no cofre. Não tinha sido posta ainda em exibição-. Ela não levantou sua cabeça de entre suas mãos.

-Ah, porque o cofre não tinha sido aberto. Foi primeira em tocá-la.

-Não, dois homens a tocaram antes de que eu o fizesse.

-Viu-os tocar de verdade a garrafa?-. Ela permaneceu calada um comprido momento.

-OH, meu Deus, as pinzas!- exclamou depois. Levantou a cabeça e o olhou fixamente com uma expressão de horror-. Não. Não os vi tocá-lo realmente. Mas havia um par de pinzas que ficaram ao lado do cofre. Poderia apostar que Steinmann e seu companheiro não tocaram o cofre ou a garrafa absolutamente! O que foi o que me fez tocar a garrafa? Sabia que não devia me haver metido em assuntos que não fossem meus.

-Isto é muito importante, moça. Deve me responder com a verdade. Sabe o que contém a garrafa?

Lhe devolveu um olhar de inocência absoluta. Ou era uma atriz consumada ou estava dizendo a verdade.

-Não. O que?

Atriz ou inocente? Ele se esfregou a mandíbula enquanto a estudava.

-De onde é, moça? Da Inglaterra?

-Não. Do Cincinnati.

-Onde fica isso?

-Nos Estados Unidos.

-Mas fala inglesa.

-Nossos antepassados fugiram faz várias centenas de anos da Inglaterra. Uma vez, meus compatriotas foram ingleses. Agora nos chamamos americanos.

Circenn o meditou inexpressivamente. Um olhar de súbita revelação cruzou pelo rosto feminino, e ele se perguntou a que se deveria.

-Parva de mim. É obvio, possivelmente não pode entendê-lo. Os Estados Unidos estão longe, atravessando o mar de Escócia- disse ela-. Nós não gostávamos da Inglaterra, por isso posso simpatizar contigo- disse tranqüilamente-. Provavelmente nunca tenha ouvido de meu país, mas estou muito longe dele e é indispensável que retorne. Logo.

Quando ele agitou sua cabeça, negando, a mandíbula da moça se contraiu, e Circenn sentiu uma labareda de admiração; era uma lutadora até o final. Suspeitava que se tivesse tentado matá-la, não teria havido nenhuma súplica de seus lábios, mas sim juramentos de vingança no amargo final.

-Temo que não posso te enviar de novo justamente agora.

-Mas você pode me retornar em algum momento? Sabe como?-. Ela conteve a respiração e esperou a resposta.

-Estou seguro de que nós poderemos dispô-lo- disse ele evasivamente. Se ela fosse de uma terra ao outro lado do mar, e se ele pudesse encontrar uma maneira de aceitar que não devia assassiná-la, poderia encontrar um navio onde instalá-la, se decidia soltá-la. O fato de que ela estivesse longe poderia fazer mais fácil para ele o liberá-la, porque era duvidoso que sua pátria tivesse algum interesse em Escócia; e uma vez ela se foi, possivelmente poderia obrigar-se a si mesmo a esquecer que tinha quebrado uma regra. Fora da vista, fora de sua mente. Sua aparição no torreão poderia ser de verdade um imenso engano. Mas como teria chegado o cofre até uma terra tão longínqua?

-Como obteve seu museu meu cofre?

-Eles enviam pessoas para procurar estranhos tesouros.

-Quais são "eles"?- perguntou ele rapidamente. Talvez ela era inocente, mas possivelmente os homens que tinha mencionado não fossem.

-Meus patrões-. Seu olhar flutuou para a sua, então a apartou.

Ele estreitou seus olhos e a estudou pensativamente. por que tinha afastado ela seu olhar? Parecia estar fazendo um genuíno esforço para comunicar-se com ele. Embora não viu nenhum signo sinceramente decepcionante, deu-se conta de seus fortes emocione; havia coisas que ela não estava lhe dizendo. Enquanto ponderava a direção de suas perguntas, ela o desconcertou ao lhe perguntar a sua vez:

-Assim é como me enviou através do tempo? É magia?

Circenn soltou um suave assobio. Pela Dagda, De quão longe tinha vindo essa moça?

Lisa estava sentada na cama esperando ansiosamente sua resposta. Encontrava difícil olhá-lo, em parte porque a assustava e em parte porque era condenadamente formoso. Como se supunha que ela pensasse nele como no inimigo quando seu corpo, sem consultar a sua mente nem um instante, já tinha decidido que gostava? Nunca havia sentido semelhante atração visceral, foto instantânea. Esmagada debaixo de seu corpo, alagou-se de um frenético desejo sexual que tinha atribuído ao temor de morrer; tinha lido em alguma parte que isso às vezes acontecia.

obrigou-se a permanecer imóvel para não trair o pânico que sentia nem sua inaceitável fascinação para ele. Nos últimos minutos, transportou-se do medo e a raiva porque sua vida poderia acabar tão miseravelmente, até o assombro quando ele a tinha beijado. Agora ela permanecia em precavida quietude.

Compreendeu que o homem tinha um lhe intimidem idioma corporal, assegurando que estava completamente ao mando, e a menos que pudesse tomá-lo despreparado não tinha nenhuma oportunidade de escapar. Já tinha desperdiçado sua melhor ocasião de tomá-lo com o guarda baixo quando o tinha emboscado na porta. Ele estava muito por cima dos seis pés e meio de alto, mais maciço que qualquer jogador de futebol profissional ela alguma vez tivesse visto, e não se teria surpreso de que ele pesasse mais de trezentas libras de músculo sólido. Este homem não podia negar algo; era um predador natural e um guerreiro, e estudava cada movimento e expressão. Imaginou que poderia cheirar suas emoções. Não atacavam os animais quando farejavam o medo?

-Já vejo que devo me aproximar disto de um ângulo diferente, moça. De quando é você?

Ela se obrigou a olhá-lo. Ele se tinha sentado no chão e se apoiava contra a porta, suas pernas nuas e poderosas estendidas diante dele. A manga enfiada de sua faca se destacava em sua bota. Havia uma gota de sangue descendendo de sua têmpora e seu lábio inferior estava inchado. Quando o limpou ausentemente com o reverso da mão, os tendões e músculos ondearam em seu antebraço.

-Está sangrando.

O comentário corriqueiro saiu de sua boca. E levava um tartán, maravilhou-se ela. Um plaid de verdade, tecido em vermelho e negro, descansava sobre seu corpo e revelava descuidadamente muito mais do que ocultava.

A esquina de seu lábio se curvou.

-Imagine -mofou-se ele-. Fui emboscado por uma rancorosa banshee e agora estou sangrando. Tropecei-me, esmagaram-me a cabeça a golpes, rodei em cima de objetos quebrados, deram-me cabaçadas, chutaram-me no...

-Sinto muito.

-Deveria fazê-lo.

-Estava tentando me matar- defendeu-se Lisa-. Como te atreve a te zangar comigo quando eu deveria estar zangada primeiro? Você começou.

Ele passou uma mão impaciente através de seu cabelo.

-Sim, e agora o estou terminando. Disse-te que decidi não te matar no momento, mas quero informação de ti. Tenho cinquenta homens fora desta porta- ele assinalou por cima de seu ombro com o dedo polegar- que necessitarão razões para confiar em ti e te permitir viver. Embora seja o laird aqui, não posso te guardar em uma caixa forte todo o tempo se não dá razões acreditáveis a meus homens de que não é uma ameaça.

-por que alguém quereria me matar em primeiro lugar? O que tenho feito?

-Eu estou a cargo das perguntas, moça.

Com deliberada calma, ele cruzou os braços sobre o assumo.

Lisa não tinha nenhuma dúvida de que ele tinha ensaiado essa pose para marcar um ponto. Fazia que todos os músculos de seus braços se juntassem e lhe recordassem quão pequena era ela em comparação, inclusive com seus cinco pés e dez polegadas. Também aprendeu outra lição: ele poderia ser amável, inclusive demonstrar senso de humor, mas sempre era mortífero, sempre estava ao mando.

-Claro- disse ela secamente-, mas poderia ajudar que eu entendesse por que me considera uma ameaça, para começar.

-Por isso está na garrafa.

-O que há nela?- perguntou; então se repreendeu por sua incessante curiosidade. Sua desencaminhada curiosidade a tinha metido nessa situação.

-Se não souber, sua inocência te protegerá. Não me pergunte de novo.

Lisa conteve um suspiro nervoso.

-De quando é você?- perguntou o homem brandamente, voltando para sua pergunta inicial.

-Do século XXI.

Ele pestanejou e sacudiu a cabeça.

-Esperas que cria que você é de um tempo setecentos anos no futuro?

-Esperas que eu cria que estou no século XIV?- replicou ela, incapaz de ocultar uma nota de teima em sua voz. por que esperaria ele que essa loucura fora mais fácil de compreender para ela?

Um rápido sorriso se acendeu na face do homem, e ela respirou mais facilmente, mas então o sorriso desapareceu e ele de novo se converteu no remoto selvagem de antes.

-Esta conversa não é sobre ti, moça, o que pensa ou o que crie. É sobre mim, e se posso encontrar uma razão para confiar em ti e te permitir viver. Sua chegada do futuro e seus sentimentos sobre estar aqui não me dizem nada. É irrelevante de onde ou quando é você. O fato é que está agora aqui e te tornaste meu problema. E eu não gosto dos problemas.

-Então me envie a casa- disse ela com uma voz pequena-; isso deveria resolver a questão.

A jovem retrocedeu quando seu intenso olhar se fixou em sua face. Seus olhos escuros olharam através dos seu e por um incomensurável espaço de tempo, não pôde apartar o olhar.

-Se for do futuro, quem é o rei de Escócia?- perguntou ele sedosamente.

Ela lançou um suspiro precavido.

-Sinto-o mas não sei; nunca segui a política- mentiu. Certamente não ia dizer lhe a um guerreiro que estava lutando contra reis e países que setecentos anos depois, Escócia ainda não tinha um rei reconhecido. Poderia não ter um título universitário, mas não era uma completa estúpida.

Seus olhos se entrecerraram e ela teve a misteriosa sensação de que ele estava calibrando muito mais que suas expressões faciais. Finalmente o homem disse:

-Aceito isso. Poucas mulheres seguem a política. Mas possivelmente sabe sua história?- animou-a brandamente.

-Sabe você costure de faz setecentos anos?- Lisa se evadiu e intuiu rapidamente para onde se dirigia. Ele queria saber quem ganhou que batalha e quem lutou onde, e o seguinte que compreendeu era que todo se enredaria e modificaria o futuro. Se realmente estava no passado, não ia participar instigando caos mundiais.

-Muitas- disse ele arrogantemente.

-Bem, eu não. Sou simplesmente uma mulher- respondeu ela com tanta ingenuidade como pôde.

Ele o considerou, e a esquina de seu lábio se elevou em uma semisonrisa.

-Ah, moça, decididamente, você não é "simplesmente" uma mulher. Suspeito que seria um imenso engano te julgar tão superfluamente. Tem um clã?

-O que?

-A que clã pertence?-. Quando ela não respondeu, ele disse-; Têm clãs no Cincinnati?

-Não- disse Lisa sucintamente. Ele não tinha que preocupar-se porque alguém tentasse resgatá-la; ela logo que tinha uma família. O seu era um clã de dois, e a gente estava morrendo.

Ele fez um gesto impaciente com suas mãos.

-O nome de seu clã, moça. Isso é todos que pergunto. Lisa que mais?

-OH, quer saber meu sobrenome! Stone. Lisa Stone.

Seus olhos se alargaram com incredulidade.

-Como pedra? Ou canto rodado?- Nenhuma semisonrisa esta vez: uma careta completa encurvou seus lábios, e o impacto foi devastador.

Seus dedos ardiam por tocá-lo. É o inimigo, recordou-se.

-Não! Como Sharon Stone. A famosa atriz- adicionou ela ante seu olhar desconcertado.

Seus olhos se entrecerraram.

-Descende de uma linha de atrizes?- demandou ele.

Que demônios haveria dito de equivocado?

-Não-. Suspirou-. Era um intento de piada, mas não é cômico porque não sabe o que quis dizer. Meu sobrenome é Stone, embora...

-Quão parvo pensa que sou?- ele ecoou das palavras exatas que lhe havia dito fazia só umas horas sobre seu nome-. Lisa Rock? Isso não é possível. Logo que poderia te apresentar a meus homens, se é que o dito, como Lisa Stone. O mesmo poderia lhes dizer que é Lisa Mud ou Lisa Straw. por que tomariam seus ancestrs o nome de uma pedra?

-É um nome absolutamente respeitável- disse ela rigidamente-. Sempre o pensei como um nome forte, como eu: capaz de resistir as calamidades, enérgico e destro. As pedras têm uma certa majestade e mistério. Você deve sabê-lo, sendo de Escócia. Não são suas pedras sagradas?

Ele ponderou suas palavras um momento e assentiu com a cabeça.

-É certo. Não o tinha considerado dessa maneira, mas sim, nossas pedras são formosas e valorizam os monumentos de nossa herança. Assim é Lisa Stone. Disse seu museu onde encontraram meu cofre?- ele reassumiu sua inquisição friamente.

Lisa refletiu e tentou recordar a discussão que tinha ouvido por acaso quando se escondeu sob o escritório do Steinmann.

-Enterrado baixo algumas pedras perto de uma ribeira em Escócia.

-Ah, começa a ter sentido- murmurou ele-. Não me ocorreu ao amaldiçoá-lo que se meu cofre não fora descoberto durante séculos, a pessoa que o tocasse teria que viajar através do tempo e o espaço-. Ele agitou sua cabeça-. Tenho pouca paciência para este assunto das maldições.

-Também parece que tem poucas aptidões para ele-. As palavras saíram de sua boca antes de que ela pudesse as deter.

-Funcionou, ou não?- replicou ele rigidamente.

te cale, Lisa, advertiu-se a si mesmo, mas sua língua não lhe emprestou atenção.

-Bom, sim, mas não pode julgar algo simplesmente por seu resultado. O fim não necessariamente justifica os meios.

Ele sorriu fracamente.

-Minha mãe estava acostumada dizer isso.

Mãe.

Lisa fechou os olhos. Deus, como desejava mantê-los fechados e possivelmente faria que todo se desvanecesse. Não importava quão fascinante, quão magnífico era ele, ela tinha que sair dali. Enquanto falavam, em alguma parte no futuro, a enfermeira noturna estava sendo relevada pela enfermeira de dia, e sua mãe a estaria esperando desde fazia horas em casa. Quem verificaria que seus remédios eram corretamente subministrados pelas enfermeiras, que fora a dose correta? Quem

sustentaria sua mão enquanto dormia para que, se partia, não morrera sozinha? Quem cozinhar suas refeições favoritas para tentar seu apetite?

-me amaldiçoe de novo- rogou ela.

Ele considerou a intensidade com que tinha falado e ela teve de novo a sensação de ser examinada em um nível ainda mais profundo. Seu olhar tinha uma pressão quase tangível. depois de um comprido silêncio, ele disse:

-Moça, não posso te enviar de volta. Não sei como fazê-lo.

-Quer dizer que você... o que você não sabe como?- exclamou ela-. Não teria que tocar a garrafa?

Ele sacudiu sua cabeça em um gesto cortante de negação.

-Esse não é o poder da garrafa. Viajou através do tempo porque era uma parte incidental da maldição. Não sei te enviar de retorno a casa. Quando disse que foi do outro lado do mar, pensei que poderia te pôr em um navio e poderia navegar até casa, mas sua casa está a setecentos anos.

-Amaldiçoa algo mais para me enviar de volta!- soluçou ela.

-Garota, não funciona assim. As maldições são umas pequenas criaturas matreiras e ninguém pode dominar o tempo.

-Então o que vais fazer comigo?- perguntou ela fracamente.

Ele se levantou, sua face desprovida de expressão, e foi uma vez mais o senhor guerreiro, gelado e remoto.

-Direi-lhe isso quando o dita, moça.

Ela deixou cair sua cabeça entre suas mãos e não precisou olhar para saber que ele tinha deixado o quarto e estava encerrando-a de novo com chave. Ofendeu-a que tivesse tanto controle sobre ela, e sentiu uma necessidade lhe esmaguem de ter a última palavra, embora fora um impulso infantil. Decidiu que fazendo pequenas demandas desde o começo poderia fortalecer sua posição.

-Bem, vais matar me de fome?- gritou à porta fechada. Também tinha aprendido fazia anos que mostrar-se desafiante impedia que as lágrimas caíssem. Às vezes a irritação era a única defesa que alguém tinha.

Ela não estava segura se tinha ouvido o retumbar de uma risada ou se o tinha imaginado.

CAPÍTULO 6

Lisa despertou dolorida, com os músculos duros e uma contractura no pescoço por dormir sem travesseiro; sensações tão tangíveis que pareciam lhe gritar: bem-vinda à realidade. Estava surpreendida de ter podido dormir sequer, mas o esgotamento tinha superado finalmente sua paranóia. Tinha dormido com a roupa posta e suas calças jeans se sentiam rígidos e incômodos. Estava geada, a camiseta retorcida ao redor do pescoço, o sustento desabotoado, e lhe doía a parte mais baixa das costas pelos colchões aterrorados.

Suspiro e rodou sobre suas costas, estirando-se cautelosamente. Enquanto dormia, tinha tido sonhos ansiosos, sinistros, mas tinha despertado na mesma câmara de pedra. Isso o confirmou: não tinha sido um sonho. Se ficavam algumas duvida, desintegraram-se à luz pálida de alvorada que delineava os borde das tapeçarias brandamente estremecidas. Nenhum pesadelo poderia conjurar a comida nauseabunda com a que se afogou a noite anterior; em nenhum sonho se teria rodeado subconscientemente com detalhes tão primitivos. Fecunda como era sua imaginação, não era sádica.

Embora, refletiu, Circenn Brodie era indiscutivelmente o material com que se constrói os sonhos.

Ele a tinha beijado. Tinha baixado sua boca até a seu e o contato de sua língua tinha enviado uma onda de calor através de seu corpo, apesar de seu medo. Ela tinha tremido, realmente estremecida da cabeça até os dedos dos pés, quando seus lábios tinham esmagado os seus. Tinha lido sobre coisas como essas mas nunca as tinha experiente. antes de dormi-la noite anterior, tinha arquivado cada detalhe do beijo em sua memória, um tesouro que não tinha preço no museu ermo de sua vida.

por que a tinha beijado ele? Tinha sido intencionado e controlado; ela tinha imaginado que se ele tocava assim a uma mulher em uma carícia disciplinada, não podia imaginar o beijo que lhe tinha dado ainda mais feroz, quente e desinibido. Arrematando no selvagem, imensamente sedutor, fazia a uma mulher querer jogar a cabeça para trás e choramingar de prazer enquanto ele a embriagava. Ele era experiente, e ela sabia que estava fora da liga do Circenn Brodie.

Deve ter sido uma estratégia, decidiu; o homem exalava estratégias. Possivelmente tinha pensado seduzi-la para obter seu consentimento. Unindo sua aparência com a sexualidade escura que exsudava, controlava provavelmente a todas as mulheres de sua vida de semelhante maneira.

-Alguém que por favor me ajude- sussurrou brandamente-. Não posso tirar-me o da cabeça.

Empurrando a lembrança de seu beijo longe de sua mente, estirou seus braços em cima de sua cabeça, comprovando os cardeais de sua escaramuça da noite anterior. Quando de repente ouviu um escavar na porta e um suave som de deslizamento, manteve os olhos fechados e pretendeu estar dormida. Não estava lista para enfrentá-lo essa manhã.

-Bom, venha já, muchachita! Quer escapar fingindo uma mentira para estar de cama todo o dia- disse uma voz travessa.

Os olhos da Lisa se abriram em seguida. Um moço estava de pé a seu lado e aparecia para ela.

-Och, é uma muchachita muito formosa!- exclamou ele. O menino tinha o cabelo castanho avermelhado, uma careta graciosa, e os olhos e a pele extraordinariamente escuros. Seu queixo era bicudo, seus maçãs do rosto altos. Um menino bastante real, pensou ela.

-Vêem! me siga!- gritou ele. Quando saiu do quarto, Lisa jogou as mantas para trás e saiu pela porta atrás dele sem pensá-lo duas vezes. Céus, o moço era rápido! Ela tinha que estirar suas largas pernas para lhe manter o passo quando ele se deslizou rapidamente por cima das pedras para uma porta ao final do escuro corredor.

-Aqui, rápido!- gritou o menino, enquanto atravessava a porta.

Se não tivesse sido um menino, ela nunca o teria seguido cegamente, mas ao despertar e ter a oportunidade de escapar por meio de um pirralho inocente, fez a um lado seu sentido comum, e se encontrou seguindo-o para um pequeno torreão. Quando ela entrou também, ele fechou a porta rapidamente. encontraram-se de pé em um quarto redondo de pedra, com escadas que se desdobravam para cima e para baixo. Quando ele agarrou sua mão e começou a atirar dela para baixo pelos degraus, os olhos da Lisa se entrecerraram sospechosamente. Quem era esse menino e por que tentava ajudá-la a fugir? Ela resistiu a seu apertão tão repentinamente que ele tropeçou para trás.

-Espera um minuto-. Ela o sustentou pelos ombros-. Quem é você?

O moço se encolheu de ombros inocentemente e se desfez de suas mãos.

-Eu? Simplesmente um pequeno moço que anda pelo torreão. Dinna fash yerself, muchachita, ninguém me nota. Eu vim a te ajudar a escapar.

-por que?

O moço se encolheu de ombros de novo, um apressado acima e abaixo de seus ombros magros.

-Importa? Desejas fugir?

-Mas onde iria?- Lisa fez várias respirações profundas e tentou limpar-se. Precisava pensá-lo bem. O que conseguiria escapando do torreão?

-longe daqui- disse o menino, irritado por sua estupidez.

-E aonde?- repetiu Lisa, quando sua mente sonolenta finalmente começou a funcionar com um pouco de inteligência-. Para seguir os acampamentos do Bruce? ir conversar com o filho do Longshank?- disse secamente.

-Crie que sou um espião?- exclamou ele indignado.

-Não! Mas onde poderia ir? Escapar do torreão é só o primeiro de meus problemas.

-Não tem casa, muchachita? - ele perguntou, perplexo.

-Não neste século- disse Lisa deixando cair ao chão com um suspiro. A adrenalina tinha alagado seu corpo com a perspectiva do escapamento; vencida finalmente pela lógica, fugiu de suas veias tão rapidamente como tinha chegado, e sua súbita ausência a fez sentir débil. Julgando a frieza da parede detrás de suas costas e o ar gelado que circulava através da torre, fazia frio fora. Se escapasse, o que comeria? Onde iria? por que escapar quando não tinha nenhum lugar onde refugiar-se? Olhou ao moço, que parecia cabisbaixo.

-Não sei o que quer dizer, só pensei em te ajudar. Sei o que esses homens fazem às muchachitas. Não é agradável.

-Obrigado pela segurança que me dá- disse Lisa secamente. Estudou ao menino por um momento. Seu olhar era luminoso e direto, e seus olhos pareciam velhos para uma face tão jovem.

Ele se afundou no chão ao lado dela.

-Assim, o que posso fazer eu por ti, muchachita- perguntou abatidamente- se não ter casa e eu poderia te liberar?

Havia uma coisa em que ele poderia ajudá-la, compreendeu a jovem, porque certamente não lhe faria essa pergunta ao ilustre Circenn Brodie.

-Eu necessito um... um... Bebi muita água- informou cuidadosamente.

Uma careta de mercúrio se acendeu por sua face.

-Espera aqui-. Ele baixou os degraus. Ao retornar, levava uma cubeta, um objeto de barro que parecia idêntico ao que ela tinha estrelado na cabeça do Circenn a noite anterior.

Ela o considerou, incerta.

-E então, isso o que é?

-Usa-o, então o descarrega fora da janela- disse ele como se ela fora tola.

Lisa fez uma careta de dor.

-Não há nenhuma janela nesta torre.

-Eu o descarregarei para ti- disse ele simplesmente, e ela compreendeu que essa era a maneira em que se faziam as coisas ali. O menino teria descarregado centenas deles provavelmente em sua curta vida.

-Och, mas te darei agora um momento a sós- adicionou, e baixou de novo os degraus.

Acorde a sua palavra, ele voltou em uns minutos e saiu uma terceira vez com a cubeta.

Lisa se sentou nos degraus e esperou a volta do moço. Suas opções eram limitadas: poderia escapar do castelo bobamente e provavelmente morrer ali fora, ou voltar para seu quarto e estar tão perto de seu inimigo como fora possível, esperando encontrar a garrafa, que, queria acreditar, poderia ser um ingresso de ida e volta. Ou era isso ou aceitar que estava condenada para sempre a viver no século XIV, e com sua mãe agonizante em casa, morreria antes que aceitar esse destino.

-me fale sobre o Circenn Brodie- disse quando o moço voltou. Ele se sentou no degrau a seu lado.

-Que desejas saber?

Beija ele a todas as garotas?

-É um homem justo?

-Não há nenhum mais formoso- assegurou-lhe o moço.

-Como em honorável, não atrativo- esclareceu Lisa.

Ele sorriu abertamente.

-Sei o que quis dizer. O laird é um homem justo, não é dos que fazem julgamentos apressados.

-Então, por que estava tentando me ajudar a escapar?

Outro encolhimento de ombros.

-Ouvi seus homens falar ontem à noite de te matar. Pensei que se ainda respirava esta manhã, ajudaria-te a te liberar-. Sua face magra se acalmou e seus olhos se fizeram distantes-. Meu MA foi assassinada quando eu tinha cinco anos. Eu não gosto de ver uma muchachita sofrer. Poderia ser a MA de alguém- os inocentes olhos castanhos procuraram os seus.

O coração da Lisa sangrou pelo moço órfão de mãe. Ela entendia muito bem toda a dor de perder a uma mãe. Ela esperava que seu "MA" não sofresse muito tempo, que encontrasse uma morte veloz e misericordiosa. Levou brandamente para trás o cabelo enredado de sua frente. Ele se apoiou em sua mão como se estivesse faminto dessas carícias.

-Qual é seu nome, moço?

-Pode me chamar Eirren, se quiser algo de mim- disse ele com uma careta coquete.

Ela agitou sua cabeça em recriminação simulada.

-Quantos anos tem?

Ele arqueou uma sobrancelha e sorriu abertamente.

-Os muitos para saber quando uma moça é bonita. Posso não ser ainda um homem, mas um dia o serei, por isso estou praticando tudo o que posso.

-Incorrigível- murmurou ela.

-Não, simplesmente tenho treze anos- ele disse facilmente-. Da maneira em que o vejo, um moço pode ir mais longe que um homem, por isso sou melhor que todos agora. Que mais deseja saber, moça?

Está casado?

-Que tipo de esposa poderia lhe gostar da um homem como ele?

Ela poderia haver-se dado de chutes no momento que o disse, mas decidiu que Eirren não entenderia seu interesse.

-Quer fazê-lo com ele?- perguntou Eirren curiosamente.

Fazê-lo? Lisa se confundiu por um momento.

-OH! - disse, quando compreendeu o que ele tinha querido dizer-. Detenha!- exclamou. Não pode pensar assim! É muito jovem.

Ele sorriu abertamente.

-Cresci rodeado de homens, como poderia não fazê-lo? Não tive uma MA em muito tempo.

-Bem, necessita uma- Lisa disse brandamente-. Ninguém deve estar sem uma mãe.

-Beijou-te?

-Não!- mentiu apressadamente. Inclinou a cabeça e deixou que seu cabelo da cor do outono escondesse o rubor ante esse moço muito perceptivo.

-É um parvo, então- disse Eirren com sua careta travessa-. Bem, muchachita, não há ninguém melhor que você para decidir que deseja fazer. Se não for, é que fica, e se fica, o melhor é que retorne ao quarto antes de que ele descubra que te foste. Não gosta que se rompam as regras, e se te escapa de seu quarto o mais provável é que o de um ataque-. Ele se levantou e desempoeirou seus sujos joelhos.

-Necessita um banho- disse Lisa e decidiu que se ela tivesse algo que dizer sobre isso enquanto estivesse ali, ele teria uma espécie de mãe.

-Sim, e há algumas costure que não estranho de meu MA absolutamente- disse Eirren alegremente-. Anda, vete. Já vejo que decidiste ficar na cova do urso, embora não é de tudo mau; seu grunhido é pior que sua mordida, uma vez que consiga que se relaxe.

Lisa sorriu quando o seguiu fora. O jovem Eirren ia muito longe com seu consolo, mas poderia ser um aliado útil por essa mesma razão. Correndo precipitadamente como um camundongo ocupado, o moço inquisitivo provavelmente conhecia cada rincão e greta do castelo. Ela faria bem em cultivar sua companhia, clandestinamente, é obvio. Como se ele lesse seus pensamentos, Eirren comentou, quando a empurrou brandamente de novo no quarto.

-Não lhe fale com laird sobre mim, muchachita. Não gostará que fale contigo. Deve ser um segredo entre nós. Sei que você não desejaria me colocar em problemas, verdade?-. Ele sustentou seu olhar.

-Será nosso segredo- Lisa estava de acordo.

CAPÍTULO 7

Circenn golpeou a coxa do Duncan com a ponta de sua espada.

-Disposta atenção, Douglas- grunhiu-. A distração pode matar a um homem em uma batalha.

Duncan agitou a cabeça e franziu o sobrecenho ao afastar uns cinco passos e enfrentar-se ao Circenn.

-Sinto muito, mas acreditei ver um menino lançar um cubo atrás do torreão.

-O mais provável é que seja essa faxineira jovem, Floreia, que está tendendo a roupa- disse Circenn-. Sabe que não se permite nenhum menino no Dunnottar.

-Se for assim, é uma pequena moça sanguínea-. Duncan elevou sua espada com um suave golpecito de seu musculoso antebraço-. E embora Galan e você pensam que eu gosto de todas, eu não gosto dessa jovem.

Suas espadas se encontraram em um ruído de aço que enviou uma chuva de faíscas na névoa matutina que cobria Dunnottar. Apenas visível além das escuras nuvens úmidas, o sol brilhou fracamente sobre o horizonte do oceano, e a névoa que tinha nascido com a maré noturna começou a evaporar-se devagar.

-Vamos, Douglas, luta- estimulou-o Circenn. Duncan tinha treinado com o Circenn da juventude e era um dos poucos homens que podiam sustentar-se em uma batalha contra ele durante um tempo curto, pelo menos; até que a força superior do Circenn e sua paciência se terminassem.

Parada e empurrão, ficção e giro. Os dois realizaram o baile dos antigos guerreiros ao redor do pátio, até que de repente Duncan penetrou a posição de amparo do Circenn, a ponta de sua folha descansando na garganta do laird.

O círculo de cavalheiros retrocedeu coletivamente quando Circenn ficou imóvel, seu olhar fixo não na espada do Duncan a não ser no alto da face oriental do torreão.

-vai causar uma desgraça. A garota não tem nada de imaginação, juro-o- disse Circenn. Soltou uma enxurrada de maldições que causaram que Duncan também levantasse o olhar.

Todos os olhos se voltaram para este, onde uma mulher magra se aferrava à parede de pedra, cinquenta pés sobre a terra. Os lençóis de linho atadas se bateram na brisa e a fizeram balançar no ar a uns cinquenta pés de altura. Era óbvio o que ela estava fazendo, tratando de deixar cair para a janela doze pés abaixo da sua, preparando-se para entrar nela.

-por que ela não usa a porta simplesmente, milord?- perguntou um dos Templários.

-Fechei-a com chave- murmurou Circenn.

Duncan baixou sua espada e amaldiçoou.

-Devi ter sabido que não te venci justamente.

-Quem é ela?- perguntou outro cavalheiro-. E por que está vestida dessa maneira? É como se ela não levasse nada em cima. Pode ver as curvas separadas de seu... er...

-Sim, quem é ela, milord?- uma meia dúzia de cavalheiros se ecoaram.

Os olhos do Circenn nunca se desviaram da figura magra que descendia pela parede sem o menor grau de sutileza. Vestida com essas calças estranhas, a gente poderia ver cada polegada de seu derriêr bem formado, tanto como suas pernas largas estiradas para encontrar um lugar onde apoiar os pés. Ele tinha estado contendo a respiração do momento em que a piscada do linho tinha apanhado seu olhar. Agora o expeliu em um suspiro borrascoso.

-Não se supunha que fora a revelá-lo- mentiu rapidamente e se encontrou com o olhar do Duncan em uma advertência silenciosa. espantou-se momentaneamente da facilidade com que a mentira tinha saltado a seus lábios. Vê?, brigou-se, rompe uma regra e todas as demais se vão ao inferno-. Ela é prima do Bruce e me confiaram sua custódia. Devemos protegê-la como o faríamos com o próprio Robert. Ao parecer ela deseja muito pouco estar segura. Suponho que poderíamos ajudá-la em sua saída do torreão.

Com essas palavras, ele colocou a espada em sua vagem e se aproximou rapidamente às ruínas.

Na porta, Circenn lançou por cima de seu ombro ao Duncan outro olhar de advertência que ameaçou com graves repercussões se não apoiava sua história e protegia à garota. O olhar na face do Duncan o fez sentir como se medisse duas polegadas de alto. Seu amigo e fiel conselheiro o estava olhando com assombro, como se um estranho houvesse feito o corpo do laird do Brodie. Duncan agitou sua cabeça e sua expressão disse claramente, Que demônios está fazendo? perdeste o julgamento?

Quando Circenn entrou na torre e subiu os degraus da dois em um momento, decidiu que muito possivelmente assim era.

Lisa impulsionou os pés e brandamente se girou na janela, exalando um suspiro de alívio. Ela havia feito classes extracurriculares de escalada, ou rappelling, com o estímulo de seu pai na escola primária e secundária. Embora esta escalada não tinha parecido muito difícil, tinha sentido medo ao balançar-se no ar, justamente sobre o pátio, orando porque os nós a sustentaram. Ela tinha esperado que a névoa demorasse muito mais tempo em evaporar-se, e quando o sol tinha começado a limpar as névoas espessas se deu pressa, consciente de que os lutadores de abaixo teriam uma vista clara em qualquer momento se observavam com atenção.

Mas Lisa contava com o fato de que as pessoas raramente observavam de verdade; a imensa maioria mantinha o olhar fixo no chão ou em algum ponto inexistente no mar de pessoas que se moviam nas calçadas da cidade. Só Lisa e alguns vagabundos examinavam o céu e olhavam as nuvens abrir-se e limpar-se. Sonhadora, havia-lhe dito seu pai. Só os sonhadores olham o céu. Você é uma romântica, Lisa. Está esperando por um cavalo alado que atravesse as nuvens levando a seu príncipe encantado nas costas?

depois de que Eirren tinha saído, tinha esperado em seu quarto a chegada do Circenn Brodie, e mas quando ele não tinha aparecido sua inquietação tinha ido em aumento. Precisava encontrar a garrafa, e com o ferrolho jogado na porta não tinha muitas opções. apareceu-se fora da janela e tinha descoberto outra a uns doze pés debaixo dela, e decidiu jogar uma rápida olhada enquanto fora possível.

E se ele a descobrisse? Não importava. O senhor do castelo devia saber que ela não era o tipo de mulher que se sentaria a esperar suas decisões e se submeteria a seu controle. Tinha considerado sua situação completamente, e sim, parecia que estava de verdade no século XIV. E sim, tinha uma mãe que estava agonizando no século XXI. Talvez não pudesse escapar do castelo, mas precisava afirmar-se como uma mulher inocente a que lhe devia um mínimo de respeito, e a quem Circenn devia ajudar a retornar a seu tempo. Não fazer nada simplesmente não era uma opção. A única maneira em que vencia as dificuldades de sua vida era encontrar-se as de frente, os olhos abertos, a mente trabalhando para obter uma solução.

Empurrou a tapeçaria a um lado e saltou para o batente. Suas botas se pegaram ao chão com um golpe suave justo quando ele estalou através da porta.

-Que coisa idiota, insensível, parva tem feito!

-Não é tola- espetou ela, albergando um ódio especial por essa palavra-. Era uma perfeitamente calculada e sólida idéia. Nem sequer comecei. Se não me tivesse encerrado com chave, não me teria obrigado a fazê-lo.

Ele cruzou o quarto rapidamente e a agarrou.

-Compreende que poderia ter cansado?- rugiu.

Ela se ergueu tudo o que podia, suas costas perfeitamente reta.

-É obvio que sim. É por isso que ateii os linhos juntos. Por todos os céus, eram só uma dúzia de pés.

-E o vento poderia te haver empurrado em qualquer momento. Enquanto que pode ser só uma dúzia de pés de janela a janela, é uma queda de cinquenta pés até terra. Nem sequer meus homens fariam algo tão tolo.

-Não é tolo- repetiu ela rigidamente-. Era um inteligente exercício de minhas habilidades. Aonde eu venho o tinha feito antes, e além disso, não tinha nenhuma maneira de saber se planejava me alimentar hoje ou falar comigo ou escutar o fato de que preciso voltar para casa desesperadamente. E já que falamos do assunto da idiotice, estar arremetendo uns contra outros com espadas afiadas é menos tolo? Vi o que fazia ali abaixo.

-Nós treinamos- disse ele, e baixou sua voz com óbvio esforço-. Preparamo-nos para a guerra-. Se o homem apertasse seus dentes um pouco mais, sua mandíbula ia romper se, decidiu ela.

-E a guerra é uma ventura particularmente inteligente, verdade? Eu simplesmente estou lutando por meus direitos e estou tentando voltar para casa. Tenho uma vida, sabe? Tenho responsabilidades em casa.

Ele abriu a boca, então a fechou e o considerou por um momento.

-Quais exatamente são essas responsabilidades?- perguntou ao final, muito brandamente.

O muito brandamente desse homem a punha nervosa, como o faziam suas mãos em sua cintura, como o fazia sua face tão perto que sua respiração abanicava seu rosto quando ela o olhava fixamente. sentia-se atordoada de repente. Condenado homem por ter semelhante impacto. Ela não ia a estelar seu coração contra esse guerreiro de pedra.

Respirou profundamente e se ordenou tranquilizar-se.

-Sei que esta não é a melhor situação para ti, mas não o é para mim tampouco. Como se sentiria se lhe arrebatassem de repente de seu tempo, jogassem-lhe em alguma outra parte e lhe mantiveram cativo? Não faria você tudo o que estivesse em seu poder para voltar seu mundo? Voltar para sua pátria e ganhar sua batalha pela liberdade?

Sua mandíbula se relaxou quando ele ponderou suas palavras.

-Comporta-te como um guerreiro, -disse ele a contra gosto-. Sim, eu faria tudo o que estivesse em meu poder para voltar.

-Então não pode me culpar por havê-lo tentado. Ou por estar aqui, ou por complicar sua vida. Eu sou a quem desarrumaram a vida. Pelo menos você ainda sabe de onde é. Você ainda tem a seus amigos e sua família. Ainda tem segurança. Tudo o que eu sei é que devo voltar casa.

Ele esteve calado pelo que pareceu um tempo interminável olhando-a aos olhos. Ela podia sentir a tensão que emanava de seu corpo enquanto a estudava, e compreendeu que esse guerreiro do sigo XIV estava esforçando-se tão duro como ela para deduzir o que fazer logo.

-Assustou-me, moça. Pensei que foste cair te. Não suba de novo minhas paredes, né? Encontrarei uma maneira de te dar um pouco de liberdade dentro do torreão. Confio em que não estava tentando escapar daqui; é evidentemente o bastante inteligente para ver que não tem nenhum lugar onde ir. Mas subidas minhas paredes- repetiu. Então esfregou sua mandíbula e pareceu repentinamente cansado-. Não sou capaz de te enviar de novo a casa, moça, ontem à noite te disse a verdade sobre isso. Há algo mais que também deveria saber. A conversação que ouviu por acaso antes de que me atacasse ontem à noite era correta: eu jurei matar a quem quer chegasse com minha garrafa.

Lisa tragou, sua boca repentinamente seca. Ele tinha ido matar a noite anterior. teria se deslizado furtivamente na habitação e lhe teria talhado a garganta se ela não tivesse estado acordada e o tivesse emboscado primeiro?

Ele olhava diretamente seus olhos.

-Mas hei feito a decisão de me abster temporalmente de cumprir meu juramento. Essa não é uma coisa fácil de fazer para um guerreiro. Nossos juramentos são sagrados.

-OH, que cortês é- disse ela secamente-. Assim não planeja me matar hoje, mas simplesmente poderia decidir fazê-lo amanhã. supõe-se que encontrarei isso tranquilizador?

-Há razões válidas pelas que fiz meu juramento. E sim, você deve agradecer que esteja te permitindo viver por agora.

Ela tomara o que pudesse conseguir. Não era tampouco que tivesse muito com o que negociar.

-Que possível ameaça poderia ser para ti? por que faria um juramento de matar a uma pessoa que nem sequer conhece?-. Mas enquanto ela perguntava, soube a resposta a sua pergunta: que qualquer fora a coisa que estava no frasco, era imensamente valiosa. Possivelmente era uma ferramenta para viajar através de tempo; isso explicaria certamente por que as pessoas lançavam maldições sobre ele e matavam por ele. Não o tinha tirado a ela do momento em que tinha chegado?

-Minhas razões não lhe concernem.

-Penso que me envolvem, quando suas razões determinam se vivo ou morro-. Ela supunha que os juramentos eram sagrados para os cavaleiros como ele. Circenn não tinha nada que perder matando-a. Ela era uma mulher perdida no tempo; ninguém sentiria saudades. Mantê-la viva criava uma obrigação para ele, e o que lhe impediria de trocar de idéia de repente e honrar seu juramento? Ela não poderia resistir viver dia detrás dia perguntando-se que se esse era o dia em que a mataria. Precisava compreender como pensava esse guerreiro, para que pudesse planejar a uma defesa-. por que decidiu romper seu juramento?

-Temporalmente- corrigiu ele rigidamente-. Eu não rompi o juramento, simplesmente não o cumpri. Ainda.

-Temporalmente- concedeu ela. Um assassino cruel não se teria incomodado em ter essa conversação com ela, o que queria dizer que ele tinha reservas sobre matá-la. Uma vez ela soubesse quais eram, aproveitaria-os em sua vantagem-. Ainda assim, por que? É porque sou uma mulher?-. Se esse era o caso, resolveu, seria tão feminina como fora possível a partir desse momento. Ela destilava vulnerabilidade, moveria suas pestanas, e gotejaria impotência enquanto fazia tudo o que estivesse em seu poder para roubar a garrafa e usá-la.

-Isso é o que pensei ao princípio, mas não, é porque não sei se for ou não culpado de algo. Não tenho nenhum problema em matar a um traidor, mas ainda não seguei uma vida inocente e não desejo começar agora. Mas, Lisa, se descobrir que é culpado de algo, não importa quão pequena seja a transgressão... - Ele não terminou, mas seu ponto estava absolutamente claro.

Lisa fechou os olhos. Então, ele pensava observá-la, estudá-la, antes de decidir se a mataria ou não. Mas ela não tinha tempo para ser estudada e avaliada. Sua mãe a necessitava agora. O tempo estava essencial, e se não encontrava logo uma maneira de retornar, poderia perder ao Catherine sem poder lhe dizer adeus, e havia muito que necessitava ainda dizer a sua mãe. obcecava-se tanto ganhando bastante dinheiro para pagar as contas, e em manter um sorriso alegre em sua face para sustentar o espírito de sua mãe, que de algum modo elas tinham deixado de falar. Mãe e filha se refugiaram nas brincadeiras precavidadas porque a realidade era muito dolorosa. Mas Lisa sempre tinha pensado que haveria tempo, umas horas especiais, possivelmente uma semana em que ela deixasse de ir trabalhar embora caísse em mais dívidas, e estar em casa com o Catherine quando mais a necessitasse, sustentando sua mãe e falando até o mesmo fim.

Ela agitou sua cabeça, turvada e um pouco mais zangada com o que a vida lhe tinha proporcionado. Como se atrevia sua vida a piorar? Endireitou as costas e seus olhos se abriram enormes.

-Devo voltar para casa- insistiu.

-É impossível, moça. te retornar não está em meu poder.

-Sabe de alguém que possa?- apressou ela-. Deve reconhecer que seria a melhor solução. Todos nossos problemas resolveriam se simplesmente me enviasse de volta.

-Não. Não sei de ninguém que tenha tal poder.

Duvidou ele brevemente? Ou sua necessidade se desesperada para aferrar-se a uma esperança a fazia iludir em vão?

-E a garrafa?- disse Lisa rapidamente-. E se eu a tocasse...?

-te esqueça da garrafa- gritou ele, endireitando-se em toda sua altura-. Pertence-me, e já te hei dito que não pode te devolver a seu tempo. A garrafa é de minha propriedade. Faria bem em esquecer todo pensamento sobre ela e nunca voltar a me mencionar isso Nego-me a acreditar que não haja nenhuma maneira de voltar.

-Mas esse é o primeiro feito que deve aceitar. Até que reconheça que não pode voltar para casa, não terá nenhuma esperança de sobreviver aqui. Uma das primeiras lições que aprende um guerreiro é que rechaçar as próprias circunstâncias só o faz fracassar em reconhecer o perigo real. E te asseguro, Lisa Stone, que há perigo infinito em sua situação presente.

-Não me assusta- disse ela insolentemente.

Ele se aproximou tanto que seu corpo acariciou o seu, mas ela se negou a retroceder nenhuma polegada. Para todos os propósitos, ele poderia ter poder sobre ela, mas Lisa não cederia terreno; tinha o pressentimento de que ceder terreno não era algo que uma pessoa inteligente fizesse frente a Circenn Brodie. Ela devolveu seu intenso olhar.

-Deve ter medo de mim, garota. É uma estúpida se não me temer.

-Então sou uma estúpida. Se me aconteceu uma vez, pode passar de novo.

-Oxalá pudesse, porque faria minha vida certamente mais fácil. Então não me encontraria neste dilema. Mas não sei fazer que aconteça. Crie isso, pelo menos.

Lisa se encontrou estudando seu rosto da mesma maneira em que ele tinha escrutinado seu olhar fazia uns momentos, procurando alguma forma de calibrar se estava lhe dizendo a verdade. Mas ela era o bastante inteligente para reconhecer que estava em uma posição defensiva e ele em uma ofensiva maciça e invencível. Seria sábio não empurrá-lo muito longe.

-Trégua temporária?- ofereceu ela por fim, não confiando na palavra dele, mas resolvendo encontrar a garrafa a menor oportunidade e lutar contra ele de qualquer maneira possível.

-Absterá-te de subir minhas paredes?

-Promete que não tentará me matar sem me dizer isso primeiro, para que possa ter um pouco de tempo para aceitá-lo? Uns dias, pelo menos- replicou a jovem, pospondo a possibilidade da morte de qualquer maneira que pudesse.

-Fingirá ser prima do Bruce, como disse a meus homens?- disse ele gravemente.

-Prometerá que se houver uma maneira de voltar casa, permitirá-me ir ?Viva- adicionou e enfatizou a palavra.

-Dava sim primeiro, garota- exigiu ele.

Lisa conteve a respiração por um momento e o olhou. Tinha uma pequena possibilidade para pactuar essa bizarra trégua com ele. Se ela tentasse tornar-se atrás agora, suspeitava que começariam a lutar de novo em uns momentos.

-Sim- ela imitou seu acento.

Ele a estudou, como se medisse a profundidade da honestidade e compromisso de suas palavras.

-Então sim, garota. Se pode encontrar uma maneira para te retornar, ajudarei-te a fazê-lo-. A esquina de sua boca se estirou bruscamente em um sorriso estranhamente amarga. -Levará-te o inferno de minha vida e também minha integridade- adicionou brandamente, mais para si mesmo que para ela.

-Trégua- ela aceitou. Integridade, apontou em seu arquivo mental de feitos significativos sobre o Circenn Brodie. Era importante para ele. Experimentou uma labareda de esperança: as precisas características cavaleirescas que poderiam levá-lo a cumprir seu juramento incluíam a integridade, honra, amparo dos mais débeis e o respeito; o mesmo cavaleirismo para as

mulheres também poderia prevalecer para lhe impedir de fazê-lo. Matar a uma mulher necessitada não seria certamente fácil para ele. Soube que selar um acordo não era de importância menor para um cavalheiro, por isso ela estendeu sua mão para um apertão e não compreendeu o completamente moderno que era o gesto.

Ele a olhou por um momento, e tomou a mão; então a apertou contra seus lábios e a beijou.

Lisa retirou a mão com um cenho. O calor queimava onde seus lábios tinham acariciado sua pele.

-Você a ofereceu- espetou ele.

-Isso não era louvo que eu... OH, te esqueça disso- Lisa se debateu, então explicou, -Nós não beijamos as mãos em meu tempo.

-Mas nós não estamos em seu tempo. Está agora em meu tempo, garota. Não posso enfatizar o bastante quão importante é para ti recordá-lo em todo momento-. Sua voz era baixa, suas palavras medidas, como se estivesse irritado por sua resposta-. E para que não haja nenhum mal-entendido entre nós, explicarei-o: se me oferecer alguma parte de seu corpo, garota, eu o beijarei. Isso é o que os homens de meu século fazem-. Seu sorriso era zombador, implicando um desafio não muito sutil.

Lisa escondeu suas mãos atrás das costas.

-Entendo- disse e baixou seu olhar ao chão de uma maneira ilusoriamente total.

Ele esperou um momento, como se realmente não confiasse em seu aquiescência, mas quando ela não levantou seus olhos de novo, voltou-se para a porta.

-Bom. Agora precisamos te encontrar roupa decente e te ensinar como ser uma garota apropriada do século XIV. Enquanto melhor te desembrulhe, menos riscos enfrentará, e fará menos arriscada sua presença para mim.

-Eu não esvaziarei as vasilhas das antecâmaras- disse ela firmemente.

Ele a olhou como se tivesse perdido o julgamento.

Circenn devolveu a Lisa a suas câmaras, mandando a procurar água quente para que se lavasse, e então foi procura de vestidos para ela. Vasilhas das antecâmaras, havia dito. Pensava ela que eram tão bárbaros que não tinham garderobes? Só se usavam as vasilhas para as emergências noturnas, principalmente para os meninos e os doentes, e em sua opinião não havia nenhuma razão pela que alguém não pudesse guiá-la e baixar o vestíbulo, a menos que estivessem poseídos de preguiça e extrema falta de disciplina.

Ele soprou e enfocou sua mente na tarefa que tinha entre mãos. Não podia sair do torreão até que tivesse encontrado a maneira de esconder algumas dessas curvas e largas pernas sob o vestido mais feio que pudesse encontrar. Seus homens não necessitavam distrações. Juntou às faxineiras e lhes disse que procurassem um vestido, todo o momento pensando no que tinha que ver com ela.

Quando tinha interrogado a Lisa a noite anterior, quase tinha começado a acreditar que ela era inocente. Tinha um ar desamparado, uma atitude de sinceridade. Ele se tinha deprimido um pouco, inclusive vislumbrou um humor retorcido em sua conversação. Então ela tinha admitido que era do futuro, e ele tinha compreendido que sua maldição a tinha levado inadvertidamente através de tempo.

Embora o tinha aturdido, tinha sentido: seu inglês estranho, sua roupa singular, sua menção de países dos que ele nunca tinha ouvido falar, tudo se explicava por vir do futuro. Certamente ele podia entender a seus antepassados que tinham fugido da Inglaterra, pensou ironicamente quem não queria fazê-lo? Não o surpreendia que no futuro, Inglaterra estivesse tentando ainda controlar a todos.

riu brandamente e pensou que ela não sabia quão afortunada era que houvesse a trazido para ele e não a algum outro senhor medieval. Circenn aceitava sua viagem pelo tempo, mas ele era uma exceção extrema. Qualquer outro laird a teria queimado por bruxa. Mas então de novo, ele pensou secamente, nenhum outro laird teria tido poder para amaldiçoar a condenada garrafa, para começar.

Era devido ao Adam Black que ele estava familiarizado com a arte de viajar no tempo. Adam freqüentemente o fazia, tinha falado freqüentemente de outros séculos, e havia lhe trazido presentes extraordinários ao Circenn em alguns de seus esforços por comprar a lealdade do laird e sua obediência. Eram presentes que Circenn se negou a aceitar, mas como Adam não os queria de volta, tinha-os fechado firmemente com chave em um quarto privado fora de suas câmaras, não confiando em seus poderes. Ele supunha que Adam estava tentando tentá-lo, esperando conseguir fazê-lo como ele, embora Circenn se destruiria a si mesmo antes de permitir que uma coisa assim passasse.

A garota tinha estado levando um desses presentes estranhos atados sobre sua boneca, antes de que Circenn a tivesse tirado a noite anterior de seu braço na resistência. Ele o tinha inspecionado depois; era o que Adam tinha chamado um "relógio" uma vez. Adam o tinha encontrado persistentemente divertido e lhe havia dito como os mortais contavam seus patéticos instantes de vida. Seu relógio parecia confirmar a história.

Se ele acreditasse sua versão dos eventos, seu cofre tinha miserável rio abaixo e tinha aparecido em alguma área remota. Não tinha sido encontrado, e, com o tempo, a natureza o tinha enterrado. Centenas de anos tinham passado antes de que se escavou, e quando ela o havia meio doido, tinha sido gasta até ele.

Era possível que no futuro os homens procurassem ainda as sagradas relíquias e o segredo da garrafa tão ambiciosamente como o faziam em seu século? Era possível que ela tivesse vindo a descobrir os tesouros do Tuatha do Danaan e os Templários ali? Poderia ter suscitado da mão do Adam nisso, se não fora por duas razões: não havia nas intenções do Adam alguma razão para lhe trazer uma mulher a que ele estava obrigado a matar, e além Adam não manipulava os eventos a menos que houvesse uma coisa muito específica que desejasse obter com suas retorcidas maquinações. Circenn não podia ver nesse enredo alguma possível coisa que Adam desejasse. A garrafa e as santas relíquias tinham pertencido à raça do Adam; Circenn

era simplesmente seu guardião. Adão já tinha adestrado ao Circenn quanto desejava, assim não havia nada mais que poderia esperar trocar -possivelmente- sobre o laird do Brodie. Não, meditou Circenn, não havia nada do Adam nisso. Mas a garota poderia estar em complô com os "patrões" que tinha mencionado; bem poderia vir de um futuro traíçoeiro para procurar seus segredos.

Ele teria que observá-la, estudá-la, mantê-la perto. tomaria seu tempo, e tempo era um luxo que logo que podia permitir-se no transcurso de uma guerra contínua. Além disso, refletiu, qualquer tempo investido na presença da garota era uma lenta tortura. Embora relutante a admiti-lo, era suscetível a tudo o que a ela concernia. Estupenda, orgulhosa, sensual e inteligente, a moça seria uma inimizada formidável ou uma valiosa aliada. Ele não tinha encontrado a uma mulher como ela em séculos.

me amaldiçoe para voltar para casa, havia dito ela. Circenn soprou, recordando sua súplica. A única pessoa que poderia enviá-la a casa era a pessoa que a mataria imediatamente se soubesse que estava ali: Adam. Ele não poderia chamar justamente ao Adam e lhe pedir que enviasse a casa à mulher, nem podia arriscar-se a encontrar-lhe ao solicitar pistas a respeito de se ele estava de algum modo envolto. O duende mais negro era de longe muito destro para ser sondado, inclusive pelo Circenn.

O laird estava atuando contra tudo pelo que tinha vivido, todas suas regras cuidadosamente desenhadas para mantê-lo humano; estava quebrando um juramento, defendendo a uma pessoa que poderia ser uma espiã e mentindo a seus homens. Estava tomando um grande risco lhe permitindo viver, e se estivesse equivocado...

Suspirando, terminou de dar ordens e se dirigiu para a cozinha para preparar a seus homens para a apresentação da Lisa MacRobertson, prima do Robert the Bruce.

Adam Black não se incomodou em materializar-se. Permanecia invisível: como um rastro de ar abafadiço ligeiramente cheirando a jasmim e sândalo, seguia os passos do Circenn, consumido pela curiosidade. Essa comparação perfeita de homem, Circenn Brodie, que nunca tinha quebrado uma regra, que nunca tinha sido traído pela debilidade, que nem uma vez vacilasse nos duros dilemas da moralidade, estava rompendo um juramento sagrado e enganando a seus homens deliberadamente. Fascinado, Adam se maravilhou. Ele tinha pensado que os desejos do laird do Brodie não tinham nenhuma fissura, e tinha desesperado quase de encontrar o catalisador apropriado de sua vida.

deu-se conta de que Circenn não acreditava que Adam estivesse envolto em seu transtorno presente, porque não tinha encontrado nenhuma ponta de alfinete que pudesse trair sua presença. Adam sorriu fracamente. Circenn odiava ser manipulado. Era melhor que o laird do Brodie permanecesse felizmente ignorante de que Adam tinha orquestrado cada movimento cuidadosamente neste jogo, e estava jogando com os palitos mais altos de todos.

CAPITULO 8

Lisa caminhou pelo goqn e se voltou para enfrentar o metal gentil sustentido contra a parede. surpreendeu-se quando haviam trazido para sua câmara um espelho. Examinando cuidadosamente seus estudos de história, recordou que os espelhos estavam datados como muito antigos, dos tempos egípcios, possivelmente antes. Ela sabia que os romanos tinham construído milhares de sofisticados sistemas de rede de esgoto fazia centenas de anos, assim, por que deveria surpreendê-la um espelho nada mais? Era uma pena que não pudesse ajudá-los a redescobrir as tubérias, meditou. Esfregou à fuligem no metal talhado até que lhe revelasse sua obscurecida imagem.

O vestido suave se aferrou a seus quadris, tão cheio de estática que rangeu. esforçou-se por um momento e tentou estirá-lo em cima de seus ombros, mas o vestido se feito para alguém grandemente mais pequena que ela. Embora estava magra, era alta e tinha seios cheios; a metade dela não encaixava no vestido. Suspirando, fez-o escorregar por seus quadris e saiu dele. Estava aproximando-se da cama para recuperar suas calças jeans quando a porta se abriu.

-Traga-te...

As palavras terminaram abruptamente.

A jovem se voltou para encontrar-se ao Circenn gelado na porta, seu olhar fixo nela, uma capa dobrada em cima de seu braço. O objeto escorregou ao chão, abandonada.

Então caminhou pelo quarto e deu um chute à porta para fechá-la detrás dele.

-Que tipo de vestido te puseste?- trovejou. Seus olhos escuros reluziram quando se arrastaram por seu corpo da cabeça até os dedos dos pés. Ele inspirou asperamente.

Lisa se estremeceu. Ele tinha que ver justamente a única coisa frívola que possuía, um par de calcinhas de biquíni de cor lavanda e um sustento da mesma cor com um laço diminuto, que Ruby lhe tinha dado para seu aniversário. E pele. E um nervosismo úmido que ela atribuiu ao temor.

Ele se aproximou silenciosamente a seu lado e escorregou um dedo sob o cordão delicado que perfilava um dos lados de seu sustento.

-O que é isto?

-É... é... OH!-. Ela não podia formar uma frase coerente. Seus dedos contra sua pele pálida, e ela se magnetizou pelo contraste de cores e texturas. Ele tinha mãos grandes, calosas e muito boas no uso da espada, com dedos elegantes, um dos quais agora descansava contra o inchaço do assumo da Lisa. Ela fechou seus olhos.

-Sustento- conseguiu dizer. Agarrando-se à formalidade, pretendeu estar dando uma lição de história ao reverso, lhe ensinando o que o futuro proporcionaria: É uma vestimenta desenhada p-pára proteger a uma mulher... você sabe, e os guarda de... bem, você sabe...

-Não, penso que não sei nada absolutamente- disse ele brandamente, seus lábios a um suspiro de encontrar-se com os seus-. por que não me ilumina, garota?

Sua respiração se bloqueou em sua garganta com uma baforada pequena, um som puramente feminino, e ela o amaldiçoou silenciosamente. Simplesmente um ofego, por que não fazê-lo?, brigou-se. Eles estavam a umas polegadas escassas, perigosas, do contato completo de seus corpos, seu dedo arrastando-se brandamente pelo rebordo de seu sustento. Ela era agudamente consciente de sua quase nudez, de seus mamilos, sob a malha magra, em uma proximidade perigosa de suas mãos, e o fato de que ele não levava nada mais de um plaid que podia facilmente ser descartado. Sentia faíscas de eletricidade em todas as partes de seu corpo onde seu olhar se detinha. Se ele se tirava o plaid e cobria seu corpo com o seu, ela teria a força para protestar? Haveria inclusive querido fazê-lo? Como poderia trai-la seu corpo ante um homem que era seu inimigo?

-O vestido era muito pequeno- conseguiu dizer.

-Já o vejo. E você concluiu astutamente que isto te cobriria mais?

-Estava a ponto de voltar a me pôr minhas p-calças jeans- ela informou a seu assumo.

-Não acredito. Não até que me diga para que serve isto- ele tocou ligeiramente a correia- que guarda você 'você sabe'.

Estava chateando-a a propósito? Ela se obrigou a encontrar seu olhar e imediatamente desejou não havê-lo feito. Seus olhos escuros eram intensamente sexuais, seus lábios partidos em um sorriso débil.

-caem quando envelhece-. As palavras lhe escaparam em um sussurro rápido.

Ele jogou sua cabeça para trás e riu. Quando baixou sua cabeça ela viu a intensidade enervante de seus olhos, e compreendeu que estava excitado. Por ela. O conhecimento a pasmou. Já tinha decidido que seu beijo da noite anterior e suas indiretas desse dia simplesmente tinham sido parte de sua estratégia, mas agora, olhando-o, entendeu que ele tinha uma feroz reação física para ela, possivelmente tão dolorosa como sua atração para ele. Era, simultaneamente, um sentimento temerário e aterrador. Teve a premonição súbita de que se lhe desse a indicação mais ligeira de seu interesse, ele descenderia sobre ela com a força de um siroco saariano, quente e devastador. Faminta dele, dolorida por sua inexperiência e curiosidade, tivesse querido descobrir desesperadamente o que um homem como Circenn Brodie poderia fazer a uma mulher.

Mas ela se não se atreveu a explorar esse desejo. Seria como um cordeiro de sacrifício. Ela nunca tinha estado apaixonada, e o laird do Brodie poderia seduzir a um santo, pensou. Embora tinha querido que ele fora consciente dela como mulher e tinha pensado que poderia fazê-lo sentir mais protetor, tinha um terrível pressentimento de que se extraviaria completamente se a beijava de novo. Ele simplesmente estava arrasado também. Ela tinha que acabar com a difusa química sexual entre eles, e a maneira melhor de fazer isso era voltar a ficar sua roupa.

deixou-se cair de joelhos procurando o vestido amontoado a seus pés, mas ele havia possivelmente tido a mesma idéia, e ela terminou ajoelhando-se nariz a nariz com ele, que estava sustentando seu vestido.

olharam-se fixamente enquanto ela contava seus batimentos do coração de coração; tinha alcançado o número vinte antes de que lhe dedicasse um lento sorriso. A tensão rangeu no ar entre eles.

-É uma beleza, garota-. Ele cavou a mão sobre sua bochecha e depositou um beijo ligeiro em seus lábios antes de que ela pudesse protestar-. Pernas largas, formoso cabelo- ele escorregou sua mão neles e permitiu que os fios de seda escorregassem através de seus dedos- e fogo em seus olhos. Vi muitas garotas bonitas em minha vida, mas não acredito ter encontrado realmente uma como você. Faz-me pensar que poderia descobrir partes de mim mesmo que não sabia que existiam. O que farei contigo?- Ele esperou, seus lábios a polegadas dos seus.

-Permite que me vista- suspirou ela.

Ele observou intensamente seu rosto. Conteve a respiração então, aterrada de que se abria a boca gritasse: Sim! me toque, me sinta, me ame, condenado, porque não sei que mais fazer para esquecer que me sinto ferida e que minha mãe está morrendo!

Freqüentemente, durante a enfermidade de sua mãe, Lisa se tinha encontrado desejando um noivo, um amante, alguém que pudesse tomar seu coração e protegê-lo, ainda quando só fora uma hora, com a ilusão de segurança, de calidez e amor. Agora, médio aterrada, em vez de preocupar-se somente por sua mãe agonizante, tinha um impulso perverso de procurar resguardo nos braços do mesmo homem que tinha jurado matá-la.

Não tente acalmar seu coração somente com ataduras, Lisa, lhe teria recordado Catherine se tivesse estado ali. Qualquer sentido de segurança ou intimidade com ele seria nada mais que uma ilusão. Precisava mantê-lo claro em sua mente, não encher-se de imaginações românticas sobre um laird das Highlands medievais que poderia decidir matá-la ao dia seguinte.

Ele deixou cair sua mão de seu cabelo, delineou sua clavícula e encurvou os dedos em cima do festão de encaixe de seu sustento. Estudou a malha com fascinação, seu olhar acariciando as curvas terminantes de seu seios, a sombra mais profunda de sua fenda.

-me olhe, moça- sussurrou. Lisa levantou seus olhos e se perguntou o que ele via neles. Vacilação? Curiosidade? Desejos que ela não podia esconder?

Algo que ele visse em seus olhos, não era um Sim, e esse homem era orgulhoso.

Ele deslizou um dedo no terreno baixo entre seu seios e o sorriso que lhe dedicou continha uma tristeza que não podia compreender.

-Enviarei a alguém a te trazer outro vestido, moça- disse. Então deixou o quarto.

Lisa se afundou no chão e agarrou o vestido. Santo Céu, pensou, o que vou fazer?

Circenn saiu de seu quarto, seu humor piorando a cada momento. O corpo lhe doía da cabeça aos pés pelo esforço de ser gentil com a moça. Seu rosto se sentia rígido de sorrir brandamente; seus dedos abrindo-se e fechando-se por tocar o inchaço

de seu seios brandamente. Seu corpo se rebelava contra sua retirada cortês, honorável, gentil de seu quarto, e o homem dentro dele que tinha nascido fazia quinhentos anos rugiu que a mulher era dela, pela Dagda! Condenada gentileza! No século IX, um homem não teria perguntado: um homem haveria feito! No século IX uma mulher teria sido dócil, agradecida de poder encontrar semelhante protetor feroz e um fornecedor capaz.

Circenn riu suave, amargamente. Ele tinha estado muito tempo sem uma mulher para suportar tal tortura. Quando tinha caminhado no quarto e tinha levado uma capa o suficientemente grande para afogá-la em suas dobras, sua mente se enfocou somente em cobri-la tanto como fora possível, para encontrá-la vestida com nada mais que dois brumosos, tênues pedaços de malha. Com pequenos laços! Pela Dagda, uma cinta de cetim diminuta tinha juntado garbosamente seu seios, e havia outra à frente da malha sedosa que havia entre suas pernas. Como um presente, pensou. Desata meus laços e olhe o que tenho para te dar...

Ele tivesse desejado permanecer longe. Poder voltar-se sobre seus talões e deixar o quarto e negar-se ao prazer de ver esse corpo encantador. recordou-se severamente a regra número quatro: nenhuma intimidade física. Mas não o fazia nenhum bem. A regra número quatro parecia não ficar nunca de acordo com a regra número um: nunca romper um juramento, e estava muito ligada a número dois: não mentir. Suas regras rotas estavam voltando-se intermináveis.

Vê-la vestida de semelhante maneira tinha sido pior que se a tivesse encontrado nua por completo. Nua, seus olhos famintos poderiam haver-se regozijado em cada fenda e terreno baixo de seu corpo; mas se tinham desenhado esses pedaços de malha habilmente para torturar a um homem com a promessa das fendas e declives privados, enquanto não concedia nenhum deles. Os segredos estavam baixo esse tecido. Eram seus mamilos redondas moedas escuras ou broto de coral enrugados? Era seu pêlo dourado e acobreado ali também? Se se tivesse deixado cair no chão a seus pés, fechado as mãos ao redor de seus tornozelos e beijado o caminho de suas pernas largas, encantadoras, teria gemido ela brandamente, ou estaria calada quando lhe fizesse o amor? Não, decidiu abruptamente, Lisa Stone pareceria uma leoa apareándose quando ele tomasse. Bom. Gostava disso em uma mulher.

Tinha-o feito sentir-se como um animal faminto, enjaulado por suas próprias regras e tudo o que era mais perigoso para ele. Por uns momentos, a luxúria tinha surto tão furiosamente que tinha temido arrastá-la sob seu corpo, sem preocupar-se de se ela o desejava. Em troca, tinha levado suas mãos trementes detrás de suas costas, tinha deixado cair a capa ao chão e tinha pensado em sua mãe, Morganna, que o teria repudiado inclusive por pensar sobre tomar pela força o que devia ser um presente. Nunca se havia sentido tão próximo à violência pelo desejo. Ela tinha despertado sentimentos profundos, primitivos nele: posesividade, ciúmes de que outro homem pudesse vê-la assim, uma necessidade de ouvi-la dizer seu nome e olhá-lo com aprovação e desejo.

Circenn fez uma respiração profunda, sustentou-a em seu assumo um momento, e então a soltou. Agora que ele sabia o que havia sob sua roupa, não importava o que vestido a fizesse levar, como poderia olhá-la de novo sem ver em sua mente a extensão interminável de pele de seda? As curvas suaves de seu seios, o elevamiento dos mamilos firmes contra a gaze, o montecillo ligeiro entre suas coxas...

O desejo frustrado se traduziu em raiva. Baixou os degraus para a cozinha, determinado a encontrar ao Alesone ou Floreia e assegurar-se de que a moça fora embelezada propriamente. Então enviaria a um dos irmãos Douglas a lhe ensinar algo a respeito de seu tempo, algo que ele devia ter feito, mas simplesmente não podia confiar em si mesmo estando perto dela no momento. Iria de novo com seus homens e soltaria algo de sua frustração na pura, limpa alegria do balanço de uma espada pesada, grunhindo e amaldiçoando. E não teria um pensamento erótico o resto do dia.

Agitando sua cabeça, entrou na cozinha. Tomou só um momento compreender que nenhum de seus planos durante o dia ia sair bem. De fato, o dia parecia haver-se convertido em uma pessoa diabólica, determinada a burlar-se dele.

Ele se deteve abruptamente e apartou apressado o olhar da vista do arredondado e nu traseiro sustentado nas mãos do Duncan Douglas.

Alesone tinha uma larga perna envolta ao redor da cintura do Duncan, seus braços obstinados ao redor de seu pescoço e suas saias jogadas sobre seus ombros. O pé que permanecia no estou acostumado a estava arqueado sobre as pontas dos dedos, enquanto as mãos do Duncan a guiavam contra ele em um ritmo firme, intenso. Os sons baixos, sensuais de paixão enchiam o quarto: suaves aspirações de ar, murmúrios roucos de prazer, e demônios se Duncan não estava emitindo um profundamente satisfeito murmúrio com cada empurrão.

-OH, por Cristo!- rugiu Circenn, olhando ao teto, às paredes, ao chão; em qualquer parte menos ao derriêre bem formado do Alesone-. Duncan! Alesone! Saiam da cozinha! Subam a algum dos quartos! Sabem que tenho regras.

-Ah, sim, as regras do legendário Brodie- disse Duncan secamente. Deixou de balançar à faxineira contra ele com mais lentidão da que Circenn apreciaria-. Que inclui entre eles: Quando os cavalheiros estão na residência, nada de fazê-lo na cozinha.

Alesone fez um som suave de protesto ao interromper-se.

-Eu como aqui!- trovejou Circenn, sentindo-se completamente desconjurado.

-Assim se faz Duncan- ronronou Alesone sugestivamente. Escorregou sua perna devagar da cintura do Duncan, lhe jogando uma boa, largo olhar ao Circenn. Com um sorriso modesto, ela deixou cair a tampa da panela de mel na mesa perto do Duncan.

Circenn não queria saber o que eles tinham estado fazendo com o mel, e sua expressão devia havê-lo dito claramente, porque Duncan estalou em risadas.

-nos desculpe, Cin-. Ele sorriu abertamente quando deixou cair as saias do Alesone com uma mão, girou-a em seus braços, e a tirou da cozinha.

As imagens do traseiro nu, arredondado, de uma pessoa em particular o assaltaram.

Circenn deu um chute a uma cadeira, deixou cair sua cabeça na mesa, e avaliou matar à moça só para sair de sua miséria.

CAPÍTULO 9

Ruby subiu os degraus ao apartamento das Stone em um momento, mas enlenteciu seu passo comprido quando alcançou o terceiro piso e caminhou pelo corredor obscuramente iluminado. A vívida esteira de bem-vinda da Lisa dava um toque otimista e esclarecia rotundamente a aparência da triste porta com suas lascas arranhadas de pintura castanha sobre o cinza metálico de abaixo. Apartamento 3-G. As letras se balançavam no ar com a desequilibrada inclinação de um só parafuso. Ruby tirou sua mão para golpear, mas em troca se encontrou endireitando o sinal; então deixou cair seu punho a um lado. Ela temia essa visita. Retorcendo uma mecha de cabelo ao redor de um dedo nervoso, recordou-se que Lisa sempre enfrentava as coisas com valentia; o menos que ela podia fazer era emulá-la. Quando levantou sua mão de novo, golpeou firmemente. Elizabeth, a enfermeira do dia, abriu e a deixou passar.

-Lisa? É você, querida?- chamou Catherine, com uma nota de esperança em sua voz.

-Não, senhora Stone. Sou simplesmente eu, Ruby- respondeu ela quando cruzou a sala pequena e desceu do vestíbulo estreito a quarto. Entrando no cômodo quarto, afundou-se em uma cadeira ao lado da cama do Catherine e se perguntou por onde começar. Tironeou ociosamente da colcha de patchwork médio terminada que descansava no braço da cadeira. Como ia ela a comunicar as últimas notícias à mãe da Lisa? Catherine estava extremamente doente, sua filha tinha desaparecido, e agora Ruby tinha notícias até mais malotes para ela.

-O que disse o homem no museu?- perguntou Catherine ansiosamente.

Ruby acomodou seu cabelo e se moveu em sua cadeira.

-Gostaria de um pouco de chá, querida?- evadiu.

Os olhos verdes do Catherine, apagados e uma vez tão luminosos como os de sua filha, fizeram recordar ao Ruby que ela não estava ainda morta e não era tola.

-O que averiguou, Ruby? Não tente me distrair com chá. Viu alguém a minha filha?

Ruby esfregou seus olhos com as gemas dos dedos brandamente, cuidando de não manchar-se de rimel. Tinha estado levantada a maior parte da noite e se perguntou por décima vez como Lisa tinha podido sobreviver trabalhando em dois empregos durante tanto tempo. Estava fechando o clube quando tinha recebido uma mensagem urgente da senhora Stone que dizia que Lisa tinha desaparecido da noite anterior. Tinha telefonado à polícia imediatamente; então tinha ido ao museu para ver se Lisa tinha chegado a noite anterior ao trabalho, para logo ir diretamente à estação de polícia depois de falar com esse face de traseiro de cavalo, Steinmann.

O funcionário tinha arquivado o relatório de uma pessoa perdida, mas o tinha substituído em questão de horas por uma ordem de arresto para a Lisa Stone.

-Ninguém a viu desde anteontem à noite- informou Ruby ao Catherine-. As câmaras de segurança do museu a têm nas cintas. A última imagem gravada dela é de quando estava fora do escritório do Steinmann.

-Pelo menos sabemos que chegou a trabalhar a noite que a viu na parada do ônibus- disse Catherine-. Mostram-na as câmaras saindo essa noite?

-Não. Isso é o estranho. Seu impermeável ainda está pendurando da porta, e nenhuma das câmaras a registra saindo. Não há nenhuma câmara no escritório do Steinmann, mas ele foi rápido em assinalar que há uma janela pela que ela poderia ter saído-. E mais rápido para fazer imputações odiosas que Ruby sabia não eram verdade. Mas como faria para demonstrá-lo, e onde demônios estava Lisa? Não mencionou ao Catherine que tinha ido à polícia uma segunda vez, que tinha chamado a cada hospital dentro de um rádio de sessenta milhas orando que não houvesse nenhuma Jane Doe; felizmente, não tinha sido assim.

-Não está o escritório do Steinmann no terceiro piso?- perguntou Catherine perplexa.

-Sim. Mas ele apontou para as classes de rappelling que Lisa tomava quando era mais jovem. Suponho que ela o pôs em sua entrevista como uma de suas afeições. Sei que estava bastante orgulhosa dessa habilidade-. Ruby se removeu em sua cadeira e tomou fôlego-. Senhora Stone, há um artefato que falta do museu, e...

-Eles acusaram a minha filha de furto- disse Catherine inescrutavelmente-. É o que está me dizendo?

-Seu... er... desaparecimento faz que coisas pareçam pior. Segundo Steinmann e suas queridas cintas, ele e um colega entraram em seu escritório várias horas depois de que Lisa teria que haver-se ido. A porta não estava fechada com chave e inicialmente ele pensou que ela simplesmente não a tinha fechado. Agora pensa que se estava escondendo no escritório, tomou o artefato depois de que eles saíram, e escapou pela janela.

-O que é esse artefato?

-Não me disseram isso. Parece que não estão completamente seguros do que era.

-Minha filha não é uma benjamim- disse Catherine rigidamente-. irei falar com eles.

-Catherine, me permita dirigir isto por você. Não pode levantar-se.

-Tenho uma cadeira de rodas!-. Ela agarrou os lados de sua cama de hospital com suas mãos magras e tentou levantar-se.

-Catherine, carinho- disse Ruby, com o coração quebrado-. Nós a encontraremos, o prometo. E limparemos seu nome-. Pôs sua mão em cima da do Catherine e soltou brandamente seu afeto às barras-. As duas sabemos que Lisa nunca faria algo assim. Encontraremos uma maneira de demonstrá-lo.

-Minha filha nunca roubaria e tampouco me deixaria!- espetou Catherine-. Ela deveria me deixar, mas não o faria-. O estalo súbito de irritação a esgotou, e descansou por um momento. Fez uma aspiração estremecida, então disse fracamente:- Steinnman apresentou cargos, verdade? Há uma... uma ordem... de arresto para ela, verdade?

Ruby assentiu.

-Sim.

Catherine inclinou sua cabeça rigidamente, então se afundou contra os travesseiros e fechou seus olhos. Esteve calada tanto tempo que Ruby se perguntou se se teria dormido. Quando falou de novo, havia aço em sua voz:

-Minha filha não roubou nada, e está em um grande problema. Lisa é muito responsável para não vir para casa a menos que algo horrível lhe passasse-. Catherine abriu seus olhos-. Ruby, ódio te pedir mais do que tem feito, mas pela Lisa...

Ruby não duvidou.

-Não nenhuma necessidade de desculpar-se, carinho; sabe que amo a Lisa como a uma irmã. Até que ela venha casa e se esclareça tudo, eu estarei a maior parte do tempo aqui. Ela pode chamar ou pode tentar lhe enviar uma mensagem, e alguém que possa mover-se imediatamente precisa estar aqui em caso de que o faça.

-Mas você tem sua própria vida...- disse Catherine brandamente.

Os olhos do Ruby se encheram de lágrimas. A saúde do Catherine se deteriorou rapidamente desde que ela a tinha visto, a noite que tinham saído a celebrar o aniversário da Lisa. Ela encerrou a mão do Catherine na sua e disse firmemente:

-Nós vamos encontrar a, Catherine, e eu estarei esperando até que o façamos. Não ouvirei falar de nenhum argumento contra isso. Nós a encontraremos.

Se ainda está viva, pensou Ruby, com uma oração silenciosa.

CAPÍTULO 10

Duncan assobiou uma melodia vivaz quando caminhou para as câmaras do Circenn. As coisas se puseram bastante interessantes desde que a moça do futuro tinha chegado. Circenn tinha quebrado um juramento intencionalmente e tinha mentido, o que, na mente do Duncan, era quase causa de celebração. Inclusive Galan tinha concedido no café da manhã essa manhã algo sobre um avanço. Embora Galan tinha empurrado ao Circenn a cumprir seu juramento a noite anterior, essa manhã tinha admitido ante o Duncan que não tinha visto o Circenn Brodie tão desequilibrado em anos. Nem havia visto semelhante olhar de fascinação em seu rosto como quando entrasse intempestivamente a noite anterior nas câmaras do Circenn. Galan tinha estado de acordo com o Duncan em que a moça poderia ser a melhor coisa que poderia lhe passar ao Circenn, poderia apartar o de suas rígidas regras e obrigá-lo a questionar-lhe

Dezoito gerações do Douglas tinham servido ao imortal laird do Brodie, e nas gerações passadas tinha havido muitas reflexões e profunda preocupação por seu retiro crescente. Os Douglas estavam angustiados por ele. No passado não tão distante, o laird do Brodie tinha presidido nas cortes de seus onze feudos. Mas não o tinha feito durante um século, deixando-lhe aos cavaleiros que tinha designado em seu lugar para resolver as disputas de sua gente. Tinha sido usual que o laird do Brodie cavalgasse ativamente entre suas vilas, falando e tratando com as pessoas. Agora Duncan não estava seguro de que Circenn pudesse identificar a um de seus próprios aldeões se estava de pé ante ele.

Durante os últimos cem anos, Circenn tinha estado a maior parte do tempo viajando de país em país, lutando as guerras de outras pessoas, e nunca tinha batalhado por nenhuma própria. Ele só tinha voltado para Escócia para unir-se no conflito por sua terra natal quando Robert Bruce tinha sido coroado rei pela Isabel, a Condessa do Buchan, no Scone.

O tio do Duncan, Tomadas, opinava que o laird do Brodie precisava casar-se, o que o devolveria às alegrias da vida. Mas Circenn se negava a casar-se de novo, e eles não podiam forçá-lo. O pai do Duncan se conformou tentando conseguir que intimasse com uma mulher, mas parecia que Circenn Brodie fazia outro de seus juramentos absurdos e tinha prometido evitar a intimidade.

Os orígenes do Circenn estavam perdidos nas névoas do tempo, e em algumas ocasiões Duncan lhe tinha perguntado sobre como se feito imortal, mas o laird tinha permanecido taciturno e se negou a discuti-lo. Mas enquanto compartilhava quantidades excessivas de uísque com o Circenn uma noite, Duncan tinha podido entender um pouco de por que Circenn tinha decidido não envolver-se com outra mulher. Fazia duzentos e vinte e oito anos, a segunda esposa do Circenn tinha morrido à idade de quarenta e oito anos, e Circenn tinha admitido, em uma confidência induzida pelo uísque, que simplesmente se negava ver morrer a outra esposa.

-Se for assim, só fazê-lo de vez em quando- tinha devotado Duncan.

Circenn tinha suspirado.

-Não posso. Não posso, ao parecer, impedir a meu coração seguir onde meu corpo vai. Se estiver o bastante interessado em uma mulher para levá-la a minha cama, quero mais dela. Quero-a fora de minha cama também.

Duncan tinha sido sacudido por esse comentário.

-Então passa o tempo com ela até que te aborreça- tinha respondido facilmente.

Circenn o tinha obsequiado com um olhar escuro.

-Não encontrei alguma vez a uma mulher com quem não te aborrecesse? Uma mulher com quem fosses dormir pelas noites, com o aroma dela em suas fossas nasais, e despertasse na manhã necessitando-a tanto como precisa respirar?

-Não- tinha assegurado Duncan-. As moças são simplesmente moças. Atribui muita importância a isso. Simplesmente é fazê-lo.

Mas não era simplesmente fazê-lo para o laird do Brodie, e Duncan soube então. Ultimamente, o "simplesmente fazê-lo" não estava apagando o comichão interminável do Duncan tampouco. Ele se perguntou se poderia relacionar-se com que quando um homem crescia e se fazia mais velho, a intimidade indiscriminada começava a faltar em lugar de aliviar.

Recentemente, Duncan se tinha surpreendido atrasando-se com uma jovencita além da duração de sua intimidade física e tinha prolongado o "depois", inclusive fazendo perguntas além de "Quando esperas que retorne seu marido?".

Um maldito desconforto, isso era.

Ele se encolheu de ombros e tirou o pensamento de sua mente com um meditar mais agradável sobre o Circenn. Ele tinha apostado no Galan seu melhor cavalo a que Circenn não poderia matar a mulher do futuro, e era uma aposta que planejava cobrar. O laird do Brodie precisava retornar à vida, e possivelmente a estranha moça fora a lhe ajudar a fazê-lo.

Lisa estava sentada na janela de seu quarto nas câmaras do Circenn e olhava fixamente a tarde, detrás de um banco espesso de nuvens, o sol tinha passado seu ponto médio e tinha começado sua descida lento para o oceano. Ela instintivamente jogou um olhar a sua boneca para ver que hora era e comprovou que não tinha seu relógio. Tentou recordar se o tinha tido posto no museu, mas não estava segura. O tirava freqüentemente e o punha no bolso da jaqueta quando limpava, para que não se molhasse ou sujasse. Imaginou o que devia estar fazendo só duas noites atrás, e que tratando de acostumar-se a sua situação atual, simplesmente não tinha pensado após nisso.

Inalou profundamente e desfrutou do ar cálido, salgado. Estou no Dunnottar, pensou, seu assombro de maneira nenhuma diminuído por vinte e quatro horas consecutivas no torreão. Tinha visto quadros do Dunnottar, e se tinha gravado um em particular em sua memória, uma postal negra e branca no que um escarpado enorme me sobressaía do mar nebuloso. Tinha-o visto como um lugar romântico, gótico, e mais de uma vez Lisa tinha sonhado indo algum dia a Escócia para vê-lo. Sabia pela fotografia que o escarpado estava rodeado pelo oceano em três lados, conectado ao continente por uma ponte de terra que, conjecturou, estava atrás do torreão. Também sabia que Dunnottar tinha sido feito repetidamente pelos ingleses, então resgatado pelos escoceses, e que Bruce tinha desenvolvido o hábito de queimar cada castelo escocês que resgatava para lhe impedir aos ingleses tomá-lo de novo.

Lisa tinha estudado esse período da história e tinha encontrado tempo para seguir lendo no ônibus, e tinha lamentado a perda de tantos castelos gloriosos; mas concedia que Bruce tinha sido inteligente ao fazer o que tinha feito. O escocês tinha construído castelos inteligentemente defensáveis; quando o inglês tomava, seus homens se faziam quase invencíveis. Destruindo os torreões de pedra, Bruce forçava as batalhas e obrigava ao Edward II a construir suas próprias fortalezas que não eram tão invulneráveis. Enquanto os ingleses gastavam uma imensa quantidade de tempo e recursos para construir suas próprias fortalezas em Escócia, Bruce ganhava tempo para completar suas forças e despertar o país.

Esta é a Escócia de 1314! maravilhou-se Lisa. Haveria uma batalha decisiva no Bannockburn só uns meses mais tarde, em que Bruce derrotaria a Inglaterra rotundamente e a guerra se voltaria finalmente em favor de Escócia.

Um golpe firme na porta interrompeu seus pensamentos. Levantando-se rapidamente, tropeçou com a prega de seu vestido. Pelo menos este lhe encaixava, pensou, mas era certamente incômodo. Suspeitava que parte do desejo do Circenn de vê-la propriamente embelezada era para que ela não pudesse subir paredes com essa roupa.

-Adiante- disse, recolhendo um pouco da malha em sua mão. Levantou-o do chão, cruzou o quarto e abriu a porta.

Um homem vestido com um plaid cinza e cobalto estava de pé na porta. Seus braços musculosos eram castanhos e estavam nus, e tinha a musculatura muito desenvolvida de um bailarino. Não havia uma onça de carne em seu corpo que não fora necessária. Seu cabelo escuro estava solto ao redor de seu rosto e acariciava seus ombros. Levava uma trança em cada têmpora, e quando sorriu abertamente mostrou uns dentes brancos retos, embora seu nariz parecia ter estado rota uma vez ou dois. Seus alarmantes, travessos olhos escuros a estudaram, e sua boca sensual se encurvou apreciativamente.

-Sou Duncan Douglas, moça. Circenn me pediu que te ensinasse um pouco de nosso tempo para que encaixasse nele-. Seu olhar viajou por toda a longitude de seu corpo-. Vejo que encontraram um vestido que vai bem. Está encantadora, garota.

-OH, vamos!- disse Lisa, sentindo a respiração entrecortada. Embora Duncan não podia comparar-se com o Circenn Brodie, sabia que em seu tempo uma dúzia de mulheres teriam se tornado completamente assobiadas por ele.

Duncan entrou e jogou um olhar ao quarto.

-Pela Dagda, é tão ordenada como todas suas habitações- soprou-. Não deseja desordenar um pouco as coisas por aqui? Possivelmente tocar com o cotovelo a tapeçaria para que pendure um pouco torcido? Arandelas sedutoras tecendo grandes telarañas nas esquinas e colecionando pó? Assumindo, é obvio, que o pó possuísse o descaramento de amontoar-se nas câmaras do laird do Brodie. Há momentos em que inclusive suspeito que os elementos não se atrevem a cruzar-se com ele-. Caminhou para a cama perfeitamente coberta com as mantas pulcramente pregadas. Mergulhando seus braços baixo elas, empurrou-as em uma bola-. Não gostaria de enrugar simplesmente um pouco a cama e desafiar seu sentido da ordem?

Lisa desenhou um sorriso. Estava tranquilizando-se para ouvir alguém divertir-se com o disciplinado laird do Brodie. A limpeza do quarto a tinha incomodado. A cama tinha sido envolta tão hermeticamente que ela tinha tido que brigar com as mantas de abaixo para dormir a noite anterior. Tinha-as deixado em um enredo, mas quando havia tornado de descender pela parede, tinha sido refeita perfeitamente e não tinha ousado dormir tão perversamente de novo.

-Sim- ela estava de acordo.

-Sim- ele corrigiu, com seu formoso acento-. Sim e não e fazê-lo e não fazê-lo.

-Não penso que vá usar muito a palavra fazê-lo- disse ela, envergonhada.

Ele a olhou de cima abaixo.

-Bem, deveria. É uma moça encantadora, e se alguma vez encontrei a um homem que precise fazê-lo, é Circenn Brodie.

Lisa mascarou sua surpresa rapidamente. Ela tinha recebido o laird como um homem que o fazia com grande frequência.

-Quase parece como se estivesse me animando. Não deseja me matar também?

Duncan soprou, e juntando as mantas em uma cômoda travesseiro, deixou-se cair na cama.

-A diferença do Circenn e meus irmãos, eu não vejo tudo em termos de branco e negro. Às vezes as coisas más acontecem com as pessoas boas. Considero inocentes às pessoas, a menos que seja provada sua culpabilidade. Sua aparição com a garrafa não necessariamente significa culpa. Além disso, ele disse que lhe entregou a garrafa quando a pediu-. Olhou-a pensativamente-. Disse que a encontrou em um lugar que exhibe artefatos. Realmente deve estar assustada por tudo isto.

-Obrigado- exclamou Lisa-. É a única pessoa que teve um pensamento a respeito de como me sinto.

-Sempre considero como se sente uma mulher- respondeu ele meigamente.

Lisa não tinha nenhuma dúvida disso, mas se deu conta de que flertar com o Duncan Douglas poderia ser um beco sem saída. Por isso guiou a conversação de novo ao Circenn.

-Ele compreenderia que sou uma vítima inocente se alguma vez deixasse de me grunhir e me intimidar. Tudo o que eu quero é voltar para casa. Não escolhi vir aqui. Preciso retornar a casa.

-por que? Tem ali um amante a quem seu coração estranha?

-Não é isso. Mas tenho responsabilidades.

-Och!- Duncan se interrompeu e ondeou uma mão-. Não diga essa palavra ante mim. Aborreço essa palavra, detesto essa palavra. É uma palavra sem sabor.

-E uma palavra muito importante- disse Lisa-. Há coisas que eu devo cuidar em meu tempo. Duncan, você deve persuadir o de me enviar de volta.

-Moça, Circenn não pode te enviar de volta. Ele não pode dirigir o tempo. Pode ter qualidades um pouco estranhas, mas enviar às pessoas através do tempo não se está entre elas.

-Poderia-me enviar a garrafa?- perguntou ela rapidamente e estudou ao Duncan cuidadosamente para calibrar sua reação. O rosto do homem se escureceu como o do Circenn quando ela o tinha mencionado.

-Não- disse ele sucintamente-. E eu não recomendaria expor-lhe ao Circenn. É condenadamente suscetível sobre essa garrafa e só incitará suas suspeitas se segue inquirindo sobre ela. Uma grande parte do que apóia sua inocência é que você a cedeu tão facilmente.

Lisa suspirou interiormente. Grandioso; porque se ela fosse e a buscasse, se a apanhavam só a faria parecer culpado.

-Não conhece nenhuma maneira de que possa voltar casa?- pressionou ela.

Duncan a olhou curiosamente.

-por que deseja tanto retornar? É tão desagradável aqui? Quando te vi olhar fixamente fora da janela mais cedo, estava olhando o mar com uma expressão de prazer. Parecia que encontrava este país bonito. Estava equivocado?

-Não, não estava equivocado, mas esse não é o ponto.

-Se não me disser por que está tão se desesperada por voltar, tenho medo de não poder sentir muita simpatia por ti- disse Duncan.

Lisa suspirou e jogou um olhar longe. Ela poderia ficar a chorar se começava a falar sobre o Catherine.

-Alguém que me ama muitíssimo me necessita, Duncan, agora mesmo. Não posso lhe falhar a ela.

-Ela- repetiu ele, e pareceu contente-. Quem?

Lisa o olhou.

-Não é mais que bastante? Alguém depende de mim. E não posso decepcioná-la!

Duncan a estudou, avaliando-a. Finalmente estendeu suas mãos no ar.

-Sinto muito, moça, mas não posso te ajudar. Não conheço nenhuma maneira de que volte para seu tempo. Sugiro que confie qualquer de seus predicamentos ao Circenn.

-Mas disse que ele não pode me retornar- disse Lisa rapidamente.

-Não, mas é um grande ouvinte.

-Ja! Um nabo escutaria melhor- disse ela, e rodou os olhos.

-Não julgue ao homem que vê na superfície, moça. Há profundidades e profundidades no Circenn Brodie. Pensa que ele te matará?

Lisa viu em seus olhos escuros a convicção de que Circenn Brodie não o faria.

-Não pode obrigar-se a si mesmo a fazê-lo?

-O que pensa você?

-Penso que ele aborrece pensar nisso. Embora grunha e me lança olhadas furiosas, penso que está mais zangado consigo mesmo que comigo a maior parte do tempo.

-Moça lista- disse Duncan-. Ele está de fato zangado porque se debate entre dois juramentos. Não acredito que pense de verdade que é uma espia, ou culpado de algo. Se por algo está zangado, é por ter feito o juramento em primeiro lugar. Circenn nunca tem quebrado sua palavra antes, e não se sente bem com isso. Tomará tempo aceitar o que percebe como um fracasso. Uma vez que o faça, não manterá nenhum juramento sobre sua vida, embora em consequência seja condenado.

-Bem, é um alívio- disse Lisa. Lhe ocorreu que possivelmente Circenn e seu amigo estavam jogando polícia bom-polícia mau simplesmente, mas não sabia para que. Observou ao Duncan com curiosidade.

-Não tem perguntas sobre como é meu tempo? Eu as teria se fosse você.

A expressão do Duncan ficou seria.

-Sou um homem que está satisfeito com seu lugar na vida, moça. Não tenho nenhum desejo de saber o futuro, nenhum desejo de me entremeter. Uma fração pequena de uma vida pequena é o bastante boa para mim. Tais coisas estão melhor as ignorando. Quanto menos saiba sobre seu tempo, poderemos trabalhar melhor para te ajudar a te adaptar a meu tempo. Falar de seu século só o manteria vivo para ti, e, moça, desde que não sei nenhuma maneira de te retornar, manifestaria-me contra aferrar-se a qualquer lembrança.

Lisa fez uma respiração profunda e a exalou devagar.

-Então me ensine, Duncan- disse ela tristemente-, mas serei honrada contigo: não tenho nenhuma intenção de me render. Se houver um caminho a casa para mim, eu o encontrarei.

Circenn passeava pelo pátio, dando irritados chutes às pedras soltas. A terraço precisava ser reparada, notou, como o torreão mesmo. Estava cansado de viver em castelos ao meio queimar, não devido à falta de comodidades, o que escassamente o incomodava, mas sim porque o caos geral e abandono do Dunnottar refletiam seu próprio estado com muita precisão.

Ele olhou a pedra angular do torreão. Durante o último sítio, a grande pedra que sustentava a torre tinha sido empurrada fora do centro, causando que a parede sobre ela se debilitasse perigosamente. E ele se sentia justo assim, como se sua pedra angular estivesse desequilibrada e sua fortaleza inteira pendesse de maneira ameaçadora.

Não mais, pensou. Ele tinha proferido sua última mentira, tinha quebrado sua última regra.

Tinha considerado seriamente o assunto e tinha decidido que a escapatória do Duncan o protegia de fato de romper realmente seu juramento. Aceitaria esse desprezo como uma interpretação de suas regras. Se Adam se apresentasse, simplesmente lhe assinalaria que ele não a tinha matado ainda.

Mas mentir sobre quem era, e tomar em consideração intimar fisicamente com ela... ah, aquilo era inaceitável. Não proferiria nenhuma mentira mais, nem se permitiria ser tentado por ela.

Suspirando, dirigiu-se para o pátio exterior, resolvido a tirar um dos lhes semeie do estábulo para um duro passeio. Quando galopava para baixo da costa rochosa, notou uma nuvem de pó que se movia em espiral mais à frente da ponte de terra atrás do torreão, no mesmo momento em que seu guarda gritou uma advertência.

Entrecerrando os olhos, estudou a nuvem de pó que se aproximava. Seu corpo se esticou, ávido de batalha. Seria bom lutar agora mesmo, conquistar, reafirmar sua identidade como guerreiro. Quando os primeiros cavaleiros coroaram o promontório, a adrenalina que alagava seu corpo se alterou para desanimar-se rapidamente, e então a substituiu algo semelhante ao desespero.

O estandarte do Robert Bruce se estendeu entre seus portadores anunciando sua chegada para relevar aos homens do Circenn e enviá-los a casa do Brodie.

E quanto a que havia dito sua última mentira, pensou sardonicamente, ja! Aí vinha o "primo" da moça.

CAPÍTULO 11

Circenn montou como um homem poseído ou possivelmente, pensou, aflito, ou -com mais com precisão- obcecado com uma imprevisível e alta mulher, para interceptar ao Bruce antes de que ele pudesse alcançar o torreão. Enquanto cavalgava, maravilhou-se de como sua pequena decisão de não matá-la ainda tinha criado a sua vez dúzias de problemas. Cada vez que ele tentava compor um desses inconvenientes, só criava um novo jogo de complicações. Já comprometido assim, não podia retroceder. Não se atreveu a deixar de perpetuar as mentiras que ele mesmo tinha começado sem arriscar-se a expô-la.

Robert levantou sua mão saudando e rapidamente se separou de suas tropas, seus guardas pessoais uns passos atrás, mas não afastados de seu lado. Dirigindo o volume de seus homens para o torreão, açulou a seu cavalo a iniciar um galope.

O olhar do Circenn se deteve no guarda do rei. Instintivamente, deixou cair seu queixo, olhando por debaixo de suas sobrancelhas. Nem um indício de sorriso tocou seu rosto. No idioma dos guerreiros, a cabeça baixa, o olhar fixo eram um desafio. Circenn assumiu a postura inconscientemente, seu sangue respondendo aos dois homens que flanqueavam a seu rei. Era o instinto simples e eterno de um lobo quando se confrontava com outro lobo poderoso que se aproximava furtivamente ao mesmo território. Nada pessoal, só uma necessidade de reafirmar sua masculinidade e superioridade, pensou com uma careta interior.

Quando Circenn tinha visto o Robert por última vez, o rei não tinha tido a esses dois homens com ele. Sua presença significava que os clãs mais profundos das Highlands tomavam agora a vanguarda da guerra. Circenn estava contente de que seu rei merecesse que dois dos guerreiros mais legendários o protegessem. Eram homens maciços com olhos sobrenaturalmente azuis que os identificavam como Berserkers.

-Circenn-. Robert o saudou com um sorriso-. passou muito tempo da última vez que nos vimos. Vejo que Dunnottar ainda é a ruína da que saí o outono passado-. Seu olhar vagou pela paisagem anormalmente crescida, os montões de pedras, as pedras tintas de negro do torreão.

-Bem-vindo, milord. Espero que tenha vindo a nos dizer que é tempo de juntar forças com seus homens- disse Circenn significativamente-. Desde que Jacques do Molay foi queimado na fogueira faz quinze dias, meus Templários estão fervendo pela necessidade de batalhar. Não sei quanto tempo mais poderei aplacá-los com missões menores.

Robert agitou sua cabeça, um sorriso torcido encurvando sua boca.

-É tão impaciente como sempre, Circenn. Estou seguro de que saberá guiar a seus Templários, como sempre o faz. Servem-me melhor em suas missões furtivas que no fronte por agora. A dúzia que introduzi em minhas tropas tem feito

costure notáveis. Confio em que manterá o resto preparado para meu comando-. Ele gesticulou a seu guarda-. Acredito que conhece o Niall e Lulach McIlloch.

Circenn inclinou sua cabeça. Quando seu olhar se moveu sobre os irmãos McIlloch, sorriu com antecipação. Um movimento de qualquer deles e ele estaria pego a suas cavalgadas e a suas gargantas. Admitia que a briga acabaria em risada, mas cada vez que via esses dois homens reagia da mesma maneira. Eram os guerreiros mais fortes com os que ele treinasse na vida, e lutar com eles era tão estimulante como fútil: ele não podia vencer a um Berserker mais do que um Berserker podia vencê-lo a ele. Suas lutas acabavam em empate cada vez. É obvio, combatiam de um em um; Circenn não tinha nenhuma dúvida de que se alguma vez os dois combinassem forças, derrubariam-no com um pequeno esforço a menos que usasse magia.

-Brodie- disse Lulach com uma inclinação.

-Possivelmente tenhamos tempo para um jogo de espadas antes de que volte para o Brodie- ofereceu Niall-. Penso que poderia aprender outra lição- provocou.

-E pensa que pode me ensinar alguma?- nada gostaria mais que represar sua frustração em uma luta desafiante, mas sua mente estava consumida pelo problema que tinha entre mãos-. Possivelmente depois-. Tirou-os de seus pensamentos e se voltou para o Robert-. Poderíamos falar em privado, milord?

Bruce assentiu com a cabeça ao Niall e Lulach.

-Vão adiante. Estarei bem custodiado com o Brodie. Unirei a vocês em seguida.

Circenn o rodeou com seu cavalo e Robert e ele montaram em silêncio até o bordo do precipício. Robert observou o mar e respirou profundamente o frio, salgado ar. As ondas se chocavam contra as pedras debaixo e levantavam espuma cor de prata que orvalhava os precipícios.

-Amo este lugar. É selvagem e cheio de poder. Cada vez que visito Dunnottar o sinto penetrar em minhas veias, me renovando.

-Este escarpado tem esse efeito-. Circenn estava de acordo.

-Mas possivelmente o que percebo não é nada mais que os fantasmas dos muitos homens valentes que morreram e defendeu esta cobiçada rocha-. Robert esteve calado um momento, e Circenn soube que estava refletindo sobre o número de escoceses que tinham cansado e continuariam caindo antes de ver seu país livre.

Esperou até o Robert se separasse de seus pensamentos.

-Ainda assim não se compara com o Castelo Brodie, verdade? Deve estar ansioso por voltar.

-Mais ansioso para me unir na batalha- disse Circenn rapidamente. Cansado de defender os sítios críticos, cansado de proteger e de manter-se só em meio da corrente de mensagens; precisava enterrar sua frustração no calor da batalha, que todo o consumia.

-Sabe que te necessito em outros lugares, Circenn. Também sabe que os Templários são caçados pelo preço de suas cabeças. Embora lhes dei santuário, mantendo-os fora da força, isso convidaria a um ataque antes de que esteja preparado. meus barbearam suas barbas e deixado suas túnicas e se feito passar por escoceses. aferram-se os teus ainda a seus costumes?

-Sim, faz muito tempo que romperam alguma de suas regras. Mas eu poderia persuadi-los, se pensassem que com isso lhes permitiria empreender guerra. Poderíamos ajudar a recuperar alguns dos castelos- assinalou Circenn irritado.

-Ajuda-me melhor precisamente onde está. Convocarei suas forças privadas a batalhar quando estiver preparado e nem um momento antes. Mas não desejo discutir, Circenn. me diga o que está pesando tão gravemente em sua mente que saíste a cavalo para me saudar com um semblante extraordinariamente austero, inclusive para ti.

-Preciso lhe pedir um favor, milord.

Robert arqueou as sobrancelhas.

-Formalidade entre nós em privado, Circenn? Com nosso passado?

Circenn sorriu fracamente.

-Robert, preciso te perguntar se pode me conceder um dom, e que não me questione, mas sim simplesmente o conceda.

Robert angulou seu cavalo mais perto do Circenn e pôs uma mão em seu ombro.

-Quer dizer outorgar minha confiança como quando você confiou em mim faz tantos anos, ainda quando eu tinha lutado para o Longshanks contra minha própria pátria? Quer dizer depositar minha fé tão firmemente como você me concedeu a tua quando não tinha nenhuma razão para acreditar que eu não cruzaria as linhas e retornaria de novo a Inglaterra?- a boca do Robert se encurvou em um sorriso amargo-. Circenn, não faz muito tempo me deu uma razão para acreditar em mim mesmo. Quando veio a minhas convocatórias não sabia nada de ti, mas se rumoreaba que foi o guerreiro mais feroz de todas as Highlands. Acreditei que contigo me apoiando, poderia recuperar a liberdade de Escócia. Veio para mim, e me deu sua lealdade quando não o merecia. Não tinha nenhuma razão para confiar em mim ainda, e na força de sua fé eu redescobri a minha própria. Desde esse dia acredito que ganhei um lugar de novo nesta terra. Pergunta. Pergunta e será teu.

As palavras do Robert tinham o impacto de um punho nos intestinos do Circenn. Seu rei lhe dava sua fé e sua confiança, e estava esperando que Circenn lhe pedisse que o ajudasse a romper um juramento e perpetuar uma mentira. O que diria Robert se averiguava a verdade?

Circenn expeliu uma respiração.

-É uma mulher- disse finalmente-. Necessito que a pressente como sua prima, e quando lhe encontrar pretender isso que é a renovação de um velho conhecimento mútuo. Primo de sangue da Lisa MacRobertson.

Robert riu. Seus olhos faiscaram e assobiou.

-Com prazer. Faz muito tempo que deveria haver feito uma esposa e tido filhos para continuar sua estirpe. Esta terra necessita seu sangue para lutar por nossa liberdade.

-Não é esse tipo de...

-Por favor!- Robert levantou suas mãos-. Vejo em seus olhos que tipo de situação é. Vejo a paixão que só vi na batalha. Também vejo desconforto, o que me diz que tem sentimentos profundos neste assunto. E já que não vi esses sentimentos em ti por muito tempo, estou satisfeito. Parece. Estou ansioso por me reencontrar com meu 'prima'.

Sentimentos profundos, de fato, pensou Circenn de mau humor, profundamente aborrecido comigo mesmo. Mas se Robert precisava acreditar que havia um interesse matrimonial no pedido de reconhecê-la, que assim fora. O resultado final era o que importava. Em umas horas ele, seus homens e Lisa estariam em caminho ao Brodie, e Robert não se veria envolto no problema. A mulher nunca precisaria saber que ele tinha assegurado a cooperação do rei levando a acreditar que a queria.

Circenn permanecia calado, atormentando-se em sua culpa, envergonhado de que seu rei tivesse crédulo nele tão prontamente.

-Recorda quando nós estávamos nas covas do vale do North Esk?- perguntou Robert, seu olhar no horizonte.

-Sim.

-Era a hora mais negra de minha vida. Eu tinha guerreado contra minha própria terra natal para obter riqueza, terras e a promessa do Longshanks de que ele protegeria a meu clã. Não sei se por compartilhar muito uísque contigo, ou inspirado por um momento de claridade divina, vi-me mesmo como um traidor a meus próprios antepassados. Recorda a aranha?

Circenn sorriu. Recordava a aranha? Ele a tinha obrigado, compelido a realizar seu trabalho ante os olhos do Robert enquanto sanava de feridas de uma batalha, e olhando à aranha tecer seu tecido palmo a palmo apesar de que se rompia uma e outra vez; assim, Robert tinha recordado sua própria força e determinação. Quando a aranha tinha tido êxito na sétima prova, Robert Bruce tinha miserável seu corpo e sua alma golpeadas da terra úmida da cova e tinha agitado seu punho para o céu, e a batalha para liberar escócia tinha começado a sério.

Robert o considerou intencionalmente.

-Nunca vi uma aranha desse tipo, antes ou depois disso. Um quase se perguntaria se foi um fato natural. Mas eu não questiono algumas costure, Circenn. Agora me traga para sua mulher.

Depois de que Duncan deixasse sua câmara, Lisa esperou três minutos e tamborilou com seu pé, impaciente; então se aventurou no vestíbulo, determinada a encontrar a garrafa. Ela não tinha feito mais de médio caminho pelo corredor, quando Duncan chegou e a levou de novo para os degraus.

-Pensei que te tinha ido- exclamou ela.

-E o fiz. Então olhei fora da janela. Temos um problema e sugiro que empacote.

-Empacotar o que? Não tenho nada!

-As coisas do Circenn. as ponha nos cofres e os homens os carregarão. Iremos a cavalo muito em breve. Possivelmente logo que possamos. Assim que eu possa te tirar furtivamente do castelo- murmurou ele, respirando nervosamente.

-aonde?- exclamou ela-. O que está mau?

Duncan se aproximou discretamente a seu lado, tomou com não muita suavidade do braço, e a dirigiu para o vestíbulo e as câmaras do Circenn.

-Não vou perguntar te o que estava fazendo fora de seu quarto. Pressinto que o melhor é não sabê-lo. Mas, moça, quando joguei um olhar fora da janela vi você 'primo' que chegava para nos relevar no Dunnottar. A menos que lhe deseje encontrar isso e falar de coisas passadas e de velhos tempos que nunca aconteceram, sugiro que fique fora da vista e faça quanto eu te diga. Agradaria-me por favor agora e me brindaria obediência cega? Pode te manter viva.

-Tentaria alguém realmente me danificar se soubessem que sou do futuro?

A expressão do Duncan era mal-humorada.

-Os Templários não confiam nas mulheres, não querem magia druida, e sentem que nunca há uma razão válida para romper um juramento. Se descobrirem que Circenn mentiu sobre ti, perderão sua fé nele, e se o fazem, não estará em posição de te proteger. Para não mencionar o fato que Bruce também se perguntará quem é. Então saberá que é do futuro, e och, que não desejo pensar sequer nisso. Devemos te esconder.

-Empacotarei- ofereceu ela apressadamente.

-Boa garota-. Duncan girou e correu abaixo para o corredor.

Lisa terminou de empacotar em quinze minutos, depois de haver simplesmente atirado tudo o que não era muito pesado nos muitos cofres pulverizados no quarto. Depois, caminhou entre a porta e a janela durante outros dez minutos, tentando convencer-se de que não devia, sob nenhuma circunstância, deixar o quarto.

Não estava funcionando. No torreão justo debaixo de seu quarto, havia lendas caminhando e falando, planejando... Incapaz de resistir ao chamariz das vozes da história, deslizou-se fora da câmara e seguiu o ruído ao balcão que rodeava o grande hall. Sem o telhado, o vestíbulo estava gelado, mas os homens não pareciam notá-lo, e nenhum deles olhou para cima, enquanto ficavam ao dia nos planos de batalha. Ela espreitou do topo das escadas olhando ocultamente desde detrás da balaustrada e preparada para agachar-se e esconder-se em qualquer momento. Sabia que Duncan a estrangularia se tivesse a mais mínima idéia do risco que estava tomando, mas o chamariz era irresistível: quantas mulheres do século XXI poderiam declarar ter visto o Robert Bruce planejando a derrota da Inglaterra, batalha por batalha?

Não era que fossem acreditar a, mas ali estava ele, de pé debaixo dela, caminhando, inclinando-se sobre mapas e gesticulando enojadamente, orando, respirando, inspirando. Sua voz, rica e forte, era persuasiva e cheia de paixão. Deus do céu, estava olhando ao Robert Bruce planejando vencer a Inglaterra! Os calafrios percorreram sua coluna vertebral.

-Milady, gostaria de reencontrar-se com sua primo?- disse um homem detrás dela.

Lisa fez uma careta de chateio. Não tinha considerado que alguém poderia aventurar-se acima, ou estado acima antes de que ela saísse. Tinha estado tão angustiada pensando que alguém abaixo poderia procurá-la que não tinha emprestado atenção aos degraus. Esse homem devia haver-se deslizado enquanto seu olhar fascinado se enfocou no rei. Com o coração martilheando, voltou-se devagar para ver quem a tinha descoberto espiando e esperando que quem quer que fora pudesse ser persuadido de não dizer nada ao Duncan ou a alguém mais.

Era um dos cavalheiros que ela tinha vislumbrado no pátio mais cedo, quando os tinha visto treinar. Ele afundou rapidamente um joelho.

-Milady- murmurou-. Sou Armand Berard, um cavalheiro ao serviço de seu protetor. Posso escoltá-la escada abaixo?

O cavalheiro se levantou e ela notou que embora eram idênticos em altura, seu pescoço e ombros eram tão grossos como os de um jogador de futebol. Seu cabelo castanho era muito curto; seus olhos cinzas eram sérios e inteligentes. Uma barba espessa cobria sua mandíbula, e ela vislumbrou a labareda de uma cruz carmesim sob suas múltiplos túnica.

-Não... er... não, tenho a certeza de que ele está muito ocupado para mim.

-Robert Bruce nunca está muito ocupado para o clã- disse ele-. É uma das muitas coisas que eu lhe admiro. Venha.- Ele estendeu sua mão-. Eu a levarei a ele.

-Não!- exclamou ela, e então adicionou mais brandamente-. Circenn me aconselhou que ficasse em meu quarto e se perturbará se descobrir que o desobedeci. Ele disse que veria se eu tinha tempo para falar depois com minha primo.

-Ele não se perturbará com você. Nunca tema, milady. Venha. Bruce estará ansioso por vê-la de novo, e alegre pelo prazer do rei, o laird do Brodie perdoará seu trasgresión. É natural que estivesse alvoroçada por ver sua primo de novo. Venha.

Ele apoiou uma mão ao redor de sua boneca e se apoiou na balaustrada.

-Milord!- gritou para baixo, ao grande hall-. Trago-lhe para sua prima!

Robert Bruce os olhava, com uma expressão curiosa em seu rosto.

CAPÍTULO 12

Lisa se gelou. Era sua culpa, lamentou-se. Circenn Brodie lhe poderia ter permitido viver, mas sua curiosidade a tinha entregue simplesmente ao golpe fatal. Primeiro, sua curiosidade a tinha levado a tentar conseguir um trabalho no museu, para que pudesse aprender coisas. Então a tinha compelido a abrir o cofre e tocar a garrafa; e finalmente, tinha-a tirado de seu quarto, em meio de uma situação mortal. Estava condenada.

Retrocedeu quando Armand Berard tomou sua mão e a dobrou sobre seu cotovelo. Seus ombros caíram derrotados, seu queixo escorregou até a noz. Nunca permita a ninguém te tirar sua dignidade, Lisa, sussurrou Catherine em sua mente. Às vezes é tudo o que alguém tem.

Seu queixo se levantou. Se ia para sua morte, Por Deus que o faria suntuosamente. Durante todo seu sofrimento, sua mãe nunca tinha abandonado sua dignidade, e Lisa não faria menos. Inclinando sua cabeça, ela acomodou seu vestido e endireitou as costas.

Parecia eterno descender as poucas dúzias de degraus. O vestibulo estava cheio do Templarios e os cansados homens do Bruce, e quase cem guerreiros a olharam curiosamente, incluindo a intensa fúria de certo senhor da guerra que definitivamente parecia querê-la morta, e o olhar inquisitivo do rei de Escócia.

Ela pegou um sorriso desafiante em seus lábios. Quando alcançaram o fundo, o moreno rei se separou da multidão. aproximou-se dela, e seus braços se estenderam.

-Lisa- exclamou ele-. Que encantado é verte de novo. floresceste sob o cuidado do Circenn, como suspeitei que o faria.

Ela a envolveu em um abraço feroz, e seu rosto se enterrou em uma barba espessa que cheirava a fumaça de madeira, a país livre. Ela devolveu o abraço e ocultou a aturdida expressão em sua bochecha. Circenn deve havê-lo encontrado primeiro, compreendeu. Apertou-a tão estreitamente, que ela quase chiou. Mas quando deu tenros golpecitos a seu traseiro, Lisa gemeu e tentou retroceder. Lhe estava sorrindo abertamente.

Perto de sua orelha, sussurrou:

-Não tema, muchachita. Circenn me disse tudo. Estou contente de que ele tenha escolhido uma esposa.

Esposa? Ela gemeu de novo, com os joelhos debilitados. Certamente esse sobrecrecido, carrancudo bárbaro não pensaria que ela se casaria com ele só para permanecer viva? Jogou um olhar por cima do ombro do Bruce e viu o Circenn uns cinco passos detrás, olhando-a com uma luz intensa que lhe dizia sem palavras: Obedece. te comporte.

Pensando-o duas vezes...

-Disse-lhe isso? Prometeu-me que não o anunciaria ainda- mentiu ahogadamente. Se isso era o que Circenn havia dito e a mantinha viva, ela estaria de acordo no momento. Haveria muito tempo para emendar as coisas depois.

-Não, moça, ele não o disse. Seus olhos o fizeram.

Os olhos de quem tinha cuidadoso?, perguntou-se, porque os únicos olhos que ela tinha visto levavam a intenção de assassinato em suas profundidades.

Bruce sorriu amplamente.

-Espero que seja tão fecunda como uma lebre. Necessitamos dúzias de seus filhos nesta terra.

Ele riu e deu golpecitos a seu abdômen.

Lisa se ruborizou, interessada em que poderia dar golpecitos a seu seios e inquirir sobre suas habilidades para a lactação. Tinha recebido golpecitos mais que familiares do rei de Escócia, o que a tinha emocionado mais que o contato de qualquer outro homem, exceto Circenn.

-Não tem seu clã boa semente?

-Uh... sim- disse ela brilhantemente, com outro rubor.

Bruce alargou um braço por detrás dele e fez aproximar-se do Circenn, abraçando-os juntos. Por um momento, seu maçã do rosto se quebrou contra o assumo do Circenn. depois de uns instantes do mais incômodo abraço em grupo, ela foi afastada de novo e Bruce jogou sua cabeça para trás e gritou:

-Apresento a minha prima, Lisa MacRobertson!

Bruce caminhou para trás e os tocou com o cotovelo para aproximá-los mais: tomou a mão da Lisa e curvou seus dedos sobre a palma, convertendo-a um punho. Ignorando seu olhar de confusão, pôs o punho na mão grande do Circenn. O olhar da Lisa voou ao rosto do guerreiro e ela viu fúria ali, embora o rei parecia havê-lo esquecido.

-Com grande prazer dou a esta moça, minha querida prima, emano em punho, a meu laird favorito e cavalheiro em nossa causa bendita, Circenn Brodie, junto com quatro feudos adicionais vizinhos a seu demesne. As bodas será no Brodie quando nos encontrarmos ali dentro de três meses. Aclamem à futura senhora do Brodie!- rugiu Robert e sorriu a ambos.

A mão do Circenn se fechou ao redor de seu punho. Quando o vestíbulo explorou em um alvoroço, o olhar que lhe dedicou era mortífera.

-Não te atreva a me olhar assim! Eu não lhe disse que... -vaiou ela -. Você é quem lhe disse que...

Circenn aproveitou o caos momentâneo e a estreitou em seus braços. Com a boca enterrada em seu cabelo, ele grunhiu em um tom rouco pela irritação:

-Eu não lhe disse isso. O rei o decidiu, totalmente independente de mim, por isso, moça, se pode sair deste século de verdade, sugiro que ponha a imaginar como fazê-lo antes da terceira lua. Ou encontrará a ti mesma te casando comigo, e eu te prometo, moça, que não é algo que deseje fazer.

-Um beijo para selá-lo, Brodie!- gritou Bruce.

Só Lisa viu o olhar feroz em seu rosto antes de que ele a beijasse castigadoramente.

Galan encontrou ao Duncan atirado no piso das cozinhas, sustentando-se seus flancos. Cada poucos segundos fazia uma profunda, ofegante respiração, gaguejava, e então se perdia de novo em ondas de risada.

Galan o olhou repetir a sucessão ridícula várias vezes mais antes de tocá-lo no cotovelo com a ponta de sua bota.

-Poderia te deter- disse irritado.

Duncan abriu a boca e tamborilou seu assumo com o punho, então se derrubou de novo em estrepitosas gargalhadas.

-Há-há jajajajaja visto sua c-face?- rugiu Duncan sustentando seu estômago.

Os lábios do Galan se estiraram bruscamente, e se mordeu um para permanecer sério.

-Este é um problema, Duncan- arreganhou Galan-. Agora ele está quase comprometido com a jovencita.

Duncan só respondeu com outro rugido de risada.

-C-quase? Ele o estejam!

-Não sei que encontra divertido nisto. Circenn vai estar furioso.

-Mas ele estejam a-apanhado!- Duncan abriu a boca entre soluços de risada. Então se levantou, tomou várias grandes baforadas de ar, e finalmente tentou dominar sua risada no momento, as esquinas de sua boca estiradas brusca, furiosamente.

-Não vê o que deve ter passado, Galan? Circenn deve ter pedido ao Bruce que a reconhecesse, e o rei, conhecendo o Circenn como um descendente Brude, assumiu é obvio que Circenn desejava que fora de linhagem real para que pudesse casar-se com ela. Então, Robert foi um pouco mais à frente, com o amável pensamento de que estava aplainando o caminho para que a mulher pudesse ser aceita como sua esposa. Pensava que estava lhe dando exatamente o que queria ao Circenn.

-OH, realmente?- disse uma voz suave.

Duncan e Galan se serenaram imediatamente.

-Milord- Eles inclinaram a cabeça respetuosamente.

-Infravaloriza-me- disse brandamente Robert Bruce.

-Onde está Circenn?- perguntou Galan, olhando cautelosamente atrás do rei.

-Deixei ao Circenn no grande hall aceitando felicitações com sua nova senhora do braço- disse Robert sinceramente-. Pensa que não sei que o homem há feito um de seus ridículos juramentos de não casar-se?

Duncan olhou admirado ao rei.

-É um bastardo preparado.

-Duncan!- rugiu Galan-. Não te dirija assim ao rei!

Robert levantou sua mão e sorriu abertamente.

-Seu irmão me chamou piores costure quando o tenho aturdido com uísque e jovencitas. Ele e eu nos entendemos bem, Galan. De fato, foi enquanto estávamos em uma situação parecida no Edimburgo que discutimos esta mesma preocupação. Mas já não será nenhuma larga preocupação, verdade? Arrumei o que a maior parte de seu clã não pôde arrumar durante anos-. Robert parecia enormemente satisfeito de se mesmo.

Galan observou ao Duncan.

-Aí era onde foi quando disse que estava conseguindo fornecimentos? Com mulheres e bebendo com o rei? Não tem nenhum sentido de responsabilidade?

Duncan sorriu inocentemente.

-Robert precisava aliviar um pouco de tensão, e não conheço nenhuma maneira melhor. E enquanto nos entretínhamos grandiosamente com umas moças, discutimos o fato de que Circenn não estava muito disposto a fazer filhos para Escócia. Como Robert assinalou, pôde arrumar o que nenhum de nós pôde. Eu, por minha parte, estou agradecido.

Galan agitou sua cabeça.

-Circenn matariam a todos se suspeitasse que este não é um imenso equívoco.

-Mas alguma vez saberá, não é certo?- replicou Robert serenamente.

Duncan estalou em risadas de novo, e depois de uma perplexa, sobressaltado olhar, Galan lhe uniu.

-Não me casarei contigo- retumbou Circenn detrás de um enorme sorriso.

-Eu não lhe pedi isso- vaiou Lisa a sua vez, com um sorriso vitrificado arqueando seus lábios.

Com um desdobramento brilhante de dentes, sorriram-se um ao outro, enquanto aceitavam felicitações de vários homens que estavam de pé no vestibulo. Cada vez que tinham um momento apartados, ou apertavam suas bocas, um deles viajava ao outro. No enorme quarto, pareciam um casal sussurrando alegremente.

-Não pense que isto troca as coisas- espetou ele, os lábios estirados tensamente em cima de seus dentes.

-Não fui eu a que lhe disse uma mentira- replicou Lisa, quase grunhindo. Sorriu com esforço.

-Felicitações, milord-. Armand Berard aplaudiu o ombro do Circenn.

-Obrigado- disse Circenn e o imitou, golpeando ao Armand energicamente no ombro.

As sobranceiras do Armand se juntaram.

-por que não nos disse isso esta manhã, Circenn, quando nos disse quem era ela?

Circenn nem sequer fez uma pausa antes de contar outra mentira. Och, chegavam-lhe rápida e furiosamente, com facilidade chocante. Ele tentou esboçar uma meio sorriso.

-Não estava seguro de que o rei desejasse anunciá-lo, mas parece que estava ansioso.

-Milady-. Armand se inclinou em cima de sua mão e a beijou-. Estamos contentes de que Circenn tenha escolhido estabelecer-se e começar uma família. Embora os de nossa ordem não se casam, acreditam que se um homem não for tomar um juramento de celibato, deve tomar uma esposa. Mantém-no humilde e o inclina para a sobriedade.

Lisa sorriu brilhantemente ao Armand. Mantém-no humilde, pensou. Não havia um só osso humilde no corpo do Circenn Brodie. Embora, detestava admiti-lo, não se tinha incomodado em procurar um.

-Onde foi ele?- grunhiu Circenn no momento em que Armand se fundiu na multidão.

-Armand?- perguntou Lisa inexpressivamente-. Está ali-. Ela apontou para trás.

-Rrroberrrt! Esse traidor bastardo-. Seu grunhido era tão grave ao pronunciar o nome que as erre eram ao final um grunhido débil convertido no T.

-Como poderia saber onde está o rei?- Lisa rodou seus olhos-. Sou a última pessoa que sabe o que está acontecendo aqui.

-Esta complicação inteira é por desobedecer e deixar sua câmara! Não te disse que permanecesse na câmara? Quantas vezes te disse que devia permanecer em sua câmara? Não te disse pelo menos uma dúzia de vezes nos últimos dois dias que não deixasse sua câmara?

-Repetir a mesma pergunta três vezes, de maneiras ligeiramente diferentes, não me faz me inclinar mais a te responder. Não me fale como se fora uma menina. E nem sequer pense em me culpar disto a mim- Lisa levantou o nariz e apartou seu rosto-. Certamente nunca disse a ninguém que eu queria me casar contigo. Deixar minha câmara não nos converteu em noivos. Você o fez por ti mesmo.

Circenn a estudou através dos olhos contraídos, então baixou sua cabeça ameaçadoramente perto da sua.

-Possivelmente me casarei contigo, moça. Sabe que uma esposa deve obedecer a seu marido em todas as coisas?- ronronou contra sua orelha. Deixou de franzir o cenho abruptamente-. Renaud!- aplaudiu a outro Templário no ombro e sorriu dolorosamente.

-Estamos contentes, milord- disse Renaud do Vichiers formalmente.

-Obrigado- respondeu Circenn-. Se me desculpar, Renaud, minha noiva se sente um pouco extenuada. Ela está muito nervosa-. Com uma inclinação ao Renaud, levou a Lisa longe da multidão e a empurrou para uma esquina do vestibulo, sem preocupar-se do que outros pensassem. De momento, estavam tão solos como podiam estar em um quarto lotado.

-Não estou nervosa. Sou a imagem da calma, considerando tudo o que passei. E não quero me casar contigo- disse ela insolentemente.

Sua resposta esfriou seu sangue:

-No lapso de três meses, moça, nenhum de nós terá nenhuma opção. Agora escoltarei a seu quarto, e permanecerá nele esta vez.

Informando desahogadamente para o vestibulo que sua futura algema estava superexcitada pela emoção, uma mentirijilla que Lisa resintiu porque a fez parecer frágil, Circenn a guiou escada acima, sua mão como uma acerada tenaz capturando seu braço. Ele se deteve em sua porta e lhe informou que se deixava o quarto, asseguraria-se de que ela tivesse uma boa razão para senti-lo.

Lisa abriu a porta, e começou a entrar, quando ele a puxou de repente para seus braços.

Sem uma palavra, fechou sua boca brutalmente em cima da sua.

Muito surpreendida para resistir, Lisa permaneceu imóvel, seus lábios abrindo-se ante a insistência de sua língua. Ele se lançou entre seus lábios em uma imitação escandalosa do ato sexual, sondando firmemente, retrocedendo, só para empurrar de novo. Ela inclinou sua cabeça para trás, seu corpo faiscando de vida. Ele estava zangado, poderia senti-lo na violência com que machucava seus lábios, e isso alimentou sua própria irritação.

Então lhe ocorreu que beijar era uma maneira útil e fascinante de expressar o aborrecimento, por isso se concentrou em derramar toda sua irritação e desgosto em sua resposta. Mordeu, beliscou, lutou contra sua língua com a sua. Quando sua língua se retirou, ela a seguiu e a chupou de novo em sua boca, orgulhosa de si mesmo por ter ganho essa batalha. Quando a beijou tão profundamente que não poderia respirar, deixou cair suas mãos a sua cintura, então as baixou ainda mais, só para lhe demonstrar que ela estava completamente ao mando. Era um firme, musculoso traseiro; o pensamento foi acompanhado por uma onda de excitação quando imaginou seus quadris poderosos que se esticavam em um ritmo eterno.

Quando seus dentes tocaram os seus, um gemido floresceu em sua garganta. Ela levantou suas mãos, inundou-as em seu cabelo e escorregou seus dedos através da seda negra. Seus dedos baixaram até a nuca, então envolveu seus braços ao redor dele e o beijou de novo tão desinibidamente que ele se paralisou abruptamente, caminhou para trás, e a olhou com fixidez, com uma expressão sobressaltada.

Por um instante, pareceu agradado, então seus olhos se entrecerraram rapidamente.

-Eu não gosto, e não tolerarei que complique minha vida.

-Repete-o- disse ela através dos lábios inchados.

-Então nos entendemos- disse ele.

-Mm-hmm- respondeu ela-. Perfeitamente.

-Bem.

olharam-se fixamente. Ela notou que os lábios dele estavam ligeiramente mais cheios. Ela tinha feito isso. Seus próprios lábios se sentiam hormigueantes, quentes, e certamente não terminaram de expressar sua irritação.

-Não se esqueça de quem está ao mando neste castelo, garota- grunhiu ele antes de ir-se silenciosamente para o vestibulo.

Se assim era como ele afirmava seu mando, ela poderia ter que desafiar mais frequentemente sua autoridade.

SUBINDO...

Qual é sua substância, onde te fez,

o que milhões de sombras estranhas existem em ti?

Shakespeare, Soneto 53

CAPÍTULO 13

A viagem desde o Dunnottar ao Inverness e dali ao Castelo Brodie viveria muito tempo na memória da Lisa. Com deprimos ela contou cada dia de sua jornada, sabendo que cada dia que permanecia ali o estava perdendo no futuro, e o pensamento a fazia sentir miserável. Temia que quanto mais longe cavalgassem do Dunnottar, faziam-se menores suas oportunidades de voltar para casa. Sabia que provavelmente não era verdade, porque se algo tinha o poder para retorná-la era a garrafa, e suspeitava que Circenn não permitiria que saísse de sua vigilância. Mais ainda, cada passo que dava internando-se mais profundamente na terra vigorosa, selvagem, a fazia sentir como se estivesse um passo mais longe de sua própria vida, mais dentro de um reino no que ela não tinha nenhum domínio e no que poderia perder-se completamente.

Pouco depois de que Circenn a tivesse deixado em seu quarto, ou com mais precisão a tinha deixado abandonada no vestibulo, tinha enviado ao Duncan e ao Galan para que a escoltassem fora do torreão, e os três tinham saído cavalgando. Circenn e o resto de seu grupo lhes tinham unido horas depois. Ela era agudamente consciente de que os cavaleiros a estudavam de longe, muito intensamente para sua comodidade. Não eram homens que desejasse ter ao redor, por isso falou tão pouco como foi possível e escolheu suas palavras com grande cautela.

A primeira noite que viajaram por Escócia, uma lua quase enche pendurava sobre os escuros penhascos e vales, e o trovão de mais de cem cavalos que levavam cofres e bagagem e homens pesadamente musculosos era ensurdecedor. A terra tremia quando galopavam sobre as colinas. Congelada a pesar do grosso plaid que cobria seu vestido, estava esmagada pelas milhas de país intacto, aberto. Embora o corpo lhe doeu depois de montar só umas horas, teria montado toda a noite para saborear a selvagem vista.

Pensava por completo distinto a seguinte manhã, entretanto, e não teria montado absolutamente se tivesse podido decidir. Tinha pensado arrogantemente que estava em boas condições físicas, mas montar um cavalo era bastante diferente do rappelling ou as acrobacias, e compreendeu rapidamente que suas habilidades atléticas a tinham treinado melhor para cair do cavalo que para permanecer sobre ele com certo grau de soltura.

A segunda coisa que permaneceu em sua mente foi Circenn Brodie, que montou a seu lado todo o caminho e sem falar, mas olhando cada movimento que ela fazia, cada expressão. Ela escondeu bem seu desconforto, determinada a não revelar nenhuma debilidade ante o guerreiro infatigável. Desde que tinham deixado Dunnottar, o homem apenas lhe tinha dirigido

duas palavras, e só a havia meio doido para ajudá-la a apear-se; ela podia imaginar que ele estava fervendo em uma surda raiva. Só partia de vez em quando de seu lado para falar com seus homens em voz baixa.

Em cada povo que atravessaram, notou que as pessoas tratavam ao Circenn como se pertencesse à realeza, e ele se comportava com reserva régia. Se parecia um pouco afastado, a nenhum dos aldeãos parecia lhe importar. Os meninos o olhavam fixamente, com temor; os homens velhos o aplaudiam no ombro e sorriam orgulhosamente; os olhares de guerreiros jovens o seguiam com admiração. Estava claro que o homem era uma lenda em seu próprio tempo. Mas com cada encantada, coquete olhar dedicado por uma mulher sob as pálpebras cansadas, Lisa sentia uma onda de irritação. Em mais de um povo, as mulheres encontravam sempre uma razão para aproximar-se o e tentar atrain-lo para discutir "um assunto mais em privado, milord". Sentiu-se satisfeita de ver que nenhuma delas tinha tido êxito. Entretanto, não estava segura se era porque ele não estava autenticamente interessado ou porque estavam montando tão duro. Raramente dormiam mais de umas horas cada tarde, mas ela estava acostumada a um sonho inadequado por trabalhar em dois empregos.

A terceira coisa que pesava em sua mente era a garrafa que, sabia agora, Circenn tinha consigo, porque tinha alcançado a vislumbrá-la uma noite quando ele procurava algo em seu baú. Desgraçadamente o homem tinha o sonho tão ligeiro que tentar conseguir a garrafa enquanto estava dormido seria um risco estúpido. Melhor esperar o momento correto.

Seria a última noite de sua viagem, entretanto, a que viveria muito tempo em sua memória; a noite que se aproximaram do perímetro do Castelo Brodie. Ao longo da jornada fisicamente exaustiva, Lisa se tinha preocupado pelo Catherine e se perguntou quem cuidava dela, chorando silenciosamente sob o amparo da escuridão. Todo o tempo Escócia invadia suas veias sutilmente, e apesar de seu medo e sentimento de impotência, sabia que estava apaixonando-se.

De um país.

Era muito cedo para a primavera nas Highlands, mas podia dar-se conta da terra dormida que esperava estalar em flor. Embora sabia que devia encontrar um caminho a casa, parte dela lamentava não permanecer muito tempo no passado, o bastante para vislumbrar os vales cheios de urzes, olhar as águias douradas voando sobre as montanhas, ver o tapete de samambaias e espinheiros luxuriosos brotar com a primavera.

A noite final de sua jornada, o clima se esquentou ligeiramente. Devido ao esgotamento, suas emoções borbulhavam gravemente perto da superfície, e nas últimas horas ela tinha passado da euforia pela beleza da noite das Highlands ao terror pelo que seu futuro poderia proporcionar. Lisa não sabia o que tinha esperado do Castelo Brodie, mas certamente não era a estrutura elegante de pedra que tinha vislumbrado no topo das colinas distantes, quando se tinha levantado em sua cadeira de montar para ver tanto como fora possível.

Descenderam a um vale, e o castelo esteve de novo oculto à vista. O silêncio só era quebrado pelo golpe dos cascos contra a grama e os suspiros ocasionais de homens alegres por retornar a casa. O céu era profundamente azul, a minutos de ficar negro-anoitecer, a palavra que descrevia para ela o crepúsculo. O caminho que seguiam subia por um desfiladeiro estirado para o horizonte, e além dele, a casa do Circenn. Quando subiram a costa, seu olhar a encontrou e ela suspirou à vista que a saudava.

O Castelo Brodie era tão magnífico como o magnífico homem que o possuía. Brilhantemente iluminado por tochas, parecia de sonho. além de uma grade arqueada que brilhava pálidamente à luz da lua, elevava-se uma estrutura de torres quadradas e torreões, espirais altas e andarilhos baixos que se conectavam com as diversas asas. Uma grande muralha abraçava a propriedade, e com a grade fechada, seria uma fortaleza insuperável. Os guardas se aproximaram furtivamente aos parapeitos e rodearam o perímetro. Ela podia imaginar simplesmente a dúzias de serventes e suas famílias dentro, andando de um lado para outro, a risada de seus meninos enchendo o ar. Seguros. a salvo e rodeados por seu clã, governado por um guerreiro que tinha comprometido sua vida para protegê-los.

Lisa sentiu uma pontada de desejo impossível. Que vida era essa... Algum dia ele se casaria de verdade e levaria a sua casa a uma esposa nesse lugar mágico. Este era seu mundo: esse castelo magnífico que brilhava pálidamente cinza à luz da lua, estes homens que o rodeavam lutando sob suas ordens e entregando suas vidas por ele. Era um mundo muito incrível para ser parte dele, pensou.

sentia-se dividida. Sua necessidade de voltar para casa batalhava com um desejo lhe esmaguem de pertencer a um lugar assim, estar rodeada por uma família.

Esgotada além da possibilidade de poder autoenganar-se, Lisa confrontou uma verdade que tinha estado tentando evitar desesperadamente.

Soube que não tinha nenhum futuro parecido ali, nem em nenhum outro lugar ou tempo.

Circenn seguiu ao Duncan e Galan aos estábulos do Castelo Brodie. Encurralou-os contra uma parede com a pura força de sua voz.

-Ouvi-te rir, Duncan- acusou, um músculo palpitando bruscamente em sua mandíbula. Circenn parecia ter estado cozendo-se a fogo lento durante a última semana, vendo a luz divertida nos olhos do Duncan, ouvindo sua risada, e incapaz de arreganhá-lo diante dos Templários. Já seus Templários tinham dirigido olhadas curiosas em sua direção, confundidos por seu gênio mal-humorado na viagem.

Duncan era a imagem da inocência.

-Se te referir à viagem até aqui, Galan e eu simplesmente estávamos recitando poemas obscenos, nada mais.

-Galan?- soprou Circenn, incrédulo-. Galan não poderia recitar um poema obsceno embora o resultado de uma batalha dependesse disso.

-Claro que posso- protestou Galan-. Realmente não sou tão mau como pensa.

-Compreende que estou absolutamente comprometido? Compreende que fiz um juramento ao Adam para matá-la e ao Robert para me casar com ela?- exclamou Circenn irritado.

A diversão do Duncan não diminuiu nenhuma pinga.

-Considerando que ao Adam não lhe permite te visitar sem convite como parte do trato, se me perguntar, o melhor que pode fazer é te casar com a moça. Ela poderia levar muito tempo morta para quando Adam retornasse a te incomodar de novo. Disse que às vezes passam cinquenta anos sem que se preocupe por ele.

Circenn ficou rígido. Ela poderia levar morta... não gostou de pensá-la morta, por sua mão ou por causas naturais. Mesmo que nunca cumprisse seu juramento, ela morreria muito tempo antes que ele. Como todos outros, morrendo ante seus olhos. Haveria um dia em que enterraria ao Duncan, cujo cabelo encaneceria, seus ossos se voltariam débeis, e seus olhos se nublariam pelo tempo. Ele choraria a perda de tal irreverente e apaixonada vida, por um coração tão cheio de alegria. E enterraria ao Galan, e ao Robert e a suas serventes e faxineiras. E a seus cavalos, e a qualquer animal doméstico que fora o bastante parvo para amar. Por essa razão, tinham passado séculos desde que se permitiu dormir com um sabujo favorito ao pé de sua cama.

Ao contrário do tempo mortal que a maioria dos homens viviam, Circenn não encontrariam a morte em uma dúzia de vezes, nem em mil, convertendo-o no maior estúpido se se preocupasse com algo. Possivelmente por isso era pelo que Adam Black estava tão isolado; depois de mil mortes, ele deixava simplesmente de preocupar-se.

Circenn se voltou sem outra palavra e deixou a seus fiéis conselheiros boquiabertos detrás dele.

Lisa estava de pé no meio do pátio, encantada com a vista. depois de um resmungão "não te mova", Circenn se tinha ido e tinha saído detrás o Duncan e Galan no momento que passaram pela grade. Ela tinha estado absolutamente satisfeita de não mover-se, porque significava que poderia dirigir toda sua admirada atenção ao castelo. Os cavaleiros surgiram ao redor dela em ondas, atendendo os cavalos e desempacotando os cofres, enquanto ela examinava as linhas elegantes do castelo medieval.

A propriedade retangular estava rodeada por uma poderosa parede de pedra. Na esquina nordeste, uma capela se situava em meio de um bosquecillo pequeno de árvores. Na esquina noroeste, perto da parede principal em que se elevava a grade, havia uma série de dependências baixas que ela assumiu eram os barracos dos soldados. Não podia ver mais à frente do castelo, que se elevava em quase toda a largura da propriedade murada. A parede do perímetro seguia as contorções das costas e vales e se estendia até onde ela podia ver, intermitentemente flanqueada com torreões cada cinquenta jardas ou algo assim.

Quando Circenn tomou pelo cotovelo, uns momentos depois, ela se sobressaltou.

-Vêem- disse ele quedamente.

Ela o olhou assombrada. Em lugar de parecer zangado, como tinha estado durante toda a semana de viagem, agora ele parecia triste. E a incomodou que ele parecesse triste. Podia enfrentar-se ao aborrecimento com o seu próprio, mas a tristeza tirava seus instintos maternos e a tentava a atraí-lo a seu lado, embalar seu rosto brandamente, e lhe perguntar o que estava mau. Conseguir conhecê-lo. Aliviá-lo.

Ela agitou sua cabeça ante sua própria idiotice. Esse era um homem que claramente não necessitava sua ternura e compaixão.

Entraram na porta principal do castelo e ele partiu de seu lado de novo, em meio dos serventes, dando ordens quedamente. Lisa estava de pé no grande hall dando voltas sobre si mesmo devagar, boquiaberta. Wow. Durante a última semana, tinha começado a assimilar algumas de suas expressões arcaicas, mas em algumas circunstâncias, só um "wow" completamente moderno podia interpretar suas emoções. Dunnottar tinha sido uma ruína; o Castelo Brodie era o mais fino castelo medieval. O grande hall era imenso, com um teto alto e cinco lares em cada uma das duas paredes, este e oeste, do quarto, e um lar central que parecia ter estado muito tempo inativo. Das paredes penduravam tapeçarias enormes, e uma mesa larga, ornamentalmente esculpida com dúzias de cadeiras, ocupava o fronte de um dos lares.

Ela olhou para baixo, ansiosa de ver um chão coberto de palha de primeira mão, mas se sentiu defraudada ao descobrir que o estou acostumado a era de pedra cinza pálida esfregada. Havia abundância de luz no quarto, e reconheceu os "rushlights", velas de cera e sebo empalados em puas verticais, em um castiçal de ferro com uma base em forma de trípode. No Museu do Cincinnati, tinham tido dois rushlights autênticos. Aqui, muitos se apoiavam nas prateleiras da parede, enquanto outros descansavam nas mesas pulverizadas através do vestibulo. Havia outros mais, fixos em laçadas de ferro, levadas sobre os braços dos serventes.

-Sua boca está aberta- disse Circenn em sua orelha.

Ela pestanejou.

-A tua também o estaria se te encontrasse de repente em minha casa-. Ele teria estado pasmado certamente com a televisão, a rádio e Internet.

-Está a seu gosto?- perguntou ele rigidamente.

-É encantador- suspirou ela.

Circenn se permitiu um pequeno sorriso.

-Vamos, prepararam uma câmara para ti.

-Durante os últimos dois minutos?- Que tão eficaz era seu pessoal?

-Enviei uma tropa primeiro exploradora, moça, e desde que esperam que você seja minha esposa- ele fez uma careta- devem ter feito um soberano alvoroço. Não te equivoque com meus atos. Dificilmente poderia negar a meus serventes seu... entusiasmo. A tropa lhes deve ter informado com prazer que estou comprometido em handfasted- murmurou secamente.

Sem pensar, ela pôs uma mão em seu antebraço, cheia de curiosidade, sua animosidade temporalmente esquecida.

-por que não te casou antes de agora?

Ele jogou um olhar à mão feminina em seu braço. Sua contemplação se atrasou longamente em seus dedos.

-O que? Interessaste-te de repente em mim?- perguntou, com o movimento zombador de uma sobranalha escura.

-Suponho que quando te vi no Dunnottar, vi simplesmente a um guerreiro, mas aqui te vejo...

-Como a um homem?- ele terminou por ela, em um tom perigoso-. Que intrigante- murmurou-. Tolo, mas intrigante.

-por que é tolo? É um homem. Esta é sua casa- disse ela-. Seus homens lhe dão sua confiança e lealdade, seus serventes estão contentes de verte voltar. Este é um enorme castelo, e deve ter pelo menos trinta ou trinta e cinco anos. Quantos anos tem?-. Sua frente se enrugou quando compreendeu que ela sabia muito pouco desse homem.

Circenn a observou indiferente. Com impaciência, ela seguiu encurralando-o.

-Não estiveste alguma vez casado? Pensa fazê-lo algum dia, ou não? Não quer meninos? Tem irmãos e irmãs, ou é tão solitário como parece ser?

Seus olhos se entrecerraram.

-Moça, estou cansado da viagem. Imagina suas próprias respostas para que lhe agradem. por agora, me permita te levar a sua câmara, para que possa seguir com meus outros deveres. Se você gosta de concentrar sua mente em um enigma, pensa uma maneira de evitar umas bodas formal em menos de três luas.

-Suponho que isso significa que não pode me matar, não é verdade?- disse ela, médio em brincadeira.

Ele franziu o cenho.

-Correto-. Então, perto de sua orelha para que ninguém pudesse ouvi-lo por acaso, ele disse-: Como poderia matar a uma prima do rei? Como poderia dispor de ti quando me foste dada em handfasted pelo Bruce? Estamos comprometidos agora. É uma situação tão seria como estar casados. te matar agora me causaria mais problemas que não cumprir meu juramento.

-Assim que seu juramento...

-Está completa e verdadeiramente quebrado- ele terminou amargamente.

-É por isso que estiveste tão zangado?

-Deixa de fazer perguntas!- trovejou ele.

-Sinto muito- disse Lisa defensivamente.

Ele a guiou para a escada tomando-a pelo cotovelo e a depositou à entrada a sua câmara, na asa oeste.

-Enviarei-te água quente para que possa te refrescar. Fica em seu quarto enquanto dure a noite, moça, ou posso ter que te matar de todas maneiras.

Lisa agitou sua cabeça e começou a voltar-se para a porta.

-me dê suas mãos, garota.

Ela se voltou para ele.

-O que?

Ele estendeu suas mãos.

-Ponha suas mãos nas minhas- não era um pedido.

Lisa ofereceu suas mãos cautelosamente.

Circenn as rodeou com as suas e entrelaçou seu olhar com a dela. Usou seu corpo, com uma inclinação sutil, com uma ligeira mudança e uma dominação tácita, para apertar suas costas contra a parede de pedra ao lado da porta, sustentando seu olhar. Fascinada, ela não poderia apartar seus olhos dele.

Quando ele estirou suas mãos sobre sua cabeça, ela aspirou em um ofego atormentado.

Ele se moveu tão devagar que, apaziguada por um sentido falso de segurança, Lisa não proferiu uma palavra. Brandamente, acariciou-lhe os lábios com os seus. Era incrivelmente íntimo, beijar-se tão devagar e meigamente. Se ele a tivesse beijado com ardor, não teria sido tão devastador.

Com lentidão insuportável, beijou-a tão devagar que ela pôde ouvir uma dúzia de seus próprios batimentos do coração entre cada alteração ligeira na carícia de seus lábios. Lisa deixou cair sua cabeça atrás contra a parede e fechou os olhos, perdida na fricção dos lábios que acariciavam os seus como se tivesse todo o tempo do mundo. O castelo parecia de repente enganosamente calado, sua respiração excepcionalmente ruidosa. Se foi durante cinco minutos ou quinze que ele a beijou dessa maneira, ela não poderia sabê-lo. Haveria sustentado que tinha sido para sempre.

Ele capturou suas bonecas com uma mão e, com a outra, delineou o contorno de seu maçã do rosto. Seu coração se afundou quando compreendeu quão perto estava ela de ser seduzida absolutamente por seu tentador, lento e delicioso toque.

Seus dedos apertaram uma esquina de sua boca e de seus lábios partiu um suspiro de prazer. Ele continuou beijando-a, mas não ofereceu sua língua, controlando sua impaciência. Devagar. Brandamente. Com intimidade prolongada que a fez consciente de cada matiz do que ele estava fazendo. Circenn se retirou para trás, seu olhar escuro, e passeou seu dedo por seu lábio inferior. Instintivamente, ela tocou o dedo com a língua.

Com um grave gemido, ele embalou sua cabeça em suas mãos, fechado sua boca em cima de seus lábios, e deslizou uma carícia aterciopeladamente larga de sua língua contra a sua. No momento em que a jovem se fundiu contra ele, Circenn se retirou atrás novamente, girou sobre seus talões, e se afastou em silêncio.

Seus lábios ardiam, e ela tocou sua boca com a ponta de seus dedos quando ele se dirigiu ao corredor. Ao final do vestibulo, Circenn jogou um olhar por cima de seu ombro, e quando a viu de pé ali, com seus dedos pressionando sua boca, dedicou-lhe um sorriso de satisfação masculina. Ele sabia o efeito que tinha causado nela.

A jovem caminhou a sua câmara e fechou de repente a porta.

Algo tinha trocado entre eles, compreendeu Lisa, durante a viagem desde o Dunnottar ao Brodie. Ou possivelmente pouco depois de que tivessem chegado, quando ele se partiu de seu lado parecendo tão zangado, e ao retornar tão triste. Ele parecia mais... humano, menos selvagem. Ou estava começando a confiar nele, induzida pela noção de que não tinha a ninguém mais a quem acudir?

Bocejando e ansiosa de recostar-se em algo além que a terra dura, jogou um olhar à câmara. Era bonita: das paredes penduravam panos de seda e tapeçarias que pareciam ter sido roubados da Inglaterra. O pensamento a divertiu muito; que Circenn decorasse seu castelo com gêneros ingleses roubados. Sua cama, adoselada com cortinas de pura cor marfim e coberta com dúzias de travesseiros, era tão larga que poderia deitar-se atravessada sem que suas pernas saíssem do bordo. A cabeceira era uma maravilha de desenhos e alto-relevos, e as faxineiras tinham salpicado os rincões e gretas com ervas e tinham secado flores.

É obvio, tinham-no feito para fazê-la sentir bem-vinda em sua câmara, e porque pensavam que ela ia ser a senhora desse castelo, mas Lisa sabia melhor que ninguém que não seria assim. Não havia nenhuma maneira de que ela ainda estivesse no século XIV dentro de três meses. Simplesmente não era uma opção. Veremo-lo amanhã, resolveu soñolientamente, acalmada pelo vinho que tinha bebido e o fogo ardendo brandamente; encontraria a garrafa e voltaria para seu próprio tempo. Flutuou para o sonho e dormiu.

Lisa estava correndo tão rápido como podia, procurando a sua mãe através dos corredores do hospital. Poderia alcançá-la se os doutores deixassem de empurrar tão rapidamente sua cama! Não entendiam que Catherine a necessitava?

Mas se sabiam, tinha-os sem cuidado. Eles percorreram um vestíbulo e o seguinte, dobraram à direita e depois ao reverso, quase como se estivessem tentando evitá-la deliberadamente. Todas as vezes que parecia alcançá-los, sua mãe se esforçava em sentar-se, oferecendo sua mão implorantemente. Várias vezes Lisa esteve a ponto de agarrar essa mão frágil, só para perdê-la quando os doutores se afastavam em um estalo súbito de velocidade.

Finalmente os alcançou perto do escritório de recepção. O escritório estava situado em uma esquina, com um corredor ao redor dele, mas havia só um corredor aberto à esquerda. Não havia nenhuma maneira de que pudessem escapar. Ela os interceptaria indo pela esquerda, e tomaria ao Catherine (pesava tão pouco agora!) e a levaria a casa, onde ela queria estar.

Mas quando correu para ali e bloqueou o vestíbulo, um elevador apareceu na parede previamente sólida, e os doutores se apressaram a entrar ali a sua mãe, ante a reprobatoria olhar da Lisa.

-Lisa!- gritou Catherine quando as portas começaram a fechar-se.

Lisa correu para ela, lutando contra o ar de repente espesso que lhe impedia de mover-se. Olhou com horror como a porta do elevador se fechava e sua mãe se perdia para sempre.

CAPÍTULO 14

Armand montou rapidamente através do bosque quando rompeu o alvorecer sobre as terras altas, escrutinando freqüentemente em cima de seu ombro para comprovar que não o tivessem seguido. Renaud tinha parecido muito curioso sobre sua intenção de dar uma volta além das paredes, mas Armand lhe havia dito que precisava meditar, que sua fé se via renovada freqüentemente pelo amanhecer e se encontrava recitando suas orações mais facilmente no esplendor natural de Deus.

Armand tinha rodado seus olhos e amaldiçoado. O templo natural de Deus não era, nem seria na vida, o bastante para ele. Certamente não agora, vivendo na pobreza abjeta e a humilhação que tinha suportado da derrocada de sua Ordem. Desejava um telhado fino em cima de sua cabeça, ambientes luxuosos, riqueza e respeito. Tinha perdido todas essas coisas quando se escaparam da França, jogados pelo Rei Philippe, que tinha desejado a riqueza dos Templários.

Muitos tinham cobiçado essa riqueza, e temido o poder crescente dos Templários, mas só Philippe tinha sido o bastante ambicioso e inteligente e se valeu de muitos favores políticos para pôr de joelhos à poderosa Ordem. E ficar de joelhos não era uma posição que Armand pudesse aceitar. Sua vida precisamente tinha sido como ele a tinha querido, e cada dia se aproximava dos verdadeiros segredos da Ordem; voltava-se mais confiável e se inteiraria de confidências maiores. Como Comandante de Cavalheiros, quase tinha podido degustar o privilégio e o poder do círculo interno, que tinha estado trabalhando para penetrar. Então os falsos arrestos tinham sido feitos e os cavalheiros se exilaram de sua pátria. Só um rei bárbaro, excomungado, tinha estado desejoso de lhes conceder clemência. Quando a Ordem do Templários tinha sido dissolvido por decreto papal em 1307, nenhuma ordem de supressão tinha sido emitida em Escócia; e sob o Robert Bruce, os Templários tinham procurado asilo e se tornaram os Militi Templi Scotia.

Ja, pensou malhumoradamente, mas bem as Bonecos da Minúcia de Escócia, porque dançavam agora sob a melodia de um novo rei, um rei que, embora não desejava dominá-los, não tinha riqueza para lhes conferir, nenhum respeito e nenhuma terra. Eles eram fugitivos, caçados e ultrajados.

Mas Armand Berard não o seria por muito tempo. Os recentes anos de escapar e esconder-se, de pretender guardar a fé quando a Ordem tinha sido destruída absolutamente, tinham afiançado sua resolução. Seus irmãos cavalheiros poderiam esperar absurdamente reconstruir sua Ordem em Escócia e no futuro recuperar sua proeminência, mas Armand sabia melhor. A hora luminosa dos Cavalheiros Templários tinha passado.

Teve lástima de seus irmãos pios que acreditavam que o poder nunca devia ser usado para ganho pessoal. Usaria-o um alguma vez por outra razão?

Amaldiçoou e jurou furiosamente. Tinha estado tão perto do conhecimento proibido do verdadeiro poder dos Templários...

Armand apertou os lábios, agachou-se ao passar sob um ramo baixo e lançou a seu cavalo em um trote quando entrou no claro. Assentiu com a cabeça à saudação do cavaleiro coberto que o esperava ali.

-O que tem para nós, Berard?

Armand sorriu. Tinha sido impossível comunicar-se com seu conspirador, James Comyn, enquanto acampavam no Dunnottar, mas não tinha tido nada que lhe dizer nesse momento. Entretanto, na última semana, tinha descoberto informação importante e tinha sabido que era um augúrio de coisas boas por vir. Armand Berard venderia seus serviços por riquezas e títulos na Inglaterra, e planejava recuperar o tempo perdido com vinho e mulheres, e fazendo seu caminho nos círculos internos da corte do Edward, por qualquer meio que fora necessário. Era um homem musculoso, atrativo, e os rumores diziam que Edward tinha uma afeição especial pelos serviços pessoais dos homens de aparência agradável. Armand sorriu enquanto ponderava como fazer que o rei inglês se inclinasse a seu favor em seu testamento.

-pudeste averiguar mais sobre o Brodie?- pressionou Comyn com impaciência.

Armand considerou o rosto magro, sádico de seu companheiro. As brancas sobranceiras grisalhas se arqueavam em cima de uns pálidos olhos azuis que eram mais frios que o lago mais gelado.

-Pouco. É um homem reservado e os mais próximos a ele não falam muito.

Armand sustentou as rédeas e fez uma careta.

-Edward está decidido a pôr sítio a seu castelo. Quer as santas relíquias, Berard, e se está impacientando. pudeste confirmar que estão ali?

-Ainda é um rumor. Mas agora que estou finalmente em seu torreão, poderei investigá-lo melhor. Isso é o que Edward quer, não um espião dentro de suas paredes? Deve estar satisfeito de que alguém tenha podido penetrar Brodie finalmente, e deve me conceder tempo para investigar. Seria melhor que eu encontrasse a lança e a espada a que ataque suas paredes e tente tomar -adverteu Armand.

Ele os encontraria e então os venderia ao melhor postor. As quatro relíquias tinham estado sob o amparo dos Templários até a queda da Ordem. Se pudesse pôr suas mãos na Lança que tinha ferido o flanco de Cristo, segundo a lenda, não haveria nenhum limite à riqueza e poder que poderia obter. Se também encontrasse a Espada de Luz, que se rumoreaba ardia com fogo santo quando se sustentava, seu futuro estaria assegurado. Conforme se contava, o Caldeirão e a Pedra do Destino também estavam em alguma parte do torreão do Brodie. Agora que estava alojando-se em meio desse torreão, Armand aproveitaria a oportunidade.

Para dissuadir aos homens do Edward de atacar o Castelo Brodie antes de que ele localizasse as santas relíquias, advertiu:

-Brodie tem cinquenta Templários em sua residência, além de suas tropas, e se ele possuir os sagrados objetos, de fato possui a habilidade de te esmagar logo que abra sua grade.

Comyn respondeu irritado.

-Já sabemos isso. É o único que refreou a mão do Edward.

-Além disso- adicionou Armand pensativamente- pergunto-me se ele os tem de verdade. Se o fizesse, a gente pensaria que teria os tornado faz tempo em favor de Escócia.

-Possivelmente ele se protege a si mesmo como você e os guarda pelo poder que eles lhe dão. Ou possivelmente é um devoto, e acredita que só podem usar-se para a vontade de Deus.

-Escassamente, porque tenho os meios para atraí-lo agora- respondeu Armand.

Comyn se endireitou abruptamente e estalou seus dedos.

-Informação. Agora.

-Custará-lhe- disse Armand friamente-. Gentilmente.

-Edward pagará gentilmente se nos entregas o Castelo Brodie e a seu notável amo. Assumo que já tem um preço em mente?

-Nada menos que meu peso em ouro puro.

-E o que nos oferece você por semelhante extravagância?

-Circenn se comprometeu recentemente, com uma tal Lisa MacRobertson, prima de sangue do Robert Bruce- disse Armand-. Eu a entregarei em suas mãos. Como destruir Brodie com isso, é sua tarefa.

A excitação do James Comyn era evidente, e se transladou a suas arreios, que se encabritou desenhando caprichosos círculos. Acalmando-o com uma branca mão magra, Comyn guiou ao cavalo perto do Armand.

-É ela formosa?- perguntou ele, os olhos reluzentes. -Extraordinariamente- assegurou Armand e conhecendo a mulher, rogaria morrer à mãos desse homem muito antes de que o fora concedido-. Tem boas e luxuriosas curvas. Uma mulher ardente, muito orgulhosa para seu próprio bem.

Comyn esfregou suas mãos.

-Uma vez que a tenhamos, Brodie a seguirá. Edward se deleitará enjaulando e esquartejando a outro parente do Bruce.

-Trarei-lhe isso pelo ouro, um título e terras na Inglaterra.

-Ambiciosos, verdade?- mofou-se James.

-Se eu trouxesse a Espada e a Lança, poderia pedir a coroa- disse Armand, com um sorriso geada.

-Pela espada e a lança, poderia te ajudar a consegui-la- ronronou seu companheiro.

Armand levantou sua mão em uma saudação simulada.

-Pela Inglaterra.

Comyn sorriu.

-Pela Inglaterra.

Armand montou para retornar ao Castelo Brodie agradado. Ele só precisava incitar à mulher fora das paredes do castelo, e sua nova vida começaria.

Lisa suspirou quando procurou intensamente dentro do baú. Quatro dias tinham acontecido desde que tinham chegado ao Castelo Brodie, e sua busca da garrafa não tinha tido êxito: estava começando a se desesperar. O homem poderia ter mil lugares para ocultá-la em um castelo tão grande. Por isso sabia, poderia-a ter enterrado nos calabouços, um lugar que ela não tinha pressa em conhecer. Entendeu então a expressão "uma agulha em um palheiro". O Castelo Brodie tinha dois novelo, com dúzias de outros pisos nos torreões e torres que pareciam aparecer a intervalos inesperados, e embora as asas circulares não tinham nenhum, sim tinham quatro pátios anexos. Mais simplesmente, o castelo era tão grande que poderia tomar um ano investigar completamente cada quarto. Tinha tentado pensar como Circenn, ficar dentro de sua mente, mas tinha demonstrado ser impossível; o homem era um enigma para ela.

Tinha-a evitado cuidadosamente desde sua chegada e as refeições eram enviadas a seu quarto. Tinha-o visto caminhar sobre a muralha exterior com seus homens. Uma vez, ele tinha jogado um olhar quando ela o tinha visto através de uma janela, como se houvesse sentido seus olhos observá-lo. O sorriso que lhe tinha prodigalizado tinha sido apenas uma visão de seus dentes e não muito mais; seus olhos tinham estado distantes, preocupados. Insolentemente, lhe tinha soprado um beijo para agitá-lo. Tinha funcionado. Ele tinha girado sobre seus talões rapidamente, envolto em sua capa, e se tinha afastado em silêncio.

Lisa esfregou suas têmporas e devolveu sua atenção ao cofre no que tinha estado investigando. Era melhor não pensar nele.

-Aqui está, muchachita. Estava me perguntando onde estava neste ventoso castelo velho.

Lisa deixou de revolver o baú abruptamente e se deu a volta. Seus olhos se sentiam arenosos e pesados; levantou-se de novo com o travesseiro molhado de lágrimas essa manhã. Recordou o sonho horrivelmente escuro que tinha tido durante dias, e se sentiu afogada por ele. Mas seus pesadelos a tinham compelido a atuar. Tinha que encontrar a garrafa.

Suas mãos caíram aos lados. Eirren estava a uns passos, apoiado contra uma cadeira, e a olhava com seus olhos luminosos de diversão.

-encontreste o que buscas?- perguntou.

-Não estava procurando nada- mentiu Lisa apressadamente-. Estava admirando o quarto simplesmente e me perguntando que tesouros poderia conter este cofre. Não posso evitá-lo, sou uma moça curiosa- adicionou ela ominosamente.

-Meu MA me dizia que a curiosidade era um dos oito pecados mortais.

-Há só sete pecados- disse Lisa defensivamente-, e a curiosidade pode ser uma coisa boa. Anima-o a um a aprender.

-Nunca quis aprender muito- disse Eirren com um encolhimento de ombros-. Fazer é muito mais divertido que aprender.

-falaste como um verdadeiro homem- respondeu Lisa secamente-. Tem uma necessidade horrível de uma MA. E falando disso, você e eu temos uma entrevista com água quente e sabão mais tarde.

Eirren riu e se sentou na cadeira. Suas pernas magras se destacavam sob seu plaid sujo e ele as fez balançar no ar, seus pés girando nus.

-Não é um mau castelo, verdade, garota? Viu a despensa? O laird está abastecido com uma despensa fina, e organizava as maiores festas quando não estava planejando guerras ou batalhando. Embora não houveram muitas festas neste castelo durante anos. Triste- adicionou, abatido-. Um moço poderia morrer de fome pela necessidade de presuntos condimentados com especiarias e ameixas açucaradas.

Lisa tinha o pressentimento de que Eirren não necessitava nada sem que sua pequena mente lista pudesse deduzir um método para obtê-lo.

-Como conseguiu chegar ao Castelo Brodie, Eirren? Não recordo te haver visto com os homens quando estavam saindo do Dunnottar.

-Meu dá e eu saímos mais tarde essa mesma noite. Nós não viajamos com as tropas. Meu dá é da gente do serviço; não está bem mesclar-se com os guerreiros.

-Quem é seu dá?- perguntou ela.

-Não o conhece- ele respondeu e saltou da cadeira-. Ouvi que o laird disse a seus homens que foi prima do Bruce- disse Eirren, trocando de tema rapidamente-. É verdade?

-Não- disse Lisa e se perguntou por que confiava tanto nele para compartilhar confidências. Possivelmente porque não tinha a ninguém mais em quem confiar, e se não podia confiar em um menino, em quem poderia fazê-lo então?-. Disse-te que não sou deste tempo.

-Tem que ver com os fae?

-O que?- perguntou Lisa inexpressivamente.

-As fadas que nós temos em Escócia. São uma gente pequena e matreira e podem dirigir o tempo.

-Em realidade, o laird é responsável por que esteja aqui. Ele amaldiçoou algo e me trouxe quando eu o toquei.

Eirren agitou sua cabeça despectivamente.

-Esse homem nunca pôde amaldiçoar bem nada. Pensei que deixaria de tentá-lo.

-Amaldiçoou outras coisas antes?- perguntou Lisa.

Eirren agitou sua cabeça.

-Não me pergunte, muchachita. Deve lhe fazer a ele essas perguntas. Só sei as poucas coisas que ouço, e não sempre é a verdade. Ouvi dizer que está comprometida em handfasted com o laird.

-Não o estou realmente. Isso, entretanto, o que significa?

-É algo tão sério como casar-se, e se dentro de um ano e um dia leva seu menino, está casada sem que seja necessária umas bodas. Está levando seu menino?

-Não!- Lisa na verdade parecia tão espantada como se sentia. Então considerou brevemente como seria um menino dele, e como teria que fazer ela para conseguir um. Expulsou o pensamento enigmático de sua mente.

Eirren sorriu brincalhão.

-Pode perdoar a curiosidade? Sou culpado disso também. Você gostaria de explorar? Posso te guiar em uma pequena volta antes de que minha p me necessite.

-Obrigado, Eirren, mas estou contente aqui-. Ela tinha que voltar para sua busca e necessitava solidão para fazê-lo-. Pensava olhar alguns destes manuscritos e passar a tarde chuvosa no... er... estudo.

Esse quarto poderia ser chamado assim? Era uma versão medieval de uma toca moderna. Um arena de madeira servia como escritório, a falta de uma palavra melhor. Parecia como se se talhou do tronco maciço de uma árvore que teria tido quase cinco pés de diâmetro. Centrado frente ao lar, tinha gavetas arredondadas que teriam sido certamente o pesadelo de um carpinteiro.

A ambos os lados do lar tinham sido colocadas prateleiras para livros nos que os manuscritos de couro e pergaminhos enrolados se empilhavam pulcramente nas prateleiras. Cadeiras esculpidas com braços acolchoados e almofadas que revelavam a alguma mão direita costureira do torreão, empilhavam-se em acertos cômodos. As tapeçarias vívidas adornavam as paredes, e o estou acostumado a estava talher com tapetes tecidos. Era obviamente o quarto onde Circenn fazia as contas, repassava a correspondência e preparava mapas e planos de batalha. A parede oeste estava sulcada com janelas altas, com um vidro esverdeado através do qual a grama verde era visível. Circenn Brodie era endinheirado, essa era uma certeza, porque em alguns dos quartos do castelo ela tinha visto janelas claras.

-É agradável, garota. Verei-te logo, estou seguro-. Eirren lhe dedicou uma careta e saiu tão rápida e silenciosamente como tinha chegado.

-Espera Eirren!- chamou ela, esperando passar um tempo depois com ele. O moço necessitava um banho, e ela tinha uma dúzia de perguntas que lhe fazer. Suspeitava que sua conduta alegre era uma fachada que defendia um coração solitário e acreditava que ele daria a bem-vinda a seu sentido maternal uma vez que se acostumasse.

Ela o buscava abaixo em umas horas, decidiu, mas por agora retornaria a seu assunto: Onde esconderia Circenn a garrafa? Não tinha nenhuma dúvida que o tinha escondido assim que tinham chegado. Tinha tentado olhar o que fazia com seus pertences quando tinham entrado em castelo, e as tinha visto por última vez ao lado da porta, mas já não estavam a seguinte manhã, quando ela tinha saído furtivamente para começar sua busca. Algo que estivesse no recipiente prateado devia ser extremamente valioso para que tivesse tanto cuidado com ele. Era possivelmente uma poção para manipular o tempo? Estava ele lhe mentindo descaradamente sobre poder retorná-la? Podia considerar beber-se algo que contivera uma vez a encontrasse; possivelmente o conteúdo fora mágico.

Procurou intensamente dentro do cofre, e ordenou velhos livros de contabilidade. Umas almofadas amontoadas, arcos e espessas Pelotas de linho se mesclaram por acidente. Aproximando-se do fundo, encontrou um feixe de papéis cheios de enviesados ganchos de ferro. As palavras pareciam impacientes, como as palavras esculpidas em cima do cofre no museu.

-encontrei o que buscas, Lisa?- perguntou Circenn Brodie quedadamente.

Lisa deixou cair os papéis de novo no baú, fechou os olhos e suspirou. Com milhões de quartos como havia nesse castelo, todos pareciam infernalmente inclinados a encontrá-la justo nesse.

-Estava tirando uma manta do baú- ela recolheu um plaid que tinha dobrado perto do topo- quando um de meus pendentes caiu dentro- mentiu esplendidamente.

-Você não leva pendentes nas orelhas, moça- disse ele, observando suas orelhas-. Em nenhuma das duas- disse indolentemente.

Lisa agarrou suas orelhas, então assaltou o cofre em uma busca frenética.

-OH, céus, os dois caíram- gritou-. Pode acreditá-lo?

Ela retrocedeu quando umas mãos fortes sustentaram sua cintura ao agachar-se sobre o baú.

-Não- disse ele quedadamente-. Não posso acreditá-lo. por que não me diz simplesmente o que está fazendo, garota? Possivelmente possa te ajudar. Conheço bem o castelo. É meu, depois de tudo.

Lisa se endireitou devagar; não o tinha enganado nem por um momento. Era insuportavelmente consciente de sua presença detrás dela, podia sentir a carícia de seu assumo contra suas costas. Suas mãos se sentiam quentes através do tecido do vestido. Olhou para baixo, e a vista de seus dedos elegantes encurvados ao redor de sua cintura alterou sua respiração.

-Não precisa me tocar para falar comigo- disse brandamente ela. Não estava por completo ao mando de suas faculdades mentais quando Circenn a tocava, e necessitava cada onça de seu engenho para tratar com ele.

Ele tirou suas mãos, e ela exalou um suspiro de alívio que também serve para acalmar o batimento do coração de seu coração errático, mas então o homem a agarrou pelos ombros e a voltou para enfrentá-lo. Lisa inclinou sua cabeça para trás para olhá-lo. Circenn a contemplou em silêncio até que ela esteve muito nervosa para conter sua língua.

-Simplesmente estava bisbilhotando. Estou intrigada sobre este lugar. É minha história.

-Se te tivesse encontrado te passeando pelo castelo estudando retratos, examinando as armas ou olhando o mobiliário, poderia-me ter convencido, mas procurar intensamente em meus baús me parece algo estranho. Meus serventes me disseram que lhe viram em cada asa de meu castelo.

Lisa tragou, acovardada pela expressão serena de seu rosto. Um músculo saltou em sua mandíbula e ela compreendeu que o tinha perturbado mais do que ele se permitia lhe demonstrar. Perigo, avisou sua mente. Este homem é um guerreiro, Lisa.

-Estava procurando os planos de batalha, moça?- perguntou ele hermeticamente.

-Não!- assegurou ela depressa-. Não me interessa no que...

Circenn caminhou além dela, agachou-se sobre o baú, e revolveu dentro dele. Ao parecer encontrou pouco que justificasse sua preocupação, mas tirou o feixe de papéis que ela tinha descoberto, pregou-os, e os pôs em seu sporran. Ele voltou detrás dela e angulou seu corpo para que seu assumo acariciasse o ombro feminino.

Ela podia cheirar esse débil aroma picante que a atraía, perturbava e seduzia. Ele estava muito perto para sua comodidade. Lisa se negou a mover uma polegada, impassível; não se voltaria para encontrar seu olhar de novo. Permitirei-lhe falar com minha bochecha, pensou insolentemente; não ia permitir que usasse seu corpo para intimidá-la, embora não tinha nenhuma dúvida de que ele o tinha usado eficazmente com esse propósito a maior parte de sua vida.

Com sua respiração lhe acariciando a orelha, ele disse:

-Vim a te dizer que Duncan te espera no oriel, que é o quarto sobre o grande hall. Acompanhará-te a dar um passeio, e tem mais para te ensinar antes de que te mescle com minha gente. Espero-te para o jantar esta tarde.

-Não jantamos juntos antes. Não vejo nenhuma razão para começar agora- interrompeu ela apressadamente.

Ele continuou como se ela não tivesse falado.

-E envie alguns vestidos a seu quarto. Sugiro que te passe a primeira parte da tarde com a Gillendria, que arrumará tudo para que te dê um banho e penteará seu cabelo.

-Não preciso me preocupar com pequenezes- protestou Lisa rapidamente, seus olhos fixos na parede.

-Minha futura algea se preocuparia com pequenezes tais como sua aparência em benefício de sua situação.

Circenn deixou cair sua mão de onde tinha estado suspensa junto a sua nuca e se disse que não cederia à tentação de acariciar seu cabelo; possivelmente poria um dedo sob seu queixo, e voltaria seu rosto para o seu. Durante os últimos dias, sabendo ela descansava em sua cama, dormia em seu castelo, havia-se sentido profundamente turbado com o pensamento de estar comprometido em handfasted com ela. Seu desejo pela Lisa não respondia de maneira nenhuma a seus esforços de disciplina; mas bem, parecia estar crescendo insolentemente, em proporção inversa a seus esforços por contê-lo. O compromisso parecia estar adquirindo as características de uma amável lei, ao novo e decididamente não desonesto Circenn Brodie.

Se ela se voltasse a olhá-lo, veria claramente sua fome por ela, e queria que o visse; dentro dele havia um vulcão quente, longe de estar inativo, e lhe confinem com o perigoso. Queria ver como reagiria ela, se seus olhos se alargariam, se suas pupilas pareceriam dilatadas, se seus lábios se abririam. Olhou-a fixamente por um momento, lhe pedindo voltar-se e enfrentá-lo, mas ela permaneceu imóvel.

Circenn entrou em suas câmaras e se deslizou silenciosamente pelo chão. Fez uma respiração profunda e se permitiu sentir o poder cru que surgia em suas veias. por que combatê-lo agora?, pensou sardonicamente. Os últimos quatro dias tinham sido infernais. Desde que tinham voltado para seu castelo, tinha tentado manter-se ocupado com o treinamento e esgotar-se fisicamente para poder dormir de noite, sem resultado. A cada momento estava exquisitamente consciente da mulher em seu torreão.

E exquisitamente tentado.

Tinha quebrado duas das condenadas regras em sua lista, e agora voltava para essa câmara para romper outra mais. ia escrutinar seu futuro no scry.

Fez uma pausa ante o brilhante fogo ardente. Possivelmente, se se tivesse aparecido em seu futuro do momento em que ela tinha aparecido, poderia ter vislumbrado os desastres que viriam e tivesse podido apartá-los. Possivelmente devia ter quebrado essa primeira regra. Ou possivelmente devia ter praticado fazia anos com o scry e ter previsto sua chegada. Não o tinha feito por duas razões: detestava usar magia, e o scry não era uma arte exata. Às vezes podia ver claramente, e em outros momentos, suas visões eram impossíveis de decifrar, mais confusas que úteis.

Circenn olhou fixamente as chamas por um comprido momento e meditou sobre coisas tais como o destino e o livre-arbítrio. Nunca tinha podido tirar uma conclusão sólida sobre a predestinação. Quando Adam lhe tinha mostrado pela primeira vez na arte de scry seus dias futuros, Circenn se tinha mofado e sustentado que o fato de poder ver o futuro não significava que este era invariável, porque aniquilava o conceito de controle pessoal, algo que não podia aceitar. Adam se tinha rido simplesmente e tinha respondido ao Circenn que se se negava a aprender todas as artes, não podia esperar entender nada do que podia ver. O olho de um pássaro vê o terreno inteiro sobre o que voa, um camundongo vê só sujeira. Será a águia ou será o camundongo?, tinha perguntado Adam, sua boca encurvada em seu perpetuamente zombador sorriso.

Suspirando, Circenn se ajoelhou frente ao lar e moveu sua mão sob a greta onde o lar se encontrava com o chão. Uma porção da parede que continha o lar silenciosamente girou noventa graus e revelou uma inclinada câmara negra detrás dele. Ele recolheu uma vela e caminhou para a habitação oculta. Com um movimento ligeiro de seu pé, pisou na alavanca que fechou a parede. Tomou uns momentos que seus olhos se ajustassem ao quarto sem janelas. Era um lugar incômodo para ele, um lugar que só procurava em suas horas mais escuras.

Ele passou entre as mesas pequenas e jogou ociosamente com vários "presentes" que o duende mais negro havia lhe trazido. Alguns que ele entendia, alguns que nunca tinha querido entender. Adam lhes tinha dado nomes estranhos: baterias, rifles automáticos, acendedores, almofadas. Circenn tinha explorado um deles, e seria um pelo que se sentiria atraído muitas vezes durante séculos. Adam o chamou "CD portátil". Seu favorito era o Requiem do Mozart, mas esse dia, entretanto, estava mais em sintonia com o humor do "Passeio das Valkyrias", do Richard Wagner. Colocando o dispositivo sobre suas orelhas, dirigiu o botão para regular o volume e se afundou em uma cadeira da esquina, olhando fixamente a chama da vela. Os papéis rangeram em seu sporran e ele os tirou com um sorriso torcido. Esquecido-se esses faz no baú de seu estudo fazia tempo, mas tinha escapado por pouco de uma situação desastrosa recuperando-os. A última coisa que ela precisava encontrar eram seus rabiscos e chorosas introspecções. Ela acreditaria de verdade transtornado.

Ele olhou o primeiro feixe de cor:

~4 Dic. 858 ~

vivi quarenta e um anos, e hoje tenho descoberto que viverei para sempre, por cortesia do Adam Black. Logo que posso molhar minha pluma na tinta; minha mão treme com raiva. Deu-me alguma opção, entre os desejos de meros mortais para passar a ser uma raça imortal que perdeu a habilidade de sentir?

Ele não me disse isso até depois de minhas bodas hoje, e inclusive então não me disse tudo; reconheceu simplesmente que tinha posto a poção em meu vinho um dia dos últimos dez anos. Agora verei minha esposa envelhecer e morrer, enquanto eu continuo adiante, sozinho. Voltarei-me um monstro como Adam? Perderei minha capacidade de sentir? Farão-me mil anos cansar além do suportável e tingirão minha mente com essa loucura dos duendes encantados em suas avessas manipulações? Farão-me dois mil anos me voltar como eles, apaixonado pelos mortais sentimentos que eles já não podem sentir? Não é uma maldição que eu desejaria para meu amor; melhor ela deve viver e morrer como é a intenção da natureza.

Ah... era só o verão passado que sonhei com meus meninos, jogando ao redor do lago? Agora faço uma pausa e penso... para que lhe dar a esse estúpido mais possibilidades? Que atrocidades poderia forçar ele em meus filhos e filhas? Och, Naya, me perdoe, amor. Encontrará-me estéril como a uva em vinho.

E o segundo que tinha posto no curso de sua vida:

~31 Dic. 858 ~

Minha mente se consome com esta imortalidade. Não ponderei nada, mas ante estas perguntas durante o crescente e o minguante da lua, e agora nesta véspera de ano novo, amanhece o primeiro de meus anos de eternidade e tenho já uma resolução longamente pensada. Não permitirei à loucura imortal me conquistar, e eu a conquistarei assim: inventei um jogo de regras.

Eu, Circenn Brodie, Laird e Thane do Brodie, juro me aderir fielmente a estes princípios, nunca rompê-los, porque se o fizesse, poderia cair precipitadamente na irreverência destrutiva do Adam e me voltar como ele, uma criatura sacrílega.

Eu não mentirei.

Eu não derramarei sangue inocente.

Eu não romperei um juramento.

Eu não usarei a magia para ganho pessoal ou glória.

Eu nunca trairei minha honra.

E o terceiro, quando a compreensão brutal tinha chegado finalmente, e tinha gostado dos sedimentos amargos escondidos na taça da vida imortal, camuflada pelo néctar doce da saúde perfeita e a longevidade:

~1 de abril de 947~

Hoje enterrei a meu filho adotivo, Jamie, sabendo que é unicamente a primeira de uma sucessão eterna de enterros. Está anoitecendo e minha mente volta, como sempre, a Naya. passaram anos desde que jazi com uma mulher. Atreverei-me a amar de novo? A quantas pessoas baixarei a suas tumbas, e permanecerei austero até que a loucura comece? Ah, confie. Esta é uma solitária vida.

Uma solitária vida na verdade.

Com a música selvagem trovejando em seus ouvidos, ele olhou profundamente as chamas, e deliberadamente abriu essa parte de sua mente que normalmente permanecia ferozmente fechada. Diferente ao Druidismo, que era uma arte ritual que incluía maldições e feitiços, a verdadeira magia não requeria cerimônias nem rimas. O tipo de magia do Adam era um processo de abertura da própria mente usando um foco uma vez que o poder era convocado. Circenn tinha encontrado que a superfície vítrea do lago nos jardins traseiros, ou um disco de metal gentil, eram freqüentemente os melhores enfoques.

Ele se internou em sua mente, concentrando-se no chamativo escudo sustentado contra a parede. Ele o tinha construído por si mesmo fazia centenas de anos, e embora tivesse sido feito também para levar na batalha, servia-lhe bem como ponto focal. A última vez que ele tinha provado o scry em sua vida, havia tentando ver-se quinhentos anos no futuro, determinando no que poderia voltar-se. A visão que tinha flutuado dentro desse mesmo escudo tinha sido, de fato, amarga. Sua visão lhe havia dito que para o século XVII, ele estaria poseído por uma loucura depravada.

Destino? Predestinação?

Suas visões lhe haviam dito a verdade de quando e como Naya morreria; ainda assim, tinha sido incapaz de salvá-la. Causas naturais, velhice; algo contra o que ele não possuía nenhuma arma. Impotente apesar de todo seu poder, tinha-a perdido. E ela se enfureceu contra ele e tinha morrido e o tinha amaldiçoado como a um demônio, porque seu cabelo nunca tinha encanecido, seu rosto nunca se enrugou.

Ele se desfez das lembranças e intensificou seu enfoque. As imagens apareceram imprecisas e devagar foram unindo-se. Ao princípio só poderia definir manchas de cor: rosa, bronze, rosa escuro, e um pano de fundo de marfim. Ele estreitou seu controle e se enfocou no que nos próximos meses lhe trariam.

Quando as imagens se fizeram claras, suas mãos se fecharam como as garras nos braços de sua cadeira.

Ele olhou fixamente, primeiro com surpresa, logo com fascinação e finalmente com aquiescência, um sorriso débil jogando em seus lábios.

Quem era ele para brigar com o destino? Se isso o que era o que seu futuro lhe proporcionava, quem era ele para ser tão arrogante de pensar que poderia trocá-lo? Tinha jurado isso não passaria, embora todos os eventos tinham cinzelado o caminho de forma consistente, do primeiro dia que ela tinha chegado.

Seria o pior tipo de mentiroso se tentava convencer-se de que tinha esperado ver algo diferente.

Aspirou em um ofego pouco profundo quando olhou à mulher nua refletida no escudo escarranchado sobre seu corpo nu. Seu abdômen se esticou e seu membro se endureceu dolorosamente quando ela o montou e baixou seu quente, úmida vagem para ele polegada a polegada. No escudo, ele tinha uma vista clara dela, como se estivesse junto a suas próprias costas, olhando como o montava. Seu seios cheios se estremeceram tentadoramente sobre ele, seus mamilos endurecidos. Suas mãos subiram bruscamente para acariciá-los com as Palmas, roçando os topos enrugados. Ela arqueou suas costas, jogando sua cabeça atrás e despiando a coluna de seu pescoço. Os músculos em sua garganta estavam tensos de paixão quando ela procurou seu prazer, e o excitou imensamente. Seu olhar quente passou em cima de seu seios, seguiu os terrenos baixos e planos de seu estômago, os cachos suaves entre suas coxas, e ele olhou fixamente, fascinado, quando ela se empalou sobre seu membro; via como a coluna grossa de seu pênis se revelava, para enterrar-se de novo nela. Ela tinha um diminuto lunar escuro dentro de sua coxa esquerda, e em sua visão, seus dedos se estenderam em cima dele. Desejou beijá-lo, passar sua língua em cima.

Quase podia sentir seu corpo ao redor dele: firme, quente e ágil, com a umidade de uma mulher que fazia a um homem sentir-se invencível, a medida em que eram possíveis as proezas: mais úmida a mulher, mais desejado o homem.

Quando o escudo se obscureceu finalmente, encontrou-se a si mesmo com sua mão em seu membro. Estava inchado e dolorido pela descarga.

-Então, isto é o que deve ser- meditou em alto-. O destino.

Não poderia negar que o tinha querido do primeiro dia que a tinha visto; tinha tido que refrear-se fortemente de tomá-la em várias ocasiões. A visão simplesmente tinha confirmado que ele a teria, de fato, e que ela estaria, também, desejosa.

por que o combate?, tinha-lhe perguntado Adam enojadamente em mais de uma ocasião. por que não pode te vangloriar do que é e desfrutar do poder de ser Circenn Brodie? Poses a habilidade para dar e tomar mais agradar que a maioria dos mortais nunca conhecerão. te remonte, Circenn. Bebe da vida de minha raça. Ofereço-lhe isso livremente.

Não livremente, Circenn se mofou. Havia um preço. Ele pressionou que seus olhos fechados quando a música seguiu trovejando em seus ouvidos.

Era seu destino que ela o montaria como uma capitalista, exigente Valkyria sobre seu corpo.

Já cantava como uma sereia a seu coração, essa mulher de desafio e temor, de curiosidade e contradição. Naya tinha sido suave e passiva em seu lugar na vida, até o final quando se tornou amargurada. Nunca antes se encontrou a uma mulher como Lisa, uma mulher com necessidades e desejos e uma mente própria: profundas emoções se formavam redemoinhos em seu assume, a inteligência brilhava em seus olhos, e uma ferocidade que rivalizava com a das legendárias Valkyrias respirava em suas veias.

As regras fossem condenadas. Como poderia discutir ele com o futuro? Estava escrito. Ele só podia tomá-lo, podia desfrutá-lo, e podia fazer o melhor com ele, orando por sobreviver quando perdesse seu coração por ela, para depois, inevitavelmente, perdê-la em um curto prazo de anos. Se devia sofrer no futuro, podia saborear o presente também.

Circenn Brodie se levantou de sua cadeira, tirou a máquina do futuro fora de sua cabeça, e fez o que ele nunca se atreveu a fazer antes: aplacou seu controle um pouco e animou à magia a pulsar dentro dele.

Anjo escuro, dizia Adam dentro dele, te eleve em meu mundo e não tema nada.

Ele jogou sua cabeça atrás e desfrutou do poder que atravessava seu corpo formidável.

Era uma criatura muito diferente a que deixou essa escuridão, esse quarto oculto para encontrar a sua mulher.

Adam Black sorriu quando tirou a almofada do canhão do rifle. Embora Circenn se negou a usar qualquer das armas que Adam havia lhe trazido, o guerreiro dentro dele não podia permitir que o tempo os empanasse. Ele soprou e fez balançar no ar a almofada tomando-o pelo cordão. Só seu resmungão Circenn Brodie decidiria que as suaves compressas brancas eram usadas para limpar.

Observando o rifle, Adam sorriu abertamente. Eram quase do tamanho perfeito para deslizá-los dentro dos canhões: parecia sensato. Mas ele não tinha levado almofadas à Escócia medieval para que Circenn jogasse com eles; havia os trazido especialmente, e cada presente que tinha escolhido tinha sua razão. Embora se fosse a seu modo, haveria muitos intervalos de nove meses durante os que seriam inúteis para ela.

CAPÍTULO 15

-É uma beleza, moça- disse Gillendria, e aplaudiu com as mãos-. Sabia que eu podia reformá-lo bem, mas é a mulher que luz este vestido.

Lisa estava de pé ante o espelho, olhando-se fixamente não sem um pequeno sobressalto.

Gillendria tinha reformado um vestido que disse tinha pertencido à mãe do Circenn, Morganna. Agora ela o levava em cima de seus ombros, sobre de uma muda de linho mais suave. A seda azul meia-noite se aferrava a seu seios, e o pescoço cavado descobria seus ombros e acentuava a pele translúcida e as clavículas finas. Abraçava seus quadris e caía ao chão em um sussurro de azul bordado em ouro. Em sua cintura, Gillendria tinha pacote um cinto de ouro que atado abaixo e de que pendiam centenas de luas e estrelas diminutas. Sapatilhas da mesma cor em seus pés, e um torque encantador de ouro anterior aos tempos medievais abraçava sua garganta. Um lenço bordado foi pacote debaixo de seu seios. Gillendria tinha encaracolado seu cabelo, tinha escolhido cuidadosamente os mais dourados e os tinha encaracolado um pouco mais firmes que para pô-los em cima da massa ondulada, cavando-os brandamente. Um toque de alguma combinação de raiz, ervas e flores coloriu de rubi seus lábios.

Quem era essa mulher no espelho, luzindo como o pecado?, perguntou-se ela. Como Sem, emendou caprichosamente, para inclusive admitir que a mulher no espelho era agora uma companheira adequada para o laird do castelo. Por uma vez, não se amaldiçoou por ser alta, porque nesse vestido sua altura adicionava um toque inequívoco de elegância.

-É incrível, Gillendria- suspirou Lisa.

-Verdade que o sou?- respondeu Gillendria sem um rastro de arrogância-. Embora não tive uma mulher com sua figura perfeita para vestir durante algum tempo, não esqueci como fazê-lo. O laird se sentirá muito agradado.

Lisa estava muito agradada. Não sabia que pudesse luzir assim. Aos dezessete, tinha esperado algum dia ter, como Catherine, uma beleza dourada, chamativa, mas o trabalho tinha ido consumindo-o tudo, enquanto se esforçava em manter a sua mãe, e não tinha dedicado outro pensamento sobre sua própria aparência em cinco largos anos. Sua mãe estaria encantada! OH! Mamãe!

estremeceu-se. Como poderia esquecê-la inclusive por um momento?

-Tem frio, milady?- perguntou Gillendria-. Posso tirar uma capa.

-Não- disse Lisa brandamente-. Só um calafrio momentâneo, nada mais. Pode ir agora, Gillendria. Eu encontrarei o caminho ao grande hall.

depois de que Gillendria saísse, Lisa se afundou na cama. O Castelo Brodie era o lugar mais adorável que nunca tinha conhecido, e ali estava ela, com um vestido digno da uma princesa, para tomar o jantar com um homem que estava feito à medida de cada um de seus sonhos românticos. Durante uns minutos se esqueceu do Catherine. Ela tinha estado muito ocupada experimentando toda a antecipação e a excitação de uma mulher que se prepara para uma entrevista especial.

Mas essa não era nenhuma entrevista, e não haveria nenhum "e viveram felizes...". Sua mãe a necessitava desesperadamente, e Lisa estava fazendo algo que nunca antes se permitiu fazer: não levava a cabo suas responsabilidades para o Catherine. O fracasso não era uma coisa a que ela estivesse acostumada. Sempre podia trabalhar mais duro, ou durante mais horas para assegurar, se não o êxito, pelo menos segurança, comida, e um teto em cima de suas cabeças. Não tinha nenhum direito de sentir um momento breve de felicidade incluso, admoestou-se, até que encontrasse a garrafa e estabelecesse seu caminho a casa.

E então se sentirá feliz, Lisa? perguntou seu coração brandamente. Quando o deixar e volte para casa para te sentar ao lado da cama de sua mãe? Quando ela se foi e fique sozinha no século XXI? Será você então feliz?

Sua resolução para não sentir nenhum prazer durou toda uma hora. Lisa terminou sua sobremesa e suspirou satisfeita. Embora não sabia muitas coisas, tinha aprendido a apreciar as coisas boas que se encontravam semeadas entre as más, e o jantar tinha sido do melhor. O hall dos jantares formais era bonito, iluminado por dúzias de velas. Estava quente, poda e enche. Pela primeira vez desde que tinha chegado ao século XIV, tinha comido uma comida esplêndida. Reconhecia que suas refeições em seu século nunca tinham sido dos sete campos do paraíso, mas inclusive os gordurentos hambúrgueres de "Castelo Branco" luziam-se contra a carne dura e o pão pétreo aos que se acostumou ali. Durante as últimas semanas, tinha desesperado por comer de novo uma comida decente.

Vinte pés de mesa os separava, como nos velhos filmes, pensou. E necessitava os vinte pés entre ela e o senhor do Castelo Brodie. Tinham jantado virtualmente em silêncio, e ele tinha sido o epítome de um cortês anfitrião. Inclusive não lhe tinha franzido o cenho nenhuma só vez. De fato, em várias oportunidades ela o tinha apanhado observando-a com um olhar de admiração. Seu mau gênio anterior parecia haver-se esfumado sem deixar rastro, e parecia mais depravado do que alguma vez ela o visse. perguntou-se o que teria trocado seu humor; possivelmente ia guerrear logo, decidiu, o que os satisfaria aos dois ao mesmo tempo. Ele conseguiria manter sua descarada imagem de macho dominante, e ela seria livre de revisar o castelo do porão ao teto em busca da garrafa, sem medo de seu olhar sagaz. Certamente ele não levaria semelhante valiosa relíquia à batalha: teria que deixá-la ali, em alguma parte. A idéia a fez sentir positivamente magnânima.

Lhe jogou um olhar, sentindo-se segura com a distância entre eles, e sorriu.

-Obrigado- murmurou.

-por que, moça?-. Ele lambeu ociosamente um redemoinho de espuma de sua colher.

-Por me alimentar- respondeu ela, e se assegurou que nada mais o brilho de sua língua dando um golpecito em uma colher não era causa suficiente para que subisse sua pressão sanguínea.

-Alimentei-te todos os dias desde que está aqui e não me agradeceste isso antes- observou ele burlonamente.

-Era porque nunca me alimentou desta maneira antes- observou-o enquanto ele lambia um poquinho de nata da ponta de sua colher-. Acredito que o faz a propósito- ela disse, inquieta. De repente o quarto cavernoso pareceu encolher-se e ela se sentia como se estivesse sentada a polegadas dele, não a mais de vinte pés. E quem tinha atizado o fogo? Abanicó seu rosto com uma mão que não traiu nem o mais ligeiro tremor que estava sentindo.

-Fazendo que a propósito?- perguntou ele, ausente, e encheu sua colher com um montão de framboesas e nata.

-Como parece esta cobertura?- perguntou Lisa, e trocou de tema rapidamente.

-Algo derivado da manteiga. Bate-o com umas paletas ou o agita em um jarro. É simplesmente nata desnatada do topo do leite, mesclada com açúcar e um toque de canela. A espessa quando a tacs de beisebol e adiciona algo doce. Eu os olhava fazê-lo quando era um moço, distraído ao cozinheiro e com ninguém mais na cozinha para pôr minhas mãos nela.

Nata batida no século XIV, maravilhou-se Lisa. perguntou-se sobre quantas coisas desses "bárbaros" os estudiosos modernos nunca tinham discutido. Mas por que não teriam eles tais condimentos? Nos poucos dias que tinha estado no Castelo Brodie tinha notado muitas coisas que a surpreenderam. Tudo parecia muito civilizado.

Ela fixou seu olhar em seu prato, tentando impedir-se a si mesmo levantar-se da cadeira, lhe tirar a ele sua colher, e lhe dar alguma outra coisa mais para lamber. Seu dedo. Seu lábio inferior. O oco de sua coluna.

Embora ela tinha tido pouca experiência com os homens, era por natureza sensual e fantasiava freqüentemente. Possivelmente mais que a maioria, porque tinha desfrutado muito pouco da sexualidade. Essa noite, com esse guerreiro magnífico que jantava suntuosamente ao final da mesa, sua imaginação tomou vôo.

Em sua fantasia ele caminhava a seu extremo da mesa, capturava e retinha seu olhar com esse magnetismo sutil que possuía. Seus olhos pesadamente entrecerrados implicavam um desafio: Quer ser uma mulher, Lisa? Ele tomava sua mão, levantava-a e a beijava, uma carícia suave de seus lábios, um golpe aveludado e rápido de sua língua prometendo mais, que se escorregariam profundamente em sua boca quando seus lábios se abrissem em um suspiro. Sua fantasia tomou velocidade, para chegar abruptamente a suas mãos apoiando-a de costas na mesa, tirando o vestido de seu corpo, deixando cair nata batida em seu seios e lambendo a pele úmida, quente, com a mesma deliberação cuidadosa que ele tinha dedicado a sua colher. Possivelmente um golpecito de nata morna, rica, cairia inadvertidamente onde ela se havia meio doido antes, e com seus lábios ele haveria...

Tragando em seco, ela o olhou.

Ele levantou seus olhos da invenção espumosa em sua colher no momento preciso no que ela o olhava, e seus olhares se entrelaçaram por cima da longitude da mesa de madeira polida. Em onde deixaria cair nata batida sobre ele, Lisa? A resposta veio com rapidez e convicção aterrorizantes: por toda parte. Queria explorar seu corpo, os ondulações duros, a pele Lisa. As luzes dos candelabros banhavam sua pele azeitonada com uma cor dourada, e seu olhar tão escuro parecia combinar perfeitamente com sua camisa de linho e o tecido entretecido de negro e vermelho que cobria seu assumo. Ele estava lhe hipnotize.

-Está faminta, moça?-. Ele lambeu sua colher lânguidamente.

Ela não podia apartar seu olhar.

-Não. Realmente comi o bastante- respondeu.

-Parece estar olhando minha sobremesa muito intensamente. Está segura de não há algo mais com que deseje saciar seu apetite?

além de te tirar a roupa, te jogar na mesa e me permitir te pintar com nata batida, quer dizer?

-Não- ela disse todo o casualmente que pôde-. Nada-. Olhou-o por um momento; ele ainda tinha muita sobremesa. Como poderia ela usar isso?- Realmente- disse, e se levantou de um salto- estou esgotada e eu gostaria de me retirar.

Ele deixou cair sua colher e se deslocou rapidamente a seu lado.

-Escutarei a suas câmaras- murmurou, tomando seu braço e envolvendo-o no seu. Lisa se estremeceu. O homem despidia o calor de uma pequena forja. Seu aroma a envolveu, fraco mas picante. Era uma fragrância que ela nunca poderia usar: estava segura de que o tinha cheirado antes, mas não podia deduzir onde. Era definitivamente um aroma único, um perfume pelo que os laboratórios modernos teriam matado.

-Posso caminhar absolutamente bem eu sozinha- disse ela, e tirou o braço do dele.

-Como deseja, Lisa- respondeu ele afavelmente.

Seus olhos se entrecerraram.

-por que está sendo de repente tão agradável comigo? Pensei que estava zangado, que não queria que nos casássemos. Que pensava que eu era uma espiã.

Ele se encolheu de ombros.

-Primeiro, sempre fui bastante agradável contigo. Segundo, não tenho nenhuma opção mais que nos casar, e terceiro, nos casando se acabará a desconfiança. Sou um homem lógico, moça. Quando um guerreiro compreende que tem só um curso de ação, faz o melhor com ele. Fazer outra coisa seria tolo. Isso não significa que não tenho ainda muitas perguntas. Descida aprender tudo sobre ti, Lisa- disse ele significativamente-. Mas já não vou lutar contra minha situação-. Não com uma parte dela, adicionou silenciosamente. Não com minha magia, não com meu lado escuro, não com minha fidelidade às regras. Sou um novo homem, Lisa Stone, disse-lhe dentro de sua cabeça, em silêncio. E se sentia bem. Nunca antes tinha aceito qualquer vestígio do que ele considerava seu lado escuro, mas nunca antes tinha sido tentado assim por uma mulher para fazê-lo. Tinha o pressentimento de que um homem poderia necessitar um pouco de magia para cortejar e ganhar na Lisa Stone.

Ascenderam os degraus em silêncio. Ele sorriu, pensando que finalmente tentaria acalmar sua língua acre simplesmente sendo tão tenro com ela como teria querido ser desde o começo, mas, reprimido por seu juramento e suas regras, resistiu-se. Ela já não encontraria mais resistência nele.

Na porta de sua câmara, ela se deteve e se voltou, com a face levantada. Lhe agradou sua ação, porque lhe disse claramente que ela desejava seu beijo.

E ele planejava lhe dar muito mais que um beijo antes de que a noite tivesse terminado.

CAPÍTULO 16

Lisa esperou, amaldiçoando-se silenciosamente. Durante o curto passeio até sua habitação, tinha pensado em uma dúzia de desculpas para escapar dele e fugir a sua quarto sozinha, mas uma coisa a tinha detido: queria um beijo de boa noite. O jantar tinha sido perfeita, e queria acabá-la como em uma entrevista real. Com um beijo real.

Por isso ela o enfrentou e levantou a boca à expectativa.

Mas ele nem a beijou nem a deixou ali. Mas bem, rodeou-a, alcançou a porta, empurrou-a para abri-la e facilmente a fez entrar no quarto.

-O que está fazendo?- perguntou ela inquieta.

-Pensei simplesmente te visitar um momento, moça.

-Acredito que não é uma boa idéia- disse ela-. Pode me desejar as boa noite agora-. Sua fantasia estava muito fresca em sua mente. Ela queria um simples beijo para sonhar depois, não o homem inteiro. Não poderia dirigir ao homem inteiro.

-por que? Faço-te sentir incômoda, moça?

Caminhou mais longe no quarto e fechou a porta detrás dele.

-É obvio que não- mentiu e se afastou rapidamente dele-. Mas me enfurece? Frequentemente-. Ela compreendeu de repente que estava passeando-se e obrigou a seus pés a acalmar-se-. Não vejo nenhuma razão para que esteja em minhas câmaras. Vete-. Ela ondeou sua mão ante ele.

Circenn riu, um retumbar grave.

-Acredito que te encontrar em um quarto comigo e uma cama parece te perturbar.

Lisa foi rapidamente até os gordos colchões e se apoiou neles, desafiante.

-Não, não o faz. Não me incomoda no mais mínimo. Simplesmente estou cansada e eu gostaria de dormir-. Ela bocejou muito eloqüentemente.

-Realmente um bom bocejo. Uma língua rosa encantadora, a propósito. Recorda como se sente quando está contra a minha? Eu não o esqueci. E quero mais.

Apesar de sua resolução, ela o olhou, fascinada.

-Quero sua língua em minha boca.

Ela apartou seu olhar com esforço.

-E quero a meu sobre seu corpo.

Lisa tragou.

-Não estou interessada- disse ela fracamente.

-Não minta a ti mesma, Lisa. Não me minta. Deseja-me. Posso senti-lo no ar entre nós. Posso cheirá-lo.

Lisa não se atreveu a respirar. Albergava uma absurda esperança que ele simplesmente partisse depois de declarar essa verdade e não a obrigasse a confrontar a enormidade do que significava. Ela o desejava. Desesperadamente. As fantasias se atropelavam em sua mente, desafiando-a a abandonar a inocência e abraçar sua feminilidade.

Ele se aproximou devagar a ela e se sentou no bordo de sua cama. Lisa se tornou atrás apressadamente, suas costas apoiada contra a cabeceira, e abraçou um travesseiro contra seu assumo.

-Desfruta me olhando, não é verdade, Lisa?

Ela desfrutava fazendo mais que olhá-lo. Gostava de senti-lo com seus beijos. Saborear o mel e o sal de sua pele.

Com dedos ágeis, ele desatou os cordões de sua camisa de linho e a tirou por cima da cabeça. Os músculos em seu abdômen se esticaram, as curvas de seus bíceps se flexionaram.

-Então olhe- disse ele, sua voz áspera-. Olhe até te fartar. Crie que não recordo como me olhou fixamente em meu banho?-. Quando seus ombros largos foram revelados, ela agitou sua cabeça e sorveu em uma respiração.

-D-detenha! O que está fazendo?- exclamou Lisa. Posando ao pé de sua cama, eram seis pés e sete polegadas de escuro, sedutor homem, com músculos ondedos sob a pele bronzeada; um guerreiro em todo sentido da palavra. O fino cabelo negro salpicava seu assumo poderoso e os grossos antebraços. Um atalho mais fino de pêlo descia por seu abdômen e se perdia sob o tartán vermelho e negro atado a sua cintura. Único em tudo, Circenn Brodie era o homem mais desejável que Lisa tinha visto alguma vez.

-me use, Lisa- animou ele brandamente-. Toma o que quer-. Quando ela não respondeu, ele disse-: Alguma vez estiveste com um homem, verdade?

Lisa alisou a manta, sua boca seca. Não tinha nenhuma intenção de discutir isso com ele. Molhou seus lábios traidores e se espantou quando eles se abriram e disseram:

-É tão evidente?

-Para mim. Possivelmente não para outros homens. por que? É o bastante major para ter estado com muitos homens. É muito bonita para que muitos não o tenham tentado. Não encontrou nenhum que você gostasse?

Lisa abraçou o travesseiro mais firmemente. Na escola secundária tinha tido vários noivos, mas sempre lhe pareciam muito imaturos. Catherine havia dito que era porque era uma filha única acostumada a estar rodeada de adultos. Tinha suspeitado que sua mãe tinha razão.

-Estou-te se separando de alguém? Um amante possivelmente?-. Um músculo atirou bruscamente em sua mandíbula.

-Não. Não há ninguém.

-Encontro difícil esse não, é impossível de acreditar.

-Confia em mim- disse Lisa com uma risada humilde-. Os homens não estavam golpeando exatamente a minha porta-. Se assim tivesse sido, teriam fugido pouco depois de cruzar entrada e descobrir os apuros financeiros e seu papel de faxineira.

-Ah, possivelmente lhe tenham medo, porque é muito mulher?

-Não estou gorda- Lisa se arrepiou-. Estou... saudável- replicou defensivamente.

Circenn sorriu.

-Assim é você, mas não é o que eu quis dizer.

-Bem, tampouco sou muito alta. Uma gigante não seria muito alta para ti- Com cinco pés dez, ela tinha ultrapassado a muitos dos moços de sua classe até os últimos dois anos de escola secundária.

-Não quis dizer isso.

-Então, o que quis dizer?- perguntou ela, ferida.

-É inteligente.

-Não, não o sou- replicou. Algo lista, mas inteligente...

-Sim, é-o. Foi o bastante inteligente para compreender que seria parvo escapar de mim no Dunnottar, e o bastante lista para deduzir uma maneira de sair de minhas câmaras. Sim, inclusive o bastante intrépida para te atrever a fazê-lo. me diga, os e escreve?

-Sim-. Interiormente, Lisa estava iludida. Ela era inteligente para o século XIV.

-É persistente. Tenaz. Determinada. Muito bem. Não necessita a ninguém, verdade?

-Não tive a oportunidade de necessitar a alguém. Todos sempre estavam ocupados me necessitando...- murmurou ela, e então se sentiu culpado por expressar seu mais secreto ressentimento.

-me necessite, Lisa.

Ela escrutinou seu rosto. O que o tinha trocado? por que estava atuando dessa maneira? Era como se ele autenticamente se preocupasse e a desejasse com sinceridade.

-me necessite- ele repetiu firmemente-. Me use para explorar à mulher a que nunca lhe foi dada a oportunidade de viver. Tome, me necessite, e satisfaz toda essa curiosidade que sinto arder em ti. E pela Dagda, deixa ir à donzela. Desejas viver e morrer, sem alguma vez ter conhecido a paixão? Não tendo provado o que te ofereço? Se valente. Toma-o-. Ele proferiu a última palavra em um tom baixo, masculino.

Toma-o. A palavra se suspendeu em sua mente.

Quase era como se surgisse além de sua língua, imbuída em algum tipo de feitiçaria. O que se sentiria tomá-lo, como ele havia dito, consumida absolutamente, sem culpa ou medo? Tomar porque seu sangue o exigia, porque seu corpo o necessitava. Os lábios da Lisa se abriram quando meditou suas palavras. Seu torso era uma imensa extensão de pele azeitonada que seria aveludada ao tato. Seus dedos lhe doeram por arrastar-se em cima dos duros ondulações de seu assumo, deter-se em cima de seus ombros, encurvar-se ao redor de seu pescoço poderoso e arrastá-lo a um beijo que a faria esquecer-se de onde começava ele e acabava ela.

-Pensei que os homens medievais apreciavam a virgindade. Não pensa que é incorreto que uma mulher tenha seus próprios desejos e atue em consequência?

-A virgindade é um pouco de pele, uma membrana, Lisa. Meu primeiro amor foi faz muito tempo e não trocou quem sou em qualquer aspecto. Pensa, não estou dizendo que deve dar o presente de fazer o amor a qualquer. Mas uma obsessão com a virgindade é absurda e não serve a nenhum propósito mais que para fazer a uma mulher rechaçar uma parte deliciosa de sua natureza. As mulheres e os homens têm os mesmos desejos, pelo menos até que os sacerdotes chegam e os convencem de que é vergonhoso. O que os sacerdotes deveriam dizer é 'escolhe bem'.

-Quantas?- ela o interrompeu rapidamente. Era uma pergunta tola para fazer. Pareceria uma adolescente infantil, possessiva. Mas queria saber. Diria algo sobre o homem. Um homem que tivesse estado com centenas de mulheres tinha um problema real, no que a ela concernia.

-Sete-. Seus dentes luziram muito brancos contra seu rosto.

-Isso não é muito. Quero dizer para um homem, você sabe- ela adicionou apressadamente.

O que pensaria ela se soubesse que ele tinha estado só com sete em quinhentos anos? Milhares de vezes com essas sete, o bastante para saber bem como agradar a qualquer mulher, mas só sete em todo esse tempo.

-Cada mulher era como um país, rica e exuberante como Escócia, e eu as ameí com a mesma dedicação e a atenção completa que disposto a minha pátria. Confesso, as primeiras não significaram muito, mas o homem em mim celebrava assim a vida quando era muito jovem. Mas as últimas duas eram mulheres maravilhosas, amigas e amantes.

-Então, por que as deixou?

Uma sombra cruzou seu formoso rosto.

-Elas me deixaram- disse ele brandamente. Mortas. Muito jovens, em uma terra muito áspera.

-por que?

-Lisa, me toque-. Ele se moveu mais perto, o bastante para que ela pudesse cheirar o aroma a especiarias de sua pele. O bastante para que pudesse sentir o calor que irradiava seu corpo e pudesse mesclar-se com o calor do dele. O suficiente para que seus lábios estivessem a um suspiro e um "sim" saísse dos dela. Tentando-a, impulsionando sua necessidade do instinto básico de sobrevivência. Os dedos se estenderam, ela tratou de alcançá-lo, mas no último instante deixou cair sua mão e formou um punho em seu regaço.

Ele esteve calado por um comprido momento.

-Não está lista ainda. Muito bem. Posso esperar-. Ele se levantou com um movimento fluido. Quando ficou de pé, o nó em seu tartán escorregou e a malha caiu mais abaixo de seus quadris e lhe deu um cintilação pecador do que ela estava negando-se. Seu olhar seguiu o atalho negro de cabelo que descendia de seu umbigo, então a deixou cair até o pêlo mais espesso que espionou sob o tartán. O olhar de lhe fez sentir uma pesadez no estômago, uma pressão vazia horrível. Se ele se moveu ou o plaid se escorregou, ela nunca soube, mas de repente caiu e revelou a grossa base de seu membro em meio dos escuros cachos de seda. Ela não podia ver toda a longitude dele, mas isso não foi o que fez bater seu coração. Era a grossura dele. Ela nunca poderia envolver sua mão ao redor... O que se sentiria ao empurrar-se dentro dela? Sua boca se secou.

Os olhos do Circenn brilharam tão apreciativamente como o olhar dela fixa ali.

-Eu poderia te levantar e envolver essas largas e encantadoras pernas tuas ao redor de minha cintura. me escorregar no mais profundo, te balançar contra mim e te amar enquanto descansa em meus braços e dorme como um bebê. Passarei cada noite jogado a seu lado e te ensinarei o que queira que te ensine. Posso sentir o que quer de mim. Mas será a seu ritmo, quando você escolha. Esperarei tanto como deva. Mas deve saber isto, Lisa: quando estiver ao outro lado da mesa, no jantar a manhã seguinte, em minha mente eu estarei te empurrando de costas em uma cama. Em minha fantasia- ele riu, como se o surpreendesse seu próprio atrevimento- estará te descobrindo com meu corpo desejoso. Quem sabe, possivelmente inclusive sitiando ao coração que pulsa dentro deste assumo-. Ele golpeou seu assumo com um punho e silenciosamente admitiu que ela já tinha começado a fazê-lo, embora ele não se teria devotado voluntariamente. Mas não precisava saber isso. Ele atou o tartán devagar e nunca separou seus olhos dos dela.

-boa noite, Lisa. Que durma com os anjos.

Os olhos lhe picaram de lágrimas rápidas. Tinha sido a bênção noturna de sua mãe: dorme com os anjos. Mas então ele adicionou palavras que sua mãe nunca haveria dito:

-Então retorna à terra e dorme com seu demônio, que se queimaria no inferno por uma noite em seus braços.

Wow! era tudo o que sua enfraquecida mente poderia pensar quando ele saiu do quarto.

CAPÍTULO 17

Três dias tinham passado desde seu primeiro jantar no comilão formal. Tinha sido setenta e duas horas. Quatro mil trezentos e vinte minutos, e Lisa havia sentido cada um deles perdidos para sempre.

Nove mudanças de enfermeiras se teriam acontecido na casa. Nove refeições tinham sido servidas a sua mãe com comida branda, estava segura. Nenhuma ameixa amadurecida ou damascos selecionados cuidadosamente do mercado em sua hora do almoço. A enfermidade tinha trocado o apetite do Catherine, e tinha desenvolvido desejo pelas frutas.

Lisa se tinha passado os dias bisbilhotando tão furtivamente como foi possível, mas tinha começado a suspeitar que era inútil. Não tinha a menor ideia onde procurar a garrafa. Ela tinha provado entrar nas câmaras do Circenn várias vezes durante o dia, mas a porta sempre estava fechada com chave. De todas maneiras, ela tinha ido ao torreão à esquerda dessas habitações para ver se havia alguma maneira em que pudesse escalar a parede externa para chegar ali, porque estava se desesperada. Mas suas câmaras estavam no segundo andar da asa oriental, e havia guardas em todo momento nas almenas.

Tinha passado as tardes sentindo prazer em refeições ofensivamente suntuosas. A noite anterior, o primeiro prato tinha sido uma mescla de ameixas, marmelos, maçãs e pêras com romeiro, manjerição e arruda em um bolo doce. O segundo prato tinha sido um pão de carne talhado, o terceiro uma omelete de ovos com amêndoas, passas de Corinto, mel e açafrão; o quarto, salmão assado em cebola e molho de vinho, o quinto, alcachofras enche com arroz. Para o frango polido em mel e banhado em mostarda, romeiro e pinhões, ela tinha estado derrubando-se na culpa. À altura dos bolos de framboesas com nata batida, desprezou-se a si mesmo.

E cada noite, ele tinha saboreado sua sobremesa com a mesma sensualidade preguiçosa que a fazia desejar ser uma framboesa ou uma esponjosa nata. Não pôde encontrar nenhuma falta em sua conduta: tinha sido um encantador companheiro de jantar e um anfitrião impecável. Tinham conversado; lhe tinha contado sobre os Templários e sua condição, descrito seu treinamento e exaltado o poder e a fortaleza das Highlands. Ela tinha perguntado por seus camponeses, de quem ele parecia saber surpreendentemente pouco. Ele tinha perguntado por seu século e ela, em troca, tinha-lhe feito falar sobre o seu. Quando ela tinha perguntado por sua família, ele havia devolvido as perguntas e tinha perguntado pela sua. depois de uns momentos de evidentes evasões, concederam-se mutuamente deixar esse tema de lado.

Ele parecia deixar aflorar sua maneira de ser cortês, paciente e agradável. A sua vez, ela tinha sido cuidadosamente reservada e tinha encontrado uma desculpa cada noite para levantar-se da mesa depois do último prato e refugiar-se em seu quarto.

Ele permitia o escapamento, mas ao preço de um beijo atormentador cada noite em sua porta. Não tinha tentado entrar em suas câmaras de novo; ela soube que estava esperando seu convite, e também que ela estava perigosamente perto de estendê-la. Cada noite era mais difícil encontrar uma razão para não tomar o que desejava tão desesperadamente. depois de tudo, não

era tampouco como se lhe permitindo acontecer uma noite em sua cama tivesse o mesmo efeito do Persephone comendo seis sementes no Inferno.

Seu problema era duplo: não só estava perdendo um tempo precioso e sem conseguir nenhum resultado em sua busca da garrafa, mas sim estava começando a adaptar-se de insidiosas pequenas maneiras. Sua presença permanente no século XIV de Escócia parecia estar extraindo a seiva de sua resolução. Ela nunca tinha tido um tempo em sua vida tão pacífico, tão cheio de ócio, tão seguro. Ninguém dependia dela, a vida de ninguém se derrubaria se ela se resfriava e era incapaz de trabalhar durante uns poucos dias. Nenhuma fatura estava pendendo ameaçadora, nenhuma manta profunda de escuridão a abrangia.

sentia-se como uma traidora.

As faturas a estavam acoossando; alguém confiava nela. E ela estava necessitada de fazer algo a respeito da maldição até que encontrasse essa garrafa.

Suspirou e desejou fervorosamente ter algo que fazer. O trabalho seria catártico; inundar-se em trabalhos físicas era a única maneira que ela conhecia de afastar os persistentes demônios de sua vida. Possivelmente poderia ajudar a uma das faxineiras, entrar em confiança e aprender mais sobre o laird e seus costumes, como talvez quais eram seus quartos favoritos, onde guardava seus tesouros.

Saltando de assento no batente da janela do estudo, partiu determinada a procurar abaixo um trabalho para ela.

-Gillendria, espera!- Lisa chamou à apressada faxineira no corredor.

-Milady?- Gillendria fez uma pausa e se voltou, seus braços cheios de lençóis de linho das camas.

-aonde vai?- perguntou Lisa, interceptando-a. Ela estendeu suas mãos para liberar uma porção da carga da Gillendria-. Aqui, me permita te ajudar a levar alguns destes.

O rosto da faxineira estava médio oculto detrás da montanha de lençóis, mas o que Lisa podia ver dele foi transformando-se rapidamente em uma expressão de horror: seus olhos azuis se alargaram, suas sobrancelhas escuras se elevaram, e sua boca se partiu em um ofego.

-Milady! Estes estão sujos- exclamou Gillendria.

-Está bem, está fazendo a penetrada hoje. Eu posso ajudar- disse ela alegremente.

Gillendria saltou para trás.

-Não! O laird me desterraria!

Ela se voltou e pôs-se a correr pelo vestibulo tão rapidamente como pôde sob o alto montão de lençóis.

Céus, pensou Lisa, eu só estava tentando ajudar.

Depois de procurar uma meia hora, Lisa encontrou a cozinha. Era tão esplêndida como o resto do castelo, poda, eficazmente desenhada, e atualmente ocupada por uma dúzia de serventes que preparam a comida da tarde. Zumbindo com suas conversações, e de vez em quando interrompidos por uma risada melódica, a cozinha se fazia mais cômoda por um fogo brilhantemente saltando sob as panelas onde os molhos se coziam a fogo lento e as carnes se assavam. O vaio das chamas e seu flutuar suave se alinhavava como sucos orvalhados sobre os lenhos.

Ela sorriu e saudou com um alegre olá.

Todas as mãos se imobilizaram: as facas se detiveram, as vassouras deixaram de varrer, os dedos deixaram de amassar, inclusive o cão encaracolado no chão perto do lar deixou cair sua cabeça entre suas patas e choramingou. Como um, os serventes se inclinaram em deferência a sua posição.

-Milady- murmuraram nervosamente.

Lisa estudou a imagem congelada por um momento, golpeada pela insensatez da situação. por que não tinha antecipado isto? Ela sabia de história. Ninguém no castelo lhe permitiria trabalhar: nem o pessoal da cozinha, nem a lavadeira, inclusive nem as faxineiras que desempoeiravam as tapeçarias. Ela era uma senhora e uma senhora devia ser cuidada, mas não cuidar.

Mas ela não sabia como ser cuidada. Deprimida, resmungou uma despedida atenta e fugiu da cozinha.

Lisa se afundou em uma cadeira frente ao lar no grande hall e se arrellanó como uma menina. Tinha duas coisas com que ocupar a sua mente: sua mãe e Circenn, e os dois eram perigosos, embora por razões imensamente diferentes. Estava considerando limpar por fora o lar e esfregar as pedras quando Circenn entrou.

Ele o jogou um olhar.

-Moça- saudou-a-. tomaste o café da manhã?

-Sim- respondeu ela com um suspiro abatido.

-O que anda mau?- perguntou ele-. E refiro a outra coisa que a que é usual que sempre esteja mal contigo. Possivelmente prefaciarei cada conversação que mantenhemos te assegurando que ainda não sei como te retornar. Agora, que te tem mal-humorada tão cedo, em uma manhã formosa das Highlands?

-O sarcasmo não te sinta- Lisa murmurou.

Ele despiu seus dentes em um sorriso, e embora manteve seu rosto inescrutável, interiormente ela suspirou de prazer. Alto, poderoso e absolutamente atrativo, era uma visão que uma mulher poderia acostumar-se facilmente a ver pelas manhãs. Ele levava seu tartán e uma camisa de linho branca. Seu sporran estava grampeado ao redor dele e acentuava sua cintura esbelta e as musculosas pernas largas. Ele acabava de barbear-se e um pouco de água brilhava em sua mandíbula. E parecia o que era: uma montanha de masculinidade.

-Que esperas de mim, Circenn Brodie?- perguntou ela irritada.

Ele estava muito imóvel.

-Como me chamou?

Lisa duvidou e se perguntou se esse homem arrogante realmente esperava que ela o chamasse "milord" até depois do que ele tinha devotado fazia umas noites. Muito bem. Manteria as coisas impessoais. Lisa se levantou da poltrona e se inclinou reverentemente.

-Meu senhor- ronronou.

-O sarcasmo tampouco sinta a ti. É a primeira vez que hei ouço meu nome em seus lábios. Como vamos casar nos, deve usá-lo daqui em diante. Pode me chamar Cin.

Lisa pestanejou ante sua humilde disposição. Pecado. O que ele era. E essa era a magnitude de seu problema. Se não fora tão irresistível, ela não se sentiria tão viva ao redor dele, e em consequência não se sentiria constantemente tão culpado sobre sua mãe. Se ele tivesse sido um homem pouco atrativo, apagado, tolo, ela se haveria sentido miserável todos os minutos do dia e teria sido mais aceitável. Ela devia ser miserável. Tinha abandonado a sua própria mãe, por todos os Céus. Suas costas se atiesó e se endireitou.

-Possivelmente eu devo prefaciá-las também cada uma de nossas conversações, te recordando que não me casarei contigo. Meu senhor.

Uma esquina de sua boca se esticou.

-É de verdade muito possessiva com sua cota de desafio, não é verdade? O que fariam os homens em seu tempo com isso? antes de que pudesse responder, chegou Duncan, entrando no vestibulo seguido pelo Galan.

-bom dia a todos, e é um dia formoso, né?- saudou Duncan brilhantemente.

Lisa soprou. Não poderia ser esse bonito Highlander pessimista só uma vez?

-Circenn, Galan esteve no povo cedo esta manhã, ouvindo algumas das disputas que tiveram lugar nas cortes do feudo.

-Não se supõe que o senhor decide isso?- perguntou Lisa acerbamente.

O olhar do Circenn caiu sobre ela.

-Como sabe isso? E por que é teu assunto?

Lisa pestanejou inocentemente.

-Devo havê-lo ouvido por acaso em alguma parte. E simplesmente era curiosidade.

-A gente pensaria que poderia aprender a domar essa curiosidade, vendo até onde te levou.

-E enquanto Galan estava no povo- continuou Duncan-, compreendeu que os aldeãos estão esperando ter uma celebração.

-Não entendo por que você não ouve os casos. Não é o laird?- pressionou Lisa-. Ou está muito ocupado controlando a vida de todos outros e refletindo todo o tempo?- adicionou docemente. A inatividade estava destroçando seus nervos, e se não começava a ser desagradável com ele, terminaria sendo muito amável. Sua resolução não poderia resistir outra sobremesa com ele.

A risada do Duncan sacudiu as vigas.

-Não é assunto teu por que não os ouço- grunhiu Circenn.

-Está bem. Nada daqui é meu assunto, não é certo? Que esperas que faça? Simplesmente me sentar ao redor, não fazer nenhuma pergunta, não ter desejos, e ser uma parte de feminilidade frágil?

-Não poderia ser frágil nem que o tentasse- disse Circenn com um suspiro de resignação.

-Uma celebração- disse Duncan ruidosamente-. Os aldeãos estão planejando uma festa.

-Sobre o que está murmurando?- Circenn a contra gosto retornou sua atenção ao Duncan.

-Se me permitisse completar uma frase inteira, poderia sabê-lo- disse Duncan aburridamente.

-Bem?- animou-o Circenn-. Tem minha completa atenção.

-Os aldeãos desejam celebrar seu retorno e as seguintes bodas.

-Nenhuma celebração- disse Lisa imediatamente.

-A idéia é muito boa- opôs Circenn.

Lisa o olhou como se tivesse perdido o julgamento.

-Não vou casar me contigo, recorda? Não vou estar aqui.

Os três guerreiros se voltaram para considerá-la como que se ela acabasse de lhes informar que lhe cresceriam asas e voaria de retorno a casa.

-Não tomarei parte nisto- espetou ela.

-Uma celebração poderia ser justo o que necessita, moça- disse Duncan-. E terá a oportunidade de te encontrar com sua gente.

-Eles não são minha gente, nem o serão nunca- disse Lisa rigidamente-. Eu não estarei aqui-. Com isso ela se voltou e fugiu para os degraus.

Mas se encontrou com que não podia apartar-se muito tempo. Furtivamente, arrastou-se até o topo das escadas, fascinada pelos eventos que se desenvolviam debaixo.

Estavam planejando suas bodas, o que era bastante para fazer vacilar sua resolução.

Ali estavam eles, reunidos ao redor da mesa no grande hall, e o dominante mas irresistivelmente sexy pedaço de laird das Highlands tinha suas mãos enterradas em um tecido.

-Não. Não é o bastante suave. Gillendria, vê e saca as sedas guardadas na quarta das tapeçarias. Adam me deu algo que deve luzir melhor. me traga o cilindro da seda e ouro.

Duncan se apoiou atrás em sua cadeira, seus braços flexionados detrás da cabeça e as botas na mesa. As patas dianteiras de sua cadeira subiram umas polegadas precariamente sobre o chão, antes de cair com um golpe quando Galan deu um chute à costas da cadeira.

-O que anda mal contigo, Galan?- queixou-se Duncan.

-Tira seus pés da mesa- repreendeu-o Galan-. Estão sujos.

-Deixa-o, Galan. A mesa pode limpar-se- disse Circenn ausente, tocando uma lã azul pálida e desprezando-a com uma sacudida de sua cabeça.

Duncan e Galan olhavam ao Circenn como se tivesse perdido o julgamento.

-aonde chegamos? Gradeio na mesa? Você escolhendo tecidos? Significa isto que fazê-lo na cozinha é agora aceitável, também?- perguntou Duncan, incrédulo.

-longe de mim regular sua atividade- disse Circenn ligeiramente e elevou uma dobra de veludo carmesim.

Galan selou a boca do Duncan, fechando-a com um dedo sob seu queixo.

-Pensei que odiava os presentes que Adam te trouxe, Circenn- recordou Galan ao laird.

Circenn jogou um linho rosa pálido a um lado.

-Só tinha vibrantes para a moça- disse às faxineiras-. Exceto possivelmente o lavanda- Ele jogou um olhar à costureira que permanecia perto de sua cadeira-. Tem algo lavanda?

No topo dos degraus, Lisa se ruborizou. Ele estava recordando seu sustento e suas calcinhas, obviamente. O pensamento enviou uma onda de calor através dela. Mas então suas sobrancelhas se uniram: Quem era Adam e por que trazia presentes, e por que os odiava Circenn? Agitou a cabeça e o olhou escolher entre os tecidos estendidos na mesa. Uma meia dúzia de mulheres se amontoaram ao redor do Circenn e recolheram quão tecidos ele tinha aprovado.

-Uma capa de veludo- disse ele-, com pele negra ao bordo do capuz e os punhos. Minhas cores- adicionou limpamente.

Lisa se gelou, desequilibrada pela nota possessiva em sua voz. Minhas cores, ele havia dito, mas lhe ouviu claramente dizer, minha mulher.

E a tinha estremecido.

Ela retrocedeu rapidamente e se agachou em uma esquina apoiando-se contra a parede, seu coração golpeando.

O que estava fazendo?

Tinha estado de pé ao topo de umas escadas no século XIV, olhando-o escolher tecidos para seu vestido de bodas!

Santo Deus, ela estava perdendo-se completamente. Sua presença nesse presente a incitava, tão rico e excitante, a que seus laços com sua vida real se corroessem, minando sua determinação para voltar com sua mãe.

Ela se afundou no chão, fechou os olhos e se obrigou a pensar no Catherine, imaginar o que ela estava fazendo, quão gravemente doente estava, quão sozinha. Lisa permaneceu acurrucada no chão, forçando-se a si mesmo brutalmente a retornar à realidade até que sentiu as lágrimas arder em seus olhos.

E então se levantou, determinada a tomar o controle das coisas de uma vez por todas.

CAPÍTULO 18

Lisa pressionou suas costas contra o profundo arco de pedra da porta e apenas se atreveu a respirar. Seus pés estavam dormidos e tinha câibras por acurrucarse no estômago acostumado a gelado. Pressionou seus dedos ao redor do punho da faca que tinha furtado da cozinha. Era uma folha letal, afiada como uma navalha de barbear, tão larga como sua palma e pelo menos de doze polegadas de comprimento. Serviria para demonstrar seu ponto muito bem. Tinha terminado o assunto de esperar o momento e de tentar encontrar a garrafa pacientemente. Ela ia voltar para futuro agora.

Vê-lo planejar seu vestido de bodas tinha sido a gota que tinha derramado o copo: Circenn aceitava que ela ia estar para sempre ali, e o que era pior, ela tinha começado a aceitá-lo também. Ocultando a faca nas dobras de seu vestido, Lisa se tinha deslizado ao segundo piso e se escondeu nas sombras de uma diagonal da porta das câmaras do Circenn, esperando que entrasse em trocar-se para o jantar, como o fazia todas as noites. A jovem concedeu que se não tivesse tido uma mãe doente, poderia ter desfrutado muitíssimo essa experiência. Em seu século, não havia nenhum homem que poderia sequer começar a comparar-se ao esplendor masculino do Circenn Brodie. Mas Catherine a necessitava e sempre estaria em primeiro lugar.

A escada rangeu fracamente e ela se esticou. Espionando à volta da esquina da porta, vislumbrou ao Circenn caminhando silenciosamente do vestíbulo. Para ser um homem tão grande, movia-se por certo quedamente. Em um instante, suas costas estava frente a ela. Ele inseriu a chave na fechadura e ela compreendeu que esse era o momento. Obteria a garrafa, não importava a maneira de consegui-la. Não mais a Lisa passiva, turvada, suscetível à sedução.

Ela surgiu de seu esconderijo, pressionou a ponta da folha nas costas do Circenn, diretamente à altura de seu coração, e ordenou:

-te mova. Para a porta. Agora.

Pondo a outra emano em suas costas, ela o empurrou para frente. Sua coluna estava rígida sob sua palma.

-Hei dito agora. Entra em quarto.

Circenn abriu a porta com um chute e entrou na câmara.

-Detenha- pediu ela-. Não te volte.

-Vi-te nos espiar no grande hall, moça- disse ele brandamente-. Se você não gostar da seda dourada, não precisa te pôr tão melindrosa sobre isso. Pode selecionar seu próprio vestido. Não era minha intenção te ofender com minha eleição.

-Não seja obtuso. Sabe que não é sobre isso que estou desgostada- vaiou ela-. A garrafa, Brodie. Agora. Busca a-. Ela pressionou a ponta da folha mais duro contra suas costas para ilustrar sua resolução, e se mordeu um pouco seu lábio quando uma gota de sangue floresceu debaixo de seu paletilla e se estendeu no linho branco de sua camisa. Desejou desesperadamente poder ver seu rosto. Estava escuro de fúria? divertia-se ele com sua tenacidade, ou infravalorizava sua amalucada resolução?

Ele suspirou pesadamente.

-Para que propósito deseja meu frasco? É você na verdade quão traidora tínhamos?

-Não! Eu quero ir a casa. Não quero sua garrafa, só a necessito para retornar.

-Crie ainda que a garrafa te retornará?

-Trouxe-me aqui.

-Já te expliquei que...

-Tudo o que me há dito é que esse não é o poder da garrafa, mas não me diz o que pode fazer. Esperas que confie em sua palavra? por que deveria fazê-lo?

-Eu não te mentiria, Lisa. Mas vejo que não me acreditará. Se tivesse sabido que ainda albergava essa esperança tola, te teria obrigado mais logo-. Ele se voltou tão rapidamente que ela trastabilló, mas se recuperou e o cravou com a ponta da faca no assumo. Mais sangue floresceu quando a folha letalmente afiada transpassou sua camisa como se fora manteiga.

-Cuidado com essa coisa, moça. A menos que te agrade danificar minhas camisas.

-Não te mova e não terei que te cortar- espetou ela.

Ele deixou cair suas mãos aos lados.

-Devo me mover para trazer a garrafa.

-Seguirei-te.

-Não, não o fará. Não irá até meu refúgio.

-Eu sou quem tem a faca- recordou-lhe Lisa-. E agora mesmo está sobre seu coração.

Se ele se moveu, ela não o viu. Tudo o que ela soube foi que em um momento tinha a faca contra seu assumo, e ao seguinte já não estava.

Ela pestanejou e tentou voltar a enfocar o quarto. A folha estava apoiada contra sua própria garganta.

Seus olhos brilharam com assombro e ofegou.

-Como fez isso?

-Você não pode me controlar, moça. Ninguém pode- disse ele fatigadamente-. O que te dou, é porque lhe escolho dar isso E, Lisa, eu escolheria te dar tudo, se me permitisse isso.

-Então me dê a garrafa- exigiu a moça, ignorando o metal frio em seu pescoço.

-por que a buscas? por que deseja voltar? Já te hei dito que me casarei contigo e cuidarei de ti. Eu estou te oferecendo minha casa.

Um gemido de frustração escapou de sua garganta. Nada estava funcionando como ela o tinha planejado. Ele a tinha desarmado tão facilmente, despojando-a do controle. Eu estou te oferecendo minha casa, havia dito, e uma parte traiçoeira dela estava profundamente tentada por essa oferta. Estava fazendo-o de novo, estava vacilando. Olhou-o, um brilho de lágrimas nublando sua visão.

À vista de suas lágrimas, ele jogou a faca à cama, onde aterrissou com uma porrada suave. Atraindo-a a seus braços, ele acariciou seu cabelo meigamente.

-me diga, moça, o que acontece? O que é o que te faz chorar?

Lisa escapou de seu abraço. Grunhindo de frustração, começou a caminhar entre ele e a porta.

-Onde está minha boina do beisebol, de todas maneiras? Tinha que te levar isso também?

Ele inclinou a cabeça.

-Sua boina de bola apóie?- repetiu torpemente.

-Mi..-. como a tinha chamado ele?- o gorro.

Ele se moveu a um baú sob uma janela, elevou a tampa, e recuperou sua roupa. pregaram-se suas calças jeans e sua camiseta pulcramente, e ainda por cima deles estava sua boina.

Ela saltou para ele e o agarrou avariciosamente de sua mão e o agarrou contra seu assumo. Parecia ter acontecido uma vida inteira desde que ela e seu pai se sentaram na terceira fila, nos assentos azuis, diretamente detrás da base do home. riram-se e tinham gritado aos jogadores de beisebol, bebendo refrescos e comendo perritos quentes com mostarda e picante. Ela tinha decidido esse mesmo dia que se casaria só com um homem como seu pai. Encantador, inteligente, com um sentido fabuloso do humor, tenro, e que sempre tinha tempo para sua família.

Então ela tinha encontrado a este guerreiro capaz, poderoso, e em sua sombra o real Jack Stone tinha entrado no enfoque que lhe correspondia. E ela tinha sentimentos reais para ele.

Estava zangada com seu pai. Zangada com sua irresponsabilidade: seu fracasso para ter o automóvel reparado, não tirar um seguro de vida, não levar uma adequada cobertura para o automóvel, não planejar um futuro além de sua presente. De tantas maneiras seu pai tinha sido um menino anormalmente crescido, não importava quão encantado tinha sido. Mas Circenn Brodie sempre planejava o futuro de sua família. Se ele se casasse, manteria a salvo a sua esposa e os meninos, não importava o custo. Circenn Brodie tomava precauções, controlava seu ambiente, e construía uma fortaleza impenetrável para aqueles que ele chamava deles.

-Fala comigo, moça.

Lisa se arrastou fora de seus pensamentos amargos.

-Se você me disser que por que buscas voltar tão desesperadamente, eu te trarei a garrafa. É um homem?- perguntou ele cautelosamente-. Acreditei que me disse que não houve nenhum outro.

A tensão que tinha borbilhado nas veias da Lisa enquanto se sentou na porta, tinha agarrado a faca e tinha esperado por ele, dissipou-se de repente. Ela se repreendeu por sua tolice: devia ter previsto que a força não resultaria com esse homem.

A primeira razão pela que ela se negou a discutir do Catherine com ele, era que não tinha querido parecer uma estúpida, começar a falar e terminar chorando abertamente ante o impassível guerreiro. Mas suas emoções já não estavam sob controle, e a necessidade de falar a consumia, a necessidade de ter alguém em quem confiar, confiar nele... Suas defesas a abandonaram e a deixaram nua e exposta. Ela se afundou no chão.

-Não. Não é nada assim. É minha mãe- sussurrou.

-Sua mãe o que?- pressionou ele brandamente e se sentou a seu lado.

-Ela a-agoniza- disse Lisa. Deixou cair sua cabeça e criou uma cortina com seu cabelo.

-Está morrendo?

-Sim-. Ela fez uma respiração profunda-. Eu sou tudo o que fica, Circenn. Está doente e não viverá muito mais tempo. Eu estava cuidando dela, alimentando-a, trabalhando para nos apoiar. Agora ela está completamente sozinha-. Uma vez as palavras tinham começado a sair, começaram a fiar-se mais facilmente. Possivelmente ele se preocupasse o bastante para ajudá-la. Possivelmente se lhe dissesse tudo, ele encontraria uma maneira de retorná-la.

-Ela esteve faz cinco anos em um choque de automóveis. Todos nós estávamos. Meu papai morreu nele-. Ela acariciou a boina do beisebol amorosamente-. Ele me comprou isto uma semana antes do choque-. Um sorriso agridoce cruzou seu rosto ao recordar-. Os Redes ganharam esse dia, e depois fomos jantar com minha mãe, e é a última vez que lembrança ter estado todos juntos salvo o dia do choque. É minha última lembrança boa. depois disso, tudo o que vejo é o choque, partes esmagadas, peças de um Mercedes azul cobertas com sangue e...

Circenn fez uma careta de dor. Pondo um dedo sob seu queixo, obrigou-a a que o olhasse.

-Och, moça, - sussurrou. Seguiu suas lágrimas com seu dedo polegar, seus olhos refletindo seu pesar.

Lisa se sentia aliviada por sua compaixão. Nunca tinha falado em alto disso, nem sequer com o Ruby, embora seu melhor amiga tinha tentado muitas vezes conseguir que ela falasse sobre isso. Estava descobrindo que não era tão difícil confiar nele como ela tinha temido.

-Mamãe ficou aleijada no choque de automóvel.

-Choque de automóvel?- perguntou ele brandamente.

Ela se esforçou em lhe explicar.

-Máquinas. O Mercedes era um automóvel. Em meu tempo nós não montamos cavalos, nós temos metal - ela procurou uma palavra com a que ele pudesse relacioná-los -carruagens que nos levam. Rápido, às vezes muito rapidamente. O pneumático... er... a roda da carruagem explorou e nós nos chocamos contra outras máquinas. Papai ficou esmagado detrás da roda que o dirigia e morreu imediatamente-. Lisa apagou uma respiração e fez uma pausa por um momento-. Quando me deixaram sair do hospital, encontrei um trabalho tão rapidamente como pude, e depois um segundo emprego para cuidar de minha mãe e de mim e pagar as faturas. Nós perdemos tudo- sussurrou-. Era horrível. Nós não pudemos pagar os julgamentos, por isso tomaram nossa casa e tudo o que tínhamos. E eu o aceitei como tinha aceito que assim seria minha vida, até que me trouxe aqui, me tirando do meio de algo que tenho que terminar. Minha mãe tem câncer e só um tempo curto para viver. Ninguém está ali a alimentando-a, pagando as faturas, ou sustentando sua mão.

Circenn tragou. Ele não podia interpretar muito do que Lisa havia dito, mas entendeu que sua mãe estava morrendo e ela tinha estado tentando cuidar de tudo por muito tempo.

-Está ela completamente sozinha? Não há nenhum outro de seu clã vivo?

Lisa agitou sua cabeça.

-As famílias em meu tempo não são como as daqui. Os pais de meu pai morreram faz tempo, e minha mãe foi adotada. Agora só está mamãe, e eu estou apanhada aqui.

-Och, moça-. Ele a atraiu a seus braços.

-Não tente me confortar- gritou ela e empurrou seu assume-. É minha culpa. Eu sou a que tinha que trabalhar em um museu. Eu sou a que tinha que tocar essa condenada garrafa. Eu sou a egoísta.

Circenn deixou cair suas mãos e expeliu uma respiração frustrada. Não havia um só osso egoísta em seu corpo, mas ela ainda estava censurando-se, reprovando-se por tudo. Ele a olhou desamparadamente quando ela se balançou de um lado a outro, envolvendo-se com seus próprios braços em uma postura profundamente afligida que ele tinha visto muitas vezes em sua vida.

-Não tiveste a ninguém alguma vez para te confortar ali, como você a eles?- perguntou severamente ele.-Levou o peso de todo você sozinha. Isso é insustentável. Isso é para o que serve um marido- murmurou.

-Eu não tenho um.

-Bem, tem-no agora- ele disse-. Me permita ser o bastante forte para os dois. Posso fazê-lo, sabe.

Ela limpou enojadamente suas lágrimas com o reverso de sua mão.

-Não posso. Agora vê por que devo voltar? Dará-me por favor a garrafa, pelo amor de Deus? Quando estávamos no Dunnottar me prometeu que se havia uma maneira para mim de voltar, ajudaria-me. Foi algo que disse para me aplacar simplesmente? Devo te rogar? Isso é o que quer?

-Não, moça- disse ele violentamente-. Nunca necessitarei isso de ti. Darei-te a garrafa, mas devo recolhê-la. Está em um lugar seguro. Confiará em mim? Irá a suas câmaras e me esperará ali?

Lisa investigou seu rosto freneticamente.

-Trará-a realmente?- sussurrou.

-Sim. Lisa, eu te traria as estrelas se com isso cessassem suas lágrimas. Eu não sabia. Não conhecia nada disto. Você não me disse isso.

-Nunca perguntou.

Circenn franziu o cenho quando se deu de chutes mentalmente. Ela tinha razão. Não o tinha feito. Nem uma vez havia dito, Me perdoe, moça, mas estava fazendo algo quando eu te tirei fora de seu tempo com minha maldição? Estava casada? Tinha meninos? Uma mãe agonizante que contava contigo, possivelmente?

Ele a ajudou a levantar-se, mas no momento que ela recuperou o equilíbrio, Lisa se desfez da mão que a sujeitava.

-Quanto tempo te levará recuperá-la?

-Um tempo curto, um quarto de hora, não mais.

-Se não vir para mim, voltarei com uma faca maior.

-Não necessitará uma faca, moça- assegurou-lhe-. Eu lhe trarei isso.

Ela saiu silenciosamente e se levou com ela uma parte de seu coração ao franquear a porta.

Circenn abriu sua câmara secreta e rigidamente recuperou a garrafa do compartimento oculto no chão de pedra. Nunca lhe tinha ocorrido que ela tinha tido uma vida completa em seu tempo; ele tinha sido tão egoísta que não lhe tinha perguntado nunca de onde ele a tinha levado. Tinha-a visto unicamente como a Lisa, orgulhosa, tenaz, sensual, como se ela não tivesse vivido em nenhuma parte antes de chegar a ele, mas agora entendia claramente. Ela tinha sacrificado a maior parte de seus anos de adulta em cuidar de sua mãe e tinha levado cargas sob as que um laird se cambalearia, e protegia o único clã que lhe tinha ficado. Isso explicava muito: sua resistência à adaptação, seus contínuos intentos de investigar seu castelo, sua relutância ilógica a perder o interesse na garrafa como uma maneira de retornar a casa. Sabia que Lisa era uma mulher inteligente, e suspeitava que no mais profundo dela, compreendia que a garrafa não a retornaria, mas que se perdesse o interesse formalmente na garrafa, não teria esperança. As pessoas freqüentemente se agarravam à esperança irracional para evitar o desespero.

Seu coração sangrava por ela, porque sabia que o único homem que poderia retorná-la quereria vê-la morta primeiro. Pela primeira vez em sua vida, estava furioso consigo mesmo por negar-se a aprender as coisas que Adam tão freqüentemente se ofereceu a lhe ensinar.

Vêm treinar com minha gente, tinha-o tentado Adam em numerosas ocasiões. me permita te ensinar as artes das fadas. me permita te mostrar os mundos que poderia explorar.

Nunca, tinha respondido Circenn com desdém. Eu nunca me voltarei como você.

Mas a magia está dentro de ti

Eu nunca o aceitarei.

Entretanto, agora ele teria dado algo pela arte de dirigir o tempo. Algo que Adam queria por sobre tudo.

Ele endireitou seus ombros, fechou a câmara oculta, e foi à porta. Como podia ter estado tão deslumbrado como para não compreender que ela tinha tido uma vida e a tinha perdido? Como podia ter pensado alguma vez que era mentirosa? A imagem dela com os grandes olhos verdes brilhando fracamente com lágrimas quando o tinha cuidadoso fixamente e se negou a seu consolo, porque evidentemente nunca o tinham dado e não sabia como aceitá-lo, arderia para sempre em sua mente.

Ele tinha um caminho difícil para caminhar agora com ela. pressionou-se os olhos fechados por um momento, sabendo que ao descobrir a verdade, ela saberia que estava apanhada para sempre. Com um suspiro profundo, deixou suas habitações.

-Moça- disse ele brandamente.

Olhou a Lisa quando entrou no quarto. Estava acurrucada no centro de sua cama, seu rosto pálido manchado de lágrimas. Ele procurou em seu sporran e se aproximou devagar a seu lado, fazendo um caminho que estava relutante a completar.

-te levante, querida- disse quedamente.

Lisa se levantou rapidamente.

Lhe ofereceu a garrafa.

-Trouxe-a- sussurrou a jovem.

-Disse-te que o faria. Devi fazê-lo antes. Sabia que o queria; vi o olhar de seu rosto quando estávamos nos afastando do Dunnottar e o vislumbrou entre minhas coisas.

-Pode me ler tão facilmente?

-Não sempre. Às vezes não posso te ler absolutamente, mas essa noite pude. Tinha estado chorando.

-Eu não estava chorando... Eu quase nunca choro. Só chorei agora porque estou tão frustrada...

-Minhas desculpas se tinha estado chovendo- corrigiu-se ele rapidamente, protegendo seu orgulho. Seu coração estava enternecido: ela se envergonhava por suas lágrimas. Não havia vergonha em chorar. Ele tinha visto suas bochechas molhadas várias noites durante a viagem, mas tinham sido lágrimas caladas, e ele tinha assumido que eram parte de sua aceitação e nunca suspeitou que estava afligida por sua mãe. Estava assombrado de que ela não tivesse chorado abertamente antes desse dia. Mas era forte e resistente, e isso lhe deu esperanças de que se recuperasse com o tempo.

-Essa noite estava chovendo- ela estava de acordo-. Segue.

-Vislumbrou a garrafa quando tirei um plaid extra. Para te proteger da chuva- brincou, esperando distrair a de seu humor sombrio.

Ela arqueou uma sobrancelha, mas seus olhos estavam tristes, cheios de lágrimas não derramadas.

Ele suspirou e continuou.

-E vi a esperança em seus olhos, uma esperança que estava centrada em minha garrafa. Eu sabia que não poderia te retornar, por isso esqueci o pensamento, mas devi ter compreendido que você precisaria te demonstrar por ti mesma que não funcionaria- ele disse brandamente.

-dêem-me isso exigiu ela.

Ele aterrava isso, temia o momento em que veria nos encantadores olhos verdes a certeza inexorável de que nunca poderia retornar. Ele observou a garrafa cor de prata brilhando fracamente em silêncio.

Ela se aproximou.

-Como funciona?- sussurrou.

-Não o faz- sussurrou ele a sua vez-. Você só pensa que o faz.

Seus dedos fecharam ao redor da garrafa. Ele a contemplou quando ela envolveu sua mão reverentemente ao redor do objeto. Envolheu ambas as mãos ao redor dele, fez algo cômico com seus pés, e fechou seus olhos. Ela murmurou brandamente.

-O que está dizendo?

-Não há nenhum lugar como o lar-. As palavras eram metade resmungadas mas dolorosamente claras em seus ouvidos. Ele fez uma careta de dor. Não havia nenhum lugar assim, como o lar; esteve de acordo silenciosamente, e ele faria seu melhor esforço para fazer que ela se sentisse como em seu lar, desde que ele tinha sido quem a tinha banido involuntariamente com sua maldição irrefletida.

-Sinto-o muitíssimo, moça- disse brandamente, seu tom espesso pela emoção.

Ela não abriu seus olhos, negando-se a mover-se. Finalmente foi até a cama e se sentou nela sustentando fortemente a garrafa. Parecia estar recitando mentalmente cada oração ou rima que alguma vez aprendesse. depois de um comprido tempo, levantou-se e se deteve ante o fogo.

Esteve de pé assim, imóvel, agarrando a garrafa, tanto tempo que ele finalmente se afundou em uma cadeira a seu lado. Quanto tempo passaria então, ele não teve nem idéia, mas não se moveria uma polegada até que ela o aceitasse, e então ele estaria ali para agasalhá-la com o casaco de seu corpo.

A noite tinha descendido plenamente quando ela se voltou finalmente, muito depois da hora do jantar. Seu cabelo brilhava fracamente na luz do fogo, seu rosto estava cinzento, e suas pestanas luziam escuras contra sua pele pálida. Ele amaldiçoou quando uma lágrima escorregou por sua bochecha.

Quando abriu seus olhos por fim, ele viu dor nas brilhantes profundidades verdes. O rechaço e a aceitação batalhavam em suas expressivas feições, e a aceitação foi a vencedora brutal. Ela havia sustentado a garrafa, tinha realizado qualquer ritual no que acreditasse, e tinha experiente a derrota indiscutível.

-Não funcionou- disse com uma voz pequena.

-Och, moça- respondeu ele com um suspiro, necessitado para aliviar seu sofrimento.

Ela começou a tocar nervosamente o plugue da garrafa.

-O que está fazendo?- trovejou Circenn, médio levantando-se da cadeira, preparado para arrebatá-la da garrafa de sua mão.

-Possivelmente se beber isto?- disse ela hesitantemente.

-Nunca, moça- replicou ele, sua cútis azeitonada empalidecendo-. Confia em mim, não deseja fazer algo tão tolo.

-O que há nele?- ela abriu a boca, claramente ferida por sua reação.

-Lisa, o que está nessa garrafa não só não retornará a casa, mas também seria a mais pura visão do inferno para ti. Eu não te mentiria. É um veneno da origem mais vil.

Ele não precisou dizer mais para convencê-la. Podia ver sua aceitação de que não só não a faria retornar a casa, mas também poderia matá-la ou fazê-la desejar estar morta. Compreendeu que Lisa, tão sensata como era, tinha reconhecido agora que tinha estado aferrando-se a uma esperança impossível e não o faria de novo. Se ele dissesse que não funcionaria, isso era o bastante. Confiando nela, ele tinha ganho sua confiança.

Ela sorveu e, para sua evidente mortificação, outra lágrima se deslizou por seu rosto. Deixou cair sua cabeça adiante para esconder-se atrás de seu cabelo, da maneira que ele tinha notado que fazia quando estava incômoda ou envergonhada.

Circenn se aproximou rapidamente, pensando recolher a lágrima em seu dedo e beijá-la, como a beijaria até afastar toda sua pena e seu medo, e lhe assegurar que não permitiria que nenhuma dor voltasse a tocá-la e dedicaria sua vida em fazer coisas para ela; mas Lisa deixou cair a garrafa na mesa e se voltou rapidamente.

-Por favor, me deixe sozinha- disse, rechaçando-o.

-me permita te consolar, Lisa- rogou ele.

-me deixe sozinha.

Pela primeira vez em sua vida, Circenn se sentia absolutamente necessitado. Ele permitia lamentar-se, dizia seu coração. Ela precisaria fazer seu duelo, chorar, ao descobrir que o fato de que a garrafa não funcionasse era equivalente a baixar a sua mãe a uma tumba solitária. Ela choraria a sua mãe como se na verdade tivesse morrido esse mesmo dia. Deus me perdoe, ele orou. Não sabia o que estava fazendo quando amaldiçoou essa garrafa.

Ele recolheu a garrafa da mesa, envolveu-a em seu esporran, e deixou o quarto.

E isso era tudo, admitiu Lisa, acurrucando-se na cama e atirando firmemente as cortinas. Em seu ninho cômodo todo que lhe faltava eram Tigger e o ombro de sua mãe para chorar, mas esses consolos nunca seriam de novo deles. Enquanto não

tinha provado a garrafa, tinha podido fixar todas suas esperanças nela. surpreendeu-se pela reação do Circenn a sua confissão; tinha vislumbrado uma umidade parecida em seus olhos.

Está caindo, Lisa, seu coração disse brandamente, e mais que por um país.

Está bem, ela disse a seu coração acerbamente, porque pelo que parece é tudo o que tenho, agora e para sempre.

Ela jogou um olhar ao redor da cama posta cortinas e se aconchegou mais profundamente nas mantas. O fogo esquentava a habitação, e havia uma garrafa de cidra na cabeceira. Quando tomou um profundo gole e saboreou o sabor picante de fruta, cedeu ante seu pesar. Sua mãe morreria sozinha e não havia nada que Lisa pudesse fazer para acautelá-la. Bebeu e chorou até que esteve muito exausta para fazer mais que acurrucarse sobre si mesmo e escorregar no manso, narcótico esquecimento do sonho também.

Tudo o que queria era sustentar sua mão quando morrera, foi seu último pensamento antes de sonhar.

Circenn Brodie estava de pé ao lado da cama, vigiando o sonho da Lisa. Abriu as cortinas da cama e se aproximou, deixando cair sua mão para tocar seu cabelo ligeiramente. Acurrucada de lado, ela tinha dobrado ambas as mãos sob uma bochecha, como uma menina. A vermelha mancha grátis de baseball, que ele recordava ter esmagado entre suas mãos, e um plaid com o que tinha feito uma pilha eram uma sorte de travesseiro. Tinha chorado até dormir, e parecia como se tivesse lutado uma batalha perdedora com suas mantas. Brandamente, ele desenredou o plaid longe de seu pescoço que para que não se estrangulasse com ele, então endireitou a malha torcida sobre suas pernas. Ela suspirou e se aconchegou mais profundamente no colchão suave. Tirando o odre aninhado perto, fez uma careta de dor quando descobriu que estava vazio, embora entendia o que a tinha levado a bebê-lo.

Ela tinha estado procurando esquecimento, uma busca que ele mesmo tinha empreendido uma vez ou dois.

Estava perdida. longe de sua casa. Abandonada em meio de um século que possivelmente não podia entender.

E era sua culpa.

Ele se casaria com ela, ajudaria-a a adaptar-se, protegendo-a do descobrimento e de tudo, protegendo a do Adam Black. De uma maneira ou outra, ele se prometeu firmemente, faria-a sorrir de novo e ganharia seu coração. Ela era toda Brude e mais. Sua mãe teria amado a essa mulher.

-Dorme com os anjos, minha rainha Brude- ele disse brandamente-. Mas retorna. Este diabo te necessita como nunca necessitou algo antes.

Quando ele se voltou para sair, dirigiu-lhe um último olhar em cima de seu ombro. Um sorriso débil encurvou seus lábios quando recordou sua fascinação com a nata batida. Esperava que um dia ela confiasse nele, desejando-o-o bastante para permitir tomar sua colherada de nata batida, arrastá-lo por seu corpo encantador, e lhe tirar a confecção doce com sua língua.

Ele a sanaria. Com seu amor.

E ele nunca deixaria morrer uma promessa ante ela.

-O que está mau?- perguntou Galan, dirigindo um olhar à expressão austera do Circenn quando ele entrou no grande hall.

O laird se deixou cair pesadamente em uma cadeira, recolheu uma garrafa de cidra e a deu voltas ausentemente em suas mãos.

-É Lisa?- perguntou Duncan rapidamente-. O que aconteceu? Pensava que vocês dois estavam... aproximando-se.

-Dava-lhe a garrafa- grunhiu Circenn, escassamente inteligível.

-Que você o que?- rugiu Galan e saltou da cadeira-. Fez-a como você?

-Não-. Circenn ondeou uma mão impaciente-. Nunca faria isso. A dava simplesmente para que pudesse ver que não a retornaria a sua casa-. Ele fez uma pausa, então levantou seus olhos do chão-. Averigüei por que ela quer voltar tão desesperadamente- disse. Então, lentamente, disse-lhes o que Lisa lhe tinha crêdulo.

-Och, Cristo- disse Duncan quando ele terminou-. Isto é um embrulho. Não pode retorná-la? É sua mãe. Galan murmurou seu acordo.

Circenn se encolheu de ombros e estendeu suas mãos em um gesto necessitado.

-Não sei como. A única criatura que sabe como é Adam.

-E Adam a mataria- terminou Duncan amargamente.

-Sim.

Duncan agitou a cabeça.

-Nunca soube. Ela me disse que uma mulher dependia dela, mas não me disse mais.

-Ela lhe disse isso?- espetou Circenn.

-Sim.

Os lábios do Circenn se estiraram amargamente.

-Bem, aqui estou eu me oferecendo a ser seu marido e ela não me disse tanto.

-Perguntas alguma vez?- disse Galan brandamente.

Circenn murmurou uma maldição, desentupiu o vinho, e começou a beber.

CAPÍTULO 19

Armand chiou seus dentes e permitiu ao James Comyn dar saída sua irritação, assegurando-se de que logo as cartas se voltariam, e então ele se divertiria esmagando ao escocês traidor. Ele entendia bem as motivações do Comyn. Fazia dez anos, quando Robert Bruce tinha matado a Rede John Comyn na Igreja do Greyfriars no Dumfries, eliminando ao único outro contendador real para a coroa escocesa, o resto do clã do Comyn se aliou ansiosamente com os ingleses. Estavam ansiosos de assassinar a qualquer parente do Bruce que caísse em suas mãos.

-passaram semanas, Berard! E você não me traz nada. Nenhuma mulher, nenhuma sagrada relíquia.

Armand se encolheu de ombros.

-Fiz tudo o que pude. A mulher não deixou suas câmaras em semanas. Está encerrada ali, embora não posso averiguar por que.

-Então entra e toma-a- brigou Comyn-. A guerra cresce mais feroz, e o irmão do Bruce, Edward, fez uma aposta tola.

-O que diz?- Armand não tinha ouvido falar nada disso.

-Logo que ontem à noite fez uma aposta a respeito de quem pode ganhar ou perder esta guerra. O Rei Edward está muito desconforme.

-Que aposta?- pressionou Armand.

-Não é meu lugar falar disso. Inclusive Bruce não recebeu uma palavra disto ainda, e estará furioso quando souber o que seu irmão tem feito. É indispensável que capturemos a mulher. Pelo menos então teremos algo com o que aplacar sua têmpora. Deve consegui-la- demandou Comyn.

-Há guardas fora de suas câmaras dia e noite, James. Devo esperar até que saia-. Ele levantou uma mão quando Comyn começou a discutir-. Terá que sair logo-. E enquanto esperava, ele continuaria procurando no castelo as sagradas relíquias. Até então só tinha conseguido investigar a asa norte; de algum modo, tinha que entrar nas câmaras do laird e sua senhora.

-Quinze dias, Berard. Não posso te assegurar que possa lhe impedir ao Rei Edward que seus homens ataquem.

-Fará-se antes de uma quinzena.

Lisa se voltou e estirou cautelosamente. Sabia que teria que deixar sua cama em algum momento, mas não tinha podido enfrentá-lo. Sentando-se devagar, surpreendeu-se ao descobrir que o nó doloroso em seu assumo parecia haver-se afrouxado. Jogou um olhar ao redor de seu quarto como se o visse pela primeira vez.

Tinha estado dormindo mais de dezesseis horas por dia, e se perguntou se possivelmente os últimos cinco anos tivessem exigido seu preço finalmente. Tinha dormido e não se afligiu só por sua mãe, mas também pelo acidente de automóvel, a morte de seu pai e a perda de sua infância. Não se tinha permitido sentir nada disso durante cinco anos, e quando se permitiu cair em uma fatia diminuta de dor finalmente, tudo tinha retornado, estrelando-se e ela se perdeu durante um tempo. Nunca tinha compreendido quanto irritação tinha enterrado nela. E suspeitava que só um pouco dele tinha sido solto.

Mas agora tinha que enfrentar os fatos: a garrafa não a retornaria, Circenn não podia amaldiçoá-la de novo, e essa ia ser sua vida para sempre.

Desceu da cama e esfregou seu pescoço para aliviar o intumescimento. Não tinha idéia de quanto tempo tinha passado desde que se banhou. Enfastiada consigo mesma por sua prolongada inércia, foi para a porta. Enquanto estava encerrada em seu quarto, tinha sido obscuramente consciente de que os homens se anunciavam fora do corredor. Ela nunca lhes falava, tinha aceito simplesmente a comida que lhe tinham apresentado através da porta e escolhido indiferentemente algumas.

Ela matou com a asa e atirou para abrir a porta.

Circenn estava apoiado contra ela e caiu ao chão. Rodou facilmente sobre suas costas e saltou sobre seus pés, tirando sua espada e ao parecer um pouco aturdido. Ela compreendeu que ele devia ter estado sentando-se no chão, apoiando as costas contra a porta, e que quando tinha aberto o havia feito por surpresa. Ele pestanejou várias vezes, como se se tivesse dormido nessa posição e tivesse despertado abruptamente. Ela se sobressaltou e comoveu: Teria estado ele fora de seu quarto todo esse tempo?

Ela o olhou fixamente e ambos se contemplaram silenciosamente. Havia círculos escuros sob seus olhos negros, seu rosto estava delineado pela fadiga e a preocupação, e o olhar que lhe dirigiu era ao mesmo tempo tão tenra e arrependida que a fez conter a respiração.

-Um banho- disse ela brandamente-. Poderia tomar um banho?

Seu sorriso demorou para formar-se, mas a deslumbrou quando o fez.

-Absolutamente, moça. Espera aqui. Não te mova. Ordenarei a preparação eu mesmo-. Ele se apressou a cumprir sua demanda.

-Ela quer um banho- bramou Circenn, irrompendo no grande hall. Tinha estado esperando por semanas por alguma faísca de vida. Que ela fora de novo consciente de seu corpo significava que estava saindo do devagar escuro dentro dela, onde tinha adoecido tanto tempo. Ele rugiu para que as faxineiras viessem à carreira.

-Tenham água quente lista imediatamente. E comida. Lhe enviem toda a comida tentadora que possam encontrar. E veio. Vestidos! Ela deve ter roupa limpa também. Vão a minha senhora. Ela quer um banho!

Ele sorriu. Pela Dagda, o dia estava parecendo já mais luminoso.

A última pessoa que Lisa teria imaginado poderia deslizar-se em suas câmaras enquanto se estava banhando era Eirren. agradou-se em uma fantasia de dois segundos em que Circenn pudesse entrar sem ser convidado, com a sedução em mente, mas tinha esmagado esse pensamento rapidamente, obviamente um restante dos romances históricos que tinha devorado em lugar de ter vida social. Coisas que não passavam na vida real. O que realmente passava era que meninos pequenos, peraltas, aparecessem.

-O que está fazendo aqui, Eirren?-. Ela fez estalar suas mãos na água e tentou fazer mais borbulhas para cobrir seu seios. Quando isso falhou, pôs seu tecido de banho em cima deles.

O patife sorriu amplamente e meneou suas sobrancelhas em uma cômica expressão luxuriosa.

-Nem sequer te ouvi abrir a porta-. Ela se afundou mais na tina.

-Estava muito entretida em seu banho, muchachita. Até golpeei- mentiu ele. aproximou-se rapidamente ao lar perto da Lisa.

-Acredito que isto não é apropriado- disse ela. Então o considerou pensativamente-. Pensando-o melhor, é absolutamente apropriado. Pode usar minha tina quando sair, e conseguiremos te limpar finalmente.

Eirren sorriu abertamente, pícaro.

-Na verdade, teria que ir. Mas por meu primeiro olhar a uma moça nua, eu poderia consentir em me banhar. Por te olhar a ti, lavaria-me duas vezes. detrás das orelhas, inclusive.

Sua careta se apagou quando tomou um assento na base de pedra do lar.

-Sente-se melhor, muchachita? estiveste aqui um tempo comprido. Eu não podia ajudar, mas ouvia notícias tristes.

Lisa estava emocionada.

-Estava angustiado por mim, não é verdade? Por isso veio hoje.

-Sim, estava-o- murmurou Eirren-. E não pouco. Ouvi por acaso dizer aos homens que realmente é de outro tempo e descobriu que nunca pode voltar-. Ele a olhava interrogante.

-É verdade- disse Lisa tristemente.

-Perdeu o interesse na vida, muchachita?

Lisa o olhou intensamente.

-Às vezes parece mais velho que treze, Eirren.

Ele encolheu seus ossudos ombros.

-Assim é este mundo. Os meninos não ficam meninos muito tempo. Nós vemos muito.

Lisa sentia uma labareda de desejo subir a seus olhos, para lhe assegurar que nunca voltaria a vislumbrar algo que um menino não devia ver. Então ela o pescou tentando espionar sob a linha da água.

-Detenha!-. Ela o salpicou de água.

Ele riu e limpou seu rosto brincalhão.

-É natural. Sou um moço. Mas te olharei desde fora da janela se te faz sentir melhor.

Ela sorriu e o olhou elevar seu queixo e dirigir seu rosto para a janela e fazer uma representação disso. Era um moço melodramático.

-Casará-te com o laird?- perguntou ele depois de um momento.

As sobrancelhas da Lisa se elevaram quando ponderou isso. Um calafrio percorreu seu espinho. Ela não poderia retornar casa. Esta era sua vida. O que queria Catherine que fizesse? Lisa soube a resposta a isso. Catherine se teria preocupado por pequenezes e ninharias, e vestiria a Lisa com o vestido de bodas mais elegante, empurraria-a na cama com o Highlander musculoso, e esperaria fora da porta para determinar que Lisa fizesse sons apropriadamente satisfeitos na lua de mel.

-Acredito que o farei- disse ela devagar, tentando acostumar-se ao pensamento.

Eirren aplaudiu com suas mãos e se dirigiu a ela.

-Não o sentirá.

Os olhos da Lisa se estreitaram astutamente.

-Tem um interesse especial nisto, Eirren?

-Eu desejo verte como uma muchachita feliz simplesmente.

-Isso não é tudo- disse Lisa-. Confessa. Você gosta do laird, não é certo? Admira-o e pensa que ele precisa casar-se, não é certo?

Eirren assentiu com a cabeça, seus olhos luminosos.

-Suponho que tenho afeto por ele.

Provavelmente porque seu próprio pai não tinha muito tempo para ele, pensou Lisa. Seria fácil para um muchachito render culto ao Circenn Brodie.

-me dê minha toalha, Eirren- pediu Lisa. Ela conseguiria colocar ao porco menino no banheiro embora tivesse que desfilar nua para obtê-lo. Alguém precisava tomá-lo sob sua responsabilidade, tratá-lo com braços tenros e uma disciplina amorosa.

Com um olhar desafiante, ele recolheu sua toalha e, com um balanço exagerado de seu braço, jogou-a longe pelo quarto até aterrissar na cama.

-Faz-o por ti mesma.

Lhe jogou seu mais perverso olhar de morrerá. Empreenderam uma batalha de olhares desafiantes, a sua prometendo retribuição divina, até que com uma careta travessa ele se levantou, deslizou-se detrás dela, e partiu. Ela não ouviu a porta nem sequer abrir e fechar-se.

Suspirou e apoiou sua cabeça contra a tina e admitiu que realmente não tinha querido deixar a água quente e saponácea, de todas maneiras.

-Ganharei nisto, Eirren- jurou ela-. Banhará-te antes de que termine a semana.

Não estava segura, mas acreditou ouvir um tinido suave de risada fora da porta.

O sol estava brilhando, observou Lisa com prazer. depois de banhar-se, embainhou-se em um vestido limpo, mas tinha abandonado as sapatilhas. Enquanto as faxineiras tiravam sua água de banho, tinha aberto a janela e compreendido que a primavera tinha bento os campos enquanto tinha estado afligida. Ela havia sentido uma necessidade feroz de aventurar-se fora, sentir o sol, saborear o canto dos pássaros, conectar-se com o que deveria ser seu mundo. Deus, ela precisava sair de seu quarto. Estava sufocando-se depois de tanto tempo.

Passeou pelo pátio com passo lento e arqueou os nus dedos dos pés na grama verde luxuriante. Seguindo a parede do perímetro do castelo, era agudamente consciente dos olhares curiosos dos guardas nas torres altas. Eles a olharam intensamente, e ela suspeitou que Circenn lhes havia dito que não lhe permitissem apartar-se de sua vista. Em lugar de sentir-se vigiada ou apanhada, encontrou-o confortante. Enquanto terminava seu banho tinha compreendido que tinha tido sorte; as coisas poderiam ter sido muito piores. Ela se poderia ter transladado através do tempo ao torreão de um verdadeiro bárbaro que teria abusado dela, ou simplesmente matado.

Bordeó um bosquecillo pequeno de árvores e fez uma pausa, cativada pelo claro reflexo de um lago abraçado por lisas pedras brancas e flanqueado por quatro pedras maciças com inscrições pictas. Atraída pela história, arrastou as gemas dos dedos sobre as gravuras. Um banco de pedra encantador descansava em um pequeno bosquecillo ante um estranho montão de terra que era aproximadamente de vinte pés e uma dúzia de pés de largura. Era quase tão alto como ela, e a grama nele era de um luminoso verde, mais espesso e luxurioso que o resto. Os dedos dos pés lhe doeram por tocá-lo. Estava de pé, considerando-o, perguntando-se o que seria. Um montão de terra de enterros medievais?

-É um túmulo das fadas. Um shian- disse Circenn, aproximando-se por detrás dela. Ele pôs sua mão em sua cintura e inalou a fresca fragrância a limpo de seu cabelo recém lavado.

Lisa inclinou atrás sua cabeça e sorriu.

-diz-se que se rodear o túmulo sete vezes e verte seu sangue no topo, reina-a das Fadas pode aparecer e te conceder um desejo. Não posso supor sequer quantos moços jovens e moças cravaram seus dedos aqui. Contos velhos, esta terra está cheia deles. Provavelmente algum antepassado esvaziou as painéis das câmaras alguma vez aqui. Explicaria por que a grama é tão espessa e verde-. Ele deixou cair um beijo em seu cabelo e envolveu seus braços ao redor dela desde atrás-. Vi-te da janela e pensei que poderia intercambiar umas palavras contigo. Como está, moça?- perguntou brandamente.

-Melhor- disse quedamente-. Sinto muito. Não planejei ficar tanto tempo ali. Necessitava tempo para pensar. Até que me deu a garrafa, eu ainda acreditava que poderia voltar. Necessitava tempo para me adaptar à realidade de minha situação.

-Não precisa me oferecer nenhuma desculpa. Sou eu quem deve te oferecer uma-. Ele a voltou para enfrentá-la-. Lisa, sinto que tenha sido apanhada por minha maldição. Eu gostaria de dizer que sinto que viesse aqui, mas devo te confessar que eu...

Lisa o observou escrutadoramente.

Ele fez uma respiração profunda.

-Que consagrarei minha vida a te fazer feliz. Que desejo me casar contigo e cuidar bem de ti.

Lisa apartou seu olhar, mortificada por sentir ameaçadoras lágrimas.

Ele retrocedeu e se deu conta de que ela estava lutando por manter o controle.

-Isso era tudo o que desejava dizer, moça. Deixarei-te agora com seu passeio. Simplesmente desejava que soubesse como me sinto.

-Obrigado- disse ela. Quando o viu partir, uma parte dela desejou chamá-lo, para conversar e desfrutar da tarde ensolarada, mas as lágrimas ainda chegavam muito facilmente.

depois de que ele se foi, continuou passeando-se, explorando seu novo lar. empapou-se de raios quentes e se deteve para examinar os brotos pequenos e a folhagem estranha constantemente. Lhe ocorreu que como devia ficar ali, poderia finalmente fazer algo que tinha desejado fazer durante anos: ter um cachorrinho. Sempre tinha querido um cão, mas seu apartamento tinha sido muito pequeno. Quando retornasse ao castelo, perguntaria ao Circenn se conhecia de qualquer recente ninhada no povo.

Quando se aproximou do bothy, compreendeu que ia sobreviver. Seus sentimentos normais estavam voltando, seu otimismo de costume, seu desejo de estar envolta com o mundo e explorá-lo.

perguntou-se o que realmente era um bothy. Um armazém? Uma oficina? Girando o trinco, abriu a porta e quedamente caminhou para o interior.

Duncan Douglas estava de pé ali, nu, de costas a ela. Meu Deus, pensou Lisa. Não era Circenn, mas certamente era notável. Abrumadoramente curiosa sobre todas as coisas de natureza sensual, foi incapaz de partir. Uma faxineira igualmente nua se pressionava entre seu corpo e a parede. A bochecha da faxineira se apoiava na parede de madeira e sua Palmas estavam elevadas sobre sua cabeça, com as mãos fortes do Duncan as sujeitando. Seus quadris se encaixavam contra ela e a empurravam do traseiro.

Lisa molhou seus lábios e respirou brandamente. Soube que devia sair quedamente antes de que adivinhassem que tinham sido observados.

Só um minuto, disse-se ela, as bochechas ardendo. Seu olhar se deixou cair dos ombros largos a sua cintura, em cima de um musculoso, firme traseiro que se encurvava quando ele puxava contra ela. Lisa não se podia mover, assaltada por imagens eróticas do Circenn lhe fazendo o mesmo.

-OH, céus-. Fascinada assim, as palavras escaparam antes de que ela pudesse pensar em acautelá-los. voltaram-se a olhá-la no mesmo momento. A faxineira chiou. O descarado Duncan só sorriu abertamente.

-Oops- disse, indiferente.

Lisa fugiu do bothy.

Pelo menos agora sabia para que os antepassados tinham usado a dependência.

Privacidade.

Os dias passaram rapidamente, em uma nuvem de manhãs ensolaradas e calorosas e demore passadas com o Duncan, que a levava de passeio pelo castelo e a propriedade, e calados atardeceres com o Circenn, nos deliciosos jantares.

Circenn tinha estado notoriamente ausente durante as tardes; nem sequer treinava com seus homens nem se apresentava ao redor do castelo, e quando terminaram a sobremesa uma noite ela inquiriu sobre isso.

-Vêem-. Ele se levantou da mesa e a compeliu a segui-lo-. Tenho algo para ti, Lisa. Espero que te agrade.

Lhe permitiu tomá-la do braço e guiá-la para um corredor que não tinha explorado ainda. Levou-a a extremo da asa oriental, para vestíbulos de pedra estreitos e labirínticos, através de arqueadas portas altas, e uma escada de pedra redonda. Ele fez uma pausa fora da porta de uma torre e tirou uma chave de seu sporran.

-Espero que não pense que tenho... - Ele apagou um suspiro e pareceu incômodo-. Moça, esta parecia uma idéia excelente quando a tive, mas agora tenho algumas duvida...

-O que?- perguntou ela, perplexa.

-tiveste alguma vez uma idéia que pensa fará a alguém feliz, então quando é tempo de dar-lhe se preocupa se por acaso possivelmente estivesse equivocado?

-Fez algo para mim?- perguntou ela, e recordou as manchas de serragem que tinha visto sacudindo de seu tartán no dia anterior.

-Sim- ele murmurou e se passou uma mão através do cabelo-. Mas me ocorreu de repente que se não te conhecer como penso que o faço, pode te fazer triste.

-Bem, então terei que vê-lo- disse ela, e tirou a chave de sua mão.

Algo que ele tivesse feito, tinha-lhe agradado simplesmente por cuidá-la e pensar nela, por não mencionar investir seu tempo em trabalhar em um intento de agradá-la. Além de seus pais e Ruby, tinha recebido poucos presentes impulsivos em sua vida, e nunca um que alguém tinha criado à mão.

Curiosa, inseriu a chave na porta, abriu-a e caminhou dentro. Dúzias de velas flutuavam e enchiam o quarto de uma luz cálida. O teto era alto e se encontrava com um arco de madeira elevado, e havia um pequeno exibidor. No quarto, ante quatro janelas belamente coloridas, havia uma tabela plaina montada em uma base grossa de pedra: um altar. Ela compreendeu que havia a trazido para seu lugar privado de culto.

-Olhe para baixo, moça- ele disse quedamente.

Seu olhar se deixou cair ao chão.

-Céus, fez você isto?- Ela olhou ao Circenn, turvada.

-Tinha muito tempo livre faz uns anos- disse com um encolhimento de ombros. Aproximadamente trinta anos, mas ele não o adicionou. Anos durante os que tinha pensado se voltaria louco de solidão, e nos que tinha enterrado sua angústia criando.

O olhar da Lisa voltou para chão. Estava formado por umas peças deliciosas formadas de madeira, com uma estrela esculpida igual a do centro da capela. O pinheiro ligeiro, a nogueira escura, e a cerejeira profunda se entreteciam para criar os modelos. Algumas das madeiras não tinham mais de uma polegada de diâmetro. Deve ter demorado anos, pensou ela, assombrada. Um homem, desenhando esse chão, tinha esculpido cuidadosamente e colocado as peças, as colocando em um modelo geométrico fabuloso, que teria feito invejar grosseiramente ao M. C. Escher.

-te aproxime do altar- ele animou-. Aí está o que troquei.

Lisa caminhou brandamente pelo chão, relutante a danificá-lo com seus passos. Frente ao altar, ele tinha tirado o antigo modelo e tinha posto um novo. A área frente ao altar tinha sido dividido em duas seções: à direita, cuidadosamente embutido no modelo em ébano profundo dizia MORGANNA, AMADA MÃE DO CIRCENN. A sua esquerda, na mesma madeira negra, estavam as letras que formavam CATHERINE, AMADA MÃE DA Lisa. Não havia nenhuma data, uma omissão que ela entendeu, porque não queriam que ninguém certamente visse datas do século XXI em uma capela medieval. Ela poderia imaginar simplesmente a festa que os estudiosos modernos teriam tido com isso. Os nomes estavam enlaçados através de um trabalho de nós celtas detalhado.

Deixando cair de joelhos, ela passou os dedos em cima da madeira recentemente posta, seu coração cheio de emoção. Ele tinha posto a sua mãe à direita da sua, e tinha mostrado claramente que ela era a metade de sua vida. Agora ela poderia ir ali quando sentisse saudades a sua mãe e sentir que tinha um lugar para estar perto dela.

Sobressaltou-a sua visão perspicaz. Quando ao Catherine lhe tinha diagnosticado o câncer, Lisa tinha devorado -como não-, livros que tratavam a respeito da perda de alguém amado, esperando encontrar alguma maneira mágica de dirigir a perda iminente de sua mãe. Uma das coisas que cada livro tinha sugerido era que o duelo era uma parte crítica do processo curativo.

Fazendo esse aviso para sua mãe, Circenn tinha criado um tangível e, por um costume social antigo, confortador símbolo de sua ausência, para que essa ausência se voltasse uma presença consoladora.

Lisa tragou um nó em sua garganta e o olhou. Ele estava observando-a como se fora a coisa mais imensamente preciosa para ele no mundo.

-fui um estúpido?- preocupou-se ele.

-Não. Circenn, penso que nunca poderia sê-lo- disse ela quedamente-. Obrigado. Nós fazemos isto em meu tempo, também. E eu virei freqüentemente aqui a... - Ela se deteve, agitada pela profundidade de sua emoção.

Quando ele disse:

-Vêem- ela foi facilmente a seus braços.

CAPÍTULO 20

Circenn se aproximou furtivamente ao espelho e se estudou pela quinta vez na mesma quantidade de minutos. Voltou seu rosto de lado e olhou seu perfil. Passou a mão pensativamente em cima da sombra escura de barba. A pele da Lisa era muito sensível; possivelmente devia barbear-se mais freqüentemente.

Mas esse não era o problema, meditou. Embora ela se aberto grandemente nos últimos dias, mantinha uma distância entre eles. Estava sanando, e era tempo de completar o processo. Ele precisava cortejá-la em uma intimidade mais essencial, para lhe ajudar totalmente a aceitar sua posição como sua futura algema.

A quem estava tentando enganar? Ele a necessitava em sua cama antes de que se convertesse em uma besta selvagem. Nem por um momento tinha esquecido a visão que tinha espiado em seu escudo. E queria, estava ansioso de abraçar seu futuro. Tinha ido insupportavelmente devagar com ela, permitindo seu tempo para sanar. Mas ela estava trocando de novo, ficando mais forte.

Ele soprou e refletiu que não era quão única tinha sofrida mudanças desde sua chegada. Fazia uns meses, ele tinha sido um homem de rígidas disciplinas que desprezava muitas coisas sobre si mesmo. Agora era um homem de paixões profundas que dava a bem-vinda ao que ele poderia converter-se com ela. Fazia uns meses, ele tinha evitado a intimidade física e juntado dúzias de razões pelas que era lógico rechaçá-la. Agora desejava a intimidade física, armado com dúzias de razões pelas que era lógico, inclusive necessário, que ele o fizesse.

depois do que lhe tinha dado na capela, tinha-a escoltado a seu quarto e tinha esperado apagar seu passado com um beijo de boa noite, mas ela tinha sido reservada. Seu beijo tinha sido tormentoso, e ele sentiu o desejo em seu corpo, mas ela tinha detido o beijo e lhe tinha desejado que dormisse bem antes de deixá-lo na porta. Ele suspeitava que enquanto não se permitisse ser um pouco feliz, ela ainda não estaria o bastante lista para acreditar que não devia continuar sofrendo por pecados que não tinha cometido.

Por seu bem, ele precisava ser cruel. Precisava penetrar sua couraça e aliviá-la totalmente. Ele a necessitava, a essa mulher fascinante com suas emoções profundas, seu coração apaixonado, sua mente engenhosa e curiosa. Ele necessitava o sentido cômico do humor que tinha estado os últimos dias notoriamente ausente. Ele necessitava que ela aceitasse a atadura física mais profunda com ele, porque sabia que uma vez que o fizesse, não lhe ocultaria nenhuma parte de seu coração. E ele queria explorar cada rincão privado e cada greta de sua alma.

Cruelmente sedutor, isso era o que seria.

Recolheu seu cabelo em uma correia e considerou barbear-se, mas estava muito impaciente. retiraram-se do jantar fazia uma meia hora, e se tinha sorte, ela estaria na cama.

E ele lhe uniria. Era tempo.

Essa noite ele a faria dela.

Lisa bebeu a sorvos seu vinho de cidra e olhou o fogo, sentindo-se notavelmente descontente depois de terminar uma comida deliciosa com um companheiro delicioso e ter recebido o presente encantador da capela. Seu corpo tremia de frustração e tinha estado discutindo um argumento absolutamente perverso consigo mesma.

Uma vez que tinha surto de suas câmaras depois do tempo de duelo, Circenn lhe tinha dado repetidamente indicações de que desejava ter uma relação sexual com ela, mas algo estava retendo-a e não tinha nem a menor ideia do que era. Tinha estudado cada ângulo, mas ainda não estava mais perto de entender por que se apartava cada vez que ele tentava fazer mais que beijá-la. Ela tinha estado ao bordo de lhe perguntar se ele sabia por que o fazia, mas não podia convencer-se de ser tão brutalmente sincera.

Uma parte dela desejava que ele tentasse derrubar suas paredes, para que pudesse deduzir por fim o que eram essas condenadas paredes. Pensava que tinha decidido estar contente ali, mas então, por que resistia a sua sedução?

Um golpe na porta pôs a galopar seu coração.

-Adiante- disse ela brandamente, esperando desesperadamente que não fora Gillendria quem entrasse, levando outro vestido de descanso ou algum avental.

-Garota- murmurou Circenn quando fechou a porta atrás dele.

Lisa se sentou reta e pôs sua taça de vinho na mesa. Não diga nada, só me beije, pensou. me beije duro e rápido e não me dê tempo para pensar.

-Há algo que quero discutir contigo, moça- disse ele. Cruzou o quarto e a levantou da cadeira.

-Sim?

Ele se deteve e a olhou fixamente por um momento comprido.

-Och, às vezes faço uma confusão com as palavras- disse finalmente-. fui um guerreiro toda minha vida, não um bardo aturdido-. Embalando sua cabeça em suas mãos, ele tomou sua boca com a sua.

Enterrou os dedos em seu cabelo, deslizando sua língua entre seus lábios com um golpe aveludado, beijando-a devagar e completamente. Deu-lhe um comprido, deliciosamente romântico beijo que a deixou aferrando-se jadeantemente a ele. Ele mordiscou seu lábio inferior, chupando-o e arrastando-o; então se deslizou novo dentro e possuiu sua boca. Suas mãos escorregaram abaixo por suas costas e ainda por cima de seu traseiro, e ele gemeu. Necessitava-a desesperadamente, mas também necessitava que ela procurasse seu afeto. Sua língua se retirou, e ele fez uma pausa, esperando que ela procurasse sua volta.

Não o fez.

Ele suspirou e se moveu uma polegada para trás para olhá-la.

-Ao menos brigue, moça, como fez quando Bruce nos declarou em handfasted. Pensa que me esqueci que isso? Quando eu tirei minha língua então, você não queria saber nada.

Lisa apartou seu olhar.

Cruel, recordou-se Circenn, ou ela se afastará de ti. Não pode deixá-la apanhar-se no pesar e a culpa.

Quando ela se moveu para sentar-se na cama, ele exalou um suspiro pequeno de alívio. O fato de que se sentisse cômoda em meio de sua sedução lhe disse que não era completamente adversa a ela.

-O que está esperando, Lisa?-. Ele se afundou a seu lado na cama, animado porque ela não se apartou ao estar sentados juntos, ombro com ombro-. Recorda o que me disse a noite que chegou aqui, quando temia que pudesse te matar?

Lhe jogou um olhar cauteloso, indicando que estava escutando-o.

-Inclusive não vivi ainda. Essas foram as palavras que me disse, e ouvi muitas coisas nessa declaração. Ouvi frustração e pesar. Ouvi curiosidade e tenho fome de experiências, e um terrível temor de que nunca conseguisse os ter. Não posso morrer. Inclusive não vivi ainda! disse-me. Eu pensei no que quis dizer. E te darei a oportunidade de viver audazmente.

Lisa retrocedeu. Podia sentir o eco de suas palavras dentro dela. Era verdade, pensou insolentemente, inclusive não tinha vivido ainda. Sentiu uma labareda súbita de fúria. Tinha desperdiçado anos negando o luxo de sentir, e com umas frases simples, Circenn os tinha deixado nus ante ela. Ela resintió seu intento de psicoanalizá-la. Fez-a zangar que ele se atrevesse a ser tão audaz com seus sentimentos. Seus olhos se estreitaram.

Com os lábios encurvados em um sorriso débil, pormenorizada, ele disse:

-Vamos, te zangue comigo, moça, por dar voz às coisas que tenta não sentir. te zangue comigo por dizer em alto o que apenas te permite pensar, que uma parte de ti sabe que sua mãe está doente e não pode te dar permissão para viver enquanto ela está morrendo. te zangue comigo por dizer o que te rasga por dentro, e que sente que deve sofrer, porque como pode fazer outra coisa quando sua própria mãe está morrendo? te zangue comigo por exigir que vivas agora. Vive comigo. Totalmente.

Suas mãos se fincaram entre as dobras da manta. Ela não podia negar nada do que ele havia dito. Sentia que devia sofrer, porque sua mãe estava sofrendo. Sentia que cada sorriso pequeno que ela se permitia era de algum modo uma traição ao Catherine. Como se atrevia Lisa a sorrir quando sua mãe estava morrendo? Que tipo de monstro poderia estar contente inclusive por um momento? Ainda mais, quando tinha sorrido de vez em quando, e inclusive rido, odiou-se por isso. Ele tinha razão em que isso era o que a retinha. Uma crença pequena e insidiosa de que ela não tinha nenhum direito a estar contente.

-Continuará te castigando por quão pecados não cometeu? Quanto deve sofrer antes de que sinta que pague por completo? Seria sua vida bastante?

Suas pestanas baixaram e defenderam seus olhos.

-Estaria tão equivocado sucumbir arrebatadamente ao amor que eu te ofereço? Tomar cada risco de vida, imbui-lo em seu corpo, o gostar de com uma vingança.

-Maldito seja- sussurrou ela.

-Por dizer o que você pensa? Moça, sou o único a quem pode dizer algo. Asseguro-lhe isso, eu entenderei. Não me preocupa quão ignóbeis pensa que são seus pensamentos ou sentimentos. Sentimentos, emoções, eles são, sem que esteja bem ou mau. Não pode lhes atribuir um valor. Os sentimentos são. Você te obriga a ignorar esses sentimentos etiquetando-os como maus. E o que você precisa é senti-los, lhes permitir arder em ti, e então seguir vivendo. Não é responsável por nada do que aconteceu com seus pais. Mas te castigar por um ter um sentimento, och, moça, isso sim está equivocado. Se sentir um pouco de ressentimento, não há vergonha nisso. É jovem e cheia de vida, não há vergonha nisso, Lisa.

Parecia como se ela desejasse acreditá-lo desesperadamente.

-Não foi sua culpa o choque, nem que sua mãe ficasse doente, nem que fosse gasta até aqui, até mim. Lhes permita sair. Ponha de pé, Lisa. Toma o que quer de mim. Vive agora.

-Maldito seja- repetiu ela e agitou sua cabeça. Os sentimentos longamente negados a alagavam agora.

Ainda sentada, suas palavras ecoaram em sua mente. Então outra voz a sobressaltou, porque se parecia com a do Catherine, ressonando em sua cabeça: Nenhum castigo mais. Ele tem razão, sabe. Pensa que não vi o que te estava fazendo a ti mesma? Vive, Lisa.

Suas mãos estavam tremendo. Podia? E saberia como? depois de anos de negar-se a acreditar que algo bom poderia lhe passar, poderia salvar os sonhos que tinha tido de ser uma mulher sem medo ao amor?

Seu olhar se verteu sobre ele. Um Highlander magnífico, médio selvagem, e entretanto mais civilizado que a maioria dos homens modernos. Tenro, e o bastante preocupado para penetrar suas defesas em um esforço valente das derrubar. Ela nunca encontraria a um homem melhor.

Viver, ela estava de acordo.

Sem uma palavra, levantou-se, e teve a sensação de estar rasgando-se em duas pessoas diferentes. Como se no ato de levantar-se ela se despojou de seu corpo do século XXI e deixado à velha Lisa acurrucada na cama, com seus braços envolvendo um travesseiro e negando-se a suas próprias necessidades veementemente. Esta nova Lisa estava de pé, alta e composta, esperando seu seguinte demanda. Preparada para fazer demandas ela mesma.

-te tire o vestido, Lisa.

Sua respiração se entupiu no caminho a seus pulmões.

-Pinjente que te tirasse o vestido.

-E o que tem que ti?

-Isto não é para mim. É para ti. me permita te amar, moça. Prometo que não te arrependerá.

Lisa fez uma respiração pouco profunda. Ele tinha visto seu coração como realmente era, cheio ainda de emoções complicadas e não tão nobres, e ainda assim a desejava. E tirando o vestido deixaria cair suas barreiras, estendendo seus braços para lhe dar a bem-vinda. Dando a bem-vinda ao que eles poderiam ser juntos.

Seus dedos se sentiam rígidos e torpes quando se moveram em cima de sua roupa, mas aumentando a sinceridade consigo mesma.

-Necessito-te. Estou aqui para ti. Adoro-te-. Adoro-te... Suas palavras se atrasaram dentro dela. E reconheceu que o queria por ser justo assim. Despir-se para esse homem, lhe oferecer seu corpo, encontrar a aprovação e o desejo que sabia ele sentia por ela. Para estender a mão e saborear o que ele oferecia, voltar seu corpo desejoso para ele para ser ensinado, iniciado, saboreado.

Para viver.

Seu vestido caiu ao chão.

-Detenha!-. Ele estava sentado, imóvel, olhando-a fixamente enquanto a jovem permanecia de pé, pálida à luz das velas, com seu sustento e calcinhas cor lavanda. Ele fez um som rouco em sua garganta. Lisa nunca tinha ouvido um homem fazer semelhante som antes, mas compreendeu que queria ouvi-lo fazê-lo muitas vezes mais, olhando-a justo da mesma maneira.

-Segue- disse finalmente ele-. Muito devagar, moça. me mate com isso. Sabe que te desejo; usa esse conhecimento. É um de seus muitos poderes.

Lisa pestanejou, estremeceu ao compreender que tinha esse poder como mulher. Seu plaid se levantava sobre seu assumo, caindo e subindo rapidamente, e seus olhos estavam escuros de desejo. Ele estava convidando-a a empregar sua força feminina, e ela queria fazê-lo. Em suas fantasias tinha sonhado só com isso: estar com um homem cuja atração por ela fora algo do que estivesse tão segura, que pudesse incitá-lo, revelar-se em sua feminilidade, provocar e convidar as conseqüências.

Devagar começou a despojar-se de sua roupa interior e escorregou as cintas de seu sustento sobre seus ombros, as arrastando brincalhona, provocativamente para a inclinação de seu seios. Quando os olhos dele se iluminaram, ela se deslizou de suas sapatilhas suaves e lançou uma a ele. O movimento fez oscilar seus seios brandamente. Quando a sapatilha lhe pegou ligeiramente no assumo, ele tragou e se esticou para levantar-se da cama.

-Não. Eu gosto disto. Você me animou. me permita descobrir quem sou.

Circenn se afundou de novo na cama, mas parecia preparado para lançar-se para ela em qualquer momento. Um punhado de encaixe tremeu até o chão, então outro, e Lisa esteve de pé ante ele contendo a respiração. viu-se si mesmo refletida no espelho gentil detrás dele e se moveu um pouco à direita. Perfeito, pensou ela: podia vê-lo agora totalmente vestido, seus ombros largos e musculosos, sentado na cama, e ela nua ante ele. estava-se excitando furiosa, eroticamente, seu desejo estranhamente elevado pelo fato de que ele ainda estava completamente vestido.

-te volte.

-O que?- ela abriu a boca e quase perdeu a calma.

Sua risada era um ronrono baixo.

-É perfeita, moça. Mas date a volta e me mostre todo seu corpo encantador. estive sonhando contigo durante semanas.

Lisa tragou, incerta de que pudesse fazê-lo. Ela não poderia vê-lo. O que, se pensava que seu traseiro era gordo? Os homens nunca pensam que um traseiro é gordo, havia-lhe dito Ruby uma vez. Eles estão contentes só por vê-lo.

-Vamos, moça. me mostre se suas costas se arquear como penso que o faz, suave como marfim, com seu cabelo frisando-se baixo ele. me mostre esse formoso traseiro. me mostre essas encantadoras pernas largas. me mostre cada polegada do que vou beijar e saborear.

Suas palavras eram mais que persuasivas; que mulher poderia negar-se a semelhante promessa? Lisa fez uma profunda inspiração e se voltou. depois de uns momentos de silêncio insuportável, jogou um olhar nervosamente em cima de seu ombro, procurando seu reflexo no espelho. Ele se tinha deixado cair de joelhos da cama e se agachou detrás dela e a estava olhando de cima abaixo, e de cima abaixo de novo.

Os olhos negros se elevaram para encontrar-se com seu olhar. A expressão em seu rosto era selvagem, possessiva, e a fez sentir a mulher mais bonita que tivesse chegado a seu mundo do século XIV.

Ele se apoiou sobre seus pés e a arrastou contra ele, rude. A malha hípido de seu plaid se sentia áspero contra sua pele sensível e ela se fundiu contra seu corpo. Com uma firme pressão, ele a empurrou de seu traseiro nu contra seus quadris, e ela

se perdeu na sensação da malha e a longitude dura da masculinidade que havia debaixo. Ela se pressionou para trás e sentiu a coluna dele apertar-se na fenda de seu traseiro. Tremeu contra ela e a jovem ofegou de antecipação.

Suas mãos escorregaram a sua cintura, sobre de suas costelas, e ao princípio sustentando reverentemente seu seios, e depois com excitação inclemente. Seus mamilos já estavam duros e doloridos pelo ar frio do quarto, e quando seus dedos os acariciaram ela quase gritou. Seus quadris se ondularam para trás, e uma labareda de prazer partiu desde seus mamilos até o lugar onde ela tomaria em seu corpo. Ele os beliscou, e ela se sentiu isolada do mundo e rodeada nada mais que por ele baixo e ao redor dela, e o desejo de fazer com ele tudo o que era possível entre um homem e uma mulher.

-Isso. Empurra contra mim. me mostre como me deseja-. Ele se balançou contra ela e imitou o vaivém do amor, e ela sentiu umidade entre suas coxas. Seus movimentos a apertavam contra o alívio que ela rogava para seu corpo.

Ele envolveu um braço ao redor de sua cintura, e beijou sua nuca, agarrando o tendão entre seus dentes. sentia-se... dominante. Sua outra mão procurou seus lábios, e ele escorregou seu dedo entre eles. Ela o acariciou com sua língua, fechando seus lábios ao redor dele e atraindo-o a sua boca.

Brandamente, ele a moveu pouco a pouco para o baú ao pé da cama.

-Sente-se.

Ela se sentou jadeantemente, excitada, porque inclusive o baú se sentia bem contra seu traseiro dolorido. Duro, isso era o que ela queria; algo duro, e sólido, e... a ele.

Ele estava de pé ante ela, as pernas estendidas, os olhos escuros. Ele acariciou seus mamilos com sua Palmas, seus calos deliciosamente abrasivos contra seus topos sensíveis. Ela os olhou apertar-se, fascinada pelas respostas de seu corpo a ele. Com seu joelho ele tocou suas pernas ligeiramente para as apartar, aparentemente transfigurado pelo pequeno lunar escuro dentro de sua coxa esquerda. Ele molhou seus lábios, e ela soube que a beijaria muitas vezes ali.

Sustentando seu olhar, ele se despiu para ela, com indolência insuportável, nunca apartando a vista. Nenhuma moderna mulher que fizesse strip-tease poderia competir com a atuação que lhe deu. Tinha um efeito gracioso em suas emoções, porque embora ela estava nua, embora ele pudesse tomá-la rapidamente, estava fazendo quanto tinha prometido: tudo para ela. Ele estava progredindo devagar, alimentando cada fantasia. Ainda estava tentando cortejá-la, a pesar do fato de que ele claramente já a tinha ganho.

Quando ele ficou nu ante ela, fechou seus olhos, curvada. Ela forçou uma respiração profunda e os abriu, só para descobri-lo palpitando ante ela, de novo. É formoso, pensou. Nunca tinha imaginado que um homem pudesse ser tão formoso. As protuberâncias duras em seu abdômen se convertiam em músculos magros que se ondulavam em suas coxas e criavam uma V de curvaturas tensas que chamavam a atenção sobre a terminante masculinidade que duramente se erguia entre suas pernas. Somente lhe vê-lo fez sentir o estômago tenso e vazio. Era grosso e comprido e se levantava ansiosamente. Azeitonado e rosa, terso e de aparência aveludada, encapotado, com uma forte veia percorrendo sua longitude. Fora ou não quente, sentiria-se quente e sedoso sob sua mão.

Apoiando-se mais perto para vê-lo melhor, sobressaltou-se quando pulsou de novo e acariciou sua bochecha. Renda-se, ela o olhou, e perdeu sua respiração.

Ele a olhava fixamente, transfigurado, sua expressão tão possessiva que ela abriu a boca. Nunca seria a mesma depois dessa noite. Sei intrépida, disse-se. Sei valente e lasciva e tudo o que sempre fantasiaste ser. Toma a vida, Lisa.

Ela envolveu sua mão ao redor dele, e, como o tinha suspeitado, seus dedos não puderam fechar-se. Um calafrio passou através dela, imaginando seu corpo render-se para tomar tudo o que pudesse dele. Ele pulsou dentro de seu fechamento. Um sorriso encurvou os lábios da Lisa: ela podia lhe fazer isso, fazê-lo dar puxões hambrientamente em resposta a seu tato. Pressionou e escorregou sua mão de cima abaixo.

Essa parte dele era uma contradição: tão duro, e entretanto com a pele muito suave e sensível, tão forte, e ainda assim tão delicada ante uma mulher, tão facilmente dirigido por um homem como uma arma, e tão facilmente usado como uma arma contra ele. Lisa lambeu seus lábios e se perguntou como saberia. Salgado? Doce? Onde poria ela nata batida? Deixou cair sua cabeça e acariciou com seus lábios a ponta de seu pênis. Simplesmente uma vez, uma sucção firme de seus lábios, um golpecito rápido de sua língua, só o bastante para saboreá-lo e aplacar sua curiosidade.

Um pouco salgado, e com intenso aroma de homem, pensou, ponderando o sabor em sua língua, sua mão momentaneamente quieta. O aroma picante que entorpecia seu cérebro era mais evidente ali, perto do centro de sua masculinidade. Fez coisas alarmantes nela: ao mesmo tempo a relaxou e a estimulou. Lhe jogou um olhar, perguntando-se por que ele estava tão imóvel, e se sobressaltou com o olhar aturdido, selvagem em seu rosto.

Ela a levantou em seus braços, apoiou-a de costas na cama, e se estirou em cima dela.

-Moça, vou amar te até que não possa sair de minha cama- sussurrou ele antes de beijá-la.

Ela respondeu ansiosa, furiosamente, amoldando sua boca à sua.

-Lentamente primeiro-. Ele retirou atrás ligeiramente. Com serenidade insuportável ele acariciou seus lábios contra ela, uma vez, duas vezes, uma dúzia de vezes. Ela abriu seus lábios contra sua fricção gentil, demonstrando seu desejo de mais. Ele riu brandamente e executou com a ponta de sua língua um círculo brincalhão em cima de seus lábios. Provocou-a até que ela se moveu freneticamente, tentando encontrar sua língua com a sua.

-Ponha suas mãos sobre sua cabeça, moça, e se tiver problemas para as manter ali, estarei feliz de usar tecidos para as afiançar- murmurou ele.

-O que? Quer me atar?- exclamou ela, ligeiramente assustada. Sentiu os lábios masculinos encurvar-se em um sorriso contra os seus; ele estava divertido por sua reação.

-Não seria adverso à idéia-. Sua risada era rouca, obscuramente erótica-. Mas por agora, desejo simplesmente que não ponha suas mãos em meu corpo. Não precisa dar nada, fazer nada; asseguro-lhe isso, terei meu prazer lhe dando isso a ti.

Fica quieta e me permita te agradar, estava dizendo ele. Morri-me e fui ao céu? perguntou-se Lisa. E ele prefere fazer isto? Seus amantes de fantasia sempre tinham sido ilusões dominantes e exigentes que se esgotavam na cama obtendo seu prazer de uma mulher. Obedientemente, ela levantou suas mãos sobre sua cabeça. O movimento elevou seu seios, e ele capturou um bruscamente com sua boca.

Então ela se estava queimando, seus mamilos envoltos em fogo. Ele beliscou e chupou, lambeu e sugou até que seus seios se sentiram inchados e quentes. Ele os levantou juntos e arrastou sua língua na fenda suave, então os separou e beijou cada mamilo. Beliscou seu estômago e beijou seus quadris, na parte tão sensível onde sua perna se encontrava com a parte superior de seu corpo, a só polegadas do pêlo suave entre suas coxas. A pele era ali mais magra, mais delicada. Ele pressionou beijos quentes no lunar diminuto dentro de sua coxa, arrastou sua língua aveludada em cima dele, e ela se arqueou contra ele e o guiou instintivamente mais perto de seu centro.

Sua língua deu um golpecito para saboreá-la e as mãos da moça voaram abaixo para embalar sua cabeça entre suas pernas quando se arqueou contra ele. Saboreou-a com carícias largas contra o sensível nó, alternadamente rápido, então perezosamente, então rápido de novo.

-OH, Deus!

Ela abraçou o prazer. Voou, moveu-se em espiral, estremeceu-se, e quando caiu, ele estava para capturá-la ali, com a promessa em seus olhos.

Ele escorregou um dedo dentro dela, que se contraiu desamparadamente a seu redor. Lisa compreendeu que havia uma sensação completamente diferente que ainda não tinha experiente. Tinha ouvido que os orgasmos podiam ser muito diferentes quando um homem estava dentro de uma mulher, em oposição ao orgasmo causado por sensações externas. Ela podia sentir a promessa da plenitude que ofereceria.

-Apertada. Muito apertada, moça. Precisa te relaxar mais, e só conheço uma maneira de obtê-lo-. Seus lábios queimaram contra sua pele quando beijou seu lunar, lambeu-o, e então acariciou com seus beijos aveludados seus tornozelos, os dedos dos pés, e de novo subir com lentidão deliciosa. E quando voltou para ponto de partida, baixou sua cabeça e se assegurou de que ela estava completamente relaxada enviando-a de novo ao bordo do abismo.

Dois dedos.

Enchia-a!

Três.

-te relaxe, moça. Não desejo te ferir muito. Eu sou muito...

-Sei- ofegou ela-. Como é. Vi-te-. Ela estava intimidada e um pouco assustada.

Suas mãos eram mágicas, seu corpo mais aberto, só para contrair-se rapidamente quando ele tirou seus dedos. A dor, OH, a dor insofritível.

-Por favor- gemeu ela.

Ele se levantou e se posicionou entre suas pernas. Mas não entrou, não; tomou seus lábios com os seus e a beijou: luz e provocação, beijou-a profundamente; beijou-a tão duro que seus dentes golpearam contra os seus, e ela que sempre tinha pensado que poderia parecer torpe, não o era, fazendo-se quase selvagem baixo ele. Arqueou a parte inferior de seu corpo e se apertou contra essa parte masculina e quente dele, e ele se pressionou a sua vez contra ela, duro.

-Em mim- soluçou ela.

Ele riu contra seus lábios.

-Moça impaciente.

-Sim, sou-o. Em mim.

-Sim, sim, senhora- sussurrou ele.

Ele a obedeceu lentamente. A primeira polegada foi a sensação mais estranha e ela duvidou que pudesse tomá-lo. A segunda polegada prometeu dor. A terceira e a quarta foram dolorosas, mas a sétima e oitava prometeram o céu. Lisa fechou seus olhos e consagrou sua completa atenção ao homem duro dentro dela. Nunca havia sentido semelhante pressão, semelhante sensação de completitud em sua vida. Poderia ficar assim para sempre.

E então ele se balançou devagar dentro dela.

-me aperte- sussurrou ele.

-O que?

-Com seus músculos-. Quando ela o olhou fixamente sem compreender, lhe fez cócegas de repente, causando sua risada. Seus músculos internos se contraíram e ela entendeu.

-te apertar assim, quer dizer?

Ele estava ainda completamente dentro dela.

-me aperte.

Era a sensação mais incrível. Ela podia usar seus músculos de mulher para contrair-se ao redor dele e soltá-lo, e cada vez que se contraía a enviava perigosamente perto do bordo. Ele estava imóvel em cima dela e lhe permitia senti-lo, acostumar-se a ele, desenvolver uma fome insaciável pelo prazer de senti-lo enterrado dentro dela.

-Excita-te?- perguntou Circenn.

-OH, sim- murmurou ela.

Ele se retirou devagar e saboreou cada contração doce de seus músculos, então a encheu até a boca de seu útero.

A noite era jovem, e durante o curso dela, ele fez um pequeno progresso em sua lista interminável de coisas que queria fazer com ela. A curiosidade insaciável da Lisa se estendia até o dormitório, como ele tinha esperado que fora. Foi uma conspiradora mais que desejosa ao longo da larga noite de corpos entrelaçados de paixão e corações satisfeitos.

Quando ele se levantou e apoiou suas largas mãos para sustentar-se a cada lado dela, jogou sua cabeça para trás, e perdendo uma parte de si mesmo profundamente dentro dela, quase se dobrou em cima da mulher em agonia. Seus músculos atiraram hermeticamente em seu abdômen, seu coração golpeando temivelmente, e sentindo sua cabeça fragmentar-se. Em toda sua vida, ele nunca se permitiu derramar-se dentro de uma mulher e se negou a ter meninos. Primeiro, porque não tinha estado preparado, depois, devido ao que Adam lhe tinha feito.

Mas ele tinha posto seus medos a um lado, e essa vez se permitiu fazê-lo. E no momento preciso em que a encheu, Circenn sentiu que uma atadura assinalava luminosamente a vida entre os dois, como se um leito tivesse estado talhado entre suas almas e de repente tivesse permitido que um pouco dela se filtrasse nele, e um pouco dele nela. Queimou através de seu corpo e escavou a parte de sua mente que celebrava a magia. Era como um calor branco deslumbrante que rugia dentro dele e explorou em uma labareda de sublime conscientiza.

Era a sensação mais incrível que ele tinha experiente alguma vez.

De repente ele podia sentir o prazer da Lisa, inclusive podia dar-se conta de que ela se sentia agradecida por ajudá-la a esquecer-se de sua dor e fazê-la sentir pela primeira vez essa experiência incrível.

Hmm, ele pensou, gostando dessa nova atadura. Ele tinha excedido suas expectativas para fazer o amor. Seu olhar voou à sua e viu que tinha sido o mesmo quanto a ela. Mas não sabia, porque essa era a primeira vez para ela e só o tempo de intimidade física, faria-a compreender que o conhecimento do outro não era um resultado normal de fazer o amor. Seus olhos pareciam enormes e cheios de maravilha.

Ele não entendeu o que tinha produzido a criação de sua conexão estranha, e se perguntou que efeitos duradouros poderia ter nela. perguntou-se se possivelmente a poção de imortalidade o tivesse trocado, para que se ele derramasse sua semente no corpo de uma mulher, eles se unissem. Havia muito que ele não entendia sobre si mesmo.

E então não se perguntou nada mais, mas a embalou em seus braços e desfrutou da paz pela primeira vez em séculos.

Mais tarde, Lisa apoiava sua bochecha contra o assumo do Circenn, um de seus braços fortes curvado ao redor de sua cintura, e perguntando-se se Deus tinha considerado compensá-la por haver feito tanto dela, para lhe dar a esse homem incrível. Não sabia o que fazer o amor a faria mais consciente de seus sentimentos. Era como se alguém tivesse apertado um interruptor dentro dela: um calor branco deslumbrante a encheu, e de repente pôde dar-se conta das emoções de seu amante; até agora, ele estava preocupado por ela, perguntando-se se a teria agradado. Era uma consciência estranha, uma sensação de que ele estava perto e a rodeava; ela nunca antes se havia sentido tão unida a alguém, inclusive com sua mãe, que a tinha levado dentro de seu corpo.

Ela jurou desfrutar completamente de todo o prazer que podia encontrar com o Circenn, porque nunca se sabia quanto tempo poderia durar. Ele poderia morrer esmagado sob uma pedra enquanto estivesse construindo uma adição em seu castelo; poderia danificar-se de muitas maneiras; poderia ser ferido em batalha, OH! Era junho, compreendeu ela, e a batalha poderosa do Bannockburn estava só a semanas de produzir-se.

Ele não poderia ir; isso era tudo o que sabia. Não poderia lhe permitir ir guerrear. Da maneira em que sua sorte trabalhava, conseguiria umas semanas ditosas com ele, e então ele se mataria na batalha e ela estaria ali, no século XIV, liberada a sua sorte. Seus dedos se apertaram ao redor de sua mão.

-Não morrerei, moça- sussurrou ele contra seu cabelo.

-Pode ler também as mentes, além de amaldiçoar coisas?- perguntou ela, sobressaltada.

-Não. Mas você estava sentindo-o quase audivelmente. Sei o que teme. Teme ser abandonada. Quando sua mão se esticou na minha conjurei onde seus medos tinham ido. Que eu poderia morrer muito jovem, como o fez seu pai-. Ele atuou como se sua nova atadura não fora nada excepcional. Seria mais fácil para ela aceitá-la porque, sendo inexperiente, não saberia que não era o resultado normal de fazê-lo.

-Mas poderia morrer- disse ela-. Ali há uma guerra que segue Y...

-Shh-. Ele a silenciou e rodou de costas a seu lado, para que pudessem enfrentar-se, suas cabeças compartilhando um travesseiro, seus narizes tocando-se-. Juro-te que não morrerei. Confia em mim, moça?

-Sim. Mas eu não entendo. Como poderia jurar qualquer com certeza que não morrerá? Nem sequer você pode controlá-lo.

-Confia em mim. Não tenha medo por mim, Lisa. Desperdiçaria seu medo. Simplesmente digamos que minhas estranhas habilidades incluem o conhecimento de quando morrerei, e não será durante um tempo muito, muito comprido.

Ela permaneceu calada, e ele sentiu que um calafrio a atravessava.

Soube que ela estava ouvindo além de suas palavras, estava sentindo sua intenção atrás delas. Tinham um novo conhecimento do outro que transcendia as palavras, como se suas almas se enlaçaram. Através dessa atadura, ela se consolou e percebeu a verdade em suas palavras, embora não entendesse o como ou por que. Ele a sustentou, desfrutando de seu laço estranho. deu-se conta do momento em que ela abandonou seus medos e se relaxou, não somente porque se molhou os lábios e o olhou provocativamente.

E o que ele sentia certamente não necessitava de nenhuma palavra.

CAPÍTULO 21

Adam abateu os grãos do tempo e se lançou através deles à ilha de Morar. relaxaria-se ali durante um dia ou algo assim, ponderando os progressos, estudando os potenciais, e determinando onde seus gentis empurrões poderiam ser requeridos. As coisas estavam progredindo bem, e ele não tinha nenhuma intenção de perder isso tendo chegado tão longe. Tinha experiente um pouco de preocupação durante o tempo que ela tinha permanecido em suas câmaras e tinha sofrido, mas a moça tinha demonstrado ser tão forte como tinha suspetado e tinha surto lista para o amor.

E quão encantada tinha estado em seu banho, refletiu com um sorriso.

Quando seus pés tocaram a praia, sentiu sua roupa desvanecer-se, e então começou a passear lânguidamente e enterrar seus dedos profundamente na areia úmida, de cálida seda. Uma vez, ele tinha caminhado em uma praia de Califórnia, na plena glória de sua verdadeira forma. Milhares de californianos tinham estado doentes de febres altas que tinham feito erupção em desdobramentos públicos de erotismo.

Adorava ser Adam.

O sol se desdobrou em seu assumo musculoso, uma brisa tropical lambeu seu cabelo escuro. Ele era um deus pagão e saboreava seu mundo: não havia nenhum lugar melhor onde estar.

A maior parte do tempo.

Na baía, navegava uma nave. Adam sorriu abertamente e saudou. Os lastimosos ocupantes da nave não podiam ver a ilha mais do que podiam voar às estrelas. A ilha exótica simplesmente não existia, no sentido usual da palavra. Mas as ilhas das fadas estavam no mundo mortal, sem pertencer a ele. de vez em quando, nascia um mortal que podia ver ambos os mundos, mas essas criaturas eram estranhas, e normalmente eram roubados rapidamente depois de seu nascimento pelo Tuatha do Danaan, para minimizar o risco. Desde que Manannan tinha dado a sua gente a bebida da imortalidade e o Pacto tinha sido negociado, o Tuatha do Danaan tinha sido extremamente precavido ao pisar no mundo dos homens.

Ainda assim, pensou Adam, havia tempos aos que nem sequer um semideus como ele podia resistir. Havia algo no mundo dos homens que o fascinava, o fazia pensar que tinha sido possivelmente alguma vez mais parecido a eles de que podia recordar claramente, suas lembranças obscurecidas pelo passado do tempo.

-Em que travessura te estiveste agradando?- Aoibheal, Rainha das Fadas, ronronou detrás dele.

Ela lhe uniu, suas pernas largas, bonitas, que acomodaram seus passos com os seus, e o guiou para um chaise-longue carmesim que convenientemente apareceu ante eles. Ela se afundou nele e deu golpecitos às almofadas, lhe indicando que ele devia unir-se o Brillhou, orvalhando pó de ouro como era seu costume. Obrigado a obedecer, Adam reluziria depois de longe com o pó de ouro fino. Ele tinha suspetado fazia muito tempo que o pó continha um afrodisíaco que penetrava a pele daqueles que o tocassem e os fazia impotentes para negar-se o

Quando ela o chamou intimamente perto, ocultou seu assombro. Tinha passado uma eternidade desde que sua rainha o tinha convidado a compartilhar seu paraíso de travesseiros. O que desejaria? Quando se afundou a seu lado, ela amoldou seu corpo contra o seu. Ele exalou uma respiração rápida, o equivalente de um calafrio humano. Era a Rainha do Tuatha do Danaan por uma razão: seu poder era enorme, sua tentação imensa. Era tão erótica, e muitos a encontravam aterradora; um mero mortal poderia perder a vida em seus braços, esgotado por seus apetites. Inclusive entre a classe do Adam, os varões se afastaram de sua habitação penteadeira.

-Nada do que preocupar-se, minha Rainha; estive acontecendo tempo ocioso com o Circenn-. Incapaz resistir, ele beijou um mamilo dourado e arrastou sua língua pelo topo.

Aoibheal o olhou, seus incomuns olhos luminosos, sua cabeça sustentada em um punho delicado. Passou o punho da outra emano no cabelo dele e elevou a cabeça do Adam de seu assumo. Seus olhos exóticamente enviesados eram antigos em seu rosto sem idade.

-Pensa que não sei da mulher?- disse ela-. Tem-no feito de novo. Quão longe pensa que pode empurrar nossos limites?

-Eu não a traje através do tempo. Não foi minha obra. Circenn amaldiçoou algo, e, como resultado, a mulher foi levada a seu século.

-Já o vejo-. Ela estirou o corpo comprido, magro, lânguidamente e o acariciou com a curva de seu seios-. Por favor me recorde, pareço estar esquecendo quem ensinou ao Circenn Brodie como amaldiçoar coisas em primeiro lugar?

Adam reconheceu sua culpa em silêncio.

-me assegure, meu parvo, que não tinha nada que fazer precisamente quando e onde esse objeto maldito foi encontrado. Não o tocou um pouco possivelmente para empurrá-lo em certa direção?

-Não hei meio doido o objeto desde que o coloquei na batalha onde se perdeu.

Ela riu brandamente.

-Ah, outro "Adamismo" que não confessa nada enquanto arrogantemente parece não ocultar nada. Eu vi a jovem. Fui ao Brodie e a inspecionei. Eu a encontro realmente... interessante.

-Deixa-a em paz- espetou Adam.

-Assim que você tem um interesse nisto, embora convenientemente reprove a esse laird escocês-. Ela ergueu sua cabeça e o considerou friamente-. Não interferirá de novo. Sei que estiveste visitando-a em outra forma. Eirren não voltará a cortejá-la. Não-. Ela levantou uma mão quando ele tinha começado a protestar-. Amadan Dubh, ordeno-lhe isso deste modo: você não deixará meu lado nem a ilha de Morar a menos que eu te conceda permissão.

Adam vaiou.

-Como te atreve!

-Eu atrevo a tudo. Eu sou sua Rainha, embora pareça esquecê-lo de vez em quando. Você paga dízzimos ardilosos a minha supremacia com seus lábios, mas me desafia uma e outra vez. foste muito longe. Rompeu um de nossos convênios mais sérios com o Circenn Brodie, e agora te atreve a corrigi-lo. Não o tolerarei.

-Tem ciúmes- disse Adam cruelmente-. Resientes meus laços.

-É antinatural!- vaiou Aoibheal-. Não deve ter nenhum laço! Não é nosso costume!

-Foi feito faz tempo e não pode desfazer-se. Não penso me reprimir. Encontrarei uma maneira para rodear a ordem.

Aoibheal arqueou uma sobrancelha dourada.

-Não acredito, Amadan, porque estará a meu lado até que te libere. Minha ordem é clara. Pensa-o. Não há nenhuma debilidade para que te dela aproveite.

Em sua mente, Adam classificou suas palavras. Sua ordem tinha sido simples, direta e completa. Seus olhos se alargaram quando compreendeu quão completamente o tinha caçado com a armadilha de usar poucas palavras. A maioria dos que tentavam lhe ordenar, compunham largos cânones escritos, como esse rude Sidheach Douglas do Dalkeith-Upon-the-Seja, que tinha escrito um verdadeiro livro. Mas às vezes, menos era verdadeiramente mais, e ela tinha escolhido bem suas palavras. Não poderia sair da ilha a menos que e até que ela dissesse que o fizesse.

-Mas eles arruinarão minha criação.

-Não me preocupa. Desde este momento, você é impotente em suas vidas. Amadan Dubh: eu tiro de ti o dom de dirigir o tempo.

-Detenha!

-me obedeça e cessa seus protestos pesados.

-Cadela...

-Por isso tirarei de ti sua habilidade de tecer mundos.

Adam ficou calado, seu rosto cinzento. Rainha-a poderia despojar o de tudo, se o desejava.

-terminaste?- perguntou ela sedosamente.

Adam assentiu com a cabeça, não confiando em si mesmo nem para falar.

-Bem. Quando estiver feito, eu te soltarei. Quando eles tenham eleito suas opções. Agora vêm, parvo encantador: me mostre como ainda sabe agradar a uma Rainha, e faz seu esforço mais fino, porque me ofendeste desprezivelmente e eu requererei de muita... mmm...

Robert Bruce estava furioso. O poeirento, cansado mensageiro que estava de pé ante ele se revolveu miseravelmente e esperou o golpe fatal. Olhou a espada do Bruce, sabendo que no momento em que seu rei a tirasse de sua vagem, ele perderia provavelmente seu valor e dignidade e lhe rogar ou, pior, correr.

-O que estava pensando meu irmão?

-Não sei- o mensageiro respondeu abatidamente-. Estavam perdidos de uísque.

-Tinha estado bebendo de novo com o inglês?- os lábios do Robert se frsaram em um sorriso de desprezo.

O mensageiro assentiu com a cabeça, assustado de falar.

-Como se atreve ele a determinar o tempo e lugar de minhas batalhas?- trovejou Robert. Não podia acreditar o que o mensageiro tinha contado: seu irmão Edward, que estava a cargo do sítio contra Stirling Castle, que tinha estado sustenido pelos ingleses, fazia uma "aposta" inglês que o sitiava. Uma aposta! Um desafio induzido pela bebida, e um bota de cano longo, mais valioso que o próprio Stirling, era o prêmio.

Uma admissão de derrota era o prêmio, uma plena retirada da batalha pela coroa. Robert quase podia sentir seu reino escorregar de seu agarre tênue. Seus homens não estavam ainda preparados para essa batalha. Ele necessitava mais tempo.

-Pode estar infravalorizando a seus homens- disse Niall McIlloch-. Sei que freqüentemente o presente não parece o momento correto, mas possivelmente o é.

Robert o disparou um olhar furioso.

-Exatamente, que palavras se intercambiaram?- exigiu ao mensageiro cinzento.

O mensageiro fez uma careta de dor e jogou um olhar ao redor do interior escuro da loja do Bruce, procurando ajuda. Ninguém veio em sua ajuda. Dois Berserkers de olhar azul observavam cada movimento das sombras, como se isso não fora bastante para fazer a um homem derrubar-se em um atoleiro de medo! Ele suspirou, resignado a chegar mais à frente enfurecendo a seu rei.

-Sir Philip do Mowbray, comandante atual das forças inglesas no Stirling, apostou com seu irmão desta maneira: se um exército inglês de substituição não se aproxima dentro de três milhas de Castelo do Stirling o Dia de San Juan, ele renderá o castelo a você e seu irmão e abandonando Escócia, nunca voltar. Se o exército de substituição consegue chegar ao Stirling com êxito, vocês deixarão sua luta pela independência de Escócia.

-E meu pouco inteligente irmão Edward aceitou isso?- rugiu Robert.

-Sim.

Robert agitou sua cabeça.

-Não compreende ele o que isto significa? Não compreende ele que o Rei Edward recolherá cada tropa que tenha: ingleses, galeses, irlandeses, franceses, apoiado por cada mercenário ele possa contratar e pode conduzi-lo em minha terra em menos de duas semanas?

Ninguém respirou na loja.

-Não compreende meu irmão idiota que a Inglaterra tem o triplo de nossos homens montados, quadruplicando a nossos lançadores e arqueiros?

-Mas estarão em nossas colinas e vales- recordou Niall brandamente-. Nós conhecemos esta terra. Nós sabemos as vantagens para aproveitar-se dela, e não o esqueça, nós temos ao Brodie e seus Templários. Temos as neblinas mansas e os pântanos. Podemos fazer isto, Robert. estivemos lutando durante anos por nossa liberdade e não obtivemos nenhuma vitória firme ainda. É tempo. Não infravalorize aos homens que o seguem. Temos duas semanas para reunir as forças. Cria em nós como nós acreditamos em você.

Robert fez uma respiração profunda, ponderando as palavras do Niall. Tinha sido ele muito precavido? Tinha estado desejoso lutar batalhas pequenas só porque não seria uma perda terrível se falhasse? Tinha refreado imprudentemente a seus homens de uma guerra maior porque temia a possibilidade da derrota? Circenn tinha estado impaciente por guerrear. Seus Berserkers estavam impacientes por guerrear, sim, e seu próprio irmão impaciente tinha apostado seu futuro. Possivelmente estavam impacientes porque era o momento.

-Permita convocar ao Brodie. Isto é o pelo que esteve esperando- disse Niall firmemente.

-Sim, milord- disse Lulach, o irmão do Niall-. Se impedirmos ao exército do Edward conquistar Stirling, teremos voltado para ponto de partida. Seremos imparables, e se alguma vez o tempo devia ser agora, o tempo é agora. Plantagenet cresce mais fraco em seu próprio país; muitos de seus próprios senhores não o seguiriam a nossa terra. Proponho que enfrentemos esta aposta audazmente, como um presente do destino.

Robert assentiu com a cabeça finalmente. Ao mensageiro lhe disse:

-Vê o Castelo Brodie a toda pressa. Lhe ordene ao Circenn que traga para seus homens para nos alcançar na Igreja do St. Ninian pelo caminho romano. Lhe diga que o tempo é essencial e que traga cada arma que possua.

O mensageiro expeliu uma respiração aliviada e fugiu da loja para o Inverness.

Lisa e Circenn tiraram o chapéu o um ao outro com desinibida alegria e se retiraram completamente em um mundo de sua própria fabricação. Circenn riu mais do que o tinha feito em séculos. Lisa falou mais e expressou pensamentos e sentimentos que não tinha suscitado ter nem sequer inativos dentro dela. Dessa maneira, eles se redescobriram a si mesmos, abrindo compartimentos fechados que necessitavam a luz do dia.

Os dois vagaram pela propriedade, desfrutando de do fresco ar primaveril, utilizando o bothy por um momento privado. Estando ali, Lisa confiou ao Circenn o que tinha visto o Duncan fazer com o Alesone.

-Viu-o?- Ele franziu o cenho posesivamente-. Viu-o completamente em plena... tarefa?

-Sim- as bochechas da Lisa se esquentaram.

-Não quero esse pensamento. Não verá outro homem nu o resto de sua vida.

Lisa riu. Ele parecia tão completamente medieval.

-Não parecia tão bom como você.

-Não me importa. Faz-me zangar com o Duncan simplesmente por ser um homem.

Então ele apagou de sua memória ao jovem e viril Douglas contra a parede do bothy.

Dois vezes.

Passaram largas noites na cama dele, na cama dela, nos degraus tarde uma noite quando o grande hall estava solitário. Lhe falou sobre sua vida, e devagar, lentamente, ele começou a lhe contar a sua. Mas ela se deu conta de que ele estava retendo algo. devido a sua conexão singular, ela podia sentir uma escuridão nele, que crescia fortemente sem explicação. Às vezes, quando ele olhava aos meninos que jogavam no pátio, parecia muito calado, e ela podia sentir uma mescla peculiar de angústia e irritação que simplesmente não entendia.

O pessoal do castelo estava encantado com a risada de recém encontrada do laird, e Duncan e Galan o comentaram quando jantaram juntos. Já não tinha privados jantares de sedução, salvo as que Circenn reservava para depois, na privacidade de suas câmaras. Não se serviram mais refeições no comilão formal, mas sim no grande hall, com um sortido de cavalheiros e ocasionais Templários.

Lisa estava devagar mas irresistivelmente atraída ao século XIV. Aprendeu a amar os vestidos fluídos e tartanes e inclusive se sentava com algumas das mulheres, as olhando tingir as fibras e formar a malha do Brodie.

Amava o costume de que as pessoas se sentassem frente ao lar e falassem pelas tardes, em lugar de retirar-se a seus solitários mundos eletrônicos de televisão, telefones e jogos de computador. Possuíam histórias orais ricamente detalhadas e estavam ansiosos das compartilhar. Duncan e Galan conheciam séculos de história passadas de seu clã e fiaram grandes contos sobre os muitos heróis Douglas. Lisa escutou e ordenou através de sua própria genealogia, procurando um Stone para falar dele, mas o que dizer se o tio de um era advogado? Poderia cortar ele madeira e poderia levar água?

Felizmente os dias e as noites se desdobraram, e Lisa compreendeu agora por que sua mãe tinha perdido a vontade de viver quando Jack tinha morrido. Se sua mãe houvesse sentido uma décima parte do que Lisa sentia pelo Circenn, teria sido devastador para o Catherine perder a seu marido. E sua mãe tinha perdido tanto em um dia: a seu amor, sua habilidade de caminhar, seu estilo de vida inteiro. Lisa sentiu um novo respeito pela força de sua mãe e só entendia agora a magnitude de sua perda e a dor que devia lhe haver causado continuar vivendo sem o Jack.

A força do Circenn e seu amor a rodeavam como uma capa protetora. Ela não poderia imaginar como tinha vivido antes sem ele. O elo entre eles a mantinha constantemente consciente dele, não importava onde estivesse. Nunca era invasiva, mas se tinha descoberto sentindo uma necessidade de completa privacidade enquanto estava usando a panela de câmara, e que o laço podia obscurecer-se se ela o desejava. Nunca estaria de novo sozinha. Às vezes, quando ele estava longe e montava com

seus homens, algo o divertiria e ela se dava conta de sua risada rica rodando dentro dela, embora não tivesse nenhuma idéia do que o tinha feito rir.

Em outros momentos, ela sentia sua frustração enquanto estava fora com seus cavaleiros, e sem saber por que estava zangado inclusive, ela se sentia alagada por sua masculinidade crua que rugia por dirigir uma tocha de batalha e proteger sua pátria ativamente. Através de sua atadura, ela experimentou as emoções masculinas e condutas que nunca tinha entendido antes, e estava fascinada pelo conhecimento de que ele estava sentindo seu mais feminino, tenro caráter de mulher.

Não foi que até que lhe perguntou se conhecia um cachorrinho que pudesse adotar que se chocou com o profundo, amargo abismo de escuridão que habitava dentro dele.

Estavam sentados no banco de pedra junto ao lago transparente que se tornou seu lugar favorito, olhando a alguns meninos jogando com uma bola no pátio. Um perrillo pequeno se mergulhou na refrega e tinha agarrado a bola entre seus dentes afiados, e quando tinha estalado contra seus bigodes, ele tinha saltado no ar, ladrando freneticamente, tentando raspar os restos da pele fora de seu nariz de uma maneira muito cômica. Enquanto os meninos tinham rido bobamente, Lisa se tinha rido até que as lágrimas faiscaram em seus olhos.

-Quero um cachorrinho- disse, quando sua diversão minguiu-. Sempre quis um, mas nosso apartamento era muito pequeno Y...

-Não.

Perplexa, seu sorriso se murchou. Uma onda de dor a envolveu, irradiando dele. Cobriu-a um sentido profundo de futilidade.

-por que?

Ele refletiu e olhou fixamente ao cão guia de ruas que ladrava.

-por que queria um cachorrinho? Não vivem muito tempo, sabe.

-Sim, fazem-no. Podem viver dez ou quinze anos, dependendo da casta.

-Dez ou quinze anos. Então morrem.

-Sim- Lisa estava de acordo, incapaz de sondar sua resistência. Outra onda de escuridão e irritação surgia ao redor dela-. tiveste alguma vez um cachorrinho?

-Não. Vêem. vamos caminhar-. Ele se levantou e estendeu sua mão. Guiando-a longe dos meninos que jogavam, ele a levou a bosquecillo espesso.

-Mas, Circenn, não me importa que o cachorrinho mora. Pelo menos poderei amá-lo durante o tempo que esteja com ele.

Ele empurrou suas costas contra uma árvore e cobriu sua boca com a sua, grosseiramente.

Sua respiração saiu em um "humph" suave, quando ele a esmagou entre seu corpo e a árvore. Lisa se sufocou em suas emoções: dor, desespero, e fome tinta por uma necessidade selvagem de possuí-la completamente, marcá-la a ferro com seu corpo. E algo mais, algo que dançava tentadoramente fora de seu alcance.

-Minha- ele sussurrou contra seus lábios.

-Que totalmente bárbaro- ela fez uma respiração profunda sob o assalto de seus lábios- medieval, arrogante, senhorial coisa para dizer.

-E verdadeira. É minha-. Ele arrastou sua língua por seu lábio inferior e o saboreou, sugando-o. Seus dedos escavaram na carne suave de seus quadris. Ele a estreitou contra a árvore e a apertou contra ele. Sua escuridão cobrou vida no ar entre eles e a infiltrou e a molhou com sua tensão. Ele levantou suas saias, escorregou sua mão entre suas coxas e enterrou seu dedo abruptamente dentro dela-. Está úmida, moça- disse ele bruscamente-. Gotejando para mim quando apenas te beijei. Eu gosto de sabê-lo. Date a volta, te prepare para mim.

Ele a deu a volta para enfrentar a árvore. Empurrou seu tartán a um lado e tirou as dobras de seu vestido fora de seu caminho, apanhando a malha entre seu corpo e a casca. Cavou as mãos sobre suas curvas expostas, as estendendo e ao mesmo tempo abrindo-a para ele. Sua respiração era áspera, e ela abriu a boca quando o sentiu forte e inflamado entre suas nádegas. Então, de repente, ele empurrou nela.

Era muito grande para entrar dessa maneira. Lisa tentou empurrá-lo longe com seus quadris, mas ele empurrou de novo implacavelmente.

Ela agarrou a árvore com suas mãos, confundida pela intensidade de suas emoções, duplamente desconcertada porque foi apanhada na voragem de sua fúria. Imbuiu-a com uma raiva inidentificável, que não tinha nenhum objeto que pudesse discernir e podia traduzir-se em uma necessidade feroz de possuir, para dominar, para inclusive tomar que se haveria, sob outras circunstâncias, dado de boa vontade. O único descarrego para a irritação estava na posse.

Sua raiva a consumiu, e ela se voltou contra ele, forçando-o com seu corpo. Pressionou sua Palmas contra o assumo do Circenn.

-Não te entendo- espetou ela, seus olhos acesos. Ainda assim, a intensa escuridão se expandiu dentro dela e a apanhou, estimulando-a a soltá-la de algum modo.

Seus olhos eram piscinas escuras, insondáveis, e o perigo irradiava dele. Ele empurrou suas costas contra a árvore.

Lisa golpeou as mãos do Circenn de seus ombros com um empurrão veloz de ambos os braços.

-OH, não. Disse-me que podia ter o controle também. Não pense que o esqueci. Fará o que eu quero esta vez.

-E o que quer você, Lisa?- ele perguntou, sua voz gravemente suave.

Ela agarrou seu plaid e o separou de seu corpo. Deixou-o cair sobre a terra e o estendeu com a ponta de sua sapatilha.

-te tenda- exigiu, sua escuridão estranha enchendo-a.

Ele cumpriu, com olhos reluzentes. Embora tinha honrado sua demanda, não estava por nenhum meio dominado. Ele era perigoso e letal, mas ela não se preocupou nem um pouco, porque suas emoções a fizeram sentir também perigosa.

deixou-se cair em cima dele e o beijou com toda sua raiva frustrada. voltou-se selvagem, sem preocupar-se ao encher o ar de sons de paixão. Rodeou seu rosto com as mãos e o beijou profundamente, invadindo sua boca, mordiscando seus lábios, cavalcando os quadris masculinos para estar escarranchado sobre ele. O movimento com o que ela o exigiu dentro de seu corpo não foi tenro. Seus olhos se encontraram e enlaçaram, e ela imaginou faíscas que voavam do puro calor dele.

sentia-se como uma Valkyria, exigindo satisfação de seu companheiro. As mãos dele se deslizaram e fecharam em cima de seu seios, seu olhar fixo no lunar dentro de sua coxa esquerda. Ela se balançou contra ele, levantando e baixando seus quadris uma e outra vez, sua Palmas apoiadas em seu assumo para não perder o equilíbrio, olhando a área onde seus corpos se uniam sobre o grosso membro. Ele se moveu hambrientamente e sugou seus mamilos quando seu seios oscilaram sobre ele, seus quadris empurrando urgentemente. Quando ele explorou dentro dela, a satisfação selvagem a alagou e ela quase se deprimiu da intensidade das emoções de ambos. Estava arrasado, e a empurrou rapidamente mais à frente do bordo. Ela arqueou seu pescoço e clamou.

Depois, Lisa se apoiou sobre seu assumo, perguntando-se o que tinha passado. Havia-o feito ela com seu desejo, ou a havia feito ele com o seu? Estava confundida, a mente paralisada, por sua atadura estranha. Quando suas paixões eram altas e seus corpos suarentos se uniam, não podia ver de verdade onde começava ele e acabava ela, porque ela o sentia tudo. Elevava seu prazer ao infinito.

-O que aconteceu?- sussurrou ela.

-Acredito que demonstramos a verdadeira magnitude de nossa necessidade, moça- disse ele brandamente e acariciou seu cabelo-. Às vezes a necessidade pode ser uma coisa violenta.

-Mas o que foi toda a escuridão que estava recebendo de ti?- pressionou ela.

-Como... o que se sentia, moça?- perguntou Circenn cuidadosamente.

-Como se estivesse furioso com algo ou alguém, e quase como se pensasse que eu não estaria aqui amanhã.

Ele suspirou contra seu cabelo. Seus braços se apertaram ao redor dela e ela sentiu que sua garganta se movia quando tragou.

-O tempo é muito curto, amor. Isso é tudo o que você sentia. Que não importa quanto tempo eu poderia ter contigo, nunca seria o bastante.

-Temos uma vida inteira, Circenn- ela o tranqüilizou e o beijou-. Você tem toda minha vida.

-Sei- disse ele tristemente-. Sei. Toda a tua.

-Há algo que não me está dizendo, Circenn.

-E ainda assim não é o bastante- respondeu-. Começo a temer que só para sempre me satisfará.

-Então serei tua para sempre- disse ela simplesmente.

-Tome cuidado com o que promete, moça-. Seus olhos eram escuros-. Poderia te obrigar a cumpri-lo.

Lisa pressionou sua bochecha contra seu assumo, cansada pelo arranque de emoção e confundida por suas palavras estranhas. deu-se conta de alguma ameaça escura ali que não estava segura sequer de desejar entender.

-me diga tudo sobre sua vida, garota- exigiu ele depois, quando descansavam em sua cama. Ele trocou de posição dentro dela e se balançou.

-Tudo?- Sua respiração era rápida e pouco profunda. Deus, mas ele sabia como tocá-la; nunca tinha entendido o que significava ser tocada de verdade, até que esse Highlander tinha posto suas mãos em seu corpo.

-Tudo. Conhecia o prazer de uma mulher antes de que eu te fizesse minha?

-Quer dizer se tiver tido alguma vez um orgasmo? Assim é como o chamamos em meu tempo. Um clímax ou um orgasmo.

-Sim. Tem-no feito?

Lisa se ruborizou.

-Sim- disse brandamente. Seus dedos se esticaram em seus quadris, e ele enterrou seu rosto entre suas coxas, lambendo-a brandamente.

-Quando?- grunhiu. A vibração era deliciosa.

-Isso é bastante pessoal- protestou ela fracamente e se arqueou contra ele.

-Sim, 'isso é bastante pessoal'- mofou-se ele-. E pensa deter simples palavras quando te estou fazendo isto?

-Eu tinha curiosidade. Eu... me toquei uma vez ou dois.

-E?

-E encontrei a sensação mais estranha. Então comprei um livro que o explicou tudo.

-E?

-E o que?- disse ela, sentindo-se envergonhada.

-sente-se assim?-. Ele escorregou um dedo dentro dela.

-Nada se sente como você- sussurrou Lisa e se arqueou contra sua mão.

-Tocava-te assim?-. Ele se retirou atrás para que ela pudesse vê-lo. A palma da mão do homem sobre seu monte de Vênus, a parte inferior de sua mão exercendo uma fricção mansa; a outra sustentando seu próprio membro.

Ela perdeu sua respiração, magnetizada pela vista de sua mão sustentando seu grosso órgão. Ciumenta de sua mão, que estava onde a sua desejava estar, estendeu as suas e golpeou a dele, e Circenn riu.

-Meu- disse ela bruscamente.

-Ah, sim.

Depois ele começou de novo.

-me diga tudo sobre sua vida. me fale do choque e o que está mal com sua mãe, e o que estranhas e o que deseja-. Ele tentou mascarar seus sentimentos rapidamente, envergonhado do que estava pensando. Devia ter tido êxito em esconder suas emoções, porque ela confiou prontamente e lhe ensinou muitas novas palavras enquanto conversavam.

Um pensamento perigoso se formou no fundo de sua mente, e ele lutava contra isso tentando vencê-lo.

Mas ele conhecia bem o perigo das sementes da tentação uma vez plantadas.

CAPÍTULO 22

-Galan, temo-lo feito- disse Duncan simplesmente. Os dois irmãos estavam apoiando-se contra uma coluna de pedra perto da entrada do grande hall, observando a farra. Circenn estava ensinando a Lisa um de seus bailes da Highlands menos complicados. Absorta olhando seus pés, cada poucos momentos jogava sua cabeça atrás e ria. Era adorável, decidiu Duncan.

Os aldeões tinham conseguido sua festa finalmente, graças ao Galan, Duncan, e o entusiasta pessoal do castelo, que o tinham planejado sem esperar permissão. Enquanto Circenn e Lisa tinham vivido em seu mundo à parte, distraídos e enfatuados, os residentes do Castelo Brodie tinham finalizado os planos e informado ao casal simplesmente quando seria a celebração. O laird, florescendo no romance com sua senhora, tinha contagiado a propriedade com seu bom humor.

Duncan concedeu que tinham feito um trabalho assombroso; o pessoal tinha consagrado um cuidado amoroso em transformar o Castelo Brodie para as festividades. Brilhantemente aceso por centenas de rushlights, o vestibulo estava quente, a atmosfera mais condizente ao romance. Os estandartes ondeando com o tartán vermelho e negro do Brodie engalanavam as paredes. Trinta mesas largas formavam um retângulo ao redor do quarto, cada um cheio de suntuosos manjares. Os músicos estavam detrás da mesa do laird, à cabeça do vestibulo, enquanto no centro do retângulo, no estuado acostumado a esclarecido por dançar, os casais, meninos, inclusive um cão ocasional agradava a feroz propensão dos escoceses por celebrar. Em semelhante terra devastada pela guerra, qualquer causa era razão para festejar como se não houvesse nenhum manhã, porque poderia realmente não havê-lo. Os músicos estavam tocando uma melodia viva, afiada, e os bailarinos enfrentaram o desafio com alegria. Quando os pés voaram, o tempo aumentou, e ondas de risada se estremeciam ao manter o passo com golpes frenéticos.

-Olha-os- disse Galan brandamente.

Duncan não tinha que perguntar aos quais devia olhar; os olhos do Galan estavam fixos na Lisa e Circenn, como muitos outros olhos no quarto. O laird e sua senhora estavam claramente em seu próprio universo, absortos neles mesmos.

Duncan tinha ouvido uma nota estranha na voz do Galan, e o olhou gravemente, vendo seu irmão maior sob uma nova luz.

-Estão tão apaixonados-. Galan parecia cansado, e o desejo palpitava em sua voz.

Duncan franziu o sobrecenho, confundido por uma nova e incômoda sensação; como se ele fora o irmão maior e devesse cuidar do Galan. Lhe ocorreu que Galan tinha trinta anos e tinha consagrado os últimos dez anos de sua vida à independência de Escócia. Isso não deixava muito tempo para que um guerreiro disciplinado desfrutasse dos consolos da família e uma vida caseira. Como não tinha visto que Galan, em meio de todos os guerreiros e as batalhas e o esplêndido aspecto que tinha, estava sozinho?

-Não havia uma moça no Edimburgo a que visitou a última vez que estivemos ali?- perguntou Duncan.

Galan o olhou carrancudo.

-Não tente arrumar um encontro para mim, irmão pequeno. Eu estou bem.

Duncan elevou uma sobrancelha. Que tão freqüentemente Galan lhe tinha assegurado que estava bem, e Duncan tinha seguido seu caminho alegremente e o tinha deixado sozinho? Desconcertado por sua nova visão, ele arquivou inquietamente o assunto para consideração futura. Seu irmão necessitava uma mulher, mas não da maneira que Duncan necessitava uma mulher; Galan necessitava uma esposa.

-Pensa que terão meninos?- Duncan trocou de tema e notou que Galan se relaxava visivelmente quando o fez.

-Ora! Se eles já não conceberam um. ouvi que utilizaram mais de uma vez um de seus sítios favoritos para fazê-lo.

-Meu bothy?- exclamou Duncan indignado-. Um homem não pode ter nenhuma privacidade.

Nenhum irmão falou durante um tempo, cada um absorto em seus próprios pensamentos. Os músicos começaram uma balada lenta, persistente e os bailarinos passaram aos abraços mais íntimos.

De repente Galan disse:

-Och, pela Dagda, olhe isso, Duncan. Quem é essa moça estupenda?-. Ele apontou para o vestibulo-. Muito encantada para mim, isso com toda segurança.

Duncan observou rapidamente onde Galan apontava, seu corpo tenso de antecipação. Muito encantada para mim era a irresistível palmada de um manopla para o Duncan. Ele adorava essas palavras, sua inata masculinidade se elevava agressivamente ante elas; desejava essa inquietação e o preparava para algo diferente.

-Onde? Eu não vejo nada notável.

Duncan levantou seu pescoço para aparecer através da multidão. Quando os bailarinos se apartaram por um momento, vislumbrou fracamente uma juba de brilhante cabelo vermelho. Conteve a respiração.

-A ruiva. É a que quis dizer? Sabe o que dizem deles: fogo na cabeça, ardor ao fazê-lo.

Galan o picou no braço.

-É tudo o que pensa na vida? Ali está de novo-. Os bailarinos se separaram de novo, e nesse momento a mulher se dirigiu ligeiramente para eles.

As sobrancelhas do Duncan se elevaram como o calor lanceado através de sua virilha. Ela era deliciosa. Massas de cabelo vermelho, com raios de loiro e mel, caíam em cima de seus ombros. Seu rosto era delicado: um queixo afiado, maçãs do rosto altos e olhos escuros. Seus lábios eram cheios. Ridiculamente cheios. Eroticamente cheios. Vêem chupar-me os de cheio, ele pensou irritado. Nenhuma mulher devia ter lábios tão luxuriosos e gordos. Sua pele era inteiramente translúcida, seus lábios uma rosa perfeita. E cheios.

Composta e elegante, ela exibia uma confiança que ele estrelaria logo com seu encanto sedutor. Intocável se poderia ter marcado com ferro em sua frente, mais sutil talvez pela maneira em que ela se conduzia. Mas ele era o bastante homem para semelhante provocação; penetraria sua reserva, entrando onde suspeitava que poucos homens tinham chegado alguma vez, e só se sentiria satisfeito quando ela se voltasse um animal lascivo em sua cama. Seu olhar percorreu a longitude dela. Vestida em um traje branco simples sob um avental verde, seu corpo nele era o único adorno que necessitava.

-Bem?- exigiu Galan-. A que está esperando? Não precisa fazê-lo para conquistá-la?

-Och, e sim- disse Duncan, e se fundiu na multidão.

Galan agitou a cabeça, e se seu sorriso era um pouco melancólico, tinha aprendido a não senti-lo.

Duncan apareceu detrás dela. Conteve a respiração quando seu olhar se deslizou admirativamente em cima de sua juba sensual. Suave, de seda, e de uma dúzia de cores de fogo, desejou envolver seus punhos nele. Albergava uma paixão especial pelas ruivas. Desejou lhe jogar a cabeça atrás e tomar sua garganta com seus lábios. Ele se doeu por estender seu cabelo em seu travesseiro. Por ela, ele a reclamaria em uma cama. Seu corpo fino requereria colchões suaves baixo ela, controlar sua intensidade.

-Dançamos?- murmurou ele em sua orelha.

Ela se voltou tão rapidamente que o sobressaltou, e ele trastabilló ao dar um passo atrás. Seus lábios estavam até mais deliciosos de perto, e quando ela os umedeceu com sua língua, ele quase gemeu em alto.

Seus olhos se entrecerraram, e seus lábios se abriram em uma risada brilhante.

-OH. É você.

-Perdão?-. Ele foi feito por surpresa-. Conhecemo-nos, moça?-. Ele estava bastante seguro de que não era assim; nunca poderia haver-se esquecido dessa mulher. A maneira incitante em que seus lábios se franziam agora se teria abrasado em sua memória.

-A resposta é não. Não te conheço. Mas todas as demais mulheres neste quarto sim. Duncan Douglas, não é certo?- disse ela secamente.

Duncan estudou seu rosto. Embora ela possivelmente não era major de vinte anos, tinha uma expressão régia além de sua idade.

-Tenho alguma reputação com as moças- concedeu ele, menosprezando suas proezas, confiando em seu iminente desmaio de donzela.

O olhar que lhe deu estava longe de ser admirada.

Ele recebeu um dobro golpe quando compreendeu que seu olhar era francamente depreciativo.

-Não é algo que eu requeira em um homem- disse ela friamente-. Obrigado por sua oferta, mas dançarei antes com as pressas da última semana. Estariam menos usados. Quem quer o que todos outros já tiveram?-. As palavras se entregaram em um tom fresco, modulado, formado por um acento ímpar que ele não podia identificar. Havendo realmente terminado com ele, apresentou-lhe as costas e reassumiu o bate-papo com seu companheiro.

Duncan estava imobilizado pelo shock.

Quem quer o que todos outros já tiveram? Ela o fez parecer como se estivesse mais que esgotado pelo uso. Na verdade! Ele tinha certamente muito mais para dar, e ela o aprenderia logo. Sua mão se fechou nos ossos finos de seu ombro, e a voltou para ele.

-Isso significa que tenho mais experiência com o prazer que você. E seu prazer é o que eu quero- prometeu Duncan. Ele esperou vê-la derreter-se. As mulheres que tinha seduzido no passado se estremeceram ante suas promessas possessivas. Tinha aprendido às oferecer com uma nota rouca em sua voz, aprendido o que dizer para afetar com precisão a uma moça.

-Significa- ela corrigiu com um sorriso zombador-, que você é um Lotario. Significa que não pode manter seu tartán sobre seus joelhos. Significa que eu não sou diferente a ninguém mais, e que você não tem especial consideração por um amoroso ato de intimidade. Não me intriga. Eu não gosto dos restantes.

Essa mulher lhe exasperem lhe deu as costas de novo.

Ele olhou o arco suave de seu traseiro, os quadris encantadores, as largas pernas inquietas seguindo a música sob o vestido branco. Ela jogou sua cabeça para trás e riu de algo que seu companheiro disse.

Desconcertado, ele estudou a seu acompanhante. Um pé mais alto que ela, o homem era magro e muito musculoso. Evidentemente compartilhavam uma relação íntima, apoiando suas cabeças perto um do outro e rendo. As mãos do Duncan se converteram em punhos a seus lados.

O que poderia dizer um homem agora? Sim, mas agora que te vi, não desejo a ninguém mais? Todas eram simplesmente prática e me preparavam para ti? Ele duvidou de que isso fora eficaz com essa mulher. Só riria dele de novo.

Fervendo, ele tocou a seu companheiro no ombro.

-me perdoe, mas é seu amante?

-Quem infernos é você!?

A ruiva pôs uma mão consoladora no braço de seu companheiro e ignorou o olhar de fúria que Duncan dirigiu a seus dedos.

-Este é Duncan Douglas, Tally.

-Ah-. Seu companheiro sorriu afectadamente-. E como qualquer descarado confrontado com o desafio insuperável de sua beleza, deve te conquistar, né, Beth?

Eles compartilharam um olhar íntimo.

-Estou tão assustada...

-Quais são vocês dois?- exigiu Duncan. Nunca se tinham mofado assim dele, nunca se havia sentido tão... tão... insignificante. Sem importância.

-Somos amigos do Renaud do Vichiers, um de seus Templários- respondeu ela simplesmente-. Estávamos caminho ao Edimburgo quando ouvimos que Renaud estava no Castelo Brodie. Eu sou Elizabeth... MacBreide-. Ela gesticulou com uma mão elegante, magra-. E este é meu irmão, Tally.

-MacBreide do Shallotan?

-Perto dali- respondeu evasivamente Tally.

-Seu irmão- Duncan observou em voz alta, com o significado de sua relação começando a revelar-se. Ele não era seu amante. Não teria que matá-lo.

-E protetor- Tally adicionou secamente-. Não pense tentar seduzir a minha irmã, Duncan Douglas. Nós ouvimos falar brevemente de suas façanhas depois de chegar, e Beth disse que ela te viu jogar com uma das faxineiras.

Duncan se encolheu interiormente. Era certo que ele o tinha feito privadamente cedo essa manhã. Então, ela o tinha notado e quanto tempo teria cuidadoso?

-Caçando-a sobre na muralha, depois para o parapeito- adicionou Elizabeth, sem o rubor mais ligeiro-. As faxineiras aqui não podem dizer bastante sobre ti. Em lugares longínquos como os botequins do Inverness ouvimos falar do irmão Douglas selvagem e irreverente. Eles dizem que não há uma só faxineira que não tenha convexo.

Palavras que lhe teriam feito presumir com prazer masculino em qualquer outra língua lhe fizeram fazer uma careta de dor ao vir dela, de seus lábios absurdamente cheios. Era muito óbvio o que ela pensava dele. Não havia nada que pudesse dizer em sua própria defesa; ela não queria um amante casual simplesmente, e ele nunca ocultava o fato de que o desfrutava. Havia muitos quartos nos que tinha entrado em sua vida, aonde tinha tido uma dúzia de mulheres diferentes. Nunca antes esse fato o tinha incomodado.

Retirada e reforma em um novo ataque, ele se aconselhou, então retomar de novo quando ela menos o esperasse. Por Deus, esta era a batalha, e se na linha dianteira não pudesse abrir-se brecha, ele encontraria uma maneira para enganar aos guardas periféricos e penetrar seu flanco. Que tivesse perdido o primeiro ataque não significava que tivesse perdido a guerra.

Ele levantou sua mão e beijou o ar sobre ela.

-Elizabeth, Tally, dou-lhes a bem-vinda ao Brodie- disse friamente antes de partir.

Quando ele saiu fora da multidão, caminhou erguido, ocultando a sensação incômoda de andar furtivamente longe de uma ressonante derrota. Quando caminhou através dos bailarinos, Duncan murmurou obscuramente para si mesmo. Como se atrevia ela a criticá-lo por ser um bom amante, um homem entusiasta? Ele era considerado com suas mulheres, era paciente e sempre assegurava seu prazer. Como se atrevia ela a diminuí-lo por sua... frequência? Restantes, de fato!

Franzindo o cenho, ele se dirigiu para o pátio, a noite gloriosa agora fraturada por seu desdém.

Armand olhou ao laird e sua senhora com frustração crescente. Tinha estado seguindo-a com impaciência durante dias, e nem uma vez a tinha podido encontrar sozinha. O laird constantemente estava a seu lado.

Ele devia capturá-la essa noite, ou nunca o faria a tempo, antes de encontrar-se no lugar famoso com o James Comyn. Tinha investigado o castelo por completo, menos as câmaras dos laird em que não havia nenhuma porta sem chave. Igualmente tinha subido até o telhado, só para encontrar uma dúzia de guardas inacessíveis ante os que tinha pretendido ter procurado o anoitecer para meditar mais perto de Deus. Não havia nenhum lugar onde escalar a parede até quarto do laird, embora o castelo também estava cuidadosamente vigiado. Mas certamente ela tinha uma chave, e uma vez a caçasse em sua armadilha, não desperdiçaria o tempo para investigar seus dormitórios privados antes de sair. Ele necessitava essas armas.

Chiou os dentes e observou ao Circenn servir-se de novo mais vinho. O homem tinha consumido tais quantidades que qualquer outro homem teria procurado o garderobe muito antes. Seus olhos se entrecerraron quando viu que Lisa sussurrava algo na orelha do Circenn. Ele notou que ela pressionava sua mão brevemente sobre seu abdômen.

Ah, embora ele poderia sustentar bem sua bebida, ela não. Armand se deslizou através da multidão, mantendo uma distância inócua e preparado para correr a toda velocidade a seu lado no momento que ela deixasse os braços protetores do inacessível laird do Brodie.

Lisa estava deslumbrada por sua primeira festa medieval. Ela nunca se esquecida da noite em que chegasse pela primeira vez ao Castelo Brodie e olhasse fixamente a alta estrutura, pensando quão incrível seria pertencer a suas paredes, ser parte da risada, de um grupo quente de membros de um clã. Pertencer.

E agora ela o fazia.

Circenn a tinha apresentado orgulhosamente a sua gente, e embora ela tinha notado que tropeçou com muitos de seus nomes, não se preocupou muito. Ela poderia trocar isso. Ajudaria-o a conseguir reencontrar-se com seu clã e o integraria à alegria de suas vidas.

-por que sorri, moça?

Lisa inclinou sua cabeça para trás. A felicidade emanava dele e aumentava duplamente a sua. Vestindo por completo a regalias do clã, parecia um selvagem senhor da guerra escocês, mas ela sabia que tipo de homem era realmente. Intenso e profundamente emocional. Implacavelmente sexual. Tenro. Uma atordoante onda de sentimentos cresceu e se estendeu dentro dela.

-Assim que isto é o que se sente- sussurrou. Olhou-o fixamente, seus olhos abertos pelo descobrimento.

-Como se sente o que?

-Circenn-. Uma riqueza de emoções se infundiu em seu nome.

Ela o olhou, interrogante.

-Amo-te.

Circenn fez uma respiração súbita, profunda. Ali estava. Não havia acanhamento nela, nenhum jogo, nenhum esforço por esconder a verdade ou manipulá-la para obrigá-lo a declará-lo primeiro. Audazmente ela dava seu coração. por que teria esperado ele algo menos?

Ele a atraiu a seus braços e fechou os olhos, absorvendo os sentimentos mingando e fluindo entre eles.

-Significa isto que não é adverso ao feito de que perdi meu coração por ti?- provocou-o ela.

-Pode ser um homem adverso ao sol que esquenta sua pele? Uma chuva da primavera que apaga sua sede ou uma noite como esta, quando qualquer maravilha parece possível? Obrigado-. Seu sorriso era devastador-. Tinha começado a temer que nunca pudesse me dizer essas palavras.

-E?- ela animou. Ele não disse nada, mas de repente um calafrio de prazer dançou sob sua pele. Penetrou-a completamente e a deixou ofegante-. O que foi isso?

-estive praticando tentar dizê-lo sem palavras. Funcionou?

Ela apagou uma respiração tranquilizadora.

-OH, sim- disse ela-. Quero que faça isso esta noite quando nós você estejamos sabe.

-Sim, sim, senhora- provocou ele-. E o que me diz sobre isto?

Os mamilos da Lisa se endureceram como se uma onda de escuro erotismo caísse sobre ela.

-OH, Deus. Isso é assombroso de verdade.

-Este laço pode ser maravilhoso, não é verdade?

Sorrindo seu acordo, Lisa se levantou em pontas de pé e o beijou. Quando ele se moveu para afundar o beijo, ela retrocedeu. Ele parecia sobressaltado, por isso ela se apressou a tranquilizá-lo.

-bebi muito vinho, Circenn. Tenho medo de não chegar a tempo a uma dessas painéis de câmara-. Ela suspirou malhumoradamente-. Há algumas costure que realmente estranho de meu século.

-Uma painél de câmara? por que não usa o garderobe?

-Que coisa?

-O garderobe.

-Tem garderobes aqui?- disse ela rigidamente.

Ele a olhava como se ela tivesse perdido o julgamento.

-Não é que eu deseje espiar, moça, mas onde foste você?

-Painéis de câmara- murmurou.

-E o que estivesse fazendo com elas é... er...

-as descarregando fora da janela- disse ela, Espinosa como um porco-espinho. Tantos problemas para obter privacidade... Se havia um garderobe, por que demônios tinha Eirren que lhe dizer que usasse a painél de câmara? Então compreendeu quão peralta podia ser o moço. Era próprio do Eirren ser tão tremendo-. Havia um garderobe no Dunnottar também?

-Foi você quem tinha estado descarregando-os fora das janelas? estive culpando a meus homens, lhes fazendo lavar as pedras de abaixo. Havia um sim, no Dunnottar. Tenho garderobes postos em cada torreão que possuo ou visito.

-Nunca me disse isso.

-Nunca me perguntou. Como poderia sabê-lo? Quando chegou aqui pela primeira vez, eu não estava em posição de falar de tais problemas privados. Assumi que tinha encontrado nosso garderobe por sua conta.

Lisa soprou. Eirren a tinha enganado de verdade, e seu orgulho a tinha mantido perfeitamente apanhada em sua brincadeira.

-Não posso acreditar que todo este tempo eu hei...! OH! Onde está o maldito garderobe?

Ele o disse, mordendo um lábio para impedir de-se sorrir. Ele olhou seus quadris oscilando brandamente em seu vestido esmeralda quando subiu os degraus. Ela havia dito que o amava. Isso era promissor.

Possivelmente se aproximava o tempo para falar com ela sobre amá-lo para sempre.

Lisa agitou a cabeça quando saiu do garderobe. Muito civilizado. Agora que ela sabia onde estava, não podia acreditar que o tinha esquivado quando tinha investigado o castelo procurando a garrafa, mas a entrada dava a impressão de ser a porta dos serventes, por isso ela não o tinha tido em conta. O garderobe não era o que ela tinha esperado; era maior que a maioria dos banhos modernos, e muito limpo. Era óbvio que o laird do Brodie priorizava os garderobes ordenados. Ervas frescas e as pétalas secas no meio do feno amontoado dentro da câmara, era o papel higiênico medieval.

Ela não só resolveu banhar ao Eirren a seguinte vez que o visse, mas também molhá-lo uma vez ou dois também por todos esses momentos miseráveis com a panela de câmara. Saindo do pequeno quarto, surpreendeu-lhe encontrar ao Armand Berard atrasado no corredor.

-Milady, está desfrutando das festividades?

-Sim-. Seus pés ainda estavam compassando-se com a música alegre e estava ansiosa de retornar e aperfeiçoar seus passos. Mas ela não tinha visto o Armand durante um mês e tinha sentido saudades a oportunidade de conhecer melhor a um Cavaleiro Templário realmente vivo. Franziu o sobrecenho, observando seu adorno escuro.

Circenn lhe havia dito que os Templários ficariam em sua guarnição e não se uniriam à farra.

-Pensei que sua Ordem não estava de acordo em festejos como estes.

Ele se encolheu de ombros.

-Alguns de meus irmãos são mais rígidos que outros. Alguns de nós aceitamos que a Ordem está destruindo-se, embora seja amargo admitir que empenhaste sua vida em algo que já não existe.

-Sinto muito- disse Lisa, sentindo-se torpe. Ante ela se erguia um dos legendários cavaleiros Templários e ela não podia pensar em nada que dizer para fazê-lo sentir melhor-. Prende-se a seus homens, igual aqui em Escócia?- perguntou Lisa. Estava intensamente intrigada sobre os Templários, seus poderes legendários e mitos.

-Depende de quem nos encontra. Se for um inglês, poderia tentar tomar pela fronteira. Um escocês é menos inclinado a fazê-lo. A maioria das pessoas se preocupa pouco pelos decretos da França, Inglaterra, ou inclusive da Batata-. Ele proferiu uma risada áspera-. Seu próprio rei foi excomungado pela Batata pelo assassinato de Rede Comyn na igreja do Dumfries. Sua terra é selvagem. Quando um país está lutando simplesmente pelo direito a sobreviver, estão menos inclinados a ser sensatos. Venha.

Ele ofereceu seu braço, e ela dobrou o seu através do dele. Nesses momentos, estava tão compenetrada em sua conversação que não emprestou atenção aonde ele estava levando-a.

Ela escutou, fascinada, enquanto ele falava da Ordem, de sua residência fora de Paris, do compromisso a seus juramentos enquanto vivesse. Sua expressão se fez amarga quando recordou como a bula papal *Pastoralis praeeminentiae*, emitida em 22 de novembro de 1307, tinha ordenado a todos os monarcas da Cristandade prender os Templários e seqüestrar suas terras em nome do papado. Ele falou sobre a perseguição, as interrogações e a tortura, sem lhe dar muitos detalhes a uma mulher, o que ela agradecia. Havia alguns limites para sua curiosidade.

Ele explicou como, em 1310, seiscentos de seus irmãos tinham estado de acordo em montar uma defesa contra a perseguição injusta, e a Batata Clemente tinha estado de acordo em pospor o Concílio da Vienna durante um ano finalmente enquanto eles se preparavam. Então, Philippe the Fair, desesperado por esmagar a Ordem e encher seus cofres antes de que fora muito tarde, enganou à Batata, voltando a abrir a Inquisição episcopal, e obtendo que cinquenta e quatro Templários fossem queimados em estacas nos subúrbios de Paris e impondo silêncio aos protestos dos Templários restantes. Em 1312, a bula papal *Vox in excelso* se emitiu e suprimiu a Ordem para sempre.

Havia muitas perguntas que ela quis lhe fazer, e essa era uma oportunidade estranha de explorar a história da perspectiva de um Templário, mas a primeira pergunta foi patentemente do século XXI, tinta por um momento de romantismo.

-Qual é o segredo dos Templários, Armand?- abundavam tantos rumores: que eles tinham protegido o Santo Grial, que o Grial realmente era a linha de sangue genética de Cristo, que os Templários tinham desenvolvido uma alquimia pessoal para a transformação da alma, que essa alquimia pudesse manipular o tempo e o espaço. Ela realmente não esperava que ele respondesse, mas desde que ela tinha passado seu braço através do braço de um Templário, não havia dano perguntando.

O sorriso do Armand a fez estremecer.

-Quer dizer aquilo que poderíamos possuir nós, isso que possivelmente faria que um rei e uma Batata nos temesse tão grandemente que usariam cada arma que tivessem para nos destruir? É você uma mulher religiosa, Lisa MacRobertson?

-um pouco- concedeu.

-O que poderiam querer a Batata e o rei de nós?

-Ouro?- supôs Lisa-. Artefatos religiosos?

Sua risada enviou um calafrio a seu espinho.

-Considere isto: que tal se os Templários tivessem descoberto algo que destruiria crenças que se sustentaram durante séculos por quase cada país do mundo?

Agora ele realmente tinha apanhado sua curiosidade.

-me deve dizer isso respirou Lisa.

-Não disse que o tivéssemos- murmurou Armand-. Simplesmente postulei a possibilidade.

-Então, é verdade?- perguntou ela, fascinada-. Possui sua Ordem tal conhecimento?

Ele não respondeu. Apartou o rosto para que ela não o visse torcer-se com raiva, por isso tomou completamente despreparada quando agarrou seu braço e o torceu detrás de suas costas, formando um arco entre seus paletillas, obrigando-a a dobrar-se sobre si mesmo em um esforço por escapar da dor.

Ele a empurrou contra a parede e pressionou uma faca contra seu flanco.

Lisa estava tão aturdida que não fez nenhum som. Em um momento ela estava passeando-se com um Templário absolutamente sociável, agradando-a em sua curiosidade incessante, balançando-se ao bordo de revelações estupendas, e ao seguinte sua vida estava ameaçada. Tinha passado muito rapidamente para compreendê-lo, e, no susto, tinha desperdiçado segundos preciosos nos que poderia ter lutado para liberar-se.

-me dê a chave- grunhiu Armand em sua orelha-. E se fizer embora seja um gemido, matarei-a.

-A chave do que?

-As câmaras do Circenn.

-Não tenho nenhuma!

-Pequena mentirosa-. Enganchando o grosso antebraço ao redor de sua garganta, deu golpecitos a seu corpo, procurando alguma chave importante-. Então está em seu quarto- acusou ele.

-Ele nunca me deu uma!

Armand pressionou seu braço ao redor de sua garganta, lhe cortando a respiração. Seu braço era uma banda tenaz de aço, e Lisa sentia que estava perdendo o fôlego. Sua bochecha golpeou contra a parede de pedra, e sentiu um perigoso brilho de desmaio.

-Podemos jogar tão áspero como gosta, moça- murmurou Armand em seu cabelo-. Onde está a chave?

Lisa fechou os olhos e tratou de alcançar ao Circenn.

Circenn esmagou sua taça de metal em sua mão e orvalhou a meia dúzia de aldeãos. Jogou um olhar ao redor, seus olhos selvagens.

Lisa.

Perigo. Medo. Não posso respirar.

Mas onde?

Ele correu aos degraus para o garderobe, sentindo para ela com seu coração, tranquilizando-a porque ele estava chegando. Dor.

Amaldiçoou a atadura emocional pela que ele podia compartilhar seus sentimentos, mas não podia obter palavras ou uma indireta de sua situação. Onde teria ido ela? Como poderia estar em perigo? Quem poderia desejar machucá-la?

Foi pelos corredores como uma besta enlouquecida, lutando contra o impulso de bramar por ela, consciente de que só alertaria a quem quer estivesse ameaçando-a. Correu ao corredor sul, então retornou. Cada onça de seu intelecto estava absorvendo seu medo, esponjando-se nele, deixando-o enlouquecido. Ele se mergulhou para um vestíbulo, então se deteve abruptamente.

A fúria excessiva não serviria. Devia ser lógico. Devia verificar sua quarto e o dela, então outras áreas aonde lhe gostava de ir. Possivelmente a capela. voltou-se rapidamente e correu de novo ao vestíbulo. Voou através do castelo para a asa oriental.

Quando se aproximou de suas próprias câmaras caminhou devagar, alertado por um murmúrio suave e um som estrangulado. Detendo-se, escorregou-se furtivamente à volta da esquina.

Armand tinha a Lisa pressionada contra a parede fora de suas câmaras, seu grosso antebraço estrangulando-a até a inconsciência. Circenn tentou fazer respirações lentas, silenciosas, ainda quando seus lábios rogaram por rugir. Ela estava ficando flácida nos braços do Templário, deixando de lutar enquanto perdia sua preciosa respiração.

Uma piscada de prata brilhou à luz escura dos rushlights montados nas paredes. O Templário tinha uma faca. Circenn não esperou a ver mais. Utilizou suas habilidades sobrenaturais para mover-se como o vento e deter-se atrás do Templário, que não tinha nenhuma advertência de que Circenn continha a respiração detrás de seu coração.

-A chave, cadela estúpida- murmurou Armand-. Não te deprima sobre mim-. Ele a agitou-. Onde guarda ele as relíquias?

A boca do Circenn se torceu. Assim disso se tratava. Um pícaro Templário, voltando-se contra sua Ordem. Armand não era o único cavaleiro que tinha perdido a fé. Circenn tinha ouvido falar de outros que, acreditando que Deus os tinha abandonado, feito-se mercenários e infiéis.

Em um momento de tempo nebuloso, Circenn desarmou ao cavaleiro e o empurrou pelo corredor, onde golpeou a parede de pedra com um rangido afiado de sua cabeça e caiu ao chão. Circenn nem sequer se preocupou porque o ataque tivesse sido injusto. Enquanto no passado tinha sentido culpa por usar suas habilidades, sentia uma satisfação austera agora. elevou-se por cima do cavaleiro cansado e levantou sua espada para o golpe fatal.

-Detenha!- gritou Lisa.

A mandíbula do Circenn se endureceu, seu rosto contorsionado de fúria. Seu braço suspenso ao nível dos olhos, a ponta angulosa para baixo, preparado para um empurrão veloz no coração do Armand. Quando ele terminasse o movimento, seria com tal irritação que provavelmente a força estrelaria sua espada contra a pedra sob o cavaleiro cansado. Dirigiu um olhar a Lisa, e por sua expressão, compreendeu horrorizado que ela estava sentindo sua emoção interior: estéril, frio, e homicida. Quente. Infernalmente quente. Ele não entenderia nunca, inclusive se vivesse cinco mil anos, por que as mulheres protegiam constantemente aos vilões. Era simples na mente de um homem: matar ao homem que tentasse danificar o que era dele. Mas as mulheres o faziam muito mais complexo. Elas esperavam que o mal pudesse redimir-se. Uma esperança tola, a sua maneira de pensar.

-Não o mate, Circenn. Ele não me danificou-. Ela tocou sua garganta com as suaves gemas dos dedos-. Eu estarei bem. Uns cardeais, nada mais. Encontrou-nos a tempo.

-Ele te tocou- grunhiu Circenn-. Ele planejava te danificar.

-Mas não teve êxito-. Ela apelou a sua lógica: -Interroga-o, determina o que ele persegue, então desterra-o, mas por favor...

Ela calou e ele a olhou fixa, desamparadamente. Maldita seja, pensou ele. Ela estava alagando-o deliberadamente com a misericórdia, o perdão, e o vento fresco da lógica. Todas essas coisas femininas deram cambalhotas como flocos de neve em seu calor masculino.

Esfriando-o.

Embora relutante a admiti-lo, ela tinha razão. Matando ao Armand rapidamente, nunca saberia seus motivos. Ele precisava descobrir o propósito do Templário, determinar com quem estava em conluio e se havia outros cavaleiros corruptos nessa tarefa. Necessitava primeiro informação. Então o mataria. Ele baixou a espada com um grunhido desço de raiva insatisfeita.

Lisa se arrastou escada abaixo. Tinha tentado esperar na cama a volta do Circenn, mas tinha sido incapaz de resisti-lo já. Tinham passado horas do ataque do Armand, e embora Circenn tinha prometido não matar ao Templário e jurado enojadamente que o devolveria a seus próprios irmãos, Lisa ainda sentia sua fúria assassina. Sua atadura lhe destroçava os nervos. Ela não tinha nenhuma idéia de por que o cavaleiro a tinha seqüestrado. Possivelmente não devia havê-lo questionado. Possivelmente simplesmente estava perturbado também por falar das atrocidades que tinha suportado.

A festa ainda estava em marcha no grande hall, os aldeões desconhecendo os eventos amargos da tarde. Circenn manteria o problema em silêncio, resolveria, e ninguém sofreria por ele. Ela admirava seus métodos. Ele era um laird que não preocuparia a seu clã com problemas que poderia resolver sozinho.

Movendo-se furtivamente, deslizou-se do corredor ao estudo. A porta estava entreaberta e ela apareceu cautamente. Ele estava ali, como tinha suspeitado, com o Duncan e Galan.

Uma dúzia de ceijuntos Templários permanecia ante ele, e pelo brilho ligeiro da chuva em suas túnicas, ela deduziu que se perdeu sua entrada por minutos não mais.

-Parece, milord. Nós terminamos nossa interrogação- disse Renaud do Vichiers fatigadamente.

-E?- grunhiu Circenn.

-Era pior do que temíamos. Ele era duplamente traidor, ao mesmo tempo a seus próprios irmãos e a Escócia. Seu plano era raptar a sua senhora e vender-lhe ao rei inglês em troca de seu peso em ouro, mais títulos e terras na Inglaterra-. Renaud agitou sua cabeça-. Não sei o que dizer. Sinto muito. Armand era Comandante de Cavaleiros em nossa Ordem, e favoravelmente considerado. Não tínhamos idéia. Eu lhe juro que em nossa Ordem atuou completamente sozinho-. Renaud dirigiu seu olhar ao chão-. Esperamos sua decisão com respeito ao resto de nós. Entenderemos se decidir que deve nos enviar longe daqui.

Circenn agitou sua cabeça.

-Não farei ao resto de vocês responsáveis por suas ações. Você me foste fiel há muitos anos.

Os Templários sussurraram com murmúrios de gratidão e repetições de juramentos de lealdade.

-foi bom conosco, milord- disse Renaud. Fez uma respiração profunda, e quando falou de novo, fez-o com tal ardor que suas palavras pareciam elevar-se-. Não desejamos arriscar sua boa vontade de forma alguma. Esperamos ter um futuro em Escócia. O que podemos fazer para restaurar sua fé em nós?

-Nunca esteve perdida- disse Circenn, esfregando sua mandíbula-. Se Armand não tivesse estado atuando sozinho, provavelmente teria tido êxito seqüestrando-a. Eu não infravalorizo os poderes de sua Ordem, Renaud. Sei o que pode fazer quando descobre que alguns Templários provocam um problema. Um complô de irmãos múltiplo a teria atraído apacivelmente onde você desejasse que fora. Não usa a violência. Você usa... a persuasão poderosa.

Renaud parecia desconcertado.

-Não o tinha considerado, mas é verdade. Nós poderíamos havê-la apanhado como grupo. Esquecimento que sabe tanto de nós-. Ele se arqueou, uma postura de desculpa abjeta-. Milord, nós nunca machucáramos a sua senhora. Nós a protegeremos como nossa própria...

Circenn inclinou sua cabeça.

-O que tem que o Armand?

-Como amostra de nossa obediência, resolvemos nessa matéria. Ele não o preocupará mais.

Lisa se apoiou um pouco mais perto da porta. O que lhe tinham feito eles? Tinham-no banido? Conduziriam-no pela fronteira para que o inglês o apanhasse?

-te explique- pediu Circenn.

-Determinamos seu crime e distribuímos um castigo acorde.

-Está morto?- perguntou Circenn fatigadamente.

-Morreu recebendo o preço que tinha renomado por sua corrupção. Nós lhe cedemos seu peso em ouro.

Lisa fez um som estrangulado que foi mascarado felizmente pelo próprio Circenn. Seus olhos voaram até os seus, mas ele não a tinha notado ainda. Ele parecia assustado.

-Não tema, nós atuamos pródigoamente- apressou-se a assegurar Renaud-. Sabemos que necessitaremos o ouro para reconstruir nossa Ordem uma vez que tenha terminado a guerra em Escócia. Recuperaremos-lo quando esquartejarmos ao Armand.

Lisa teve náuseas instintivamente, incapaz para as conter. Uma dúzia de olhos voaram à porta, onde ela estava de pé agarrando seu estômago.

-Lisa- exclamou Circenn, médio levantado. Seus olhos eram largos e apolagéticos-. Pedi-te que esperasse em seu quarto.

-Sabe que alguma vez o faço- disse ela irritada-. por que esperaria que o fizesse esta vez?-. Ela olhou diretamente os olhos do Renaud.- O que quer dizer que você... que cedeu seu peso em ouro e o recuperará?- Ela soube que não devia perguntar, mas suas suspeitas eram tão horríveis que não podia deter-se. Se eles não o dissessem, imaginaria simplesmente atrocidades. Tinha compreendido fazia tempo que era mais fácil de tratar com a realidade que imaginar os medos.

Renaud não respondeu, claramente relutante para discutir o assunto com uma mulher.

-me diga- repetiu ela, através dos dentes apertados. Ela jogou um olhar ao Circenn, que estava olhando-a com dor e compreensão. Apreciou que ele não tentasse defendê-la; entendia que ela necessitava suas próprias respostas a algumas costure.

Renaud esclareceu sua garganta inquietamente.

-Fundido. Vertido por sua garganta. Esfriará-se e tirará sem dificuldade.

-Lisa!- Circenn se levantou do escritório, mas era muito tarde.

Ela já estava correndo pelo vestibulo.

CAPÍTULO 24

Passaram vários dias antes de que Lisa voltasse para seu caráter normal. Circenn se passou o tempo ocupando-se da propriedade e esperando pacientemente que ela encontrasse o caminho através de seus sentimentos. Ele nunca estava sozinho, sempre acompanhado pela pressão de seu coração. Um dia, quase teria jurado que tinha ouvido claro ao lado de sua orelha murmurar obstinados porcos, personagens sanguinários, mas a frase não tinha tido nenhum sentido para ele. Algo que significasse, ela devia ter estado sentindo-o muito fortemente para que ele o recolhesse. perguntou-se se sua atadura continuaria crescendo mais forte com o tempo e lhes permitiria o luxo de uma comunicação mais profunda.

Ele respeitou a retirada apazível e aceitou que era uma parte necessária de seu ajuste a seu estilo de vida. Seu tempo deveria parecer sinto saudades a ela, e os costumes dos Templarios pareceriam extremas provavelmente em qualquer século. Ele lamentou profundamente que tivesse averiguado sobre o Armand, mas se não tinha aprendido nada mais sobre a Lisa Stone, saberia quão grande era sua curiosidade. Ela desejava não ser defendida de nada; desejava ser tratada com respeito e obter todo o conhecimento disponível para que pudesse fazer suas próprias opções de uma posição bem informada.

Ele não teria desejado a morte repugnante do Armand a nenhum homem, mas os Templarios tinham sua própria justiça e a distribuíam com a mesma disciplina inflexível com a que realizavam todos seus deveres. Em seu coração ele reconheceu que sentia que o homem estivesse morto. Armand quase tinha matado a sua mulher, quase tinha terminado com essa vida frágil, diminuta, delicada.

E isso o aterrava.

A brutalidade do Armand tinha elevado a mortalidade da Lisa a uma obsessão para ele. Ele o aborrecia, notando que sua mortalidade se tornou sua inimizada.

Estava voltando-se como Adam? Tinha sido assim semelhante monstro tinha sido fabricado? Fazendo exceções às regras uma e outra vez, até que finalmente ele poderia justificar tomar algo que quisesse? Onde estava a linha que ele não devia cruzar antes de que fora muito tarde?

Você poderia fazê-la imortal. Você sabe que o quer. Você nem sequer teria que dizer-lhe

Sim, ele o queria. E o confundia. Tinha estado casado duas vezes e nunca tinha considerado tentar fazer a sua esposa imortal.

Mas nenhuma outra mulher era Lisa.

Além disso, até então, tinha visto o que Adam lhe tinha feito como uma maldição, uma corrupção vil da ordem natural das coisas. Mas agora que tinha encontrado a Lisa, as coisas nunca tinham estado tão claras. Posto que ela tinha chegado a sua vida, ele tinha estado revalorizando suas crenças, suas objeções e seus prejuízos. Desejava entrar como um furacão em seu castelo, desenterrar a garrafa de seu compartimento na pedra, e forçá-lo entre seus lábios, mas nunca poderia justificar lhe tirar a oportunidade de escolher. De algum modo, ele tinha que tratar de dizer-lhe

Argh! ele pensou e fechou os olhos. Como?

Embora aceitava sua imortalidade a contra gosto, em quinhentos anos havia muito sobre si mesmo que ainda desprezava. Pela Dagda, ele tinha nascido no século IX! Havia uma parte dele que era desesperadamente antiquada. Embora a passagem do tempo o tinha tirado do século IX, nada poderia tirar os sentimentos do nono século de seu coração. Uma parte dele era um guerreiro simples e um homem supersticioso que acreditava que as magias nasciam do mal; em consequência, ele era uma abominação que se balançava no bordo da corrupção.

Ele suspeitava que esse nascimento no século IX o tinha feito mais que um pouco bárbaro, mas isso era preferível ao que ele se poderia ter tornado.

Entretanto, tinha que alcançar uma decisão, e logo. Precisava lhe dizer o que ele era e lhe oferecer a Lisa o mesmo, antes de que sua mortalidade o destroçasse completamente.

Impotente, tinha começado a obcecar-se sobre seu ambiente. Ela parecia incrivelmente vulnerável de repente. Ele tinha começado a apagar rushlights compulsivamente, assustado de que pudessem faiscar e agarrar as tapeçarias e ela morrer por algo tão insensato como um fogo no castelo. Tinha começado a estudar a cada homem que encontrava e procurar indícios de qualquer possível ameaça a sua existência. O esforço do Armand por raptá-la tinha realizado uma escalada a seus medos. Ela

era delicada, e um escorregão de uma faca poderia roubá-la para sempre dele. Uma vez, ele tinha pensado que para sempre eram palavras amargas, mas agora, havendo-a amado, se ele a perdesse, para sempre seria um frio, ermo inferno.

Possivelmente, através de sua atadura especial, ela entenderia e aceitaria. Possivelmente o pensamento de viver para sempre a atrairia. Ele nunca saberia até que o tentasse. Quão pior poderia passar era que ela se horrorizasse, que o rechaçasse e tentasse escapar. Se isso ocorresse, temia ele, poderia voltar-se de verdade a seu caráter do nono século, e encerrá-la com chave até que estivesse de acordo em beber da garrafa. Ou pior, lhe fazer o que Adam tinha feito a ele.

Lisa se aconchegou em uma cadeira ante o fogo quando ele entrou no estudo. Sorriu-lhe calorosamente. Eles compartilharam uma saudação sem palavras com os olhos, então Lisa assinalou a cadeira a seu lado. Ele se aproximou e descansou uma porção de seu peso no braço da cadeira, e se dobrou para beijá-la completamente. Deus, ele não podia suportar o pensamento de perdê-la jamais.

Quando ele se obrigou finalmente a romper o beijo, porque era isso, ou fazê-lo ali na cadeira com a porta do estudo aberta, ela o olhou com curiosidade e disse:

-Está frustrado hoje. Como muitas vezes. O que se preocupa, Circenn?

Ele suspirou. Às vezes sua atadura era uma coisa molesta; não havia muito que pudesse esconder dela, e o esforço de deter suas emoções estava esgotando-o.

-Você estava tocada pelo ennui, melancólica- replicou ele, ainda sem estar preparado para encetar-se nessa conversação difícil. Melhor saborear uns momentos de paz e intimidade-. Mas parece estar freqüentemente dessa maneira quando não está em minha cama- provocou-a. Na cama precisamente era onde a queria agora. Possivelmente acalmada pela satisfação sensual, ela seria mais receptiva. Uma tática mercenária, mas desdobrada com amor. Ele acariciou seu cabelo e saboreou a percepção de seda entre seus dedos.

Lisa riu, um baixo, lhe convidem som.

-Circenn, eu necessito algo que fazer comigo mesma. Eu preciso me sentir... envolta.

Ele tinha estado pensando a mesma coisa, quando sua frustração realmente tinha chegado até ele algumas vezes, desde que sua atadura tinha florescido em sua existência. Ele sabia que em seu século Lisa tinha trabalhado constantemente, e era uma mulher que precisava sentir que tinha obtido algo que valesse a pena ao final do dia.

-Farei que Duncan te traga a lista das disputas pendentes de ser ouvido na corte do feudo no Ballyhock. Você gostaria disso? Galan esteve ouvindo os casos durante os últimos anos e lhe agradaria afastar do compromisso.

-Realmente?-. Lisa estava encantada. Ela adoraria inundar-se nas vidas dos aldeãos, possivelmente fazer amigas entre as mulheres jovens. Algum dia, ela teria meninos com o Circenn, e precisaria ter uma amiga. Ela queria que seus meninos tivessem companheiros de jogos. Não entendia por que Circenn se manteve tão distante de sua gente no passado, mas ela planejava aproximá-lo de novo. Ouvindo os casos e mesclar-se com os membros do clã seria a maneira perfeita de pôr seus planos em movimento.

-Certamente. Eles estarão muito agradados.

-Está seguro de que admitirão que uma simples moça dita suas disputas?- perguntou ela angustiada.

-Você não é uma simples moça. E lhe adoraram quando lhe encontraram na festa. Além disso, eu sou Brude, Lisa.

-Devo ter saltado essa parte da história na escola. Quem era Brude?

-Ah, simplesmente os guerreiros mais valentes que existiram- disse ele e arqueou uma sobrancelha arrogante-. Somos os Pictos originais; muitos de nossos reis se chamaram Brude, até que nós o assumimos como nosso nome. É Brodie simplesmente outra forma-. É agora o momento para lhe dizer mais de minha história? Que meu meio irmano Drust o Quarto foi assassinado pelo Kenneth McAlpin em 838? -. Sendo Brude, o descida de realza em minha linha foi matrilineal durante séculos, passados através das rainhas, não de nossos reis. A coroa foi transferida a irmãos ou sobrinhos ou primos por uma série complicada de matrimônios mistos através de sete casas reais. Minha gente aceitará as decisões da Senhora do Brodie prontamente.

-Parece que os Pictos eram mais civilizados que os escoceses- disse Lisa secamente.

-'Esta legião que refreia aos escoceses selvagens' é como o Imperador Claudius se referiu a minha gente, e durante um tempo nós o fizemos. Até que Kenneth McAlpin assassinou à maioria dos membros de nossa casa real em um esforço por nos apagar para sempre de Escócia.

-Mas como você ainda vive, ao parecer não teve muito êxito.

-Ah, sim. Eu ainda vivo.

-Assim, por que está frustrado hoje?- perguntou ela, voltando para sua observação inicial-. Posso senti-lo todo o tempo, sabe? Eu posso sentir a impaciência e a irritação.

Circenn estava de pé e a levantou da cadeira. Ele se deixou cair nela e a instalou sobre seu regaço.

-Assim está melhor. Eu gosto de estar debaixo de ti.

-Eu gosto que esteja debaixo de mim. Mas não tente me distrair. por que?

Circenn suspirou, aceitando sua cercania. Tinha medo. Ele, o guerreiro intrépido, temia sua reação ao que estava a ponto de lhe dizer.

Quando ele fez uma respiração para começar, ouviu tanto a porta do grande hall abrir-se, como os guardas pelo castelo lançando gritos ressonantes.

Os dois se esticaram imediatamente.

-Está atacando alguém?- preocupou-se Lisa.

Circenn se levantou rapidamente e a depositou no chão com um beijo.

-Não sei- disse e foi para o grande hall à carreira. Lisa correu detrás dele, quando o ruído de fora aumentou a um imenso rugido.

Quando entraram em grande hall, viu dúzias de cavalheiros que clamavam agitadamente, reunidos ao redor de um único estranho. Viram o Duncan ao entrar, e seu sorriso era deslumbrante.

-Ao Stirling, Circenn! O mensageiro do Bruce chegou. vamos guerrear finalmente!

CAPÍTULO 25

-O que dizem?- exigiu Circenn, seus olhos reluzentes de antecipação.

O mensageiro falou rapidamente.

-O irmão do Bruce fez uma aposta, e devemos lhe impedir aos ingleses tomar Stirling Castle o Dia de San Juan. Bruce pediu que você presente suas tropas com todas as armas no St. Ninian pelo caminho romano...

Circenn o interrompeu com um bramido ensurdecador de alegria do que se ecoaram todos os homens no vestíbulo. Lisa se moveu mais perto de seu lado e ele a agarrou em seus braços e girou abraçando-a no ar.

-vamos guerrear!- gritou, exaltado.

Homens, pensou ela, assombrada. Nunca os entenderei. Então um pensamento pior o seguiu: E o que se o perder?

-Mas deve dar-se pressa- gritou o mensageiro no fragor-. Se cavalgarmos sem pausa logo que chegaremos a tempo. Cada momento é crítico.

Circenn a abraçou mais estreitamente.

-Eu não morrerei. Prometo-o- disse fervorosamente. Beijou-a profundamente, então a soltou de seus braços. Não havia tempo para lhe dizer mais. Ele iria guerrear, e a sua volta teriam seu bate-papo longamente atrasado. Enquanto isso, lhe enviaria constantemente segurança através de sua atadura.

Guerra! Era condenadamente tempo já!, pensou exaltado.

-Devo recolher minhas armas- murmurou e pôs-se a correr pelo vestíbulo.

Determinada a aproveitar cada possível momento com ele antes de que partisse, Lisa deixou o vestíbulo pouco depois que ele. A propriedade era um alvoroço de atividade enquanto os homens se preparavam para ir-se a cavalo imediatamente. Ela devia ter recordado que Circenn teria que sair logo. Sabia que a batalha do Bannockburn tinha ocorrido em 24 de junho; os arquivos de história tinham posto ao thane do Brodie e seus Templários em meio da batalha legendária. Mas no prazer de seu amor recém descoberto, e depois no medo do intento de rapto do Armand, ela tinha pensado pouco nas datas ou na guerra iminente.

dirigiu-se para as câmaras do Circenn e entrou quedamente em seu quarto, perguntando-se se haveria bastante tempo para roubar um momento de paixão. Duvidava-o; dava-se conta de que a mente do homem já estava longe. tornou-se agora mesmo todo um guerreiro masculino, consumido pela iminente batalha. Quando entrou mais profundamente em seu quarto, assustou-se ao ver um grande bucho aberto na parede onde estava normalmente o lar.

Um quarto oculto. Que fantástico, pensou Lisa, e quão apropriado para um castelo medieval. Curiosa por ver o que ele guardava ali, guiou seus passos mais à frente do lar e entrou. O tecido de seu vestido se enganchou nas pedras ásperas do lar lhe rodem e se rasgou audivelmente. Muito ocupada tentando largar a malha do bordo afiado da pedra, não viu o Circenn encontrá-la. Nem viu sua expressão.

-Sal dali, moça- trovejou ele, dando um golpe com seus pés.

Quando Lisa o olhou, Circenn se gelou no meio do movimento de tirá-la dali. Viu com horror crescente como o olhar dela se derramou no interior de seu quarto oculto. Ele permaneceu de pé, imóvel, rodeado de evidencia incriminadora. Estando ela de pé em meio de artigos de seu próprio tempo, ele soube que Lisa nunca acreditaria, e o que era pior, que ele devia sair imediatamente para impedir às tropas inglesas tomar Stirling o Dia de San Juan.

Lisa estava imóvel, mas seu olhar vagou incrédulamente sobre os artigos no quarto. Seus olhos se alargaram, estreitaram, e se alargaram de novo quando compreendeu o que estava vendo. Armas, sim. Armas e escudos, sim.

Inexplicavelmente, artigos de seu próprio século?

Sim.

A primeira onda de emoção a esbofeteou com força: um sentimento sufocante de dor, desconcerto e humilhação, porque tinha crêdulo seu coração tão mal. A segunda onda provinha dele: uma capa envolvente de medo.

Como podia possuir ele as tais coisas? Como podia ter artigos de seu tempo, e ainda assim não poder enviá-la a sua casa?

Simples. Ele tinha mentido. Era a única explicação possível.

-Mentiu- sussurrou ela. Ela podia ir casa com o Catherine, mas ele tinha mentido. Sobre que mais teria mentido ele?

Suas mãos se fecharam sobre um reproduzidor do CD. Um reproduzidor do CD! Ela o levantou com mãos trementes e se aproximou estreitamente a ele, como se não pudesse acreditar o que estava vendo realmente. Sony, dizia o blasonado de cor cromo. Com os olhos entrecerrados, caminhou pelo quarto, onde tropeçou com objetos de plástico, tratando de não sentir o que chegava dele. Sem deter-se, alcançou outro projétil e fechou os dedos ao redor de uma caixa de cartão estranhamente familiar. Lhe dirigiu um olhar, e seu lábio se curvou com incredulidade.

-Almofadas?- gritou ela-. Tinha almofadas? Todo este tempo? Como te atreve!

Circenn gesticulou desamparadamente.

-Não sabia que tinha algo que limpar.

Ela grunhiu, um som feral de dor e cólera, quando lhe atirou a caixa do Playtex com aplicador de fácil deslizamento a ele. Errou, também, pegando na parede detrás dele, chovendo no quarto com pequenos projéteis brancos.

-Não!-. Ela levantou uma mão tremente quando ele se moveu para aproximar-se o Fique ali. Quanto mais me mentiste? A quantas outras mulheres trouxeste aqui para necessitar tantas almofadas? Não classifiquei para as almofadas? Fui ganha tão facilmente que não teve que me subornar com conveniências? Era todo uma mentira? É este algum jogo doente que eu não posso compreender? Não fez o fato de que minha mãe está morrendo comover absolutamente seu coração? Do que parece você? Pedra? Gelo? É inclusive humano? Todo este tempo podia me retornar, mas não o fez?

-Não-. Ele avançou de novo, mas se deteve quando ela se encolheu. Sua expressão doída se afundou.

-Nem sequer pense em me tocar. Como deveu ter estado te divertindo comigo! Eu e minhas lágrimas patéticas, eu chorando por minha mãe, e todo este tempo você poderia me retornar em qualquer instante. Você...

Ele se permitiu soltar um bramido de dor e frustração. Teve o efeito desejado de terminar suas imputações ao impor silêncio com seu puro volume.

Enquanto ela permanecia de pé, boquiaberta, ele disse:

-Escutará-me porque não tenho muito tempo!

-Estou escutando- vaiou ela-. Como uma estúpida, estou esperando que me dê uma explicação decente para tudo isto. Segue me dizendo mais mentiras.

Ele passou uma mão em cima de seu rosto e agitou sua cabeça.

-Moça, nunca te menti. Adoro-te e não houve nunca nenhuma outra mulher do futuro aqui. E estes -ele jogou uma almofada no ar- buchas de limpeza, não posso compreender por que lhe perturbaram tanto, mas te asseguro que nunca permiti às faxineiras usá-los.

A frente da Lisa se enrugou. Nenhum homem poderia ser tão tolo.

-Buchas de limpeza?

Ele agarrou uma arma e deu puxões ao barril em sua direção, e uma almofada desenvolvida se disparou para fora. Estava talher de negro pela corrosão lenta do aço. Ela o olhou por um momento, inclinada, e o levantou do chão.

-Limpa suas armas com isto?

Ele baixou a arma.

-Não é o propósito para o que foram desenhados? Juro que não podia conceber outro motivo.

-Não leíste a caixa?

-Havia muitas palavras que não entendi!

Os olhos da Lisa se alargaram e ela o alcançou internamente, perguntando-se por que não tinha feito isso primeiro. Ali, em seu laço, onde estavam unidos, ele não podia esconder nada dela. Mas tinha estado tão aturdida que não tinha estado pensando claramente. Ela o alcançou e sentiu...

Temor de que ela não acreditasse.

Dor.

E honestidade. Ele não sabia o que as almofadas eram autenticamente. Mas havia algo mais, algo que ele estava ocultando intencionalmente. Uma coisa escura monstruosa, coberta de desespero. Fez-a estremecer.

Ele levantou suas mãos em um gesto de súplica.

-Lisa, nunca te menti sobre o fato de que não posso te retornar. Estes são presentes que um homem chamado Adam me trouxe. Nunca fui a seu tempo, nem posso chegar ali, nem enviei a ninguém mais.

Ela ponderou suas palavras, sopesando a verdade nelas. Ela o recordou olhando-o escolher os tecidos e ouvindo por acaso a menção desse Adam: o Adam cujos presentes Circenn tinha apartados, salvo a malha de ouro que ele tinha escolhido para seu vestido de bodas.

Um piso debaixo deles, os homens rugiram chamando o Circenn.

Ignorando as exclamações, ele disse:

-Não teria querido que acontecesse assim, quando não tenho nenhuma opção mais que correr para ir batalhar. Deve acreditar que eu nunca te menti, Lisa. Acredita em mim e espera meu retorno. Prometo que falaremos então de tudo. Responderei qualquer pergunta que tenha, explicarei tudo-. Ele suspirou e esfregou sua mandíbula. Seus olhos estavam escuros de emoção-. Eu te amo, moça.

-Sei. Eu posso senti-lo-. Ela inclinou sua cabeça rigidamente-. Ama-me. Se eu não tivesse estalado tão rapidamente, me teria dado conta de seus sentimentos e teria compreendido que deixando isto de lado, não alberga nenhuma intenção de me danificar.

Ele moveu com esforço um suspiro de alívio.

-Agradeço a Dagda por nossa atadura.

-Continua- disse ela, animando-o a que ele revelasse o segredo escuro que era ainda incalculável. Quando Circenn se aproximou da entrada, ela compreendeu que ele tinha entendido mal suas palavras.

Ele a olhou de soslaio quando ela não caminhou a seu lado.

-Devo selar a câmara, moça, antes de que possa ir a cavalo. Prometo te permitir examiná-lo até que te farte quando retornar-. Ele se aproximou dela, guiando-a fora de sua câmara.

-Não- disse Lisa rapidamente-. Quis dizer que continuasse e me dissesse o resto.

Ele deixou de mover-se relutantemente.

-Pensei que quis dizer que podia me unir a meus homens e falar disto a meu retorno-. Ele notou sua mandíbula tensa, seu olhar inflexível-. De que resto te dá conta?- evadiu.

-Algo que me aterra, porque te assusta, e suspeito que algo que causa seu temor me esmagaria. Há algo que você não está me dizendo por suas capas de medo. me deve dizer isso Circenn. Agora. Quanto mais rapidamente me diga isso, mais rapidamente pode ir. O que está escondendo de mim?

Ele fez uma respiração profunda.

-Adam, que me deu estas raridades- ele gesticulou aplastantemente- pode te devolver a seu tempo. Eu não lhe disse isso que porque era em vão. Recorda que jurei matar ao portador da garrafa?

Ela assentiu com a cabeça.

-Adam é a quem o jurei.

Lisa fechou os olhos.

-Em outras palavras, a única pessoa que poderia me devolver me mataria primeiro. Bem. Qual é a outra coisa?

Ele a olhava com uma expressão de inocência que ela não acreditou nem por um momento.

-Ainda posso senti-lo, Circenn. Não me há dito a coisa maior.

-Lisa, eu lhe direi isso tudo, mas agora devo ir ao Stirling.

Convenientemente, devia ser parte de uma conspiração cronometrada masculina, pensou Lisa quando Duncan bramou o nome do Circenn com frustração óbvia.

-Vê?- disse Circenn-. Os homens me esperam. Será uma zona próxima, Lisa. Devo ir.

-me diga- repetiu ela uniformemente.

-Não me faça fazer isto agora.

-Circenn, pensa realmente que poderia ficar aqui sentada durante semanas me perguntando o que outro feito fantástico me estiveste ocultando? Seria uma tortura para mim.

As mãos do Circenn se fixaram ao redor da arma.

-Seguirei a cavalo, se devo fazê-lo, até a mesma batalha.

Um silêncio embaraçoso, tenso, encheu o espaço entre eles.

Os bramidos contínuos dos homens abaixo de elevava a tensão da Lisa. A quem consideraria primeiro? Seus homens ou ela? Lisa sentia seu coração golpeando. Ele lambeu seus lábios e começou a falar várias vezes, então se deteve e apartou seu olhar. Quando falou finalmente, sua voz era firme e cansada.

-Minha mãe foi uma rainha Brude que nasceu faz quinhentos e setenta anos atrás. Eu sou imortal.

Lisa sentiu como se as paredes de pedra a sufocassem. Pestanejou rapidamente e decidiu que devia ter entendido mau.

-Diga-o de novo.

Ele soube que palavra necessitava que repetisse.

-Imortal. Eu sou imortal.

Lisa retrocedeu.

-Como em viver para sempre, como Duncan McLeod o Highlander?

-Não conheço esse Duncan McLeod, garota. Não sabia que havia outro como eu. Os McLeod nunca falaram que esse homem.

Lisa não podia falar por um momento.

-In-imortal?- ela dirigiu em um cochicho seco.

Ele assentiu com a cabeça. Ele golpeou a culatra da arma no chão em resposta a uns citatórios particularmente furiosos.

Rechaçando a possibilidade absurda, Lisa o alcançou emocionalmente. Sua incredulidade se esmagou contra a sinceridade de sua atadura.

Ele estava dizendo a verdade. Era imortal.

Ou pelo menos acreditava que o era.

Poderia enganar-se ele? depois de um momento de reflexão, Lisa desprezou essa possibilidade. Uma pessoa saberia se tivesse vivido quinhentos anos; não era precisamente algo que alguém poderia passar por cima.

Sem olhá-la, ele continuou:

-Descobri que era imortal quando tinha quarenta e um anos.

-Mas não aparenta quarenta e um- protestou ela, ansiosa de objetar qualquer pequena parte de tal loucura.

-Não os tinha quando Adam me trocou. Eu estava, conforme pude calcular, mais perto dos trinta que dos quarenta. Ele nunca admitiu exatamente quando me deu a poção. Mas quando o enfrentei, confessou que tinha envenenado meu vinho.

-por que? E quem é esse homem que possui o poder para te fazer viver para sempre? Quem é esse Adam que poderia me enviar casa? Quem é ele?

Circenn suspirou. Não tinham chegado a esse ponto para tentar apressar-se agora. Lhe daria algumas respostas para que as considerasse enquanto ele estava fora. Quando voltasse, diria-lhe tudo, e lhe ofereceria a garrafa de novo, esta vez para beber dela.

-Ele é da velha raça chamada Tuatha do Danaan. Ele é isso que alguns chamam fada.

-Fada?- Lisa estava incrédula-. Esperas que eu crie em fadas?

Circenn sorriu amargamente.

-Aceita que viajaste setecentos anos no tempo, e ainda dúvidas da existência de criaturas que nos predatan por milênios e possuem estranhos poderes? Você não pode selecionar e escolher sua loucura, moça.

-Uma fada- repetiu Lisa e se apoiou contra o bordo do lar lhe rodem-. Nenhuma maravilha de minha viagem através do tempo lhe pareciam tão estranhos a ti. Pensei que o tinha aceito extraordinariamente bem.

-Não pense nas fadas como criaturas espigadas, etéreas, voando sobre asas, pois não o são. Pertencem a uma civilização avançada que habitou algum mundo longínquo antes de que viessem ao nosso em uma nuvem de névoa, faz milhares de anos. Ninguém sabe de onde vieram. Ninguém sabe quem ou o que eles realmente são, mas são capitalistas além de toda comparação. São imortais, e são capazes de abater o tempo.

-Mas, por que te fez ele imortal?

Circenn exalou um suspiro amargo.

-Disse que o fez porque sua raça me tinha selecionado como guardião de seus tesouros, um dos quais é essa condenada garrafa. Por isso me fez jurar matar a quem quer o encontrasse. Disse que sua raça tinha estado procurando a alguém que pudesse guardar muito tempo suas relíquias seguras; necessitavam a alguém que nunca morrera e não pudesse ser derrotado em batalha.

-Assim você viverá de verdade... para sempre?

Circenn não disse nada, seus olhos obscurecidos de emoção. Assentiu com a cabeça.

Lisa agitou sua cabeça, mais à frente do pensamento coerente. Seu olhar caiu sobre ele, incrédula.

-Lisa...

-Não-. Ela levantou suas mãos para proteger-se-. Nada mais. É tudo. Já ouvi bastante por hoje. É tudo o que posso ouvir. Meus ouvidos estão cheios.

-É uma coisa tão terrível de aceitar? Eu aceitei que você foi do futuro- disse ele-. Haud your wheesht!- rugiu, golpeando de novo o chão, dirigindo-se a quem o chamava.

-Simplesmente me permita ter tempo para pensar. Por favor? Vete. Vete a sua guerra- disse ela, e apontou para a porta. Então uma risada pequena, meio histérica, lhe escapou.

-Lisa, não te deixarei assim.

-OH, sim o fará- disse a moça firmemente-, porque segundo minhas lembranças dos eventos, você e seus Templários são necessários no Bannockburn-. Ela precisava estar sozinha, pensar, desesperadamente. Não era tão duro para ela empurrá-lo a guerrear, agora que sabia que não podia morrer-. Mas sangrou quando eu te aticei com a faca- adicionou, como um pensamento posterior.

-Sob minha camisa a ferida se fechou imediatamente, moça. Eu posso sangrar, brevemente.

Os passos trovejaram sob o corredor; seus homens tinham excedido sua paciência.

Circenn tocou com o cotovelo um degrau atrás dela e rapidamente selou a câmara.

-Disse que meus Templários serão necessário no Bannockburn. Conhece essa batalha?- disse ele, seu olhar reflexivo.

-Sim.

-Assim parece que possivelmente os dois estivemos retendo informação- assinalou quedamente- Há algo mais que devo saber?

-Há algo mais que eu devo saber?- replicou Lisa.

De repente ele parecia cansado.

-Só que te amo com todo meu coração, moça.

Ele a beijou rapidamente e partiu.

CAPÍTULO 26

Imortal. Circenn Brodie era imortal.

Que irônico, ela pensou. No século XXI, ela lutava contra a mortalidade de sua mãe. Agora, no XIV, ela estava raivosa contra a imortalidade do Circenn.

Sua vida não podia ter sido uma simples estadia na universidade e colecionar beijos de homens jovens e bonitos, e principalmente inofensivos. Esse simplesmente não passaria a Lisa Stone. Ela entendeu de repente quão turvada se devia ter sentido Buffy ao descobrir sua condição de cazavampiros.

sentia-se muito ferida.

Ele partia a cavalo a milhas dela, mas sua atadura não diminuía. Era golpeada por seus sentimentos, por sua irritação e dor e culpa. Ela se encontrou empurrando-o longe e relegando-o ao fundo. Não podia permitir o luxo de sentir o que ele estava sentindo agora mesmo. Precisava sentir só suas próprias emoções, ordenar-se através delas sem distrair-se por seu lhe pulsem intensidade.

O homem era francamente cansativo às vezes, e não era nenhuma maravilha. Ele tinha mais de quinhentos anos de viver, amando e perdendo esses amores, e sendo invencível. Sentiu uma onda de preocupação que emanava dele porque ela estava tentando deixá-lo fora. Muito esgotada para fazer mais, enviou a um estalo de segurança, então firmemente encurralou suas emoções em uma esquina de sua mente.

Isso era melhor.

Possivelmente um passeio esclareceria seus pensamentos, decidiu, e se levantou da cama do Circenn, onde tinha estado sentando-se desde que ele tinha saído.

passeou-se através do castelo silencioso e se aventurou na noite. Estava estranhamente calada: não havia nenhum cavaleiro no pátio, nenhum menino jogando à guerra, que era de fato um assunto sério. Ela não tinha que preocupar-se com a morte do Circenn, mas a maioria das famílias do Brodie tinha a alguém amado que podia ser ferido mortalmente na batalha. Um ar de sobriedade cobria com escuros mantos a propriedade.

Absorta em seus pensamentos, vagou até o lago e se deixou cair no banco de pedra. Inclinando sua cabeça, olhou fixamente o céu negro aveludado. por que não podia apaixonar-se por um homem normal, mortal? Tinha sido tão feliz com o Circenn... mas era realista, embora mais não fora.

Ela tinha alguma idéia de como seria envelhecer. Sabia como se sentiria quando tivesse quarenta anos e ele ainda tivesse trinta. Só podia imaginar com horror como se sentiria quando tivesse cinquenta anos, e ele ainda parecesse de trinta. Poderia degustar o medo de ter sessenta, sendo o bastante velha como para que a maioria pensasse que ela era sua mãe, ou pior, nessa terra onde as mulheres tinham meninos aos quatorze, sua avó.

OH, Deus. Seu corpo envelheceria e enrugaria, mas o dele nunca o faria.

Lisa não pensava que fora uma pessoa pouco profunda, mas só a vaidade de uma mulher podia deter-se nesses pensamentos. Faria-lhe o amor ainda? ela poderia lhe permitir vê-la quando seu corpo fora tão velho? Não era simplesmente uma pergunta de vaidade; o contraste físico entre eles seria um aviso diário de que ela estava morrendo, mas ele não.

Toma os anos que dure e não pense mais à frente, ofereceu uma parte dela esperançosamente.

Mas se conhecia muito bem. Não seria capaz. Estaria vivendo no medo, olhando seu espelho, esperando o inevitável.

E havia algo até maior a ser considerado.

Não só ela envelheceria enquanto ele não o fazia, mas também ela morreria finalmente, enquanto que ele continuaria vivendo. Ele ficaria sem ela, e ela soube que teria que animá-lo a amar de novo quando ela se foi e, Deus a perdoasse, não pensava que possuísse semelhante alma nobre.

Animar ao Circenn a compartilhar semelhante atadura preciosa, íntima, de novo com alguma outra mulher? estremeceu-se pelo ódio por sua sucessora anônima, sem rosto.

Mas sabia que teria que fazê-lo, porque o conhecia o bastante bem para saber que ele compartilhava sua tendência para a autoculpabilidade. Ele se negaria. Poderia desperdiçar milhares de anos só e negar-se à intimidade, e essa solidão severo conduziria a qualquer pessoa à loucura. Ele devia amar de novo depois de que ela se foi, pela bem de sua própria alma.

Devia considerar também, então, o que o conhecimento íntimo de sua morte, graças a seu laço, faria a ele; devido a essa atadura, ele sentiria cada ignóbil emoção que ela sentisse e toda sua dor. Ela sabia o que se sentia ver morrer a alguém amado. Estava mais à frente do inferno.

O que tivesse passado se Lisa tivesse podido sentir a dor física de sua mãe durante os últimos meses? Seu desespero e seu medo?

Circenn sentiria todo o seu, a menos que ela pudesse escondê-lo de algum modo.

Não posso! Não sou o bastante boa!

Frenético, ela ordenou a seus pés mover-se, esperando distrair-se com o movimento.

Caminhou rapidamente e bordeou o lago, olhando fixamente os céus como se pudessem ouvi-la e lhe conceder um rogo. Enfocados seus olhos no céu, tropeçou e caiu a terra.

Era a gota final. Chorando, envolveu com os braços seus joelhos e começou a balançar-se. depois de uns momentos, compreendeu que tinha cansado ao lado do túmulo de terra e tinha estado chorando provavelmente sobre os restos das painéis de câmara de outros tempos.

ficou muito imóvel.

diz-se que se rodear o túmulo sete vezes e derramas seu sangue no topo, reina-a das Fadas pode aparecer e te conceder um desejo.

Recordando as palavras do Circenn, abriu seus olhos devagar.

Mas o que poderia desejar ela?

Não posso supor sequer quantos moços jovens e moças cravaram seus dedos aqui. Contos velhos, esta terra está cheia deles. Provavelmente algum antepassado esvaziou as painéis das câmaras alguma vez aqui. Explicaria por que a grama é tão espessa e verde.

Mas ela não sabia o que poderia passar logo em sua vida. por que não provar? Poderia escolher um desejo depois, se funcionava.

Aturdidamente, ficou de pé e começou a rodear o shian. Lentamente ao princípio, recolhendo velocidade e determinação depois, quando progrediu ao redor do túmulo.

Uma vez, três vezes, cinco, depois sete.

deteve-se. Compreendeu que não tinha nada com o que cortar-se. Com um desapego peculiar, furou o talão de sua palma com seus dentes e fez brotar sangue. Subiu ao topo do shian e, aplicando pressão com seus dedos, obrigou às gotas cair no centro do túmulo.

Esperou.

Não tinha nenhuma idéia do que esperava, se algo acontecia. Mas considerando quão estranha sua vida tinha sido durante os últimos meses, não lhe surpreenderia muito se uma fada saltava da terra e ondeasse uma vara mágica.

Conteve a respiração. A noite ainda estava estranha, inclusive as criaturas noturnas estranhamente muda.

Nada passou.

OH, Lisa, nenhuma Reina das Fadas saltará deste túmulo, e terá que tratar com o fato de que simplesmente está apaixonada por um homem imortal.

Ela fechou os olhos e sacudiu a cabeça, divertida por sua tola imaginação. Mas depois de um momento, descendeu do extraordinariamente simétrico montão de grama.

Essa terra lhe tinha feito algo definitivamente a seu sangue. Quase tinha acreditado que uma criatura mítica apareceria. A magia saturava o ar de Escócia como a espessa e freqüente névoa, e ela tinha descoberto quão próximo parecia estar tudo, mais à frente do reino da possibilidade. Circenn era imortal. Ela tinha viajado através de tempo. Pedir um desejo parecia muito razoável em comparação.

Retrocedeu no túmulo, inclinou sua cabeça, e olhou fixamente a lua, admitindo que apesar de sua dor e temor, sentia-se um pouco mais aliviada. Muitas opções poderiam ser cansativos. Agora ela não tinha nenhuma; não tinha nenhuma opção mais que ficar ali e amar ao Circenn Brodie.

Possivelmente aprenderia a ver-se envelhecendo, enquanto ele permanecia sem idade, como um pequeno preço para o tipo de amor que eles compartilhavam. Sentiria para ele com seus sentidos internos e tiraria as barricadas mais tempranas lentamente. Através de sua atadura, ela sabia que nesse momento ele estava ferido, zangado, e profundamente angustiado. E que também o consumia o temor de que ela tentasse deixá-lo de algum modo.

Bem, ele não precisava preocupar-se sobre isso. Ela não podia.

-O que desejará, humano?- Uma voz que sustentava mil sombras frescas de neve estrelou seu sonho e esfriou seu sangue. Lisa se gelou.

CAPÍTULO 27

A voz tinha vindo desde detrás dela, onde estava o de túmulo das fadas.

-Estava olhando a lua, como extasiada. Desejas voar a ela? Para contar as estrelas ou as tocar? Ou um pouco mais... terrestre?

Lisa fez uma respiração profunda quando a voz se estremeceu através dela. Não uma voz mortal. Ela nunca poderia confundir semelhante com uma voz mortal. Ressonava com melodia e com observação desapaixonada. Assustava-a. voltou-se devagar. A vista que a saudou só era temível pela magnitude de sua beleza. O ar se paralisou em sua traquéia e a obrigou a fazer respirações rápidas, pouco profundas.

-Encantadora- ela sussurrou-. OH, Deus-. Ela entendeu o chamariz dos contos de fadas de repente, de criaturas que eram tão deslumbrantemente bonitas que quase feria as olhar. Esta criatura curvava seus sentidos.

A visão inclinou sua cabeça suntuosamente.

-Somo-lo. Encantadores, isso. Mas não deuses. A maioria nos chama os meninos da Deusa Danu.

Lisa a olhou fixamente, os lábios se partiram em um suspiro, magnetizada. A mulher tinha raios de lua no cabelo cor prata rodeando a cabeça delicada, relutantes a partir. O ar noturno brilhava fracamente ao redor dela, como aceso por mil sóis diminutos. Suas sobranceiras se arquearam sobre os olhos amendoados exóticos em um rosto pálido. E os olhos não eram de nenhuma cor conhecida pelo homem, mas conjurava imagens das cores iridescentes da cauda úmida de uma sereia que brilha no sol.

Seus maçãs do rosto eram tão altos que emprestavam um encanto felino a sua face, e seus lábios eram cheios, da cor do sangue, e levantados as esquinas como recolhidos em um sorriso perpétuo. Sua pele estava empoeirada com ouro; um puro vestido branco a vestia sem cobrir nada, e o corpo, que era claramente visível sob a malha brilhando fracamente, faiscou como pérolas douradas e rosas, e fez a Lisa sentir-se como se tivesse doze anos.

Perfeição.

-O que desejará você, humano?- os olhos remotos sustentaram os seus, alargados pela mais nua curiosidade-. Abriu esta porta com seu próprio sangue, agora deseja antes de que me canse de ti.

Lisa tragou. Aí estava sua oportunidade. Tudo o que ela tinha que dizer era: quero ir casa com minha mãe. Mas poderia deixar ela ao Circenn? E como poderia saber ela se sua mãe ainda estava viva?

-Sim- disse a Rainha das Fadas, envolvendo uma corda de raio de lua detrás de sua orelha.

-O que?- Lisa abriu a boca.

-Sua mãe vive. Se você o chama viver-. Seus lábios formaram uma careta de aborrecimento-. Uma perdição mortal, o corpo. Ela está morrendo.

-Como sabia você o que eu estava pensando?- sussurrou Lisa.

A fada riu e o som se deslizou ao redor da Lisa. Por um momento, perdeu-se nele: esqueceu quem era, que tinha uma mãe, que amava a um homem, que era humano.

Por um momento ela não quis nada mais que estar tão perto dessa criatura como ela o permitisse. Para beijar a prega de sua meada de fada, respirar suas exalações, para dançar descalça em um túmulo verde. Reconheceu por fim que era uma loucura encantada, quando a compulsão se aliviou ao murchar-la risada.

-Sou do Tuatha do Danaan. Nós vemos tudo. Assim, o que será, humana? Enviarei-te a casa a morrer com sua mãe? É ela tão importante? Deixará a este laird que te ama?

-Necessito tempo para pensar- protestou Lisa fracamente.

-Você me convocou agora.

-Realmente não pensei que funcionaria. Não preparei meu desejo.

-Se necessitar tempo para pensar, não deveu me haver perturbado-. O rosto de La Rainha das Fadas se tornou tormentoso. Uma brisa se agitou ao redor do shian, jogando folhas no ar. Lisa se sobressaltou e se voltou, absorvendo a noite de repente vibrante. Vibrante pelo desgosto da Rainha das Fadas.

-Nós somos Escócia- declarou a Rainha, observando a perturbação-. A terra uma vez chorou quando nós choramos, e a primavera chega quando dançamos. Agora as estações rodam de forma consistente, e além das travessuras do estúpido, esta terra está principalmente domada.

-Porque está consistentemente isolada, remota- disse Lisa, antes de pensar-. Tem-te feito isso tempo?

Reina-a das Fadas pestanejou. Simplesmente uma piscada, mas disse, Não pise ali, mortal, em um olhar proibitivo que prometeu a Lisa que nunca desejaria experimentar essa ira.

Lisa se recuperou rapidamente de seu engano.

-Quis dizer... estará minha mãe viva se voltar?

-Por um tempo.

Lisa pressionou os olhos fechados. Realmente não tinha acreditado que a Rainha das Fadas aparecesse e concedesse seu desejo. Mas agora estava ali com seu poder, e ao parecer estava oferecendo retorná-la com sua mãe.

Como poderia escolher ela? Ficar em Escócia e ver seu corpo envelhecer e enrugar-se enquanto seu amado alguma vez envelheceria, ou voltar para seu tempo e ver sua mãe morrer?

Nenhuma opção era absolutamente atraente.

-Suponho que não poderia trazer para minha mãe aqui? Possivelmente melhorá-la?- sugeriu Lisa esperançosamente-. Possivelmente poderia me fazer imortal?

-Duas opções, humano. Ficar ou ir-se. Não estou me sentindo generosa, nem me inclino a reestruturar uma grande balança. Requer muita dedicação. Um desejo é uma pedra, e minha concessão é jogá-la em um lago. Há ondas. Lerei em seu coração para encontrar sua verdadeira opção? Os mortais como você pensam que viver é uma guerra: Coração ou mente? Menina tola, a culpa não é nenhuma mente. O dever não é nenhum coração. Ouvir que sua raça nos exige o que já não possuímos. Lerei eu seu desejo?

A mão da Lisa voou instintivamente a seu assumo como se pudesse defender seu coração dessa criatura.

-Não, eu escolherei, se me der apenas uns momentos.

-Canso-me de esperar. Você gostaria de vê-la?-. A fada desdobrou uma magra mão branca para o lago, que cresceu vítreo e imóvel. Dentro da água, como em um portal prateado, a quarto de sua mãe tomou forma. Estava amanhecendo no século XXI e Catherine estava acordada, um rosário enredado entre suas mãos nodosas. Lisa exclamou quando a viu, embora a enfermidade havia feito tanto de sua vida que era duro acreditar que ainda respirasse. Ela estava rezando em voz alta. Estava viva!

Durante as últimas semanas, convencida de que não a veria nunca de novo, Lisa a tinha posto quase a descansar em seu coração, mas sua mãe ainda vivia e respirava e estava a sentindo saudades desesperadamente, angustiada e doente.

Lisa agitou sua cabeça, amargamente confundida por suas opções. A visão de sua mãe era um golpe fatal. Catherine estava viva no século XXI, e depois de todos esses meses, ela devia ter dado a Lisa certamente por morta. Mas Lisa tinha a oportunidade para retornar e sustentar sua mãe, e tranquilizá-la porque sua única filha estava bem. Para sustentar sua mãe enquanto morria. Confortá-la e amá-la, e impedir que morrera sozinha.

As emoções a curvaram, e obscuramente ela sentia o pânico do Circenn, em alguma parte fora da noite, lendo seus sentimentos. Firmemente, ela se fechou a ele.

Olhando de novo no lago, Lisa teve uma devastadora visão de si mesmo com o Catherine; debilitada pela vida que lhe escapava, murcha, apenas com um rastro quebradiço de desejo de viver, enquanto que Circenn estaria intacto pelo tempo.

Circenn tinha dado seu amor. Catherine tinha dado seu amor. Circenn viveria para sempre. Lisa sabia como a morte do Catherine estava destruindo-a, rompendo seu coração. Quando ela morrera, Circenn sofreria essa mesma dor. Se ela ficasse, o que teria? Envelhecer enquanto Circenn nunca envelhecesse, morrer enquanto um guerreiro magnífico estivesse junto a sua cama sustentando sua mãe, lhe rompendo o coração. Ele, que teria perdido tantos amores em mais de quinhentos anos. Não seria mais amável ir-se agora, que lhe fazer sofrer sua morte em dez ou trinta ou cinquenta anos? Ela sabia intimamente a dor de perder a alguém tão profundamente amado.

A cabeça e o fundo da garganta a queimavam com o esforço de suprimir as lágrimas.

Lisa se voltou em um círculo lento e jogou um olhar largo ao Castelo Brodie, a noite encantada, a beleza das Highlands escocesas. Amo-te com todo meu coração, Circenn, sussurrou na noite. Mas temo que sou uma covarde e tenho pouco valor. Os anos me destruiriam.

-E bem?- exigiu a Rainha das Fadas.

-OH- ela abriu a boca para tomar ar, sentindo o efeito desagradável de seus pensamentos.

-Agora- pressionou a Rainha.

-Eu... OH... c-casa- disse tão brandamente que o vento o agarrou de seus lábios e estava quase perdido. Mas a Rainha das Fadas ouviu.

-E o que do laird? Não deseja lhe dizer adeus?

-Ele se foi- disse Lisa, as lágrimas escorregando por suas bochechas-. Está em caminho ao Bannockburn

-Bannockburn!-. A fada atiesó, e pareceu quase alarmada, embora era difícil de dizer em semelhante rosto. Aplaudiu com suas mãos, falou em um idioma que Lisa não pôde entender, e de repente a noite se agitou ao redor dela.

O shian resplandeceu, a luz brilhou dentro dele, e Lisa se encontrou ante a uma vista que poucos humanos vislumbrassem, ou vivido para dizê-lo.

Fadas por dúzias, vertidas do shian, estalaram na noite, montadas em cavalos poderosos. Uma tempestade explorou ao redor dela, formando redemoinhos folhas e ramos, e a mesma terra parecia pulsar quando soltou sua carga estranha de selvagens caçadores.

-Ao Bannockburn- gritaram eles.

Ela não teve nenhuma idéia de quanto tempo durou a onda zangada de criaturas exóticas que se apressam a voar. A terra tremeu, inclusive a lua se escondeu nervosamente detrás de uma nuvem, e até as árvores pareceram apartar do shian. Lisa não podia suportar fechar os olhos.

Por fim a noite esteve calada e ela cautamente espionou o shian. Um homem estava de pé ali, alto, poderoso, com cabelo escuro de seda, observando-a a ela.

-Eles se esquecem do tempo- disse ele secamente-. Edward tem mais do triplo de tropas que os escoceses, e minha gente tem interesse nesta batalha. Circenn e seus homens chegarão a tempo para salvar o dia. Minha gente ama observar os triunfos mortais e os acidentes.

-Quem é você?- Lisa abriu a boca, orando porque ele não se riera. A sensualidade gotejava do homem, uma sensualidade que quase competia com o efeito que Circenn tinha nela. Se ele se riera como a Rainha das Fadas o tinha feito, temeu que pudesse perder-se em sua loucura sedutora.

-Envia-a- ordenou a Rainha das Fadas-. E então será livre de deixar meu lado.

-E o que com minha habilidade de abater o tempo e tecer mundos?- exigiu ele.

-Eu ainda os detenho. Se não me obedecer, terei que ordenar outro decreto, Adam.

Adam fez um gesto furioso, então devolveu sua atenção a Lisa.

-Parece que seu desejo se concedeu-. A esquina de sua boca se encurvou em uma expressão zombadora de desgosto-. E eles me chamam estúpido.

Que direito tem para me olhar com tal desilusão? pensou ela, turvada. Quase como se ele se preocupasse. Como se ele sentisse que ela havia feito uma decisão terrível. Então as palavras da Rainha das Fadas penetraram:

-Adam... Mas espera...!- Lisa começou.

Ela nunca conseguiu terminar sua frase.

-É você Adam Black?- gritou Lisa, alagada com raiva assassina.

Mas era muito tarde. Ela estava...

Caindo...

De novo...

Perto do Ferh Bog, Circenn se dobrou em cima de em sua cadeira de montar e agarrou seu estômago. Profundamente, respirações raspantes exploraram em seus pulmões e ele olhou fixamente na noite com horror crescente.

Galan e Duncan deram puxões a seus cavalos para deter-se imediatamente a seu lado.

-O que é? O que acontece, Circenn? Fala comigo!- gritou Duncan. Ele nunca tinha visto o rosto do Circenn Brodie tão angustiado.

-Ela se foi- sussurrou ele-. Não posso sentir a Lisa já.

-O que significa isso?- perguntou Duncan rapidamente-. tornou ela de algum modo a seu tempo?

O olhar do Circenn era selvagem.

-Isso, ou que Adam a encontrou.

-por que não lhe deu a garrafa?- exigiu Duncan-. Então isto não poderia passar!

Circenn arremeteu quase com suas arreios ao Duncan.

-Estava em desacordo com isso a última vez que falamos.

-Mas isso foi antes do do Armand.

-Eu não tinha tempo!- rugiu Circenn.

-Deve retornar.

-Ela se foi- disse Circenn através dos dentes hermeticamente atarraxados-. Se ela saiu que este século, é muito tarde para procurá-la. Se Adam a encontrou, é muito tarde para procurá-la. Não entende que de uma maneira ou de outra, já é muito tarde porque ela se foi.

Ele levantou sua mão e aplaudiu o cavalo do Duncan na anca.

-Agora rapidamente!- ordenou a suas tropas-. Galope e vingança- jurou brandamente e sabia que cada inglês que caísse sob sua tocha ou sua espada levaria o rosto do Adam.

CAPÍTULO 28

A batalha perto do arroio de que tomou nome Bannock Burn durou só dois dias, mas foram dois dias gloriosos que ressonaram com o passar do país, de um extremo ao outro.

As tropas do Edward Plantagenet se congregaram perto do curso de água. Eram buliçosos, multiplicando cinco a um as forças escocesas, e arrogantemente seguros de que a vitória estava a poucas horas de produzir-se. A poucas milhas do Stirling, tinham uma vantagem suprema em número, e ainda tinham dois dias para derrotar aos selvagens escoceses.

Edward se mofou e falou em brincadeira com seus homens. Não tomaria mais de duas horas, disse entreteendo-se.

As tropas contrárias os comprometeram, e para grande desmaio do Edward, no curso das seguintes duas horas um número grande de ingleses caíram nas armadilhas inteligentemente dissimuladas do Bruce e muitos se cravaram em estacas de ferro maldosamente escondidas na maleza.

Sua confiança diminuída pelas armadilhas dissimuladas, reagruparam-se depois de ter descoberto tardiamente que o fronte escocês era quase impenetrável.

Para rodeá-los e atacar um flanco seria necessário bordear o pantanoso Carse, enquanto os arqueiros escoceses se sentavam a terra alta, esperando recebê-los com suas flechas.

Edward estava mortificado por que bem o Bruce tinha escolhido seu sítio de batalha, e que alocadamente suas tropas tinham desprezado as habilidades dos escoceses. O final do primeiro dia viu os cavaleiros pesados do Edward repulsados duas vezes, e um grande número de ingleses mortos.

O acampamento do Bruce se retirou às franjas do bosque do New Park essa noite, exaltado por seu êxito rechaçando as tropas inglesas.

O acampamento inglês cometeu o segundo engano mortal tomando refúgio na terra pantanosa entre o Burn e o Rio Forth, um engano tático que cobraria seu preço pela manhã.

Quando Sir Alexander Seton, um cavaleiro escocês no exército inglês do Edward, desertou a primeira noite tarde e acautelou a todos os que o escutaram que os escoceses ganhariam o dia seguinte, e se eles não o faziam se arrancaria sua própria cabeça de boa vontade, as tropas inglesas se encontraram ainda mais desmoralizadas.

O segundo dia os ingleses compreenderam o engano que tinham cometido escolhendo seu lugar de acampamento. Os escoceses descenderam sobre eles e apanharam ao exército inglês imediatamente depois de sua primeira carga, encurralando-os entre o Bannock Burn e o Rio Forth, em um espaço também estreito para manobrar na formação para outra carga.

Os escoceses tinham escolhido sua posição habilmente, e tinham obrigado aos ingleses a empreender a batalha da pé, uma tática para a que eles não estavam preparados.

Os escoceses eram superiores aos ingleses em terra, bem acostumados a lutar nos atoleiros pantanosos e pântanos, e livres para mover-se facilmente sem o peso da armadura.

Os ingleses começaram a irromper em formações desorganizadas, e nesse momento de debilidade, o laird do Brodie chegou com seus Templários. Na rixa eles galoparam como um, os cavaleiros Santos camuflados atrás de suas mantas escocesas, revelando as túnicas brancas severas e as cruzes vermelho sangue de sua Ordem.

Pelo campo de barro e os corpos quebrados, a onda de cavaleiros brancos cortou como uma foice de morte. Muitos dos ingleses, esgotados pela batalha e descorazonados, simplesmente se voltaram e fugiram ao vislumbrar as túnicas. Os Templários eram legendários por sua invencibilidade na batalha. Nenhum tinha enfrentado a um guerreiro Templário e vivido para contá-lo. Os ingleses, o bastante ardilosos para notar que montavam na batalha sob o estandarte do famoso laird do Brodie, voltaram seus monturas e correram longe de uma certa morte.

Ao longo do Bannock Burn, Circenn Brodie era um animal implacável e veloz. Depois os homens diriam dele que tinha rivalizado com os Berserkers em sua raiva mortal, e se comporiam epopéias em sua honra. Ele foi frio, afiado e duro, e valioso para nada mais que a matança. perdeu-se em uma escuridão tão completa que não se preocupou de matar legiões: simplesmente feria, esperando esgotar-se e ganhar a trégua da inconsciência, um tipo temporário de morte.

Quando por fim um de seus lugares-tenentes tomou a arreios do rei inglês pela brida e tirou depressa ao Edward do campo de batalha em uma admissão ruidosa de derrota, um bramido de triunfo ecoou pelos pântanos.

Os ingleses fugiram rapidamente ao ver o estandarte do Edward deixar o campo, enquanto os escoceses rugiam sua alegria.

Em meio da celebração, Circenn sentia só uma dor selvagem que terminou muito rapidamente. Somente um dia de batalha, e já não tinha nenhuma opção para enfrentar sua dor e seu inimigo antigo. Uma guerra de um mês o teria feito mais feliz.

Enquanto os homens celebraram e desfilaram através do campo para proclamar a derrota inglesa, Circenn Brodie se voltou em suas arreios e, sem deter-se comer ou descansar, montou de retorno para o Castelo Brodie para destruir seu Némesis.

Circenn recebeu o Adam do momento que entrou no Castelo Brodie.

Enquanto montava, tinha concedido a possibilidade de que um desastre natural ou um acidente tivessem ocorrido a sua amada. Mas a presença do Adam podia significar só uma coisa: o homem-fada tinha encontrado a Lisa e tinha descoberto que havia trazido a garrafa.

Ou você o faz, ou o faço eu, tinha insistido o duende mais negro.

O sangue rugiu em seus ouvidos e uivou pela vingança. Ele não se satisfaria com nada menos que a morte do imortal. Circenn compreendeu tardiamente que nunca devia havê-la deixado sozinha, inclusive nem por um momento, não importava quão segura tinha pensado que ela estava no Brodie. Embora Adam nunca tinha jurado vir ali sem um convite, ao parecer o tinha sem cuidado romper juramentos como tinha feito Circenn.

Possivelmente eles eram de verdade iguais, pensou ele amargamente. havia-se renhido a si mesmo uma e outra vez na carreira para o Brodie. Devia haver ficado para confortá-la, e então isto nunca teria passado. Devia ter escorregado a poção de imortalidade fazia meses em seu vinho, então isto nunca teria passado. Devia lhe haver explicado que ele podia fazê-la imortal. Ele nunca devia ter deixado seu lado, inclusive por um momento. Lutar agora em uma batalha parecia tão corriqueiro como era na verdade, comparado com a perda de seu amor. Devia ter enviado a seus Templários sem ele, porque eles teriam ganho de todos os modos.

Ele deixou cair de repente suas confusões ao chão e se aproximou furtivamente ao grande hall. Morreria por dentro mais tarde, depois de que se assegurou de que o pecador do siriche nunca manipularia de novo a outro mortal.

Agora entendeu por que sua visão o tinha mostrado enlouquecido séculos depois, porque uma vez que terminasse com o Adam, sua raiva se dissiparia e ele seria consumido por um pesar sem fim. Ele desenredaria e abraçaria a loucura.

Quando Adam se voltou a saudá-lo, Circenn levantou uma mão.

-Fique ali. Não te mova. Nem sequer me fale- chiou através dos dentes incrustados, e se dirigiu aos degraus.

Ele soprou quando cruzou o corredor. Adam era tão arrogante que não previa o que Circenn estava a ponto de fazer. Atirando a porta de suas câmaras, chutou para abrir o quarto oculto e rapidamente desenterrou a Espada de Luz.

Quando retornou furtivamente ao grande hall, a espada girava em seu punho, e Adam retrocedeu.

-O que planeja fazer com isso, Circenn Brodie?- perguntou a fada rigidamente.

O olhar do Circenn não mostrou misericórdia.

-Recorda o juramento que fiz faz mais de quinhentos anos?

-É obvio que o faço- disse Adam irritado-. Agora solta essa coisa.

Circenn continuou como se Adam não tivesse falado.

- Eu disse: ' Protegerei as santas relíquias. Nunca permitirei que sejam usadas para ganho mortal. Nunca os usarei para meu ou o ganho de Escócia'. Mas o mais importante para ti, é que jurei que nunca permitiria usar as armas benditas para destruir um imortal Tuatha do Danaan-. Ele fez assobiar a espada brilhando fracamente em um golpe veloz-. Eu já não acredito em juramentos, Adam. E tenho os meios para te destruir. Um homem sem juramentos poderia destruir sua raça inteira, um por um.

-E então o que ganharia?- replicou Adam-. Ficaria sozinho. Além disso, não sabe encontrar o resto de minha gente.

-Eu os encontrarei. E uma vez os tenha matado a todos, cravarei-me em sua condenada espada.

-Não funcionará. Um imortal não pode matar-se, inclusive nem com a espada sagrada.

-Como sabe você? tentou fazê-lo alguma vez?

-Ela não está morta- espetou Adam-. Deixa de ser tão melodramático.

Circenn ficou muito imóvel.

-Não posso senti-la. Ela está morta para mim.

-Asseguro-te que está viva. Dou-te minha palavra sobre mim mesmo, já que você pensa que isso é tudo o que sustento por sagrado. Está segura. Ela desejou algo no túmulo, e divertiu o suficiente ao Aoibheal para aparecer e lhe conferir um dom.

-Onde está?- ele exigiu. Ela estava viva.

O alívio se descarregou através de seu corpo tão fortemente que se estremeceu com sua intensidade.

-E o que desejou ela?

-Desejou ir a casa- disse Adam, mais brandamente-. Mas realmente não quis dizê-lo, eu estava ali. Estive cativo ao lado do Aoibheal por algum tempo, após ela tomou meus poderes.

-por que tomou seus poderes?- Circenn estava tão aturdido porque Adam tinha sido severamente castigado assim, que se distraiu brevemente.

Adam parecia desconcertado.

- Por interferir contigo.

-Ah, há um pouco de justiça pequena em seu mundo, depois de tudo- disse Circenn secamente-. Assim é que Lisa voltou para século XXI?-. Ele poderia suportar setecentos anos de solidão para estar de novo com ela.

-Não.

-O que quer dizer você com "não"? Disse que ela desejou retornar.

-Fez-o. Ou algo assim. Ela era muito irresoluta nesse ponto. Podia sentir sua indecisão. Por isso eu nem cumpri nem não cumpri. Aoibheal me deu a ordem de 'envia-a', e eu obedeci a essência de sua ordem enviando-a a um lugar seguro, fora do tempo, até que voltasse. Por isso é porquê você não pode senti-la. Ela não está... realmente neste mundo.

-Onde está ela?- disse Circenn através dos dentes chiados.

Adam lhe lançou um olhar zombador.

-Fiz algo melhor que enviá-la a sua casa. Se eu a houvesse devolvido ao futuro, você te teria sentado pacientemente sobre seu traseiro de guerreiro disciplinado e teria esperado setecentos anos para vê-la de novo. Tão passivo, tão detestável humano. E então eu não teria conseguido o que queria.

-Onde está ela?- rugiu Circenn e girou a espada.

Adam sorriu abertamente.

Lisa deu de chutes à areia com incredulidade.

Estava em uma ilha tropical.

-In-cre-í-ble- murmurou.

Mas realmente não o era, emendou. Estava em perfeita consonância com o estado lamentável de sua existência. Em alguma parte, Deus estava convulsionado de risada, cada vez que ela subia verticalmente ao redor de outra curva cega com o passar do curso enlouquecido que ele tinha proposto para sua vida.

Ela olhou fixamente o oceano e respirou profundamente. Apesar de sua irritação, adorava a praia; nunca tinha conseguido acontecer muito tempo nela, e embora não poderia ajudá-la, inalou avariciosamente o ar de sal.

As ondas varreram a areia brandamente. O mar era tão bonito que era difícil de considerar para qualquer não prolongar sua estadia nesse tempo. A água era impressionante, dessas exóticas que um só vislumbrava dentro das páginas dos enganosos folhetos de viagem com fotografias retocadas com o Photoshop. Seguiu na praia branca perfeita com pámpanos espumantes.

Faiscante espuma branca, reluzente areia branca, a extensão interminável de água cristalina.

Ela estreitou seus olhos.

Era muito perfeito. Algo era estranho ali. Inclusive o ar se sentia estranho. Cheirava... Ela farejou cautamente.

Como Circenn.

Como poderia uma ilha cheirar como Circenn?

Ela sentia uma dor no mais profundo ao pensar nele. Primeiro ela tinha tido a sua mãe, mas não vida. Depois tinha tido ao Circenn, mas nenhuma mãe. Agora não tinha a nenhum, e sentia saudades a ambos com o todo seu coração.

-O que fiz eu para merecer isto?- exigiu ao céu sem nuvens.

-Como se houvesse alguém ali a quem lhe preocupasse- ela ouviu que alguém dizia secamente-. por que olham sempre para cima quando usam a retórica? Melhor a criatura deveria nos pedir a nós.

Ela se voltou na areia. Dois homens absolutamente belos estavam de pé na praia, vestidos com túnicas brancas simples. A gente era tão escuro como o outro era branco, e os dois estavam considerando-a com desdém.

O Adonis loiro gesticulou a seu companheiro.

-Que estranho, por um momento quase pensei que me ouviu. Agora parece estar nos olhando.

-Não é possível. Não pode nos ver nem nos ouvir menos que nós o permitamos.

-Ódio estalar sua borbulha paga de si mesmo, mas os vejo e sou mortal. É você uma mais dessas perniciosas fadas-nosequé?- ela perguntou irritada. Ao inferno com eles. Não foram manipular a. Além disso, quanto pior poderia ser sua vida?

-Fadas-nosequé?- os olhos do loiro se alargaram-. Chamou-nos fada-nosequé- informou a seu companheiro-. Vê-nos. Pensa que pode ser um desses mortais entremetidos que vê ambos os mundos e que nossa Rainha e o Rei seqüestram ao nascer?

O homem moreno arqueou uma sobrancelha.

-Então onde esteve este? Porque me parece totalmente crescido.

-Eu não sou um 'este', estou totalmente enchente, não me seqüestraram ao nascer e apreciaria que não falasse de mim como se eu não existisse.

-Então como veio aqui?

-Onde é aqui?- Lisa perguntou rapidamente. Ela ia assumir o mando de eventos de momento nesse lugar estranho.

-Morar. É onde o Tuatha do Danaan se retirou depois do Pacto- disse o Adonis.

-me leve a sua Rainha- ordenou Lisa imperiosamente.

Eles intercambiaram olhadas, então simplesmente desapareceram.

Os ombros da Lisa caíram. Bravo com sua conduta imperial. Ela tinha pensado que tinha parecido bastante régia.

Apagou uma respiração e começou a caminhar praia abaixo, determinada a saudar com aprumo o novo fenômeno que o destino escolhesse tirar dos dentes do oceano. Uma piranha grande como uma baleia em biquíni sobre a praia não a teria surpreso agora mesmo.

-Morar- repetiu Circenn, sua mandíbula apertando-se-. E por que a enviou à ilha de sua gente?

-Para deixá-la fora do tempo por um pouco, enquanto esperava seu retorno. Comprar tempo para tomar uma determinação.

-Uma determinação sobre o que?- perguntou Circenn friamente.

-Sobre o que você deseja fazer com ela.

-Não necessito tempo para decidir isso: quero me casar com ela, quero-a aqui, e a quero imortal. Mas não entendo seus motivos. Pensei que a queria morta, Adam. Não forçará outro juramento de mim.

-Nunca tome algo do que digo ou faço literalmente, Circenn. Nunca se tratou disso. Precisava romper algumas de suas regras ridículas. Eu te pus simplesmente em uma posição onde te obrigaria às questionar. Se você a tivesse matado, haveria-me sentido imensamente defraudado. Nunca entendeu o que eu realmente perseguia.

Circenn agitou sua cabeça, e murmurando, tranquilizou sua respiração. Toda sua angústia sobre romper o juramento tinha sido para nada, porque Adam nunca tinha desejado que o cumprisse, para começar.

-E tampouco o entendo agora, por que não me explica isso?

Adam rodeou ao redor dele e o estudou.

-por que não soltas você essa espada?-. Ele se estremeceu-. Demo-lhe isso para que não nos tentássemos para lutar entre nossa própria gente. Nós confiamos em ti.

-Coagiú-me para ser o guardião, e você sabe bem- disse ele amargamente. Mesmo assim, permitiu que a ponta descesse para o chão, embora manteve sua mão firmemente no punho.

Adam se relaxou.

-Da maneira em que eu o vejo, tem várias opções. Pode ir unir te com ela onde está. Em meu mundo- ele adicionou limpamente-. Ou pode trazer a de volta aqui. Ou pode ir a seu futuro e então enviar a de volta. Ela está segura, fora do tempo, enquanto decide.

-por que te burla de mim, Adam? Sabe que eu não sei fazer nenhuma dessas coisas. Está te oferecendo a realizar tal magia por mim?

Adam parecia doído.

-Não posso. Aoibheal sujeitou minhas asas, por assim dizê-lo.

-Então exatamente como esperas que eu me lance através do tempo? Morar não é acessível por meios mortais. Você apanhaste a minha mulher em uma ilha de fadas a que eu não tenho nenhum meio de viajar- disse ele, sentindo crescer seu aborrecimento de novo.

Adão olhou desafiante ao Circenn.

-Sim, você pode.

Circenn deu uma mão no ar.

-Não posso abater o tempo; se pudesse, me teria devotado a retorná-la quando descobri o que ela tinha perdido e quanto lhe doía.

-Pode abater o tempo. Sabe isso. Também sabe que havia um tempo recentemente quando teria dado algo por ter aceito minhas lições. Negou-te a me permitir te ensinar, mas sabe que tem o poder que ferve dentro de ti. Roga ser liberado. Aprenderia rapidamente. Tomaria dias somente te ensinar como abater o tempo. Poderíamos praticar com passeios curtos.

Circenn o considerou e não disse nada. Um músculo em sua mandíbula atirava bruscamente.

-Circenn, estive te dizendo durante quinhentos anos que posso te ensinar como te mover através do tempo e o espaço. Sempre sorriste com desprezo e te afastaste. Agora lhe ofereço isso de novo: posso te ensinar como abater o tempo, tecer mundos, como trocar o futuro da Lisa para que seus pais não morram. Posso te ensinar o bastante para que possa acautelar o choque de automóvel, possivelmente inclusive acautelar o câncer, e devolvê-la a seu futuro com sua lembrança de ti intacto. Quando o fizer, pode te unir com ela ali, ou trazer a de volta. Ou compartilhar suas vidas entre os dois lugares. Pode fazer tudo o que queira, Circenn Brodie. Sempre te hei dito isso.

-E qual é o preço desse conhecimento, Adam? Qual é o preço para retornar a minha mulher?

-OH, é tão simples- disse Adam brandamente-. É tudo o que quis alguma vez, desde o começo-. Ele assentiu com a cabeça alentadoramente-. Você sabe o que quero. Ofereço-te um trato. me permita te ensinar. me permita te levar aonde você pertence. me permita te mostrar meu mundo. Não é mau.

Circenn grunhiu e esfregou seus olhos. Fazia quinhentos anos ele tinha jurado evitar esse momento a toda costa. Ao longo dos séculos, Adam o tinha tentado repetidamente com algo que ele pudesse desejar, e falhou em cada oportunidade. Ao parecer, Adam tinha compreendido que a armadilha teria que ser posta mais habilmente, e esta vez tinha tido um êxito brilhante. O que Circenn se negou durante cinco séculos se feito inevitável agora. O homem do século IX dentro dele se encolheu de ombros, caminhou abaixo, e cedeu em sua derrota. Era mau? Eram Adam e sua raça más? Ou tinha perdoado Circenn ao Adam pelos pecados cometidos fazia tempo?

Suas opções eram dolorosamente simples: estar com a Lisa, ou não estar com a Lisa.

O último era inaceitável, e Adam sabia isso. Circenn se sentia manipulado pelo Adam amargamente, e a irritação queimou dentro dele. Esta situação tinha sido desenhada e tinha sido orquestrada pelo Adam Black desde o começo.

Mas então pensou na Lisa. O que existia entre eles não tinha nada que ver com o Adam. Adam podia ter manipulado os eventos diestramente, mas só Circenn se apaixonou pela Lisa. Ele a teria amado não importava onde a tivesse encontrado. Sua irritação se esfumou.

Se ele aceitasse o que Adão estava oferecendo, poderia trocar a vida da Lisa: poderia deslizar-se ao futuro e salvar a seus pais: poderia lhe devolver tudo o que ela queria da vida, e estar de novo com ela. E não tinha estado jogando ele mesmo com essa ideia durante algum tempo? Quando lhe tinha pedido que lhe dissesse tudo sobre sua vida, quando tinha escutado e havia feito aponte mentais... sim, inclusive então, ele tinha estado analisando possibilidades no fundo de sua mente. Sua amargura pelo que Adam lhe tinha feito fazia quinhentos anos ao convertê-lo em imortal, tinha-o feito rechaçar violentamente tudo o que tinha que ver com o Tuatha do Danaan. Mas possivelmente não seria tão mau depois de tudo.

Ele sabia que ela o amava. E se tinha que aceitar as lições do Adam, só para resgatar a da ilha das fadas, por que não percorrer todo o caminho? por que não aperfeiçoar seu mundo e lhe dar todos os desejos de seu coração? Como um presente, para ser tão capitalista que pudesse converter em realidade seus sonhos mais selvagens. Que mais poderia lhe dar a ela?

Tudo, disse Adam sem palavras.

Circenn olhou ao Adam.

Teria o valor de ir ao tempo da Lisa? Atrever-se a ir e amá-la ali?

Ele a amaria em qualquer parte.

Atrever-se a lhe dar o que queria ao Adam?

Circenn Brodie fez uma respiração profunda e considerou o duende mais negro. Ele viu ante si o potencial para a corrupção, o poder ilimitado, a liberdade espantosa.

Possivelmente ele viu um pouco de si mesmo nesses olhos escuros.

-É tão fácil- assegurou-lhe Adam-. Não te doerá, uma vez o faça pela primeira vez. Encontrará que se sente bastante natural depois de um momento.

Circenn assentiu com a cabeça.

-Então me ensine. Insígnia me tudo o que você sabe... pai.

VOANDO...

CAPÍTULO 29

-Não pense que isto significa que te perdô por seduzir a minha mãe- disse Circenn depois.

-Não lhe perguntei isso- disse Adam repreendendo-o, com uma expressão paternal que fez a sentir Circenn incômodo-. Ela era irresistível, você sabe. Raramente tem alguém de nossa raça êxito engendrando com um mortal, e especialmente que o menino sobrevivesse até a maturidade. Mas seus Brudes têm tanta força vital que então era possível, como tinha suspeitado quando a seduzi.

-Destruíu a meu pai.

-Seu próprio ciúmes o destruíram. Eu não levantei uma mão contra ele. E esse homem não tinha nada que ver com um siring como você. Você é meu filho, e só meu. Nenhuma semente sua te fez. Quando Morganna morreu, neguei-me a te perder também.

-Assim que me fez imortal. Odiei-te por isso.

-Sei.

Os dois homens estiveram calados um tempo.

-É verdadeiramente possível alterar o futuro da Lisa e devolvê-la a um melhor?- perguntou Circenn.

-Sim. Iremos a seu futuro e o trocaremos duas vezes. Realmente- emendou- necessitaremos muitas viagens provavelmente a seu tempo para o ter claro. Então Iremos morar, e a enviaremos ao novo futuro.

-Mas, não terá vivido ela duas vezes as partes dele?

-Ela terá o equivalente de cinco anos de cor dual.

-Danificará sua mente?

-A Lisa? Precisa perguntar isso? A mulher é quase Brude.

Circenn sentia uma labareda de orgulho.

-Sim, ela o é-. Ele esteve calado um momento-. Mas não entendo como fazê-lo.

-Paciência. Fez um rápido estudo de seu próprio futuro, sabe. Vi-te. Sei que usou muita velocidade, conheço seu scry, e sei que alteraste o espaço ao redor de ti sem inclusive ser consciente disso. Nós procederemos devagar.

-Devagar está bem- disse Circenn-. Minha cabeça está esmurrada com muitos conceitos estranhos.

-Moveremo-nos ao passo de um caracol- assegurou Adam-. Há muito para aprender sobre nossa raça, Circenn, mas deve aprendê-lo em fases. A loucura não é o resultado da imortalidade. É um molesto e temporário efeito residual de nossa visão do mais à frente. Nós vemos como todo se interconecta, e se buscas esse conhecimento muito rapidamente, pode te fazer perder perspectiva, inclusive causar a loucura.

-Algum dia eu poderei ver essas coisas também?

-Sim. Eu aprendi muito rapidamente, arrogantemente seguro de que nada podia me danificar nunca. Quando a compreensão chegou, curvou-me tal como Aoibheal tinha advertido que o faria. Mas te levarei devagar ao conhecimento de nossa raça, o bastante para que você possa absorvê-lo enquanto vai aprendendo-o.

-Adam... a lança- Circenn disse hesitantemente.

-O que tem que ela?- Adam respondeu, uma careta de diversão encurvando seus lábios.

-A lança e a espada são as únicas armas que podem matar imortais. A lança foi usada para ferir cristo.

-Está começando a ver as conexões. Segue olhando.

-Mas isso é o que...

-Encontrará sua própria maneira. Estas são as coisas que devem vir devagar. Não pode esperar derrocar muito rapidamente tudo o que pensaste era verdade. É ainda um homem do século IX de muitas maneiras. Haverá tempo suficiente para falar depois destas coisas. por agora, nos concentremos na Lisa, e descobrirá quem e o que é você. Isto é tudo o que eu queria desde o começo para ti, Circenn; aceitar que sou seu pai e estou desejoso de te ensinar sobre sua herança. Eu sou o único Tuatha do Danaan que tem um filho amadurecido- adicionou limpamente-. Alguns deles estão ressentidos comigo por isso.

Circenn rodou seus olhos, e Adam, posto ao dia adorando-se, ignorou-o.

-Posso te ensinar a abater o tempo, mas uma compreensão mais cheia de suas habilidades não virá a não ser até dentro de muitos anos. Está seguro de que desejás começar? Não quero mais tarde lamentos nem que esteja de novo zangado comigo. Quinhentos anos de seu mau gênio é tudo o que posso suportar.

-Estou seguro. Insígnia me.

-Vêem- Adam estendeu sua mão-. Começemos e recuperemos a sua companheira. lhe dê a bem-vinda a meu mundo, filho.

A instrução do Circenn à mãos do Adam começou a seguinte manhã, e o laird do Brodie começou a entender lentamente o que sempre tinha percebido dentro dele, e temia: o potencial para o poder ilimitado. Começou a ver por que o tinha assustado, a ele, um guerreiro que não temia nada. Esse poder era aterrador porque a habilidade de usá-lo suportava imensas

responsabilidades. O que tinha parecido um imenso deserto inexplorado uma vez, seu país, Escócia, ficava agora em uma perspectiva assombrosa.

Havia outros mundos, longe mais à frente do que eles habitavam. Ele compreendeu por que o Tuatha do Danaan parecia isolado dos mortais. A parte diminuta de terra chamada Escócia e sua guerra diminuta pela independência era um de milhões no universo.

Durante os seguintes dias de aprendizagem sobre si mesmo, começou a desenvolver (embora relutante a admiti-lo) algum respeito pelo homem que tinha ante si. Adam era dado aos entretenimentos estranhos, logo a entremeter-se e ser franco. Entretanto, considerando a magnitude do que seu duende mais negro realmente poderia fazer, Circenn compreendeu que Adam geralmente exercia um refreamento admirável. Também começou a compreender como os mortais, que não tinham tal magia, podiam interpretar mal gravemente a aqueles que o dirigiam.

Ele olhou a seu pai que estava inclinado sobre um tomo antigo de que tinha estado lendo em alto, instruindo ao Circenn sobre sua raça. Era difícil de conceber a esse homem exótico como seu pai, porque Adam levava seu glamour de costume que o fazia parecer até mais jovem que Circenn.

-Adam, que é esta atadura que tenho com ela? O que passou essa noite quando ela e eu...

-Fizeram o amor? Ah, fazê-lo, como diria Duncan-. Adam levantou sua cabeça do livro-. O que te disse Morganna quando foi um moço?

-Sobre que? Ela me disse muitas coisas-. Circenn se encolheu de ombros.

-O que disse ela sobre derramar sua semente em uma mulher?- perguntou Adam, tentando não rir.

-OH, isso. Ela me disse que se o fazia, me cairia- murmurou Circenn obscuramente.

Adam jogou sua cabeça atrás e agita com alegria.

-Isso é exatamente algo que Morganna haveria dito. Ela sabia melhor como raciocinar com o moço teimoso que foi. E te derramou você alguma vez em uma mulher?

-Não. Ao princípio eu acreditei e temi que cairia de verdade. Então, quando já era o bastante major para compreender que ela tinha estado brincando comigo, não o fiz porque não desejava pulverizar meus bastardos pela terra. Finalmente, quando me casei com a Naya e estava preparado para ter uma família, descobri o que tinha feito.

-Disse-lhe isso o mesmo dia, ou não o fiz? Eu soube que você planejava ter meninos.

-Disse-me isso para me acautelar?- disse Circenn, sobressaltado.

-É obvio. Eu sabia o que aconteceria o fizesse. Teria-te ligado a uma mulher que não amava, e esse é o mais puro inferno para nós.

-Derramar minha semente em uma mulher nos une assim?

-Parece ser um efeito colateral de nossa imortalidade. Nossa força de vida é tão forte, tão potente, que quando nós encontramos nosso descarrego dentro de uma mulher mortal, a união que se forja nos conecta. E esse elo incluirá a seu menino logo.

-Lisa não está grávida- disse Circenn rapidamente.

Adam lhe jogou um olhar zombador.

-É obvio que o está. Você, medeio-hada e medeio-mortal, é muito mais viril do que nós somos. Poderia ser nossa esperança para o futuro.

-Está levando Lisa a meu menino?- rugiu Circenn.

-Sim, do momento que derramou sua semente, a primeira vez que lhe fez o amor.

Circenn permaneceu silencioso.

-Os primeiros sete meses são esplêndidos. É assombroso quando a força do menino começa a mesclar-se com a tua e a dela. Sente que o bebê está despertando, sua excitação, e a vida que surge. Maravilha-te do que você criou, tem fome por vê-lo chegar. Então os últimos dois meses são infernais. Você, Circenn, foi uma dor no culo. Queria sair, deu de chutes e brigou e pediu, e de repente desenvolvi desejos por refeições ridículas que nunca quis antes, e ah, o nascimento, doce Dagda! Eu sofri seu trabalho. Sentia a dor, e a criação, a maravilha. Como em seu nascimento, quando nascer seu primeiro menino, ligarão-se tão profundamente com ele, que você e Lisa não poderão imaginar-se respirando sem ele.

Circenn estava calado, intimidado pelo pensamento do embaraço da Lisa e quem teria que chegar. Então a enormidade do que Adam simplesmente tinha admitido o golpeou.

-você tinha semelhante atadura com minha mãe?

-Eu não estou isento de emoções, Circenn- respondeu Adam rigidamente-. Me esforço por guardar a calma.

-Mas ela morreu.

-Sim- disse Adam-. E eu corri aos extremos mais longínquos da terra para tentar não sentir sua morte. Mas não poderia escapar dela. Inclusive em Morar, inclusive em outros mundos, eu a sentia morrer.

-por que o permitiu?

Adam lhe deu um olhar negro.

-Ao melhor agora que entende que o que eu tinha com a Morganna é o que você tem com a Lisa, imagine o que suportei permitindo que morresse. Possivelmente pode servir para fazer menos áspero seu julgamento sobre mim.

-Mas por que o permitiu?- repetiu Circenn.

Adam sacudiu a cabeça.

-Minha vida com a Morganna é outra história e não temos tempo agora para ela.

Circenn estudou ao homem exótico que já não encontrava seu olhar. Permitir que Lisa muriesse? Nunca.

-Mas, você poderia havê-la feito imortal?- pressionou, com um sentido de desespero.

A mandíbula do Adam estava rígida. Ele disparou ao Circenn um olhar furioso.

-Ela não o tivesse aceito. Agora deixa-o.

Circenn fechou os olhos, por que se teria negado sua mãe à poção se Adam a tivesse devotado? negaria-se Lisa?

Ele não o permitiria, resolveu. Nunca lhe permitiria morrer. Já não existiam os sentimentos vagos de culpa em seus pensamentos para fazê-la imortal. depois do que Adam lhe havia dito, ele sabia que não poderia suportar nunca perder a união que eles compartilhavam. Um menino! Ela levava a seu bebê, e a atadura se expandiria para incluir a seu filho ou filha.

Viver depois da morte da Lisa? Não. Mas em recompensa por tomar sua mortalidade, lhe daria o futuro perfeito com sua família. Seria sua maneira de reparar o que faria.

Circenn se materializou à alvorada no dia da graduação da Lisa. Rapidamente escalou a parede que rodeava a propriedade dos Stone e ferrou as rodas da máquina pequena para impedir que se movesse. Então considerou a máquina maior, irritado. Qual é um Mercedes?, perguntou-se com um cenho. Movendo-se rapidamente, ferrou essas rodas também. Mas o que aconteceria se eles trocavam as rodas? O que, se tivessem novas rodas em alguma parte em seu torreão?

Ele observou o torreão; então olhou carrancudo as máquinas por um momento comprido, considerando-os pessoalmente responsáveis por ferir sua mulher. esforçou-se contra um intenso desejo de arrastar-se à casa e aparecer para ver a adormecido Lisa de dezoito anos que não tinha encontrado ainda.

-Ainda fica delas. Às vezes é tão denso, Circenn- a voz sem corpo do Adam se mofou-. Ainda não entende o poder que tem, por que está tentando danificar as máquinas, quando pode as fazer simplesmente desaparecer? E já que estamos falando disso, por que aparece fora da grade e sobe a parede, quando poderia ter aparecido dentro das grades?

Circenn franziu o sobrecenho.

-Não estou acostumado a este poder. E onde os enviaria?

-Envia-os a Morar. Isso deve ser interessante-. Adam riu.

Circenn se encolheu de ombros e enfocou seus recentemente descobertos poderes. Fechou os olhos e visualizou as areias de sílice de Morar. Com pequeno e ligeiro movimento, as máquinas desapareceram.

Se eles aterrissassem na ilha de Morar com um woosh suave na areia de sílice branca, só um mortal poderia vê-lo ali, e ela realmente não se teria surpreendido por nada em algum tempo.

-Nossos automóveis foram roubados!- exclamou Catherine.

Jack apareceu em cima de seu periódico.

-Procuraste-os?- perguntou ausente, como se pudessem acontecer-se por alto um Mercedes e um Jipe.

-É obvio que o fiz, Jack- disse Catherine-. Como iremos à graduação da Lisa? Não podemos nos perder seu grande dia!

Circenn baixou a boina sobre a frente do Adam, caminhou atrás e sorriu abertamente.

-Perfeito.

-Não vejo por que tenho que fazer isto.

-Não desejo me arriscar a que me vejam, nem me atrevo a confiar em mim mesmo ao vê-la. Não sei se poderia me refrear, por isso deve fazê-lo.

-Este uniforme é ridículo-. Adam sacudiu a gravata-. É muito pequeno.

-Então faz-o maior, Ou poderoso- disse Circenn secamente-. Deixa de te demorar e chama a seu número. lhes diga que o táxi está em caminho.

-Mas eles não pediram um.

-Conto com que quem quer responda pense que a alguém mais lhe teria ocorrido.

Adam arqueou uma sobrancelha.

-É bom nisto.

-Chama.

Efetivamente, Catherine assumiu que Jack tinha chamado e tinha pedido um táxi para chegar precisamente às nove da manhã. Quando apareceu, Jack assumiu que Catherine o tinha chamado. No alvoroço produzido por arquivar informe de roubo de automóveis com a polícia e a companhia de seguro, nenhum pensou em perguntar ao outro.

-O que é o seguinte?- perguntou Adam, esfregando suas mãos.

Circenn o disparou um olhar escuro.

-Parece estar desfrutando disto.

Adam se encolheu de ombros.

-Nunca antes manipulei detalhes tão finos. É bastante fascinante.

-Câncer. Ela disse que sua mãe estava morrendo de câncer- disse Circenn-. Nem sequer sabemos de que tipo. Suspeito que isto não vai ser tão simples como fazer desaparecer duas máquinas. Devemos encontrar uma maneira de lhe impedir de contrair esta enfermidade, e pelo que tenho lido, não parecem saber-se o que a causa. estive folheando estes livros toda a noite-. Ele gesticulou aos livros médicos pulverizados por seu escritório no estudo do Castelo Brodie.

Adam recolheu vários e os examinou. BIBLIOTECA PÚBLICA DO CINCINNATI era o selo que tinham no lombo.

-Furtou isto da biblioteca?- disse Adam com desmaio simulado.

-Tive que fazê-lo. Tentei pedi-los emprestados, mas quiseram papéis que eu não tinha. Por isso retornei quando estava fechado, e um guarda de segurança que protege seus livros quase me atacou antes de que tivesse terminado de encontrar o que queria-. Ele suspirou-. Mas não estou mais perto de descobrir como acautelar a enfermidade. Devo saber que tipo de câncer tinha ela.

Adam pensou por um momento.

-O que me diz de fazer outro raid noturno? Não acredito que haja mais de meia dúzia de hospitais em sua cidade.

-Hospitais?- a frente do Circenn se enrugou.

-Realmente é um bruto medieval. Os hospitais são onde eles tratam aos doentes. Iremos a seu tempo e roubaremos seus arquivos. Vêem. Floração o tempo, e eu serei seu guia fiel.

-Tem câncer cervical- disse Circenn brandamente, olhando por cima de seu ombro ao Adam, que estava reclinado no escritório de um escritório privado no Hospital Bom Samaritano-. Isto escuta: o diagnóstico é displasia severo. Com o tempo avançou a um câncer invasivo. Eles se referem a um pouco chamado neoplasia do intraepitelo cervical-. Sua língua se sentia espessa ao pronunciar as palavras estranhas, e as disse muito devagar-. As notas indicam se poderia ter diagnosticado ao Catherine a tempo para acautelar o câncer se se tivesse feito um pouco chamado prova do Pap. As notas indicam que Catherine disse ao doutor que sua última prova do Pap tinha sido feita oito anos antes de que lhe diagnosticassem o câncer. Parece que o câncer cervical é causado por um tipo de vírus que se trata facilmente nas fases tempranas.

Adam abanicó rapidamente através do livro de texto que tinha atirado sobre o escritório. Localizando uma entrada aplicável, ele leu em alto:

-'Prova do PAP: uma prova preventiva do câncer desenvolvida em 1943 pelo Dr. George Papanicolaou. A prova do PAP examina células da nuca, ou a boca do útero, localizada no extremo da vagina.' -. Adam esteve calado um momento comprido-. Diz que uma mulher deve ter uma prova do PAP anualmente. por que não o fez ela?

Circenn se encolheu de ombros.

-Não sei. Mas parece que se nós retornarmos uns anos, deveríamos poder acautelá-lo.

Adam arqueou uma sobrancelha.

-Como podemos arrumar nós isso? Simplesmente, como pensa conseguir que uma mulher que obviamente odeia ir ao doutor vá ver o doutor?

Circenn sorriu abertamente.

-Uma pequena e gentil persuasão.

Catherine folheou o correio, à caça de uma carta de seu amiga Sarah, que estava passando o verão na Inglaterra. Jogou duas volantes a um lado e soprou sem delicadeza. Recentemente tinha estado recebendo uma explosão de correio lixo que tratava de ginecologistas e câncer cervical.

Tem-te feito a prova do PAP este ano? gritava um volante.

O câncer cervical é evitável! exclamava um volante rosa luminoso.

Eram todos de uma organização não lucrativa da que nunca tinha ouvido falar. Ao parecer alguns doadores não tinham no que gastar o dinheiro. Jogou-os no canasto e seguiu revisando o correio.

Mas algo reverberou nela, e recuperou o último volante. Devia ter recebido cinquenta dessas coisas durante o último mês, e cada vez que atirava um, experimentava um sentido peculiar de deixa vu. Também tinha recebido uma chamada do escritório de um doutor essa semana, lhe oferecendo um exame livre. Nunca tinha ouvido falar de algum doutor que oferecesse provas do PAP grátis antes.

Quando foi minha última comprovação?, perguntou-se e tocou o volante. Quase em seus dezesseis, Lisa estava lista para começar a ter suas comprovações anuais. Poderia ser um pouco difícil persuadir a sua filha ter que visitar primeiro ao doutor quando Catherine não era muito fiel sobre fazer e manter suas próprias entrevistas. Considerou o folheto pensativamente. Dizia que o câncer da nuca era evitável, que uma prova do PAP rotineira podia descobrir muitas anormalidades. E que as mulheres em todos os grupos de idade estavam em risco.

Decididamente, ela dobrou o folheto e chamou a seu ginecologista para fixar entrevistas para ela e Lisa. Às vezes ela e Jack tendiam a ser irresponsáveis sobre coisas como as comprovações, seguros de vida e reparando os automóveis. Ela não visitava seu ginecologista porque se sentia absolutamente bem. Mas isso era como dizer que o automóvel não necessitava serviço porque estava funcionando perfeitamente. A manutenção era diferente das reparações. A medicina preventiva pode salvar sua vida, dizia o folheto.

A vida era boa, e Catherine não queria perder um momento do crescimento da Lisa. Ela tinha que esperar a seus netos algum dia.

Possivelmente ela devia fazer que Jack encontrasse algum seguro de vida para eles, enquanto estava nesse tema.

CAPÍTULO 30

-Está seguro de que isto funcionará?- preocupou-se Circenn.

-Sim. Levaremos-nos isso de Morar enquanto dorme e a devolveremos a seu novo futuro. Fiz isto antes; entretanto, esta é a única vez que permiti a pessoa reter lembranças duais. Está seguro de que deseja que recorde a outra realidade? Essa onde seu pai morreu e sua mãe está doente?

-Sim. Se o tiramos, ela não me conhecerá. Não terá nenhuma memória de nosso tempo juntos. Sem essas lembranças ela seria uma pessoa diferente, e eu a amo precisamente da maneira que é.

-Então façamo-lo- disse Adam-. Ela estará ao princípio muito confundida. Precisarás chegar rapidamente a ela, lhe ajudar a entender. Uma vez que haja tornado, corre a seu lado. Ela te necessitará.

Lisa estava flutuando quando ouviu as vozes.

-Deve fazê-lo agora, Circenn.

Circenn, meu amor, ronronou sua mente, sonhando.

-Estou chegando, Lisa.

Lisa despertou de um sonho que parecia narcotizado. Seu travesseiro cheirava cômica. Ela a farejou: jasmim e sândalo. O aroma trouxe lágrimas a seus olhos; recordou ao Circenn, o aroma débil que sempre tinha parecido parte de sua pele. Outro aroma preponderou rapidamente: toucinho frito. Ela manteve os olhos fechados e meditou sobre esse pensamento. Onde estava ela? Tinha tropeçado na praia e em seu delírio se encontrava em uma casa e uma cama?

Abriu os olhos cautamente.

Olhou ao redor do quarto, procurando rastros do século XIV, enquanto seu primeiro pensamento dizia que tinha retornado benditamente ao Circenn. Mas quando seu olhar se arrancou de novo sobre as pálidas paredes azuis, seu coração fez um ruído surdo; dolorosamente ela reconheceu esse quarto, e tinha pensado que nunca voltaria a vê-lo de novo.

deixou-se cair incrédulamente, olhando a cama em que descansava. Quatro postes de madeira loira com um dossel branco espumoso, que ela tinha adorado... sua cama na casa no Indian Hill, fazia uma vida.

Ela se levantou rapidamente da cama, tremendo violentamente.

Havia final, irrevocavelmente, perdido o julgamento?

-M-mãe?- chamou ela, sabendo muito bem que ninguém ia responder lhe. E porque ninguém lhe responderia, ela jogou atrás sua cabeça, lamentando-o.

-Mamãe!

Ela ouviu a pressa de pés nos degraus, e conteve a respiração quando se abriu a porta. Parecia mover-se pouco a pouco para o centro, em um movimento lento, como se estivesse olhando um filme e a porta se abrisse quadro por quadro. Seu coração se pressionou dolorosamente quando Catherine caminhou dentro, uma espátula em sua mão, suas sobrancelhas juntas em uma expressão de preocupação.

-O que é, Lisa? Tinha um pesadelo, carinho?

Lisa trágica, incapaz de falar. Sua mãe parecia precisamente como teria parecido se nunca tivesse tido o acidente, nunca tivesse tido câncer. Com os olhos abertos ao máximo, Lisa se recreou na visão impossível.

-Mamãe- grasnou.

Catherine a olhava à expectativa.

-É... um... está p-papai aqui?- perguntou fracamente, esforçando-se em compreender essa nova realidade.

-É obvio que não, espreguiçadeira. Sabe que vai trabalhar às sete. Está faminta?

Lisa a olhou fixamente. É obvio que não, espreguiçadeira. Tão normal, tão rotineiro, como se Catherine e Lisa nunca tivessem estado separadas. Como se papai sempre tivesse estado vivo e o passado trágico que tinha rasgado a sua família nunca tivesse passado.

-Que ano é?- ela dirigiu.

Sua mãe riu.

-Lisa!- Estendeu uma mão e despenteou seu cabelo-. Deve ter sido um sonho muito real.

Lisa estreitou seus olhos e tratou de pensar.

No piso inferior soou o timbre, e Catherine se voltou para o som.

-Quem poderia ser tão cedo?-. Ela jogou um olhar a Lisa-. Vêem abaixo para tomar o café da manhã, querida. Fiz seu café da manhã favorito. Ovos esquentados, toucinho, e torradas.

Lisa olhou a sua mãe sair o quarto, aturdida. Lutou contra o impulso de saltar de sua cama, envolver em seus braços os joelhos sãs, e proteger sua amada vida. Os joelhos de sua mãe pareciam intactas. A alegria a alagou. Ela devia ter morrido, decidiu, nessa praia estranha na terra mais estranha. Era este o céu?

Ela tomara, algo que fora.

Fragments de conversação flutuaram do foyer. Ela os ignorou e estudou seu quarto. Tinha guardado um calendário em seu escritório e ardia de impaciência por saber "quando" estava agora, mas antes de que pudesse mover-se, sua mãe a chamou.

-Lisa, querida, baixa. Tem um convidado. Diz que é teu amigo da universidade- a voz de sua mãe parecia excitada, e OH-tão-aprobadora.

Universidade? Estava ela na universidade? OH, esse era céu. Agora tudo o que precisava era ao Circenn para estar completa.

Lisa saltou da cama, envolveu-se em sua bata favorita coberta de penugem branco (assombrada de que estivesse pendurando justo no poste da cama, onde ela sempre a pendurava!) e se deu pressa em baixar os degraus, perguntando-se quem poderia estar requerendo-a. Quando baixou a escada caracol, seu coração golpeou duro em seu assume.

Circenn Brodie arqueou uma sobrancelha e sorriu. Simultaneamente, uma onda de amor a alagou, enviada ao longo de sua atadura especial.

Lisa quase soluçou, curvada de prazer, cepticismo e confusão. Ele estava levando umas calças cor carvão e uma camisa pólo de seda negra que ondearam por seu assume musculoso, de que estava desempoeirando umas gotas ligeiras de chuva. Seu cabelo estava penteado e atirado para trás, sujeito em uma correia de couro. As faces expulsa italianas a fizeram pestanejar e agitar sua cabeça. Ela nunca o tinha visto vestindo roupas tão ajustadas e podia imaginar a sensação que devia ter causado passeando-se no século XXI. A roupa não fazia a esse homem, ele fazia a roupa e a amoldava com seu corpo poderoso; seis pés sete polegadas de força muscular. Ela imaginou brevemente em um par de calças jeans gastas e quase se deprimiu.

-Senhora Stone, importaria-lhe terrivelmente se eu tirasse sua filha para tomar o café da manhã? Temos algumas costure que pôr ao dia.

Catherine olhou ao homem magnífico que estava de pé na porta.

-Não, absolutamente. por que não entra e toma um pouco de café enquanto Lisa se veste?- ela convidou cortesmente.

-Ponha calças jeans, moça- disse Circenn, seu olhar intenso-. E você 'você sabe'- adicionou em uma voz áspera pelo desejo. Catherine os contemplou, loteando a tenra, apaixonado olhar do homem alto e elegante na porta, e ainda assim a sobressaltou a expressão sonhadora no rosto da Lisa. perguntou-se por que Lisa tinha escondido o fato de que estava apaixonada, e a sua própria mãe. Nem uma vez Lisa tinha mencionado a um noivo, mas Catherine decidiu que possivelmente ela não tinha falado dele porque era o "verdadeiro". Quando Catherine tinha encontrado ao Jack pela primeira vez, não havia dito nada sobre ele; havia sentido que falar sobre isso poderia rebaixar a santidade privada de sua união de algum modo.

Lisa ainda não se moveu do pé das escadas. Não podia respirar; curvada por ele. Como tinha acontecido isto? Como estava falando com o Circenn Brodie na porta de sua casa do Indian Hill, e com sua mãe viva e saudável, enquanto seu pai vivo e saudável estava no trabalho quando ela o tinha deixado setecentos anos no passado?

O sonho a alagou de novo: Nós devemos fazê-lo agora.

-O que fez?- perguntou ela fracamente.

-O que fez ele sobre que, Lisa?- perguntou Catherine intrigada.

-Nós temos muito que discutir, moça- disse ele meigamente.

-De onde é esse acento que detecto?- exclamou Catherine-. Sempre pensei que Escócia é um país tão romântico. Jack e eu estivemos discutindo ir nas férias do verão deste ano.

Circenn se moveu até o Catherine, levantou sua mão a seus lábios, e acariciou seus nódulos com um beijo.

-Possivelmente poderiam visitar minha casa quando viessem- disse ele-. Agradaria-me lhe dar a bem-vinda aos pais da Lisa em meu torreão.

Lisa nunca tinha visto o Catherine tão agitada.

-Torreão?- exclamou ela-. Não me diga que tem um castelo. OH! Trarei em seguida esse café- disse com uma risada ofegante. Quando se voltou para a cozinha, jogou um olhar a sua filha que estava ainda geada ao pé dos degraus.

-Lisa, ouviste-o? Ele quer te levar a tomar o café da manhã, embora pela maneira que está vestido, não acredito que umas calças jeans sejam apropriadas, querida. Possivelmente o vestido nata com essas sandálias que eu gosto tanto...

Lisa assentiu com a cabeça estupidamente, só para tirar sua mãe do quarto. Então compreendeu que estava animando a sua mãe saudável a que deixasse o quarto. Jogou um olhar sobressaltado ao Circenn e falou com voz oca:

-Só um minuto, não te mova.

Então voou pelo foyer e alcançou a sua mãe quando entrava em vestíbulo.

-Espera!- gritou.

Catherine se deu a volta e a olhou sentida saudades.

-Está atuando muito estranho hoje, Lisa-. Ela sorriu, apoiou-se perto da orelha da Lisa, e sussurrou: -Eu gosto dele. OH mi...! por que não me falou dele?

Lisa estirou seus braços ao redor do Catherine.

-Amo-te, mamãe- disse ela furiosamente.

Catherine soltou uma pequena risada sobressaltada e lhe agradeu simplesmente o som médio ofegante de alegria que Lisa recordava de antes de que Jack morrera, na outra realidade.

-Não sei do que se trata tudo isto, Lisa, mas eu te amo também, querida. Só me diga que suas seguintes palavras não vão ser 'e o sinto mas estou grávida e correndo para me casar' - brincou-. Não estou preparada para ver o ninho vazio.

A mão da Lisa voou a seu abdômen e os olhos se alargaram.

-Uh... OH! Eu... devo me vestir.

Deixando a sua mãe com as sobrancelhas levantadas e a mesma expressão intrigada em sua face, Lisa fugiu do vestíbulo antes de que ela pudesse pensar muito mais atentamente sobre a possibilidade que sua mãe tinha despertado.

Lisa observou a suíte, assombrada. depois de que ela se pôs um sabe de encaixe, calça vaqueira e uma blusa, Circenn tinha conduzido através do tráfico eficazmente e tinham ido ao centro da cidade do Cincinnati, onde ele tinha reservado uma suíte. Estava aturdida por quão capaz era ele, quão rapidamente se adaptou e havia feito o controle de seu mundo moderno. Mas então ela recordou que o homem era um conquistador e um guerreiro, e o século XXI, embora cansativo, era um desafio mais para ele, e o dominaria com o mesmo apuro com que tinha dominado seu próprio século.

Ele tinha explicado um pouco durante a viagem, e gravemente lhe informou que a tinha perdoado por deixá-lo, embora seu lábio inferior tinha estado fixo em tal ângulo que ela tinha sabido que seus sentimentos tinham sido feridos.

Ele também explicou que a tinham mantido na ilha de Morar enquanto ele e Adam tinham trocado seu futuro, e lhe relatou como eles tinham prevenido o choque e o câncer.

-Mas eu pensei que você odiava ao Adam.

Circenn suspirou quando fez estalar uma garrafa de champanha e o verteu em duas taças. Deixando cair na cama, lhe dirigiu um olhar culpado e deu golpecitos na cama ao lado dele.

Ele abriu seus braços.

-Vêem. Necessito-te, moça- sussurrou antes de fechar sua boca em cima da sua. Então procedeu a lhe demonstrar o muitíssimo que a necessitava.

As roupas foram rapidamente descartadas quando se despiram um ao outro urgentemente. Quando ela estava vestida com nada mais que um sustento rosa pálido de encaixe e as calcinhas, ele a elevou alto em seus braços e se retirou para a cama. Lisa se sentou escarranchado sobre ele e passeou suas mãos em cima de seu assumo musculoso e seguiu o atalho de cabelo escuro de seda com um dedo ligeiro como uma pluma.

Escorregando a correia de seu sustento, ele gemeu brandamente.

-Amo estas coisas de encaixe.

Lisa riu e deixou cair sua cabeça para frente para que seu cabelo pusesse cortinas sua face.

-Amo-te.

-Sei- disse-lhe brandamente. E em uns momentos ela esteve perdida em uma onda de paixão, ternura e amor que surgiram silenciosamente ao longo de sua única atadura.

Nunca me deixe, moça, é a única, para sempre.

-O que?- ela exclamou.

-Ouviste-me?- Com sensualidade preguiçosa, ele arrastou sua língua sobre o topo de seu mamilo através da seda magra de seu sustento. endureceu-se ansiosamente.

-Palavras! Eu te ouvi em palavras!

-Mmm- ele murmurou e beliscou brandamente os brotos que tinha provocado sob a seda. Com um estalo rápido seu sustento estava aberto, e ele rodeou seu seios em suas mãos, acariciando com as gemas de seus dedos polegares seus mamilos. Amará-me para sempre? Ele agarrou um mamilo entre seu dedo polegar e o dedo indicador, puxando-o brandamente.

Lisa sacudiu a cabeça, tentando esclarecê-la. Até depois de todas as vezes que tinha feito o amor com ele, ainda não podia pensar claramente quando ele estava tocando-a.

-O que diz?

Que eu te necessito, Lisa Brodie, para sempre. nos casemos, tenha bebês comigo e tome para sempre.

-Lisa Brodie?- ela chiou.

Não pensa que eu te deixaria em vergonha, verdade? Se minha esposa. Prometo que não quererá nada mais. Ele escorregou suas mãos dentro de suas calcinhas e rodeou suas nádegas. Seu olhar estava fixo em seu abdômen, como se estivesse tentando ver dentro dela. A mão da Lisa voou a seu estômago.

-Sabe algo que eu não sei?- perguntou ela sospeçosamente.

Simplesmente que você já tem feito uma das três coisas que estou te pedindo que faça.

-Estou grávida? vou ter seu bebê?- exclamou, um calafrio de leite percorrendo seu espinho.

Nosso bebê. Sim, moça, ele já cresce dentro de ti e será muito... especial. te case comigo, amor.

-Sim- ela disse-. OH sim, sim, sim, Circenn!

Sou o homem mais afortunado do mundo.

-Sim- Lisa estava de acordo, então não pensou em nada mais durante muito tempo.

Depois tomaram banho juntos, rodando e escorregando na grande ducha de mármore que tinha seis picos, três em cada parede. Circenn desfrutou com o prazer desherrado de um bárbaro do século XIV que nunca antes tinha visto uma ducha, permanecendo de pé nos arroios de água, agitando sua cabeça e orvalhando-a por toda parte. Fizeram o amor no chão jaspeado, na esquina contra a parede, e no Jacuzzi. Lisa, envolta em uma esponjosa bata branca, desenredava seu cabelo já seco quando ouviu o Circenn que gritava na quarto.

Sobressaltada, ela só saiu do banho para descobrir ao Circenn nu diante da televisão, rugindo.

-William Wallace não se parecia com esse!-. Ele gesticulou irritado à televisão.

Lisa riu quando compreendeu que ele estava apontando a um Mel Gibson pintado de azul, atacando na batalha em "Braveheart".

-E Robert não parece com esse tampouco!- queixou-se.

-Possivelmente deveria provar escrevendo um sript você mesmo- provocou-o ela.

-Nunca acreditariam. É óbvio que seu tempo não tem nenhuma idéia do que meu tempo era realmente.

-Falando de seu tempo e meu tempo, onde... ou devo dizer quando viveremos nós, Circenn?

Circenn pressionou o botão de apagado do controle remoto como um profissional, e se voltou para ela.

-Qualquer lugar que você deseje, Lisa. Nós podemos nos passar seis meses em meu tempo e seis meses aqui, ou ir semana a semana. Sei que você deseja estar perto de sua família. Nós poderíamos levá-los também.

Os olhos da Lisa cresceram largos.

-Podemos... nós? Poderíamos levar a minha mamãe e meu papai a seu tempo?

-Como se não poderia te casar em uma cerimônia do século XIV com a assistência de sua mãe e seu pai? Seu pai deve te entregar, e eu concederei a sua vez um formoso feudo, se seus pais escolhem retirar-se ali. É obvio Robert, Duncan e Galan insistem também em estar presente, por isso temo pode converter-se em um espetáculo real.

Lisa não podia deixar de sorrir.

-eu adoraria isso! Umas bodas de conto de fadas.

-Com tal de que nós sejamos precavidos para não trocar muitas coisas, não vejo nenhum problema. Estou começando a entender o que Adam quis dizer quando disse que se um olhe para baixo a linha do tempo, pode discernir que coisas são irrevogáveis e não devem manipular-se, e que coisas representarão uma diferença pequena.

-Adam- disse Lisa vacilante. Não tinha esquecido por um momento que Circenn não lhe tinha respondido a pergunta mais cedo.

-Sim- disse uma voz detrás dela, quando Adam se materializou na suíte. Ele sorriu abertamente ao Circenn.

-Assim conseguiu finalmente lhe pedir que se casasse contigo. Estava começando a se desesperar. Cada vez que eu tentava falar contigo, vocês estavam...

Ela girou sobre si mesmo.

-Você!

Adam sorriu aberta, pícaramente, converteu-se no Eirren, e então voltou a ser Adam. Lisa estava muda. Mas só por um momento.

Ela se adiantou para ele.

-Você me viu em meu banho!

-O que?- trovejou Circenn.

-Ele me visitou todo o tempo que estive em seu século- clarificou ela.

Circenn olhou a seu pai.

-Tem-no feito?

Adam se encolheu de ombros, o camafeu da inocência.

-Interessava-me que não pudesse tratá-la-o bastante bem e de vez em quando ia comprovar o. Deve agradecer que escolhesse fazer a grande revelação, posto que tinha considerado lhe dizer simplesmente que Eirren tinha escapado, se ela perguntava por ele. Mas decidi tentar ser daqui em diante uma nova pessoa, pelo menos perto de ti e da Lisa.

-por que o agüenta?- disse Lisa, agitando a cabeça.

-Lisa, está bem- disse Circenn indo rapidamente a seu lado-. Ele não é o que pensa-. Ele franziu o cenho ao Adam-. Não pense que esqueci que a viu enquanto se banhava. Falaremos depois disso, os três, e discutiremos a história inteira. Mas como veio aqui por ti mesmo? Perdoou-te Aoibheal?

Adam se poliu, lançando seu sedoso cabelo escuro em cima de seu ombro.

-É obvio. Sou uma vez mais todo-poderoso.

-por que está sendo você tão bom com ele?- espetou Lisa.

-Moça, ele me ajudou a fazer tudo o que tenho feito.

-Ele te fez imortal!

-E sem ele, eu nunca te teria encontrado, porque teria morrido mais de mil anos antes de que você nascesse. Ele ajudou a salvar a seus pais. E... Adam é... meu pai.

-Seu pai!-. Ela ficou boquiaberta por um momento, enquanto a informação era assimilada. Céus, mas havia muito que ainda não sabia do Circenn Brodie, obviamente. Mas ia aprender.

Circenn a guiou a uma cadeira e a sentou, então os dois homens alternativamente preencheram seus olhos de conhecimento com respeito ao homem que seria seu marido. E uma vez que soube tudo, teve um sentido perfeito, e de uma vez o explicou tudo: seus poderes estranhos, seu ressentimento para o Adam, a relutância do Adam para permitir que seu filho muriesse.

Uns momentos de silêncio passaram enquanto ponderou tudo o que lhe haviam dito, então compreendeu que a estavam olhando intensamente, e parecia que estavam esperando algo.

Adam se moveu a seu lado e procurou em seu bolso, e Lisa o olhou curiosamente, perguntando-se que nova coisa foram ver.

-Sabe agora que sou medeio-hada, Lisa- disse Circenn brandamente-. Pode aceitá-lo?

Lisa se levantou nas pontas dos pés e o beijou totalmente nos lábios. Sim, assegurou.

Nenhum pesar?

Nenhum pesar.

Quando Adam retirou um garrafa brilhando fracamente e um par de taças, e deixou cair três gotas do líquido resplandecente em um dos copos, Lisa respirou apenas.

Ela olhou em silêncio como Adam lhe aconteceu as taças de champanha ao Circenn, que com grande deliberação, ofereceu a Lisa a taça que continha a poção.

Ele a considerou gravemente, então lhe dedicou um sorriso tenro.

- Me ame, moça, para sempre.

Lisa olhou profundamente em seus olhos.

- Vive para sempre comigo. Cessa minha solidão interminável. Eu te amarei. Mostrarei-te mundos com os que você só sonhaste. Caminharei a seu lado, da mão, até o fim dos dias.

Lisa alcançou a taça.

O champanha nunca tinha sabido tão doce.

FIM